

21º

Encontro de Serviços-Escola de Psicologia do Estado de São Paulo

4º

Encontro Nacional de Supervisores de Estágio de Psicologia

Compromisso Ético com a Formação e a Comunidade Campinas/SP 18 a 21 de Setembro

O Encontro

O curso de Psicologia da Universidade Paulista - UNIP tem a honra de sediar o 21º Encontro de Serviços - Escola do Estado de São Paulo, no ano em que completa sua maioridade, e o 4º Encontro Nacional de Supervisores de Estágio.

Temos como objetivo discutir a diversidade de práticas profissionais da Psicologia brasileira e o compromisso ético com a formação em Psicologia, a construção da cidadania e a atuação na comunidade.

Informações e inscrições:
www.21encontropsi.unip.br

Realização:



Apoio:



Conselho Regional
de Psicologia SP



UNIÃO LATINO-AMERICANA
DE ENTIDADES DE PSICOLOGIA



Associação Brasileira de
Ensino de Psicologia - ABEP



Av. Comendador Enzo Ferrari, 280 – Campinas – SP - CEP 13043-900 – Tel.: (19) 3776-4094

Encontro de Serviço – Escola de Psicologia do Estado de São Paulo (21: 2013: Campinas, SP).

Anais do 21º Encontro de Serviços – Escola de Psicologia de São Paulo: compromisso ético com a formação e a comunidade / 4º Encontro Nacional de Supervisores de Estágio de Psicologia, 18 a 21 de setembro de 2013 / organizado por: Sílvia Ancona-Lopez. Campinas, SP: Universidade Paulista – UNIP, 2013, 290p.

CD-ROM

Histórico

A Universidade Paulista, UNIP, reconhecida pela Portaria nº 550/88, iniciou suas atividades em 9 de novembro de 1988. Foi constituída a partir do Instituto Unificado Paulista, IUP, do Instituto de Ensino de Engenharia Paulista, IEEP, e do Instituto de Odontologia Paulista, IOP; o primeiro destes, autorizado a funcionar em 1972, inicialmente com os cursos de Comunicação Social, Letras, Pedagogia e Psicologia.

Hoje, em razão do processo de evolução, a UNIP, por meio de uma proposta acadêmica moderna, vem expandindo suas atividades por diversos Campi, visando à preparação de recursos humanos altamente qualificados demandados pela política de desenvolvimento nacional.

A UNIP promove a formação atualizada dos alunos e sua capacitação para uma sociedade em mudança, por meio de um ensino de qualidade, tecnologicamente avançado e dirigido para o futuro, nas áreas das ciências humanas, sociais, exatas e da saúde. Sua finalidade maior é promover o desenvolvimento do potencial dos alunos, estabelecendo condições que possibilitem uma inserção ativa no mercado de trabalho e a solução criativa de problemas que a sociedade propõe.

A realidade brasileira, que merece especial atenção por parte da UNIP, faz com que também seja dada ênfase aos programas de estudos pós-graduados. Estes dedicam-se ao aperfeiçoamento do seu próprio corpo docente assim como ao atendimento às necessidades da comunidade em geral, já que, além de formar profissionais de todas as áreas, de desenvolver pesquisas que venham a gerar descobertas científicas e inovações tecnológicas, a UNIP propõe-se a saber cumprir as exigências apresentadas pelo mundo moderno.

Assim, a Universidade Paulista vem sendo reconhecida como um importante centro de produção de conhecimento e de sua difusão a um número maior de pessoas, através das atividades de ensino, pesquisa, extensão e pós-graduação.

Objetivos

A Universidade Paulista – UNIP tem no ensino de graduação a sua principal atividade, desenvolvida por professores conscientes de suas responsabilidades sociais na busca de soluções dos problemas que afligem o cotidiano das coletividades.

O desenvolvimento tecnológico e cultural, bem como o progresso científico, esteiam-se na harmonia e simbiose existentes entre as sociedades e as universidades, sendo atribuição destas últimas a formação do profissional do futuro. Consciente de suas responsabilidades no contexto nacional, a UNIP projeta-se para o futuro apoiando-se em alguns objetivos fundamentais:

- constituir-se em um centro de valorização do profissional, preservando, especializando e aprimorando os valores que o dignificam;*
- promover um intenso intercâmbio de serviços e informações com a sociedade, oferecendo conhecimentos e técnicas sistematizadas e recebendo, em troca, informações que realimentem as atividades de pesquisa e extensão;*
- estabelecer-se como um agente de transformação e, assim, contribuir para o crescimento humano, nos aspectos intelectual, moral e material;*
- promover a formação integral dos profissionais egressos de seus cursos, visando a responder às inquietações e necessidades do homem e da sociedade contemporânea, com a realização de atividades de ensino e pesquisa que privilegiem a interdisciplinaridade dos conhecimentos;*
- utilizar-se de uma metodologia de ensino e de uma política consciente e efetiva de graduação, frequentemente discutida com especialistas e educadores;*
- contribuir para a implantação de uma ordem socioeconômica fundamentada na soberania dos povos, na dignidade da pessoa humana, na livre iniciativa, nos valores da ética e no pluralismo das ideias;*
- ministrar ensino de qualidade, através de ações integradas entre institutos e administração superior, com rigoroso acompanhamento das atividades desempenhadas, aperfeiçoamento dos recursos humanos e aprimoramento das condições materiais dos campi.*

Reitoria

Administração Superior

Prof. Dr. João Carlos Di Genio

Reitor

Prof. Dr. Fábio Romeu de Carvalho

Vice-Reitor de Planejamento, Administração e Finanças

Prof.^a Melânia Dalla Torre

Vice-Reitora de Unidades Universitárias

Prof.^a Dra. Marília Ancona-Lopez

Vice-Reitora de Graduação

Prof. Dr. Paschoal Laercio Armonia

Vice-Reitoria de Extensão

Prof. Dr. Yugo Okida

Vice-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa

Prof. Dr. Hermínio Alberto Marques Porto

Vice-Reitor de Relações Institucionais

Administração Acadêmica

Área de Ciências Humanas - ICH

Diretora: Prof.^a Dra. Silvia Ancona-Lopez

Diretora Adjunta: Prof.^a Ghislaine Gliosce da Silva

UNIP – CAMPINAS

Diretor: Prof. Brasílio Camargo de Brito Filho

SUMÁRIO

Comissões Organizadora e Científica.....	7
Apresentação.....	14
Programação.....	15
Palestras, Mesas Redondas e Oficinas.....	20
Resumos.....	56
Oficina de Criatividade.....	57
Psicodiagnóstico.....	64
Atendimento Clínico.....	93
Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano.....	163
Psicologia da Saúde.....	179
Psicologia Jurídica.....	212
Psicologia Organizacional e do Trabalho.....	232
Psicologia Social e Comunitária.....	246
Serviços Escola de Psicologia.....	274

**21º ENCONTRO SERVIÇOS-ESCOLA DE PSICOLOGIA DO
ESTADO DE SÃO PAULO
4º ENCONTRO NACIONAL DE SUPERVISORES DE ESTÁGIO
DE PSICOLOGIA**

Comissão Organizadora

Presidente

Profa. Dra. Maria da Piedade Romeiro de Araújo Melo

Membros

Profa. Ms. Cícera Andréa O. B. Patutti

Profa. Ghislaine Glosce da Silva

Profa. Ms. Hely Aparecida Zavattaro

Prof. Dr. João Eduardo Coin Carvalho

Profa. Ms. Leliane Aparecida Glosce Moreira

Profa. Ms. Lionela Ravera Sardelli

Profa. Dra. Mônica Cintrão França Ribeiro

Profa. Dra. Regina Célia Ciriano Calil

Profa. Ms. Rosemary Assis

Profa. Dra. Sílvia Ancona-Lopez

Prof. Ms. Tiago Yehia de La Barra

Comissão Científica

Presidente

Profa. Dra. Sílvia Ancona-Lopez - UNIP

Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente é professora titular da Universidade Paulista- UNIP. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Intervenção Terapêutica, Triagem Interventiva e Psicodiagnóstico Interventivo, atuando principalmente nos seguintes temas: psicodiagnóstico interventivo, triagem interventiva e atendimento clínico fenomenológico-existencial.

Membros

Profa. Dra. Ana Paula Porto Noronha - USF

Doutora em Psicologia Ciência e Profissão pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Professora associada da Universidade São Francisco. Atua principalmente nos seguintes temas: avaliação psicológica, testes psicológicos, formação profissional, validação, avaliação percepto-motora, avaliação da inteligência e orientação profissional. Bolsista produtividade em pesquisa do CNPq - 1C. Integrante do Conselho Federal de Psicologia no XV Plenário; responsável pela área de Avaliação Psicológica.

Profa. Dra. Ângela de Fátima Soligo – UNICAMP

Doutora em Psicologia pela PUC-Campinas. Docente do Departamento de Psicologia Educacional da Faculdade de Educação da Unicamp. Membro do Grupo de Pesquisa DiS - Diferenças e Subjetividades em Educação. Presidente da ABEP.

Profa. Dra. Carla Biancha Angelucci – Mackenzie

Doutora em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo. Docente do curso de Psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Psicoterapeuta.

Atua principalmente nos seguintes temas: psicologia escolar, políticas públicas em educação, medicalização, psicologia social e história oral.

Profa. Dra. Diana Tosello Laloní – PUCC

Doutora em Psicologia como Ciência e Profissão pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Professora titular da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e coordenadora do Serviço de Psicologia Clínica do Hospital e Maternidade Celso Pierro. Atua nos seguintes temas: sintomas psicopatológicos, doenças crônicas, doenças agudas infantis.

Profa. Dra. Iraní Tomiatto de Oliveira – Anhembi-Morumbi

Doutora em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo. Psicoterapeuta. Diretora Primeira Secretária da ABEP na gestão 2011-2013.

Prof. Dr. João Eduardo Coin de Carvalho - UNIP

Pós-doutor pelo Departamento de Antropologia da Johns Hopkins University, Baltimore, EUA. Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Professor Titular do Instituto de Ciências Humanas da UNIP. Professor colaborador da Universidade Federal de São Paulo. Experiência em pesquisa e intervenção em Psicologia Social Comunitária e da Saúde, atuando principalmente nos seguintes temas: gravidez adolescente, grupos e comunidades, imaginário, gênero e distúrbios de sono.

Prof. Dr. Julio Schruher Junior - ACE

Doutor em Gestão do Conhecimento pela UFSC. Atualmente é professor titular da Faculdade Guilherme Guimbala (ACE) e, Supervisor de estágio em psicologia clínica social e coordenador do curso de psicologia, psicólogo pesquisador do Instituto de Pesquisas Psicológicas de Joinville e psicólogo da Clínica Psicológica Psyché em Curitiba.. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia, atuando principalmente nos seguintes temas: psicologia, direitos humanos, formação, educação e sistema prisional.

Profa. Dra. Jumara Silvia Van De Velde – UnG

Doutora em Administração de Recursos Humanos pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Diretora do curso de Psicologia e coordenadora do Serviço-Escola da Universidade de Guarulhos. Coordenadora do PRO-SAÚDE/PET-SAÚDE do Ministério da Saúde da cidade de Guarulhos. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Saúde e Subjetividade do Trabalhador (do CNPq). Atua nos seguintes temas: representação social, aprendizagem ativa, psicologia preventiva, competências.

Profa. Dra. Ligia Caran Costa Corrêa Pinho Lopes - UNIP

Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora da Universidade Paulista e professora titular do Instituto Paulista de Psicologia Estudos Sociais e Pesquisa. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Tratamento e Prevenção Psicológica.

Prof. Ms. Luiz Fernando Bacchereti - Anhembimorumbi

Mestre em Educação pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professor dos Cursos de Psicologia da Universidade Guarulhos e da Universidade Anhembimorumbi. Atua em Psicologia e Processos de Prevenção da Saúde e Psicologia e Processos de Gestão.

Profa. Ms. Lumena Celi Teixeira - UNISANTOS

Mestre em Psicologia Social pela PUC-SP. Professora do curso de Psicologia da Universidade Católica de Santos. Atua nas áreas de Saúde Mental e Educação Social, com ênfase na adolescência. Membro da Comissão Gestora da Subseção Baixada Santista e Vale do Ribeira do CRP 06. Membro do GT Psicologia e Povos Indígenas do CRP 06 e coordenadora do NPC Psicologia e Povos Indígenas da ULAPSI.

Prof. Dr. Manoel Antonio dos Santos – USP RP

Doutor em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo (1996) e Livre Docência em Psicoterapia Psicanalítica pela Universidade de São Paulo, campus de Ribeirão Preto. Atualmente é Professor Associado da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, campus de Ribeirão Preto. Líder do grupo Núcleo de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde

(CNPq). Integrante do grupo Saúde e Gênero (CNPq). Integrante do grupo Núcleo de Ensino, Pesquisa e Reabilitação de Mastectomizadas (CNPq).

Profa. Ms. Maria Cristiane Nali - FAAT

Psicóloga, Psicanalista, Mestre em Psicologia Clínica (PUC-SP), Docente das Instituições: FAAT (Atibaia), UNISAL (Campinas) e CEFAS. Coordenadora do Serviço Escola da Clínica Psicológica da FAAT, Membro da Comissão de Ética em Pesquisa da FAAT. Supervisora Institucional e atua em Clínica Particular em Campinas.

Profa. Dra. Maria da Piedade Romeiro de Araujo Melo - UNIP

Doutora em Ciências Médicas - Saúde Mental pela Universidade Estadual de Campinas. Tem experiência no ensino superior na graduação e pós graduação. Atualmente é Professora Titular da Universidade Paulista, Coordenadora do Curso de Psicologia em Campinas e Supervisora de Estágio. Atua, também, com psicoterapia psicanalítica.

Profa. Dra. Marilene Proença Rebello de Souza – USP

Pós-Doutora pela York University. Professora do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Coordena o Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia Escolar (LIEPPE). Conselheira do CFP, e Coordenadora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (IP-USP). Conselheira do CFP (gestão 2010-2013).

Profa. Dra. Marizilda Fleury Donatelli - UNIP

Graduada em Psicologia pela Universidade São Marcos (1977), mestrado em Psicologia (Psicologia Clínica) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1996) e doutorado em Psicologia (Psicologia Clínica) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2005) . Atualmente é professor titular da Universidade Paulista. Tem experiência na área de Psicologia , com ênfase em Tratamento e Prevenção Psicológica. Atuando principalmente nos seguintes temas: Psicodiagnóstico Interventivo.

Prof. Dr. Mauro Campos Balieiro - UNIP

Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo (2007). Atualmente é professor titular da Universidade Paulista - UNIP e Membro Filiado do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Tratamento e Prevenção Psicológica, atuando principalmente nos seguintes temas: psicanálise, clínica psicológica, consonância cultural, cultura e saúde mental.

Profa. Dra. Mônica Cintrão França Ribeiro - UNIP

Doutora em Psicologia pelo Programa de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Professora nos cursos de Psicologia e Pedagogia da Universidade Paulista. Líder do Grupo de Pesquisa Psicologia e Saúde (CNPq/UNIP). Atua nos seguintes temas: processos e problemas de escolarização, formação do psicólogo e de professores, relação saúde-educação.

Profa. Dra. Nely Aparecida Guernelli Nucci – UNIP

Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Supervisora de estágio na área da Saúde nas Universidades: PUCC e UNIP-Campinas. Membro da International Psycho-Oncology Society.

Prof. Dr. Odair Furtado – PUCSP

Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor associado do Programa de Estudos Pós-Graduado em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Tem experiência na área de Psicologia Social com ênfase em Processos Grupais; Compromisso Social; Dimensões Subjetivas da Realidade e Produção de Sentido, atuando principalmente nos seguintes temas: Relações de Trabalho e subjetividade, emprego/desemprego, formação/qualificação.

Prof. Dr. Pedro Bordini Faleiros – UNIMEP

Doutor em Psicologia Experimental pela Universidade de São Paulo.. Atualmente é coordenador do curso de graduação em Psicologia da Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP. É Editor Associado da Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva e da Revista Impulso. Experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Experimental, atuando principalmente nos seguintes temas: análise

experimental do comportamento, cooperação, dilema do prisioneiro e práticas culturais.

Profa. Dra. Regina Célia Ciriano Calil - UNIP

Doutora em Ciências Médicas pela Universidade Estadual de Campinas. Tem experiência na área de Psicologia Clínica com ênfase em Tratamento Psicológico e Prevenção, atuando principalmente nos seguintes temas: psicologia clínica psicanalítica aplicada - psicodiagnóstico, acompanhamento e tratamento psicológico, ludoterapia, processos e intervenções grupais, atenção psicológica à famílias, desenvolvimento psicológico, programas de promoção e prevenção à saúde mental voltados à população em geral.

Profa. Ms. Rita Helena Cuce Nobre Gabriades - UNIP

Mestre em Psicologia Clínica, mestre em Educação. Especialização em Psicodinâmica de Base Psicanalítica pelo Instituto Sedes Sapientiae (1989). Atualmente é professora na Universidade Paulista, Coordenadora Auxiliar do Curso de Psicologia - Unidade Pinheiros da Universidade Paulista. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em clínica e no setor da Educação da escola infantil ao ensino superior, atuando principalmente nos seguintes temas: professora, psicoterapeuta, supervisão, área administrativa e pedagógica no ensino superior, formação docente, curso de formação em psicologia, prevenção ao comportamento suicida e clinica - escola.

Prof. Ms. Rodrigo Toledo - Universidade Ibirapuera

Mestre em Educação do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Sujeitos, Formação e Aprendizagem da Universidade Cidade de São Paulo. Atualmente é Coordenador do Curso de Psicologia e do Serviço-Escola da Universidade Ibirapuera - Unib/SP; Supervisor de Estágio e Professor Faculdades Integradas de Ciências Humanas, Saúde e Educação de Guarulhos - FIG. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Social e do Trabalho, Clínica do Trabalho e suas inter-relações com Comportamento Humano.

Apresentação

O tema central do **21º Encontro de Serviços-Escola de Psicologia do Estado de São Paulo e 4º Encontro Nacional de Supervisores de Estágio em Psicologia** procurou trazer para reflexão a relação entre a Psicologia e as questões contemporâneas da realidade brasileira.

O grande número de trabalhos apresentados atendeu a este convite mostrando, pela diversidade de temas, a amplidão do campo da Psicologia e os questionamentos que atualmente os psicólogos se fazem. Mostram, igualmente, a preocupação que profissionais e estudantes têm com a ciência psicológica, com a formação em Psicologia, além do interesse pela produção de conhecimento e a constante reflexão crítica sobre suas práticas.

Ressaltamos a qualidade dos trabalhos e temos a convicção que há nos serviços-escola uma preocupação constante com a formação dos futuros psicólogos e uma busca permanente por intervenções e atuações que atendam às necessidades e anseios das comunidades nas quais atuam, sempre de acordo com os princípios éticos e científicos.

Observação: os textos publicados nestes ANAIS seguem os originais conforme enviados pelo autores.

Comissão Científica e Comissão Organizadora

Programação

Dia 18 de setembro de 2013 – 4º Feira

14h00 – Credenciamento

19h00 – Atividade Cultural

19h30 – Abertura

Marília Ancona–Lopez (PUC/SP e UNIP)

OFICINAS
<i>Psicologia Fenomenológica e Clínica-Social</i> Tommy Akira Goto – UFU Doutor em Psicologia
<i>Acompanhamento Terapêutico</i> Kleber Duarte Barreto – UNIP Doutor em Psicologia Clínica
<i>Epistemologias não hegemônicas</i> Ronilda Iyakemi Ribeiro – UNIP Doutora em Psicologia Maria Beatriz da Silva Mattos – PUC-SP Mestre em Psicologia
<i>Oficina de Criatividade</i> Mauro Lana Vieira – UNIP Especialista em Psicologia
<i>Plantão Psicológico</i> Fernando Luís Cipriano – UNIP Doutor em Psicologia
<i>Psicodiagnóstico Interventivo</i> Marizilda Fleury Donatelli – UNIP Doutora em Psicologia
<i>Intervenção Psicossocial</i> Lumena Celi Teixeira – UNISANTOS Mestre em Psicologia Social
<i>Terapia de Casal</i> Maria Lúcia Mendonça Coelho - UNIP Especialista em Psicologia
<i>Psicologia Escolar</i> Yara Sayão – USP Especialista em Psicologia

<i>Psicologia Clínica</i> Iraní Tomiatto de Oliveira – Anhembi-Morumbi e ABEP Doutora em Psicologia

<i>Psicologia Ambiental</i> Marlise Aparecida Bassani – PUC/SP Doutora em Psicologia
--

20h15 – 21h00 – Conferência: Desafios atuais dos Serviços – Escola de Psicologia
Juan Cristobal Aldana Alfaro – Guatemala – UACM

21h00 - Lançamento do Livro – *Psicodiagnóstico Interventivo: Evolução de uma Prática*
Sílvia Ancona Lopez (Org.) - Cortez Editora

21h30 – Coquetel

Dia 19 de setembro de 2013 – 5ª Feira

08h30 – 12h30 – Salas Temáticas de Debates sobre os trabalhos inscritos

8h30 – 10h00 – Mesa Redonda: Residência Multiprofissional
Maria Inês Badaró Moreira (UNIFESP – Santos)
Monica Lima de Jesus (UFBA)
Leonardo Lopes da Silva (Feira de Santana)
Coord. Lionela Ravera Sardelli

10h00 – 10h30 – Coffee Break

10h30 – 12h30 – Oficinas para profissionais e supervisores de estágios de Psicologia

12h30 – Almoço

14h30 – 17h30 – Salas Temáticas de Debates sobre os trabalhos inscritos

14h30 – 16h00 – Mesa Redonda: O Papel do Psicólogo no Atendimento Multidisciplinar em Anorexia e Bulimia
Manoel Antônio dos Santos – USP/RP
Erika Arantes de Oliveira Cardoso – USP/RP
Elide Dezoti Valdanha – USP/RP
Carolina Leonidas – USP/RP
Coord. Rosemary Assis

14h30 – 16h00 – Mesa Redonda: A Importância do Estágio na Formação do Psicólogo – ABEP
Ângela Fátima Soligo – UNICAMP
Mônica Lima de Jesus – UFBA
Sebastião Benício da Costa Neto – UFG
Coord. Leliane Maria Glosce Moreira

16h00 – 16h30 – Coffee Break

16h30 – 18h30 – Mesa Redonda: O que há de novo na supervisão de estágios nas áreas de Psicologia Social, Escolar e nas Emergências e Desastres

Rosana T. D´Orio de Atahyde Bohrer – ABRAPEDE

Nilton Julio de Faria – ABRAPSO

Marilda Gonçalves Dias Facci – ABRAPEE

Coord. Regina Célia Calil Ciriano

20h30 – Jantar com Música (por adesão)

Dia 20 de setembro de 2013 – 6ª feira

08h30 – 12h30 – Salas Temáticas de Debates sobre os trabalhos inscritos

08h30 – 10h00 – Mesa Redonda: Atuação Profissional em Políticas Públicas

Edson Ferreira Dias Junior – CREPOP

Eliane Silvia Costa – CREPOP

Coord. Lígia C. C. Corrêa Pinho Lopes

10h00 – 10h30 –Coffee Break

10h30 – 12h30 – Oficinas para profissionais e supervisores de estágios de Psicologia

OFICINAS
<i>Psicologia e Políticas Públicas</i> Edson Ferreira Dias Junior Eliane Silvia Costa CREPOP
<i>Psicologia Jurídica</i> Maria de Fátima Franco dos Santos – PUC/C Doutora em Psicologia
<i>Psicologia Organizacional e do Trabalho</i> Luiz Fernando Bacchereti – Anhembi–Morumbi Especialista e Supervisora de Estágios
<i>Oficina de Jogos</i> Deolinda Rita Geraldi – UNIP Mestre em Psicologia
<i>Teste Psicológico</i> Cícera Andréa O. B. Patutti – UNIP Mestre em Psicologia Regina C.Ciriano Calil – UNIP Doutora em Psicologia
<i>Psicoterapia Breve</i> Elisa Medici Pizao Yoshida – PUC/C

Doutora em Psicologia
<i>Psicologia Emergências e Desastres</i> Rosana T. D’Orio de Atahyde Bohrer Cristina Silva Claudia Sodré Reginaldo Branco e Annie Saboya (apoio) ABRAPED
<i>Psicologia e Espiritualidade</i> Marília Ancona Lopez – PUC/UNIP Doutora em Psicologia
<i>Psicologia em Grupos e Instituições</i> João Eduardo Coin Carvalho – UNIP Doutor em Psicologia Mônica Cintrão - UNIP Doutora em Psicologia
<i>Psicologia Hospitalar</i> Nely Aparecida Guernelli Nucci – UNIP/PUC Doutora em Psicologia.
<i>Psicologia do Esporte</i> Simone Meyer Sanches – UNIP/SEDES Doutora em Psicologia

12h30 – Almoço

14h30 – 17h30 – Salas Temáticas de Debates sobre os trabalhos inscritos

14h30 – 16h00 – Mesa Redonda: Estágio e Supervisão em Psicologia na América Latina

Juan Cristobal Aldana Alfaro – Guatamelala – ULAPSI

Angela Soligo – UNICAMP/ALFEPSI

Adriana Eiko Matsumoto – PUC SP / ULAPSI

Coord. Maria da Piedade R. de Araujo Melo

14h30 – 16h00 – Mesa Redonda: Demandas Clínicas nos Serviços–Escola

Diana Toselo Laloni – PUC/C

José Carlos Michelazzo – UNICAMP

Maria Cristiane Nali – FAAT

Coord. Rita Gabriades

16h00 – 16h30 – Coffee Break

16h30 – 19h00 – Recomendações aos Serviços-Escola do Estado de São Paulo –

CRP/SP

Carla Biancha Angellucci – Mackenzie/CRP

Irani Tomiatto de Oliveira – Anhembi-Morumbi / ABEP

Coord. Sílvia Ancona-Lopez

19h30 – Atividade Cultural

Dia 21 de setembro de 2013 – Sábado

08h30 – 10h00 – Grupo de Pesquisa Psicologia e Saúde Cnpq/UNIP

Monica Cintrão

João Eduardo Coin de Carvalho

Gestão Informatizada de Estágios e Prontuários

Oliver Zancul Prado – UNIP

Coord. Cícera Andréa O. B. Patutti

08h30 – 10h00 – Os desafios da supervisão na formação do Psicólogo

Henriette Tognetti Penha Morato – USP

Glória Elisa Von Buettner – CEUNSP

Carmem Beatriz Fabriani – UNIFAE

Coord. Gohara Yvette Yeia

10h00 – 10h30 – Coffee Break

10h30 – 12h00 – Encontro de Coordenadores de Curso e de Serviços–Escola

12h00 – Atividade Cultural e Encerramento

PALESTRAS, MESAS REDONDAS E OFICINAS

REFLEXÕES ACERCA DA RELEVÂNCIA SOCIAL-COMUNITÁRIA DAS RESIDÊNCIAS MULTIPROFISSIONAIS EM SAÚDE. Leonardo Lopes da Silva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Campus Vitória da Conquista- Faculdade Guanambi

RESUMO: Desde sua implementação, as residências multiprofissionais em saúde (RMS) tem se mostrado como *locus* produtivo para formação em serviço dos profissionais da área, possibilitando resgatar o olhar multidisciplinar sobre o processo saúde-doença na sua concepção mais ampla. A participação dos psicólogos nesta formação garante ao profissional o desenvolvimento de habilidades e competências tão caros à própria Psicologia quanto ao pleno alcance dos objetivos da Saúde: atuação em equipe; visão integral do indivíduo; desenvolvimento de ações de prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde física, psicológica e psicossocial; além de estratégias de enfrentamento multidisciplinar do fenômeno saúde-doença. Para que estes potenciais sejam alcançados, entretanto, a qualificação dos programas de RSM, bem como a articulação entre instituições formadoras e comunidade precisam ser constantemente avaliadas e reavaliadas. As RSM tem trazido um caráter inovador no cenário da atuação em políticas públicas já consolidadas como a Estratégia de Saúde da Família e os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). Todavia, acredita-se que muitos outros espaços possam e devam ser ocupados de maneira maciça e para tanto, novas articulações entre comunidade, instituições formadoras e profissionais residentes devem ser pensadas e propostas. Conclui-se que as RSM tem potencial para além do que já vem ocorrendo, especialmente nas políticas públicas em saúde, mas devem se articular e rearticular com novas demandas sociais e comunitárias, bem como reavaliar e ampliar suas estratégias de qualificação.

Em Psicologia sabemos que a atuação do profissional psicólogo raramente é isolada. Salvaguardando-se a clínica tradicional, o psicólogo tem nos outros campos o grande desafio de se articular com outros campos do saber sobre o humano e com outros profissionais das mais distintas áreas. Nas principais políticas públicas, por exemplo, Saúde, Educação e Assistência Social, o psicólogo é levado cotidianamente a articular seus conhecimentos

específicos da ciência e prática psicológica com conhecimentos e práticas específicas da Medicina, da Pedagogia, do Serviço Social, do Direito, da Sociologia, entre tantos outros. No setor privado, encontramos poucas diferenças neste aspecto, se pensarmos a Gestão de Pessoas (ou no termo mais conhecido como Recursos Humanos) como campo necessariamente multidisciplinar de atuação dentro das empresas, ou ainda se pensarmos no Esporte Profissional, as mesmas articulações se fazem necessárias.

A partir disso, podemos verificar que as Residências Multiprofissionais em Saúde (RMS) se apresentam como estratégias de formação em serviço eficazes na tarefa de auxiliar o profissional psicólogo a compreender os fenômenos envolvidos no processo de prevenção e reabilitação de saúde, tanto nos seus aspectos físicos, quanto psicossociais. Este espaço privilegiado de formação, entretanto, carece de várias articulações necessárias para atender as demandas cada vez mais complexas da comunidade. A formação generalista preconizada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais em Psicologia (MEC, 2011) nos deixa claro que o profissional psicólogo, desde a graduação, deve compreender e muitas vezes articular conhecimentos de diversas naturezas e práticas de diversos campos profissionais com o fazer psicológico. Mas sabemos, como formadores, supervisores de estágio e coordenadores de serviços-escola que esta tarefa se apresenta como um esforço hercúleo, dadas as realidades regionais e especificidades de cada instituição formadora.

Cabe dizer, neste ponto, que a RMS cumpre um papel que toda a formação em Psicologia deveria promover: desenvolvimento de competências para atuação em equipe multidisciplinar; visão integralizada do indivíduo; elaboração de estratégias de prevenção e promoção da saúde física e mental, entre outras. O que precisamos chamar a atenção é que estas competências deveriam ser “aprimoradas” durante a RMS, mas o que vemos acontecer, muitas vezes, é que apenas na residência é que o já formado profissional de Psicologia terá a oportunidade de desenvolver tais habilidades e competências. O tom provocador desta reflexão é necessário para repensarmos não só estratégias de qualificação dos programas de RMS, mas também a formação inicial dos psicólogos e como ela se articula com este segundo momento de formação profissional.

Na outra ponta, nos temos as demandas para este profissional da RMS: as políticas públicas em saúde, especificamente a Estratégia Saúde da Família (ESF) e os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) em suas mais diversas modalidades, necessitam de profissionais com este perfil. Outras articulações necessárias se apresentam, se renovam e se ampliam a cada instante: saúde indígena (CASAI), saúde do trabalhador (CEREST), saúde do homem, do idoso, etc. Sabemos, entretanto, que a rede privada acaba absorvendo boa parte dos contingentes profissionais egressos das RMS, supondo que os psicólogos estejam inclusos neste bojo. Com isso, não pretendemos levantar a bandeira contrária ao setor privado em detrimento do Sistema Único de Saúde (SUS), mas dedicar uma especial atenção as implicações de uma formação tão qualificada direcionada a apenas um setor.

E como não poderíamos deixar de citar, as instituições formadoras exercem um papel primordial não só na idealização dos programas de RMS, mas também na possível e necessária articulação entre estes e a comunidade. Cada realidade regional traz suas peculiaridades e isto é critério básico para a elaboração de um programa de RMS. Entretanto, novas demandas surgem, se refinam, se tornam prioridade em algum momento e por este motivo, uma readequação de propostas muitas vezes se faz necessária. Vivemos num mundo dinâmico, onde inovações tecnológicas e sociais surgem a todo instante e com isso, novas demandas se ampliam, se intensificam ou se priorizam. Não podemos abraçar o mundo com todas suas demandas, mas o vislumbre de rearticulação, de requalificação do trabalho sempre se faz presente e necessário. Por isso, nossos residentes precisam também ser capacitados para a flexibilidade, para a rearticulação de estratégias, para a inovação frente aos novos desafios.

Um outro ator neste cenário é também o Sistema Conselhos de Psicologia, que vem se articulando com diversas esferas públicas a fim de qualificar a discussão sobre as RMS, o papel do psicólogo neste contexto e as novas demandas para a área. Cumpre dizer que a preocupação com a ampliação dos espaços de inserção do psicólogo, bem como dos egressos dos programas de RMS tem sido uma das temáticas trabalhadas e que tem a intenção maior de ampliação do serviço prestado, com qualidade e respeito às

especificidades de cada população, como preconiza a Portaria 1820/2009 do Ministério da Saúde, que dispõe sobre os direitos dos usuários dos serviços de saúde, bem como nosso próprio Código de Ética Profissional (CFP, 2005).

Estas e muitas outras reflexões se fazem necessárias e urgentes num momento em que a saúde pública enfrenta tantos embates, onde os princípios da saúde coletiva são tão caros para a efetiva ampliação e qualificação dos serviços prestados e num momento em que a Psicologia se apresenta dentro das políticas públicas com cada vez mais força.

Palavras-chave: residência multiprofissional em saúde; formação em psicologia; políticas públicas em saúde; saúde comunitária.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria 1820 de 13 de agosto de 2009**. Dispõe sobre os direitos e deveres dos usuários dos serviços de saúde. Diário Oficial da União: Brasília, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Conselho Nacional de Educação. **Resolução 05 de 15 de março de 2011**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia, estabelecendo normas para o projeto pedagógico complementar para a Formação de Professores de Psicologia. Imprensa Oficial: Brasília, 2011.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional dos Psicólogos**. Brasília, 2005.

LIMA, M.; ARAÚJO, D. Politização e formação em serviço: significados e sentidos atribuídos pelos residentes em uma residência multiprofissional em saúde mental na Bahia. **Psicologia: Teoria e Prática** – 2011, 13(3):67-80.

NASCIMENTO, D. P. G. **A residência multiprofissional em saúde da família como estratégia de formação da força de trabalho para o SUS**. Dissertação (Mestrado). Escola de Enfermagem. Universidade de São Paulo, 2008, 142f.

INCLUSÃO DE ESTAGIÁRIOS DE PSICOLOGIA EM UMA UNIDADE HOSPITALAR DE ALTA COMPLEXIDADE E MORTALIDADE Oliveira-Cardoso, E.A.¹; Garcia, J.T.¹; Simões, P.B.²; Santos, M.A.¹.

¹Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – FFCLRP-USP

²Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – FMRP-USP

O estágio profissionalizante intitulado “Psicologia Hospitalar: intervenção em uma Unidade de Transplante de Medula Óssea” é oferecido desde 2000 para graduandos do quarto e quinto anos do curso de Psicologia da FFCLRP-USP. O contexto do estágio é o de uma Unidade de alta complexidade inserido em um Hospital Geral, que realiza Transplante de Medula Óssea para pacientes com diferentes diagnósticos, idades e procedências. Trata-se de um procedimento complexo constituído por três etapas: preparação pré-transplante - envolve o período pré-admissional (TMO propriamente dito) - engloba a avaliação médica e a admissão do paciente em isolamento protetor na enfermaria, onde o paciente permanecerá de 30 a 40 dias internado, seguido da alta hospitalar e acompanhamento ambulatorial por cinco anos, denominado pós-TMO. O trabalho é desenvolvido por uma equipe multiprofissional, formada por médicos, equipe de enfermagem, assistente social, nutricionista, fisioterapeuta, terapeuta ocupacional, dentista e psicólogo. O objetivo do presente trabalho é descrever a dinâmica de funcionamento do estágio e as atividades da psicologia que são desenvolvidas na Unidade de TMO. Trata-se de um estágio anual, com carga horária semanal de 10 horas. A clientela atendida tem idade que varia de seis meses a 60 anos, sendo todos diagnosticados com enfermidades potencialmente fatais. A estratégia psicoterapêutica adotada é de duração breve, uma vez que a proposta é tratar de aspectos emocionais associados ao enfrentamento da enfermidade e do tratamento. Busca-se delimitar e circunscrever o foco da intervenção a problemas relacionados a essa questão, com vistas a auxiliar no desenvolvimento de estratégias de intervenções mais eficazes. Os atendimentos são realizados nos três períodos do TMO e estão assim estruturados: pré-TMO – avaliações individuais dos pacientes e familiares e

intervenções grupais com os pacientes; TMO – atendimento nas enfermarias junto aos leitos dos pacientes (10 leitos no total), grupo de apoio psicológico ao familiar, reuniões clínicas para discussão dos casos, grupo de reflexão para a equipe; pós-TMO – atendimentos individuais e oficinas de atividades. As supervisões dos atendimentos individuais são realizadas em duplas uma vez por semana e as dos atendimentos grupais acontecem logo após os grupos. Os alunos participam ainda de um seminário teórico-clínico, com duração de duas horas e frequência semanal, voltado para a discussão de aspectos teóricos e vivenciais do estágio. Busca-se promover a integração de abordagens numa perspectiva multidisciplinar e de integralidade das ações de atendimento, trabalhando em uma perspectiva de prevenção e promoção de saúde.

Palavras-chave: psicologia; transplante de medula óssea; hospital; estágio profissionalizante.

GRUPO PSICOTERAPÊUTICO PARA PACIENTES DIAGNOSTICADOS COM TRANSTORNO ALIMENTAR: O PAPEL DO PSICÓLOGO. Élide Dezoti Valdanha¹; Manoel Antônio dos Santos²

¹ Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP). Membro do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde (LEPPS-USP-CNPq). Membro do Grupo de Assistência em Transtornos Alimentares do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - GRATA (HC-FMRP-USP). Email: elidevaldanha@usp.br

² Professor Associado 3 do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP). Líder do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde (LEPPS-USP-CNPq). Membro do Grupo de Assistência em Transtornos Alimentares do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - GRATA (HC-FMRP-USP). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de

Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Email: masantos@ffclrp.usp.br

Apoio: CAPES, CNPq

Endereço: Av. Bandeirantes, 3900, Monte Alegre, 14040-901, Ribeirão Preto-SP.

E-mail: masantos@ffclrp.usp.br

Introdução

Os transtornos alimentares (TAs) são considerados psicopatologias de etiologia multifatorial, ou seja, há uma combinação de diferentes fatores desencadeadores e mantenedores dos sintomas. Os principais fatores descritos pela literatura são: o meio sociocultural, a dinâmica familiar e aspectos da personalidade do indivíduo (Oliveira & Santos, 2006).

De maneira geral, os pacientes relatam que o início dos sintomas aconteceu após exposição a algum fator estressante ou traumático, como comentários sobre seu peso, término de relacionamento amoroso ou perda de um ente querido. Pessoas com anorexia nervosa (AN) e bulimia nervosa (BN) passam a viver em função do medo patológico de engordar e, concomitantemente, apresentam traços de personalidade, tais como preocupação excessiva, receio de mudanças, hipersensibilidade e perfeccionismo (Borges, Sicchieri, Ribeiro, Marchini, & Santos, 2006).

Para o tratamento dos TAs é necessário acompanhamento multidisciplinar, que possa abarcar diferentes áreas de conhecimento. São necessários cuidados com a saúde física, emocional e também com os familiares dessas pessoas. Assim, o tratamento deve contar com profissionais de diferentes especialidades: psiquiatria, psicologia, nutrição, enfermagem, terapia ocupacional e nutrologia, que possam oferecer um cuidado global à pessoa acometida (Dos Santos, 2006).

A psicoterapia de grupo vem sendo considerada uma alternativa interessante para o tratamento dos TAs, contrariando a visão sustentada até há pouco tempo, que contraindica grupo para pacientes que desenvolviam esses sintomas. Acreditava-se que o grupo seria uma oportunidade para que

os pacientes trocassem dicas patológicas em relação ao comportamento alimentar como, por exemplo, conselhos sobre restrição alimentar ou dicas para potencializar os comportamentos purgativos. Atualmente percebe-se que esses grupos, quando bem conduzidos, podem auxiliar na troca de experiências, com o intuito de promover a saúde psíquica e nutricional dos participantes.

Pacientes com TA tendem a rejeitar tratamento no início dos sintomas, sustentando um discurso de que não estão doentes, apenas seguem um estilo de vida diferenciado do comum. Após vencerem essa resistência e iniciarem o tratamento, há uma tendência de rejeição dos cuidados psicológicos, já que não percebem a forte vertente emocional do problema (Santos, 2006). No contexto nacional é notável a escassez de estudos que investiguem as potencialidades e limites da aplicação da estratégia grupal no contexto do tratamento dos TAs.

Considerando esses aspectos, este estudo tem por objetivo analisar a experiência de um grupo psicoterapêutico oferecido para pacientes diagnosticados com TA, como parte do tratamento em um serviço especializado multidisciplinar inserido em hospital-escola.

Descrição do grupo investigado

Trata-se de um grupo psicoterapêutico para pacientes com diagnóstico de TA, vinculados ao Grupo de Assistência em Transtornos Alimentares (GRATA) do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (HC-FMRP-USP). Esse grupo é oferecido pela equipe de Psicologia do serviço, formada atualmente por cinco psicólogos e três estagiários em situação de ensino-aprendizagem.

O grupo, que acontece semanalmente, é aberto e pode ser composto por pessoas de ambos os sexos – com prevalência de mulheres – e de idades e camadas socioeconômicas diversificadas. É coordenado por uma psicóloga e co-coordenado por estagiário de Psicologia. Outro estagiário de Psicologia participa das sessões, na condição de observador silente.

A participação no grupo é obrigatória em dia de retorno ambulatorial e livre nos demais dias. Em relação à frequência às sessões, a média é de cinco participantes em cada encontro, que tem duração de 1h30. Não há um tema fixo agendado, ou seja, são os participantes que escolhem os temas e assuntos a serem dialogados. As sessões grupais aqui analisadas foram transcritas de memória pela coordenadora, logo após o término dos encontros grupais.

Serão apresentados alguns trechos para melhor visualização dos dados. Para preservar o anonimato, os participantes serão referidos como P1, P2, P3, e assim sucessivamente. A coordenadora do grupo será identificada pela letra C.

Resultados e Discussão

É possível observar que, quando os grupos são formados por pacientes em início de tratamento, os principais temas abordados no grupo são relacionados aos sintomas associados ao TA. No caso de pacientes com AN: restrição alimentar, isolamento social e empobrecimento afetivo; no caso de pacientes com BN: perda de controle sobre os impulsos, compulsão alimentar periódica e manobras compensatórias visando à eliminação dos excessos cometidos durante os episódios de *binge eating*. Quando o grupo é composto por pacientes que estão há mais tempo em tratamento, outras possibilidades podem ser exploradas nos encontros, como os conflitos internos, dificuldades de relacionamento e problemas em diversas esferas da vida pessoal.

Em uma sessão de grupo composto por três participantes, duas em seu primeiro dia de participação e a terceira no extremo oposto, em condição de receber alta naquele dia, essa última foi convidada pela coordenadora para compartilhar com as novas colegas como funciona o “grupo da Psicologia”.

P1: A gente conversa sobre o que a gente quiser. Pode ser sobre o que a gente tá sentindo, se tem alguma coisa incomodando, sobre a nossa família... Enfim, qualquer coisa... (P1, 44 anos, AN).

É possível perceber, na fala de P1, que comparece já há muitos anos no grupo (cerca de 15 anos), uma legitimação em relação à proposta das coordenadoras, que é dar liberdade para que as participantes tragam o tema que desejarem para exame no grupo. Em resposta à fala dessa participante, uma das outras integrantes do grupo, adolescente e iniciante no tratamento, mostra-se surpresa por ser um grupo em que elas podem selecionar e direcionar livremente o que será conversado.

Os novos participantes agem das mais variadas maneiras no primeiro encontro de que participam. Alguns se apresentam falantes, até mesmo prolixos, e expõem suas angústias em relação à doença e ao tratamento. Outros mostram-se reservados, silentes, observadores e desconfiados em relação ao que está acontecendo naquele momento de encontro. A formação de novos vínculos é, via de regra, ansiogênica, mobilizando defesas. Mas também se nota que, para alguns, o encontro grupal é uma oportunidade de reflexão sobre o próprio viver. Independentemente da postura assumida, todos evidenciam sua surpresa com a pluralidade de ideias e sentimentos que circulam em cada encontro do grupo. Cabe à coordenadora tranquilizar esses novos participantes, com o objetivo de auxiliar sua inserção no processo grupal, estimulando sua atenção, reflexão e diálogo.

Quando o grupo acolhe novos membros, recém-chegados ao serviço, a turbulência gerada desestabiliza momentaneamente o funcionamento grupal. Nesse sentido, cada encontro é extremamente dinâmico e mutável, de acordo com a combinação de elementos psíquicos que prevalecem no encontro dos indivíduos (Zimerman & Osório, 1997). Os relatos são permeados de dúvidas, colocadas em pauta na medida em que se sentem menos ameaçados. Surgem diversos questionamentos direcionados aos coordenadores, relacionados aos aspectos formais do tratamento, como as faltas, horários, locais, consultas individuais, agendamento de retornos. Temas já abordados anteriormente, mas que ainda suscitam angústias e confusões.

P2: O que eu mais fico pensando é sobre porque isso aconteceu comigo. Assim, eu não acho que meu problema é só com a comida, não. Eu acho que

eu tenho um monte de problema e queria saber por que chegou nesse ponto (P2, 16 anos, AN)

C: Mais alguém do grupo já pensou sobre isso?

P1: Eu concordo com você. Eu acho que a comida é só um jeito da gente mostrar que tem muitos outros problemas. Eu acho que a gente tem dificuldade em relacionamento, problema em aceitar alguma frustração, quando alguma coisa não é do nosso jeito... A gente tem um monte de problema... Quando a gente sofre algum trauma também não consegue lidar (P1, 44 anos, AN).

Em um grupo com três participantes com sintomas bulímicos (vômitos, principalmente), os comportamentos compensatórios foram o eixo principal de conversa: *“um lado que temos, mas que é obscuro e indesejável quando vivemos socialmente”*.

P3: É a primeira vez que eu consigo falar disso aqui, de comer, comer, comer e vomitar. É difícil falar disso, principalmente quando tem alguém que não vomita também, alguma anoréxica. Parece que você sente que o fracasso é maior ainda (P3, 22 anos, AN-BN).

P4: É mesmo, é difícil falar disso. Tô feliz que a gente está conseguindo. Dá vergonha (P4, 20 anos, BN).

C: O que envergonha?

P5: Vomitar é sujo, nojento, doentio. Ninguém gosta de vomitar.

P4: É desprezível.

P5: Você não come porque você quer, você come sofrendo, chorando, se dilacerando. E depois vem o vômito para tentar diminuir isso.

C: Penso em uma sensação corporal para tentar diminuir uma tristeza, uma emoção, uma dor interna.

P6: No momento parece que é a única coisa que dá pra fazer. Qualquer coisa que tire a tristeza.

O coordenador deve promover um clima permissivo, que favoreça a autorrevelação dos membros do grupo, permitindo uma releitura acerca de suas vivências por meio da compreensão dos recursos de enfrentamento. Acredita-se que o ambiente protegido do *setting* terapêutico pode facilitar a adesão ao tratamento. Além disso, o coordenador deve assumir um papel ativo dentro do grupo, reforçando positivamente aspectos de enfrentamento, valorizando a comunicação franca e aberta, respeitando o tempo e ritmo das necessidades de cada integrante e fortalecendo possibilidades de aliança terapêutica (Santos, 2006). Para Gayotto (2003), o coordenador “é aquele que coordena uma ação que não lhe pertence, mas dela é guardião”. Assim, o psicólogo ocupa um importante papel nesta modalidade de atendimento, pois auxilia na ressignificação das experiências contadas/vivenciadas pelos participantes.

Para pessoas diagnosticadas com TA, a perda de peso é sentida como uma conquista, como sinal de triunfo sobre os impulsos, sinalizando autocontrole. No sentido oposto, ganhar peso seria um fracasso da autodisciplina, o que se torna inaceitável para pacientes tão controladoras e perfeccionistas (Gaspar, 2005).

Ao final do encontro grupal mencionado, como proposta da coordenadora, cada participante foi estimulada a pensar e enunciar uma palavra que representasse, na sua percepção, aquele momento do encontro grupal. Assim, surgiram as palavras: impotência, inclusão e fortalecimento. Foi possível perceber que algumas participantes se sentiam realmente integrantes do grupo, ativas dentro dele e bem recebidas pelas outras e pela equipe de coordenação, porém os sentimentos de angústia e impotência frente ao TA também puderam ser vividos e conversados. As participantes parecem buscar alguém que possa ajudá-las nessa travessia pontilhada de sofrimento, mas sem se perder em suas dores emocionais, que parecem transbordar para a via corpórea, excedendo a capacidade de contenção e elaboração psíquica.

Considerações finais

O espaço terapêutico grupal mostrou-se importante ao promover a livre expressão de sentimentos, o intercâmbio de experiências e a aquisição de *insights* sobre o estabelecimento de padrões de relacionamento estereotipados, de modo a propiciar continência e acolhimento do sofrimento, além de favorecer a formação de vínculos saudáveis.

Notou-se que uma das tarefas desempenhadas de forma reiterada pelos coordenadores do grupo foi preservar um clima grupal, que possibilitasse que os(as) participantes se apropriem de suas questões emocionais, ao mesmo tempo em que desenvolvam suas habilidades relacionais para aprender com o outro (aprendizagem por intermédio do outro). Para tanto, o psicólogo que atua com esses pacientes deve buscar tirar o foco que tradicionalmente tende a ser colocado unicamente no problema alimentar, na incessante tentativa de valorizar os recursos pessoais que muitas vezes permanecem desconhecidos e inexplorados.

Nesse contexto, o psicólogo pode auxiliar no reconhecimento e aprendizagem de novas estratégias de enfrentamento, fortalecimento de defesas saudáveis e na promoção de saúde mental.

Referências

- BORGES, N. J. B. G., SICCHIERI, J. M. F., RIBEIRO, R. P. P., MARCHINI, J. S., & SANTOS, J. E. (2006). Transtornos alimentares: quadro clínico. *Medicina (Ribeirão Preto)*, 39(3), 340-348.
- DOS SANTOS, J. E. (2006). GRATA: Nossa história, trabalho e desafios. *Medicina (Ribeirão Preto)*, 39(3), 323-326.
- GASPAR, F. L. (2005). A violência do outro na anorexia: uma problemática de fronteiras. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 8(4), 629-643.
- GAYOTTO, M. L. (2003). *Liderança! Aprenda a coordenar grupos*. Petrópolis: Vozes.
- OLIVEIRA, E. A., & Santos, M. A. (2006). Perfil psicológico de pacientes com anorexia e bulimia nervosas: a ótica do psicodiagnóstico. *Medicina (Ribeirão Preto)*, 39(3), 353-360.

SANTOS, M. A. (2006) Sofrimento e esperança: grupo de apoio com pacientes com anorexia e bulimia nervosas. *Medicina (Ribeirão Preto)*, 39(3), 386-401.

ZIMERMAN, D. E., & OSORIO, L. C (1997). *Como trabalhamos com grupos*. Porto Alegre: Artes Médicas.

ESTÁGIOS EM PSICOLOGIA E SERVIÇOS-ESCOLA. OLIVEIRA, Iraní Tomiatto de - Associação Brasileira de Ensino de Psicologia - Universidade Anhembi Morumbi

As clínicas-escola de Psicologia começaram a se organizar, no Brasil, a partir da regulamentação da profissão, pois sua existência fazia parte das exigências legais para a instalação de um curso de Psicologia. Desde o início, tiveram um duplo objetivo: ser campo de estágios de formação profissional e prestar serviços psicológicos à população. Com o passar do tempo, um terceiro objetivo se agregou aos dois primeiros: a realização de pesquisas.

Durante os últimos 50 anos essas clínicas assumiram diferentes papéis: representaram, durante vários anos, uma das raras alternativas para a população que necessitava de serviços psicológicos gratuitos; foram alvo de muitas críticas por terem transplantado para um contexto institucional as práticas clínicas características do consultório privado, sem levar em conta a diferença dos contextos e da população atendida; funcionaram como incubadoras de novas propostas e modelos de intervenção, contribuindo significativamente para a expansão das possibilidades e dos campos de atuação da Psicologia, entre outros.

Essa expansão foi se refletindo nos cursos de formação profissional e se consolidou com a publicação das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia de 2004; a última versão das diretrizes, publicada em 2011, altera apenas o Art. 3, referente ao Projeto Complementar para a formação de Professores de Psicologia, e permanece idêntica à de 2004 em todos os outros artigos, inclusive naqueles que se referem aos estágios da formação de psicólogo.

A orientação de que os estágios obrigatórios deveriam se dividir em básicos e específicos, se distribuir ao longo do curso e assegurar o contato do formando com diferentes situações, contextos e instituições consolidou, também, a ampliação do conceito de clínica-escola. O artigo 25 das DCN estabelece que

O projeto de curso deve prever a instalação de um Serviço de Psicologia com as funções de responder às exigências para a formação do psicólogo, congruente com as competências que o curso objetiva desenvolver no aluno e as demandas do serviço psicológico da comunidade na qual está inserido (BRASIL, 2011).

Assim, cada vez mais foi se instalando a concepção de um serviço que não se restringia aos atendimentos clínicos, mas que deveria ser o articulador e organizador de todas as atividades de estágio e de todos os tipos de serviços psicológicos a eles relacionados.

Por suas características e pela complexidade de sua organização e realização, o tema dos estágios e do serviço-escola tem sido sempre um dos mais discutidos em todos os encontros e eventos científicos que incluem discussões sobre a formação e mesmo sobre a prestação de serviços psicológicos. Há muitas questões, que envolvem desde o estabelecimento de parcerias, a estrutura das supervisões, as condições do estagiário, as relações entre o supervisor de campo e o da instituição de ensino (orientador, nos termos da Lei de Estágio), as áreas de estágio, entre muitas outras.

Uma vez que se está abordando a questão dos estágios, é preciso levar em conta a existência de uma Lei Federal que trata especificamente da regulamentação dessa atividade no país: a Lei 11.788/2008. A partir da definição, em seu artigo 1º, do que é a atividade de estágio –

Art. 1º Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos (BRASIL, 2008).

- são estabelecidas uma série de condições para sua realização, que envolvem a celebração de um termo de compromisso entre as partes, limite de carga horária, compatibilidade das atividades desenvolvidas com a formação acadêmica que o estagiário está realizando, entre outras.

Em 1997, a Psicologia foi reconhecida como uma das treze profissões de nível superior que compõem a área da Saúde, através da Resolução no. 218 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde. Este reconhecimento resulta em uma série de compromissos que, do ponto de vista legal, incluem a observância à Carta dos Direitos dos Usuários da Saúde (2006) e às determinações da Agência Nacional de Vigilância Sanitária, que estabelece a necessidade de licença para o funcionamento de serviços psicológicos.

Há ainda a considerar as determinações do Conselho Federal de Psicologia, em especial o Código de Ética Profissional dos Psicólogos (2005) e a Resolução 01/2009, que dispõe sobre a obrigatoriedade do registro documental decorrente da prestação de serviços psicológicos. E a necessidade de que o serviço-escola seja cadastrado no Conselho Regional em cuja jurisdição está situado.

É possível perceber, pelos documentos citados - que não esgotam o assunto -, que não é tarefa fácil conhecer tudo o que rege o funcionamento desse tipo de serviço. Por isso, o Conselho Federal e os Conselhos Regionais, desde a década de 1980, têm se preocupado em oferecer orientações sobre o assunto.

A ABEP, associação civil criada pelo Fórum das Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira – FENPB – para cuidar da formação do psicólogo brasileiro, também tem produzido documentos de orientação sobre o tema. Exemplo disso é o Boletim Especial da ABEP, publicado em agosto de 2009, no qual a psicóloga Eliana Vianna tece relevantes reflexões e comentários sobre a Lei do Estágio e sobre a Resolução CFP 001/2009, ainda no calor das discussões provocadas por essas publicações.

Nessa direção, e buscando uma atualização das orientações oferecidas aos psicólogos em geral e aos coordenadores de curso e de estágios,

professores, supervisores e orientadores, o Conselho Regional de Psicologia de São Paulo montou um grupo de trabalho que começou a desenvolver suas atividades ainda em 2007, ligado à Comissão de Orientação e Fiscalização, do qual participaram coordenadores de curso, responsáveis técnicos de serviços-escola, representantes da Associação Brasileira de Ensino de Psicologia (ABEP), conselheiros, gestores e assistentes técnicos. Foi realizado um amplo levantamento da legislação atinente ao tema, das resoluções, pareceres e orientações já publicadas. No decorrer dessas discussões foram surgindo novos documentos, como a Lei do Estágio e a Resolução CFP 001/2009, cujo conteúdo foi sendo incorporado aos debates do grupo. Após cerca de dois anos de trabalho o grupo¹ produziu as *Recomendações aos Serviços-Escola de Psicologia do Estado de São Paulo: Compromisso Ético para a Formação de Psicólogos*, publicado pelo CRP de São Paulo em março de 2010. Nesse documento são abordados os seguintes temas: concepção e objetivos dos serviços-escola; considerações sobre a Lei do Estágio; inspeção da Vigilância Sanitária; registro documental e prontuário. Embora se dirija aos psicólogos do Estado de São Paulo, ele serviu como referência para a elaboração de orientações nas outras regiões do país, e até para a elaboração de um documento nacional.

Na esteira dessa publicação e como fruto de parceria entre o Conselho Federal, a ABEP e o Conselho Regional de Psicologia de São Paulo foi organizado, em 2011, um grupo de trabalho² com o objetivo de produzir um documento orientador sobre estágios e serviços-escola em âmbito nacional. Denominado *Carta de Serviços Sobre Estágios e Serviços-Escola*, a produção do grupo acaba de ser publicada, em setembro de 2013.

Observa-se, na produção desses documentos, a evolução da Psicologia Brasileira, não só no sentido da ampliação das áreas de atuação, mas da

¹Este grupo foi coordenado pela psicóloga Carmem Silvia Rotondano Taverna e composto por Ana Cristina Gomes Teixeira Arzabe, Eliana Vianna, Irani Tomiatto de Oliveira, Marília Ancona-Lopez, Magali Rodrigues Serrano, Marlene Oliveira Campos e Zuleika Fátima Vitoriano Olivan.

²Este grupo foi coordenado por Aluizio Lopes de Brito e composto por Carmem Silvia Rotondano Taverna, Irani Tomiatto de Oliveira e Marilene Proença Rebello de Souza.

crescente clareza sobre os processos de formação, sobre a oferta de serviços e sobre as condições adequadas para a realização de estágios.

O tema, certamente, continua demandando discussões, reflexões e constante construção de parâmetros e referências.

Há, por certo, temas constantemente presentes na vida diária dos que se dedicam à formação de novos profissionais e ainda muito pouco discutidos, como as condições técnicas e pessoais do estagiário para a realização do trabalho. Incluem-se aqui as delicadas situações de alunos com sérias dificuldades emocionais, com necessidades especiais e com insuficiência técnica. Surgem situações em que os recursos acadêmicos e pedagógicos não são instrumentos suficientes para dar conta da situação, e outras em que é difícil conciliar as necessidades e direitos do estagiário e os dos usuários dos serviços. Este é, sem dúvida, um tema em aberto.

O Código de Ética Profissional do Psicólogo (2005) estabelece, em seu artigo 17, que: “*Caberá aos psicólogos docentes ou supervisores esclarecer, informar, orientar e exigir dos estudantes a observância dos princípios e normas contidas neste Código*”. Na prática, é preciso refletir sobre os instrumentos com os quais o supervisor conta para garantir essa exigência.

É importante levantar algumas dessas questões e refletir sobre elas, incentivando um amplo debate na busca de estratégias de enfrentamento das dificuldades, tendo a ética como principal parâmetro. As oportunidades criadas pela ABEP e pelo Sistema Conselhos para aglutinar profissionais comprometidos com a formação profissional e com o ensino da Psicologia, seja em âmbito regional ou nacional, têm demonstrado que é possível avançar nessas discussões e encontrar respostas, mas há ainda muito a ser discutido e muitos problemas a serem enfrentados.

Referências

BRASIL. *Lei no. 11.788 de 25 de setembro de 2008*. Dispõe sobre o estágio de estudantes. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm>. Acesso em: 20/09/2011.

_____. Ministério da Educação. *Resolução CNE/CES Nº 8, de 7 de maio de 2004*. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Psicologia. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12991>. Acesso em: 20/09/2011.

_____. Ministério da Educação. *Resolução CNE/CES nº 5, de 15 de março de 2011*. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12991>. Acesso em: 20/09/2011.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. *Resolução no. 218 de 06 de março de 1997*. Disponível em:

<<http://www.datasus.gov.br/conselho/resol97/res21897.htm>>. Acesso em: 20/09/2011.

_____. Ministério da Saúde. Carta dos direitos dos usuários da saúde / Ministério da Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 8 p. (Série E. Legislação de Saúde). Disponível em:

http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/cartilha_integra_direitos_2006.pdf. Acesso em 25/9/2011.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. ***Código de ética profissional dos psicólogos***, 2005. Disponível em:

<http://www.pol.org.br/pol/cms/pol/legislacao/codigo_etica/>. Acesso em: 20/09/2011.

_____. *Resolução nº 01 / 2009*. Dispõe sobre a obrigatoriedade do registro documental decorrente da prestação de serviços psicológicos. Disponível em:

<http://www.pol.org.br/pol/cms/pol/legislacao/resolucao/resolucao_2009_001.html>. **Acesso em: 20/09/2011.**

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO. *Recomendações aos serviços-escola de Psicologia do Estado de São Paulo: compromisso ético para a formação de psicólogos*, 2010. Disponível em:

<http://www.crpsp.org.br/portal/comunicacao/servicos_escola/fr_sumario.aspx> . **Acesso em: 20/09/2011.**

DANIEL, QUE ACREDITA QUE UM DIA PODERÁ SER O QUE SEMPRE FOI, OU SEJA, UMA MULHER: TRANS-FORMAÇÕES NO PROCESSO TERAPÊUTICO DE UMA TRANSEXUAL Yurín Garcêz de Souza Santos¹; Manoel Antônio dos Santos²

¹ Graduando em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP). Membro do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde (LEPPS-USP-CNPq). Bolsista de Iniciação Científica da FAPESP. E-mail: yuringarcez@yahoo.com.br

² Professor Associado 3 do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP). Líder do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde (LEPPS-USP-CNPq). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: masantos@ffclrp.usp.br

Endereço: Av. Bandeirantes, 3900, Monte Alegre, 14040-901, Ribeirão Preto-SP.

Introdução

A transexualidade é considerada um fenômeno complexo e multifacetado. Nesse contexto, o conceito de transexualidade que emerge das diversas

teorias que abordam a questão da diversidade sexual aponta para um aspecto consensual: a existência de uma incoerência radical e irreduzível entre sexo e gênero (Arán, 2006).

E o que é o sexo? De acordo com Picazio (1998), entende-se por sexo biológico aspectos relacionados às características genotípicas e fenotípicas de um corpo, variando ao longo de um *continuum* que tem, em um de seus extremos, o homem e, na outra extremidade, a mulher, sendo seu ponto intermediário o hermafrodita. Por essa perspectiva biologicista, o que definiria como seremos tratados quando nascemos – se como meninas ou como meninos – são as gônadas sexuais.

O gênero, por sua vez, está relacionado, ainda de acordo com Picazio (1998), à identidade sexual, ou seja, a como a pessoa que possui determinado corpo acredita ser. Assim, a identidade sexual varia, como o sexo biológico, em um *continuum* que tem, em seus extremos, o “ser homem” e o “ser mulher”, mas que tem como ponto central o transgênero.

De maneira geral, o pressuposto inicial é o de que o sexo é definido pela natureza, fundamentado na organicidade do corpo, que define o equipamento biológico e genético com que nascemos, enquanto que o gênero seria adquirido por meio da cultura. Entretanto, essa concepção está baseada na percepção de que o sexo biológico – isto é, ser homem ou ser mulher – é um dado natural, não tributário de aspectos históricos e sociais em seu desenvolvimento conceitual, e que o gênero, ao contrário, é resultado de uma construção social e histórica. Levando-se em consideração esses pressupostos, vê-se que, se por um lado a tese é determinista e por outro construtivista, a possibilidade de compreensão das subjetividades e das sexualidades acaba ficando extremamente restrita (Arán, 2006).

O indivíduo transexual é entendido, de acordo com Becker (2008), como sendo aquele que invalida as regras básicas da diferenciação entre seres humanos e, em decorrência desse fato, é enquadrado no conceito de desviante de uma norma heterossexualmente definida. Transexual é aquele que infringe uma regra que pode ser entendida como produto de um consenso social estabelecido por determinada comunidade em dado período histórico ou, ainda,

fruto de uma construção do que é desviante da norma heterossexual e, como tal, classificado como indesejável, abjeto ou patológico.

A palavra transexualidade tem sua origem na língua inglesa que, por sua vez, tomou-a do latim *trans* e *sexualis*, conotando a noção de passagem de um sexo para outro. Contudo, refere-se a um estado psíquico, uma vez que é sobre o aspecto da identidade e da vida afetivo-sexual que se dá a obstinada busca por adequação dos indivíduos trans (Pinto & Bruns, 2003).

Colocada em uma perspectiva histórica, a marca de nascimento do fenômeno da transexualidade na nossa era é a intervenção, praticada por Christian Hamburger em 1952 na Dinamarca, em um jovem de 28 anos, que fora batizado como George Jorgensen, ex-soldado do exército norte-americano. No ano seguinte, Harry Benjamnin criou o conceito de transexualismo e, fundamentado em estudos biológicos do século XX, propôs que não existiria uma divisão claramente marcada entre o “masculino” e o “feminino”, sendo insuficiente a determinação da sexualidade de um indivíduo baseada exclusivamente nas diferenças anatômicas (Arán, Zaidhaft & Murta, 2008).

Ainda de acordo com esses autores, para Benjamin a sexualidade seria composta por diversos aspectos, como cromossômico, genético, anatômico, genital, gonático, legal, germinal, endócrino, psicológico e social, sendo que é a prevalência de um desses fatores que definirá o sexo de um indivíduo, em conjunto com a influência do ambiente no qual ele está inserido. Nesse sentido, os “sexos” não são fixos, sendo passíveis de modificação por meio de tratamentos hormonais ou procedimentos cirúrgicos (Arán, Zaidhaft & Murta, 2008).

No Brasil, em 1997, o Conselho Federal de Medicina (CFM), por meio da resolução 1.4821, autorizou a realização de cirurgias de transgenitalização em pacientes transexuais, afirmando seu caráter terapêutico. Assim, a legitimação da prática no país partiu do pressuposto de que a pessoa transexual é portadora de desvio psicológico permanente de identidade sexual, rejeitando o fenótipo e tendendo à automutilação ou autoextermínio (Arán, Murta & Lionço, 2009). Ainda de acordo com essas autoras, para que seja realizada a cirurgia,

o paciente deve preencher critérios mínimos, que incluem avaliação de equipe multidisciplinar e acompanhamento psicológico por um período mínimo de dois anos, configurando-se, assim, o diagnóstico de “transexualidade”. Nota-se, aqui, a acepção que o termo “transexualidade” adquire no discurso biomédico.

O conceito atual de transexualidade, no que se refere à psiquiatria e também à psicanálise, parte do pressuposto de que existiria uma psicopatologia, um “transtorno de identidade de gênero”, haja vista a não conformidade entre sexo e gênero. Contudo, se levada em consideração ainda o vértice psicanalítico, a transexualidade pode ser vista, também, como uma psicose, uma vez que existe a recusa da diferença sexual, que é base da castração simbólica que inscreve o sujeito no plano da cultura e da sociedade (Arán, 2006). Fica evidente nesses discursos científicos que a concepção de transexualidade, para diferentes áreas do conhecimento, está fundada em uma noção normativa, tanto dos sistemas de sexo-gênero quanto da diferença sexual. Segundo a referida autora, em um modelo cartesiano de entendimento, a matriz binária heterossexual se apresenta, então, como um sistema regulador tanto das sexualidades quanto das subjetividades dos indivíduos.

Em contrapartida, de acordo com Butler e Rios (2009), se receber o diagnóstico de transtorno de identidade de gênero significa, até certo ponto, ser considerado doente, anormal, disfuncional, errado e, por conseguinte, estar sujeito à estigmatização em consequência desse diagnóstico, alguns psiquiatras ativistas e as próprias pessoas trans têm argumentado no sentido de que o diagnóstico deveria ser completamente eliminado. Nessa vertente, afirma-se que a transexualidade não é um transtorno psiquiátrico e não deve ser entendida como tal, o que sugere que as pessoas que se identificam no devir trans estariam engajadas em um exercício de busca de autonomia e autodeterminação (Butler & Rios, 2009).

No tocante à discriminação sofrida por indivíduos trans, um estudo realizado por Carrara, Ramos e Caetano (2003) revelou que travestis e transexuais são alvos preferenciais de práticas discriminatórias e de violência verbal, atingindo 65,4% das ocorrências, em comparação com o que sofrem os gays, lésbicas e bissexuais (41,5%). O mesmo estudo revelou ainda que, no que se refere às

agressões físicas, a proporção de ações dirigidas a indivíduos transexuais ou travestis aumenta para 42,3%, ao passo que para lésbicas cai para 9,8%, em contraste com gays (16,6%) e bissexuais (7,3%).

Para alguns profissionais de saúde, assim como para alguns operadores do Direito, a despatologização da transexualidade é, além de desejável, uma tendência histórica inevitável. Se, por um lado, possa parecer que os discursos médicos e jurídicos assumem sempre feições monolíticas, ingênuas e acríticas, essa visão estreita escamoteia a pluralidade de sujeitos advindos de variadas formações acadêmicas, que tratam do tema com seriedade e respeito pelo indivíduo que vive a condição trans, deixando de lado padrões patologizantes (Almeida, 2012). Nesse contexto, como afirmado por Lionço (2008), o Sistema Único de Saúde (SUS), por meio da Carta dos Direitos dos Usuários da Saúde, mostrou estar na vanguarda frente ao tema ao assegurar um atendimento humanizado, livre de preconceito e discriminação por orientação sexual e identidade de gênero, assegurando, também, o uso por parte dos profissionais de saúde, do nome social para travestis e transexuais, como uma estratégia de promoção do acesso ao sistema.

Toledo e Pinafi (2012) afirmam que a intervenção clínica, dentro do contexto da diversidade sexual, é feita no rompimento dos limites e das fronteiras, por meio de um intercessor definido como agente disparador do movimento em direção à mudança, ou seja, à transformação. Para as referidas autoras, a clínica não deve levar o paciente a cristalizar uma identidade rígida, seja ela qual for, mas, ao contrário, deve produzir e garantir a liberdade, plena de responsabilidades, do fluxo existencial, fazendo com que sejam asseguradas novas possibilidades e modos de ser. Assim, seriam possíveis novos modos de subjetivação, que permitam aceder outras configurações de sujeito.

Ainda é escassa, no SUS, a oferta de espaços de intervenção e acolhimento para a população LGBT, especialmente travestis e transexuais. Também se observa uma flagrante carência de investimentos na formação de profissionais de saúde com sensibilidade e competência técnica para operar com essa franja da sexualidade humana. Também há escassez de estudos dedicados ao contexto psicoterapêutico em que são acolhidas as pessoas trans.

Considerando o exposto, o presente estudo tem por objetivo apresentar aspectos do atendimento psicoterapêutico de uma paciente transexual homem-para-mulher, atendida no contexto de uma clínica psicológica universitária, que oferece um serviço de assistência voltado à população trans.

Método

Trata-se de um estudo de caso, que se apresenta como uma amostra da prática clínica realizada no ano de 2012 e 2013, referente a atendimentos psicológicos individuais a pessoas inseridas em contexto de diversidade sexual. Por meio do estágio denominado “Intervenções Psicológicas Inovadoras: Trabalhando com Casais, Grupos e Pessoas Homossexuais”, oferecido pelo curso de graduação em Psicologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, e mantido pelo Grupo de Ação e Pesquisa em Diversidade Social – VIDEVERSO, foram realizadas, na clínica-escola, atendimentos semanais, baseados em uma abordagem psicodinâmica, com paciente transexual homem-para-mulher. Os atendimentos se iniciaram em março de 2012 e tiveram seu término em maio de 2013. As sessões tinham duração de 50 minutos e foram realizadas em uma mesma sala de atendimento da instituição, a fim de que se preservasse o *setting* terapêutico.

A paciente, Beatriz (nome fictício), que anteriormente se chamava Daniel (nome de batismo fictício), tinha 22 anos. Foi encaminhada por meio do serviço de acolhimento e triagem da clínica-escola. Assim, além do acompanhamento psicoterapêutico realizado na clínica psicológica, Beatriz também fazia tratamento hormonal havia seis meses, com acompanhamento quinzenal no Ambulatório de Estudos da Sexualidade Humana do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo. A partir desse acompanhamento, buscou atendimento psicológico, a fim de cumprir um dos requisitos necessários para receber indicação para a cirurgia de transgenitalização. O processo psicoterapêutico foi desencadeado após uma entrevista inicial, na qual se buscou oferecer acolhimento para que as demandas da paciente fossem explicitadas ao psicoterapeuta e que se

firmasse o contrato de trabalho. A partir de então se iniciaram as sessões de psicoterapia.

As sessões foram transcritas de memória pelo pesquisador-psicoterapeuta, ao final de cada sessão, constituindo o *corpus* de pesquisa.

Resultados e Discussão

A trajetória clínica de Beatriz é marcada por uma série de vicissitudes e conflitos familiares. Inicialmente, alegou que buscara a psicoterapia apenas como uma exigência do processo para se qualificar para a cirurgia de redesignação sexual. No entanto, a paciente apresentou, em seu discurso, demandas outras, passíveis de análise e reflexão. No que se refere ao seu desenvolvimento emocional, Beatriz se mostra, desde sua infância, como não identificada ao seu sexo biológico, o que gerou muitos conflitos e embates desde etapas precoces de seu desenvolvimento, principalmente com seus pais. Durante a infância, a paciente relata que sempre foi solitária e, em decorrência da percepção que tinha de sua própria sexualidade, não conseguiu estabelecer vínculos significativos com amigos durante o período em que permaneceu na escola. É interessante notar que, ainda que na sua percepção sobre a infância prevaleça a convicção de ter sido uma pessoa solitária, foi no contato com o outro que Beatriz encontrou um nome com o qual se sentia confortável. Isto é, a paciente afirma ter escolhido seu nome social a partir de uma aluna de sua turma, que era considerada a mais bonita da escola e que se chamava Beatriz.

A relação com seus familiares também se mostrou, no relato da paciente, conflituosa. Sua mãe dizia, desde sua adolescência, que ao completar a maioridade a expulsaria de casa devido a seu comportamento, por ela considerado anormal e motivo de desgosto familiar. De fato, cumprindo o prometido, ao completar 18 anos, a mãe de Beatriz a mandou ir embora de casa. Ela conta que dormiu na rua por uma noite. Ainda que contrária à vontade de seu pai, a opinião da mãe prevaleceu e Beatriz permaneceu por um ano distante do seu contexto familiar. Auxiliada por uma senhora, amiga da família, a paciente conta que conseguiu manter-se viva durante esse período, até que, em decorrência de um pedido de seu irmão mais velho, a mãe a

acolheu novamente no convívio familiar. Desde então, a relação entre as duas foi restaurada e parece estar relativamente tranquila no momento atual.

É possível notar, então, uma inversão no comportamento da mãe. Se antes Beatriz era motivo de vergonha, no período em que durou o atendimento psicológico, de acordo com seu relato, a convivência com sua mãe se mostrava relativamente tranquila e harmoniosa, o que foi evidenciado pelo fato de sua genitora não mais tratá-la pelo nome de batismo, Daniel, mas por seu nome social. Isso gerava grande contentamento na paciente.

Em relação ao pai, Beatriz afirma que sempre manteve uma relação distante com seu genitor, a despeito de ele ter se mostrado contrário à sua expulsão de casa quando ela completou a maioridade. Nesse sentido, relata um episódio instigante, ocorrido aos 15 anos de idade. Beatriz conta que entrou no banheiro de sua casa acidentalmente, enquanto seu pai urinava e, por conseguinte, foi duramente ofendida e ridicularizada por ele. Depois do ocorrido, relata que era por ele observada por diversas vezes pela janela do banheiro enquanto tomava banho, o que suscitava muita angústia na paciente. Seu pai, ao contrário de sua mãe, não a tratava pelo nome social, mas insistia em referir-se a ela por meio de seu nome de batismo.

Beatriz afirma que, desde sua infância, era temente a Deus e pertencente a uma organização religiosa evangélica denominada Metodista Renovada. A paciente relata que participou do coral da igreja até sua adolescência quando, por conta da mudança de voz, própria da puberdade, foi se distanciando dessa atividade que tanto lhe dava prazer. É curioso notar que a família sempre ia unida às reuniões da igreja e, ainda que existissem conflitos no âmbito das relações familiares, na igreja Beatriz encontrava paz e tranquilidade. A paciente deixava claro que, para sua religião, o fato de ela se sentir em desacordo com seu corpo, ou seja, de ser transexual, equivalia a “estar em pecado”. Entretanto, ela acreditava que Deus a amava e a aceitava como ela era, caso contrário, não teria permitido que ela viesse ao mundo. O vínculo que mantinha com a religião influenciava diretamente sua relação com sua sexualidade. Beatriz não se permitia sentir prazer, afirmava não pensar em “coisas erradas” e que sexo, para ela, só seria possível após o casamento.

Nesse sentido, levando-se em consideração o modo como se deu a construção de sua sexualidade, a paciente, durante as sessões, não conseguia pronunciar termos relativos ao sexo, como órgãos genitais, masturbação, orgasmo, entre outros. Sentia-se extremamente desconfortável e, por vezes, ocultava seus olhos com as mãos ao se referir a esse tema, em expressão indicativa de vergonha. Ao mesmo tempo, afirmava que não gosta dos atendimentos realizados no Ambulatório de Sexualidade, onde fazia acompanhamento hormonal e também terapêutico, justamente pelo fato de que lá aconteciam discussões que tinham em seu cerne a questão da sexualidade, o que forçava a paciente a ter que entrar em contato direto com esse aspecto de sua vida. Beatriz relata que não manteve relacionamentos duradouros com outras pessoas justamente em decorrência do preconceito e de sua timidez frente ao outro. De acordo com a paciente, sempre que ela revelava sua condição transexual a seus namorados/parceiros, eles prontamente terminavam o relacionamento. Por outro lado, Beatriz se apresentava durante a psicoterapia como uma “mulher que tem um defeito”, não como transexual.

O preconceito percebido pela paciente também pôde ser notado no que se refere aos trabalhos desempenhados por ela ao longo de sua vida. Durante as primeiras sessões, trabalhava em uma loja de materiais de telecomunicação e, como afirmado por ela, quase que diariamente era ridicularizada por clientes da loja ou, por uma outra vertente, era constantemente convidada para encontros sexuais casuais. Esses dissabores a fizeram desistir desse emprego. Com a ajuda do pastor de sua igreja, Beatriz conseguiu uma colocação em um salão de beleza, do qual o pastor era dono. Era responsável pela limpeza do estabelecimento e, eventualmente, auxiliava cabeleireiros e manicures no trato dos clientes.

É interessante notar, no decorrer das sessões, uma evolução na qualidade da relação da paciente com o terapeuta e entre a paciente e o mundo circundante. Se no início dos atendimentos Beatriz se mostrava ansiosa, por vezes desviava o olhar e sempre se mostrava tímida e transpirava abundantemente, nas sessões posteriores conseguiu se manter mais confortável dentro do *setting* terapêutico. Fisicamente também foi possível notar uma mudança na paciente: nos primeiros encontros Beatriz era morena,

usava franja, se vestia com roupas femininas um tanto quanto infantilizadas, mochila rosa e enfeitada com desenhos, sapatos discretos e pouca maquiagem. No decorrer das sessões a paciente pintou o cabelo de loiro, passou a usar vestidos e roupas mais decotadas, bolsas próprias de mulheres adultas, maquiagem bem definida e lentes de contato verdes.

O que ficou intensamente marcado no início do processo terapêutico foi justamente o fato de não aceitar seu pênis. A paciente afirmava que por vezes já pensara em se automutilar, chegando inclusive a se ferir durante uma tentativa desesperada de ablação do membro. O órgão masculino é por ela definido como “erro”. Em contrapartida, comunicava que jamais conseguiria realizar tal ato autodestrutivo, por não conseguir pensar no desgosto que causaria a seus pais caso tomasse essa atitude. Nesse sentido, o discurso de Beatriz vinha carregado de expectativas em relação à cirurgia de redesignação sexual, a qual estava prevista para ocorrer em meados de 2013. Como que em um passe de mágica, a paciente afirmava que, após a cirurgia, todos os seus problemas estariam resolvidos e ela, finalmente, poderia ser o que sempre foi, isto é, uma mulher.

Ademais, foi possível notar, também, uma diferença marcante na sua forma de se relacionar consigo mesma. Beatriz, que no início do processo se mostrava preocupada com as impressões que causava às outras pessoas e se sentia, como afirmado por ela própria, uma “louca” e uma “aberração”, conseguia, ao término do processo, se olhar de forma mais carinhosa e se importar/perturbar menos com a opinião e os olhares de estranhos, isto é, daqueles com os quais não mantinha relação alguma. Isso ficou evidenciado, por exemplo, pelo fato de afirmar que já conseguia externalizar suas opiniões no trabalho e que já não sentia mais vontade de chorar todas as vezes em que se via envolvida em algum conflito, como discussões familiares ou desentendimentos ocorridos no contexto de trabalho.

Após um ano de acompanhamento psicoterapêutico, a paciente relata que se engajou em um relacionamento afetivo com um homem de sua idade e que optou pela interrupção da psicoterapia, dando como justificativa a falta de tempo, por conta do trabalho. Entretanto, em sua última sessão, ficou evidente

a mudança de paradigma que se instaurou na vida de Beatriz. A paciente já não mais aguardava a cirurgia para que se realizasse enquanto mulher. Nesse sentido, afirmou que a cirurgia serviria somente como correção de um defeito que tinha, mas que, mais do que isso, apenas ela poderia fazer.

No que diz respeito às expectativas da pessoa transexual em relação à cirurgia de redesignação sexual, considera-se relevante a necessidade de ser tratado como uma pessoa do sexo oposto ao seu sexo biológico (Pinto & Bruns, 2003), o que pôde ser observado na relação de Beatriz com sua mãe, mas não com seu pai. Nesse sentido, o acompanhamento terapêutico se mostra importante, na medida em que possibilita ao sujeito operar uma ressignificação das relações afetivas estabelecidas, propiciando uma visão ampliada dos vínculos e das pessoas. Além da vivência de seu novo papel anteriormente à cirurgia, é evidente que a realização do procedimento cirúrgico é ardentemente desejada, na medida em que propiciará uma adequação de seu corpo a seu gênero, eliminando assim o conflito que essa discordância origina (Pinto & Bruns, 2003).

Entretanto, como assinalado por Arán, Zaidhaft e Murta (2008), é importante que se estimule o questionamento crítico do desejo dos pacientes pela cirurgia de transgenitalização, sendo este também um critério diagnóstico para a transexualidade. No caso de Beatriz, ficou evidente, em seu discurso, seu desejo incontestável pela cirurgia, pelo menos até a interrupção dos atendimentos. Além disso, é preciso considerar que já existe a previsão de alteração no registro civil de transexuais mediante diagnóstico, não sendo necessária a realização da cirurgia para que ocorra a mudança legal do nome de batismo original para o nome social escolhido pela paciente (Lionço, 2008), o que já havia sido conquistado por Beatriz.

A cirurgia de redesignação sexual tem, para a pessoa transexual, um significado singular, pois representa uma forma de integração entre o indivíduo e a sociedade, e uma eliminação da dualidade sexual vivida pelo paciente (Pinto & Bruns, 2003). Levando-se em consideração os relatos de Beatriz, esse significado ficou evidenciado e ampliado, tendo em vista a sua visão de que “tudo iria mudar” após a realização da cirurgia. Nesse sentido, como afirmado

por Pinto e Bruns (2003), o transexual homem-para-mulher, como é o caso de Beatriz, poderá assumir seu sexo feminino psicológico, vivendo de forma plena e íntegra, podendo conviver de maneira harmoniosa com seu corpo e assumindo uma atitude mais afetuosa e prazerosa consigo mesma. Contudo, cabe ressaltar que a intervenção cirúrgica, ao contrário do que parecia acontecer nas expectativas altamente idealizadas que foram explicitadas por Beatriz, não opera milagres. Ela carrega em si a possibilidade de adequação do sexo, mas, ao mesmo tempo, não elimina a memória inconsciente de traumas vividos por cada indivíduo, que precisam ser resignificados no intuito de que haja uma harmonização entre o sexo biológico e o psíquico (Pinto & Bruns, 2003).

De acordo com Toledo e Pinafi (2012), o objetivo da clínica psicológica voltada às necessidades do público LGBT não reside na tentativa de fazer com que o indivíduo, considerado como pertencente a uma minoria, viva feliz apesar de sua condição de marginalizado ou que se sinta “normal” diante de uma norma socialmente estabelecida. Para essas autoras, o importante na clínica é justamente fazer com que esses indivíduos assumam e apreciem positivamente sua diferença. Nesse sentido, fica evidente a evolução de Beatriz no que diz respeito à aceitação de sua condição. Ao afirmar que se sente “uma mulher com um defeito”, a paciente pode não estar necessariamente negando sua transexualidade, mas, ao contrário, afirmando sua condição de “mulher diferente” de outras mulheres, ou seja, de um sujeito transexual.

Cabe ressaltar também que, ainda que a cirurgia de transgenitalização só seja autorizada após o estabelecimento do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero, evidenciando o caráter patologizante que é colocado sobre esses indivíduos, o mesmo movimento acabou por institucionalizar o debate sobre a transexualidade no âmbito da saúde pública no Brasil, permitindo aos transexuais o acesso ao tratamento e aos cuidados médicos e psicológicos, amenizando a sua condição de extrema vulnerabilidade (Arán, Zaidhaft & Murta, 2008). Contudo, de acordo com as referidas autoras, isso não significa que a solução encontrada para o reconhecimento de uma situação de sofrimento, isto é, a categorização em termos de um diagnóstico psiquiátrico, seja a forma mais adequada de socialização desses indivíduos. Não sendo o

gênero uma essência, mas sim uma possibilidade de vir a ser, evidenciada por seu caráter sempre provisório de construção sócio-histórica, o destino dos indivíduos transexuais depende de atores políticos e clínicos implicados nas relações de ajuda, fazendo com que as possibilidades de subjetivação estejam de acordo com as contingências desses indivíduos.

Considerações finais

Buscou-se, no decorrer do processo terapêutico, não a confirmação diagnóstica de um estado de transtorno de gênero, mas compreender uma trajetória singular de subjetivação, na tentativa de fomentar a abertura de possibilidades que permitissem que a transexualidade pudesse ser vivenciada e revelada em toda sua inteireza. Assim, como afirmado por Arán (2006), a transexualidade não faz com que seja fixada uma única posição subjetiva, mas, a partir do acompanhamento psicológico, permite que ocorra um deslocamento da manifestação social da transexualidade, permitindo que esta possa ser traduzida em uma modalidade de funcionamento específico e individual. Essa compreensão, se propagada pelos serviços de saúde, pode fazer com que ocorra uma fuga da tendência à psiquiatrização e, também, da violência exercida pela interpretação psicanalítica.

No percurso de elaboração do presente estudo de caso ficou evidente a escassez de material acadêmico que se proponha a discutir a transexualidade a partir de uma perspectiva dos próprios indivíduos transexuais. Mais do que isso, ficou evidenciada a carência de estudos que tenham como referência a transexualidade. Nesse sentido, encontram-se trabalhos referentes ao preconceito e à estigmatização sofrida em decorrência da persistente patologização das pessoas desviantes da heteronormatividade compulsória, porém não se encontram estudos que apresentem a visão/versão daqueles que sofrem a ação desses processos. Questões referentes à saúde pública, no que diz respeito às DST/aids, ao uso de drogas e aos riscos sofridos pela tentativa desesperada de eliminação do órgão sexual masculino, são largamente discutidos, todavia, parece não existir a preocupação com a subjetividade desses indivíduos.

Isso não significa que as pesquisas já produzidas e publicadas sejam de menor importância ou relevância prática, mas, ao contrário, implica em dizer que é necessária uma visão ampliada desses sujeitos, legitimando seus anseios e aspirações, enquanto seres de desejo e portadores de direito e seres de desejo.

É interessante que se produzam novas investigações, que permitam identificar as necessidades dos sujeitos trans e que expressem as particularidades inerentes às relações estabelecidas por essas pessoas, distanciando-as do foco negativo da patologia e encarando-as como sujeitos do inconsciente e de cidadania, implicados em uma vida que vai além do discurso da diversidade sexual, não deixando de lado esse aspecto, evidentemente, mas, ao mesmo tempo, não o colocando no cerne das discussões.

Referências

- Almeida, G. (2012). 'Homens trans': novos matizes na aquarela das masculinidades?. *Revista de Estudos Feministas*, 20(2), 513-523.
- Arán, M. (2006). A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. *Ágora*, 9(1), 49-63.
- Arán, M. & Murta, D. (2009). Do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero às redescrições da experiência da transexualidade: uma reflexão sobre gênero, tecnologia e saúde. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 19(1), 15-41.
- Arán, M., Murta, D., & Lionço, T. (2009). Transexualidade e saúde pública no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(4), 1141-1149.
- Arán, M., Zaidhaft, S., & Murta, D. (2008). Transexualidade: corpo, subjetividade e saúde coletiva. *Psicologia & Sociedade*, 20(1), 70-79.
- Becker, H. S. (2008). *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bento, B. (2011) Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. *Revista Estudos Feministas*, 19(2), 549-559.
- Butler, J. & Rios, A. (2009). Desdiagnosticando o gênero. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 19(1), 95-126.
- Carrara, S., Ramos S., & Caetano, M. (2003). *Política, direitos, violência e homossexualidade: 8ª Parada do Orgulho GLBT - Rio*. Rio de Janeiro: Pallas.

- Lionço, T. (2008). Que direito à saúde para a população GLBT? Considerando direitos humanos, sexuais e reprodutivos em busca da integralidade e da equidade. *Saúde & Sociedade*, 17(2), 11-21.
- Picazio, C. (1998). *Diferentes desejos: adolescentes homo, bi e heterossexuais*. São Paulo: Edições GLS.
- Pinto, J.C. & Bruns, M.A.T. (2003). *Vivência transexual: o corpo desvela seu drama*. Campinas: Átomo.
- Toledo, L. G & Pinafi, T. (2012). A clínica psicológica e o público LGBT. *Psicologia Clínica*, 24(1), 137-163.

PSICODIAGNOSTICO INTERVENTIVO: PRESSUPOSTOS E DIRETRIZES
DONATELLI, Marizilda Fleury - Universidade Paulista – UNIP

O objetivo deste trabalho é refletir e aprofundar o conhecimento sobre os pressupostos epistemológicos que nortearam o processo Psicodiagnóstico ao longo de décadas, bem como contextualizar as atuais diretrizes processo quando realizado de forma Interventiva. O ponto de partida para tal reflexão foi a pesquisa literária sobre os temas acima descritos e a experiência clínica da autora. Como consequência foram explanados os paradigmas que deram subsídios ao conhecimento científico, ou seja, foram situados os paradigmas religioso, positivista e fenomenológico e sua correspondência com os diferentes modelos de avaliação psicológica. Destacando a concepção atual do Psicodiagnóstico Interventivo realizado com crianças e seus pais, enfatizou-se por um lado, suas etapas caracterizadas por diferentes tipos e entrevistas tais como: entrevista inicial, entrevista de anamnese, entrevistas devolutivas que se referem ao atendimento em grupo de pais. Por outro lado, quanto aos procedimentos utilizados com as crianças foram destacadas as entrevistas lúdicas, atividades de colagem e demais técnicas utilizadas com vistas conhecer o mundo interno infantil. Abordou-se ainda a questão dos tipos de intervenções que delineiam um modo de conduzir o atendimento nesta modalidade, distinguindo-se as intervenções verbais e mais subjetivas das intervenções concretas e, portanto, mais objetivas. Por fim, foram feitas considerações históricas e contemporâneas sobre as famílias que são de fundamental importância para a efetivação do processo de Psicodiagnóstico Interventivo, dando prioridade ao fato de que os pais são vistos como co-

construtores da compreensão diagnóstica. A esse respeito, considerou-se que as famílias modernas não são mais aquelas tradicionalmente constituídas e por esta razão as teorias e os processos psicológicos devem ser atualizados, incorporando as tendências da vida moderna. Neste contexto destacam-se também a tecnologia, ou melhor, o quanto à utilização dela afeta, modifica ou suprime as relações interpessoais.

Palavras-chave: Psicodiagnóstico Interventivo, Pressupostos, Contemporaneidade

DEMANDAS CLÍNICAS NOS SERVIÇOS – ESCOLA “OS SINTOMAS DE NOSSO TEMPO E A APOSTA DO E NO SERVIÇO ESCOLA” Profa. Ms. Maria Cristiane Nali - FAAT faculdades

Quais as demandas que se fazem presentes hoje num Serviço Escola? Será que diferem muito de anos atrás? Seria necessário um levantamento histórico-bibliográfico para nos determos a isso, mas certamente podemos afirmar: A demanda em Serviços Escola na atualidade apresenta sintomas reveladores de nosso tempo, do ponto de vista psíquico, mas também os aspectos sociais, econômicos e políticos importantes. Alguns autores acompanharão essa reflexão, como Figueiredo (2009), que afirma que um dos aspectos marcantes da “crise da modernidade” estaria relacionado ao processo que ele denomina de “dessubjetivação”. Como essa questão se apresenta no Serviço Escola? Como estamos preparando os futuros psicólogos neste aspecto? Afinal eles também fazem parte deste “nosso tempo”. Será a partir dessas questões disparadoras que desenvolverei ideias da nova concepção de Serviços Escola, junto aos novos Projetos Pedagógicos de Cursos de Psicologia. Destacando que a proposta do Serviço Escola que apresentarei não está mais restrita ao atendimento clínico (clássico), mas ligado aos projetos sociais e à chamada Clínica do Social. Algumas propostas (e apostas) serão apresentadas para direcionarem os trabalhos, a exemplo disso, um novo lugar do Serviço Escola: fazer parte da Rede Básica de Saúde do Município e a diversidade de (im)possibilidades que daí advém.

RESUMOS

✓ **OFICINAS DE CRIATIVIDADE**

OFICINAS DE CRIATIVIDADE EM UM HOSPITAL PSIQUIÁTRICO NA CIDADE DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS. CARDOSO, Michele Aparecida; CARDERELI, Ludmila (supervisora). Curso de Psicologia, Instituto de Ciências Humanas, UNIP - Universidade Paulista. São Paulo – São José dos Campos, 2013.

O presente relatório refere-se ao período do estágio obrigatório da matéria Psicopatologia Especial para os estudantes do 4º ano de Psicologia, realizado no Hospital Psiquiátrico Francisca Júlia no período compreendido entre 23 de Agosto a 09 de Novembro de 2012. O citado estágio visa fornecer aos estudantes conhecimentos práticos relativos a atividade de um psicólogo em instituições psiquiátricas; como também, elaborar oficinas terapêuticas com os usuários, compreender as possibilidades e limites de atuação clínica do psicólogo em equipes multidisciplinares, elaborar hipóteses diagnósticas e prognóstica, além de solidificar os conhecimentos teóricos apreendidos em sala de aula por meio da prática profissional. A proposta de metodologia foi a de oficinas de criatividade com produção de mandalas, na qual visava ampliar a consciência dos portadores de transtorno mental, como também as potencialidades e possibilidades de atuação no mundo em que vivem. Este relato busca abordar os aspectos metodológicos relacionados com a atividade supracitada, mormente os objetivos que nos propusemos alcançar, as razões que justificam o acompanhamento e consequente supervisão da referida actividade, a descrição das ações realizadas no local, o levantamento das principais patologias observadas e por fim recomendações e sugestões sentidas por parte dos estagiários.

Palavras-chave: Oficinas de Criatividade, Hospital Psiquiatrico, Mandalas.

OFICINA DE CRIATIVIDADE E A SUBJETIVIDADE EM FOCO. SENATORE, Patricia; BILBAO, Giuliana. (orientadora). Universidade Paulista

Este trabalho foi desenvolvido a partir do relato vivencial de experiência da autora, enquanto estudante do quinto ano de Psicologia e participante das

Oficinas de Criatividade desenvolvidas ao longo de um semestre letivo. Sabe-se que a informação ganhou espaço de tal forma que acaba por não permitir lugar à experimentação, como se o conhecimento advindo das teorias fosse suficiente em si mesmo para dar conta das demandas de futuros profissionais. Considerando o psicólogo como o “profissional do encontro”, há na disciplina de Oficina de Criatividade, campo de estágio supervisionado da Universidade Paulista/UNIP, a proposta de que o estudante possa ser confrontado com situações que não tratem de simples aquisição de conhecimentos nos moldes tradicionais como conhecemos ou entendemos o “fazer ciência”, mas de situações vistas como campo para experiências, que legitimem outros modos válidos de conhecer. Com a proposta de atendimentos realizados em grupos específicos e orientados por facilitadores, a Oficina de Criatividade faz uso de recursos expressivos, geralmente de natureza artística. A utilização destes tem o objetivo de proporcionar a expressão de sentimentos, valores e preconceitos dos participantes, favorecendo, assim, a discussão, reflexão, análise e possível (re)elaboração daquilo que é abordado, caracterizando-as como espaços de elaboração da experiência pessoal e coletiva. Nos moldes como ocorre, os estagiários desta disciplina vivenciam, pelo período de um semestre letivo, a experiência de serem participantes deste processo, sendo o papel de oficinairo assumido pelo supervisor de estágio; é a partir do segundo semestre letivo que o estagiário passa à prática propriamente dita, assumindo o papel de oficinairo e atuando nos mais diversos contextos institucionais. Nas Oficinas de Criatividade, todas as atividades são norteadas por um pedido, um tema de apoio para a produção; o processo vivido após o pedido desdobra a experiência em diversos níveis. O grupo em que a autora vivenciou a experiência foi composto por dez participantes, com encontros semanais. Para que se justifique seu papel de pesquisadora e próprio sujeito da pesquisa, temos uma prática baseada nos pressupostos de uma concepção fenomenológica de homem e de conhecimento. Retomando o conceito de intencionalidade husserliana, a discriminação sujeito e objeto como separados perde seu espaço, pois vê-se consciência e objeto co-originários e implicados mutuamente; dessa forma, devemos centrar os esforços nos estudos da subjetividade. Como método, foram realizadas as Versões de Sentido após a

realização de quatro oficinas eleitas como as mais significativas; em momento posterior foram realizadas as leituras das primeiras anotações produzidas e a reescrita destas, de forma a apurar o seus significados; e, por fim, foi preconizado um distanciamento reflexivo, analisando a vivência e enunciando os seus significados. A Oficina de Criatividade configurou-se enquanto espaço de deslocamento e ruptura de hábitos, autoconhecimento, encontro com a alteridade e ressignificação de afetos, experiências e situações, com alcance individual e coletivo, disparando um aprendizado mais expressivo e potente e possibilitando o desenvolvimento pessoal concomitantemente com o preparo profissional.

Palavras-chave: Oficinas de Criatividade; Subjetividade; Formação do Psicólogo.

OFICINA CRIATIVA: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UM NÚCLEO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL. FREITAS, Francisca Clenilma da Rocha; MOITA, Ivani de Sousa; SILVA, Geovana Maria; VILLA, Renata Triper Mansano; POPPE, Andrea Regina Soares. (Universidade Paulista – UNIP/Rangel-Santos)

O presente trabalho é um relato de experiência sobre a realização de oficinas terapêuticas de criatividade executadas no Núcleo de Atenção Psicossocial - NAPS V, na cidade de Santos/SP, aplicadas por estudantes de Psicologia do 4º ano do Campus UNIP Rangel-Santos por um período de 01 ano. As Oficinas de criatividade caracterizam-se como atividades de elaboração da experiência pessoal e coletiva através do uso de recursos expressivos, tais como movimento corporal e atividades de expressão plástica e de linguagem. Nesse sentido, objetivou-se criar um espaço para o desenvolvimento e o exercício da autoestima e autoconhecimento, resgatando a memória dos indivíduos, dando ênfase ao processo terapêutico dos pacientes do Hospital-Dia, como também de seus familiares, além de facilitar a interação familiar/paciente/instituição em suas relações interpessoais. Foram realizadas oficinas de criatividade com os pacientes, familiares e colaboradores da instituição, semanalmente com duração de duas horas. Foram utilizados diversos materiais como: argila, tintas, recortes, cartolina, isopor, TNT, câmera fotográfica, rádio e material para jogos

(bingo) desenvolvendo atividades como pinturas, recorte e colagem, exposição de fotografias e oficinas de música, encerrando-se o estágio com a realização de um bingo. Para embasamento e compreensão do trabalho realizado, utilizou-se como referencial teórico a Psicologia Humanista de Carl Rogers. Constatou-se que em sua maioria, os usuários, seus familiares e colaboradores do NAPS V aderiram ao projeto, participando e interagindo com o grupo. Foi possível verificar a melhora da autoestima dos pacientes através da participação cada vez mais ativa no processo e nos resultados de suas produções. O trabalho permitiu o resgate de valores que outrora haviam sido perdidos, melhorando a interação e a comunicação entre os participantes, favorecendo o desenvolvimento do vínculo terapêutico entre os estagiários e pacientes, o que possibilitou que fosse criado um espaço de reflexão e aprendizagem. Durante as oficinas terapêuticas, foi observado que o vínculo é fundamental no tratamento de pessoas com uma patologia mental. Concluiu-se que as oficinas possibilitaram a criação de um ambiente de acolhimento e escuta aos usuários, facilitando a expressão da afetividade, angústias, alegrias e anseios, e aos estagiários, uma vivência ímpar no âmbito da Saúde Mental, de forma que puderam estar com os sujeitos desconstruindo qualquer preconceito e estereótipo acerca da loucura, tornando-os multiplicadores da idéia de que pacientes psiquiátricos podem e devem ser inseridos na sociedade. Sendo assim, as oficinas terapêuticas se configuram como essenciais na atuação do psicólogo com pacientes da saúde mental.

Palavras-chave: oficinas de criatividade; saúde mental; autoestima; vínculo.

ESTÁGIO EM OFICINA DE CRIATIVIDADE – UMA EXPERIÊNCIA QUE TOCOU. BARRELLA, Carmen Gonçalves; SANT’ANA, Luana (Supervisora) Universidade Paulista– UNIP

Este trabalho apresenta a experiência vivida no segundo semestre de 2012 no estágio da disciplina: Práticas Psicológicas em Contextos Específicos (Centro de Psicologia Aplicada/Pompéia – Universidade Paulista – UNIP). As práticas foram realizadas por meio de Oficinas de Criatividade em uma Instituição de apoio para crianças e jovens em situação de risco social, com um grupo de

quinze adolescentes com idades entre doze e quatorze anos. Este grupo foi escolhido pela Instituição por ser o que apresentava maior dificuldade de relacionamento e maior demanda de apoio psicológico, dadas características como: a fase de desenvolvimento (puberdade e adolescência), complicações sociais dos integrantes e uma dinâmica própria de funcionamento baseada em padrões invasivos e agressivos que os tornava “o pior grupo da Instituição” (sic). Nas primeiras Oficinas a dupla de estagiárias pôde constatar o peso do estigma de ser “o pior”. A reação dos adolescentes para com as estagiárias foi de hostilidade e desrespeito, assim como acontecia frente às demais atividades e pessoas da Instituição e entre os próprios integrantes do grupo. A situação desesperançosa e desesperada desses meninos e meninas foi levada pela dupla de estagiárias para a supervisão e nesse ambiente seguro, em um trabalho conjunto com os colegas e a supervisora, foram buscadas alternativas de acesso ao grupo de adolescentes. O processo de aprendizado foi rico e possibilitou na prática reconhecer a teoria estudada na disciplina. O desafio de se aproximar dos adolescentes exigiu transformações pessoais na dupla de estagiárias, principalmente em relação à experiência de se deixar tocar por outra realidade e aprender com ela. Os jovens passaram a aderir às atividades propostas e muitos, pela primeira vez, experimentaram a sensação de pertencimento. As relações se modificaram e a cada Oficina aumentaram as oportunidades de expressão de sentimentos, desejos, inquietações e a surpresa de ser olhado e reconhecido como ser único. Trabalhou-se identidade, pertencimento, respeito, regras sociais, individualidade e alteridade com recursos lúdicos como a construção de bonecos em biscuit, casa dos bonecos em sucata, criação da história dos bonecos e finalmente um documento de identidade do boneco de cada jovem, oportunizando a apropriação de noções como identidade, cidadania, singularidade, pertencimento. O resultado do trabalho realizado ao longo do semestre teve dois aspectos fundamentais: por um lado, um grupo de adolescentes tido como o “pior grupo” podendo ser reconhecido mais afável, realizador e participativo na Instituição e sendo recolocado no lugar de pertencimento de meninos e meninas carentes e desorientados, porém com muitas possibilidades de crescimento. Por outro lado, estagiárias que experimentaram a integração real

entre teoria e prática, na construção de um conhecimento que foi além do acadêmico e que as transformou para a vida e para a profissão.

Palavras-chave: Oficina de Criatividade; integração; pertencimento; construção de conhecimento.

ARTE E SENTIDO: A VIDA COMO ENCONTRO. GONÇALVES, Lidiane; ANTÔNIO, Ludmila Carolina; GONZALEZ, Marcela Laís de Melo; CARNIEL, Isabel Cristina. (Universidade Paulista UNIP. Ribeirão Preto/SP).

A arte (do latim *ars*, significando técnica e/ou habilidade) pode ser entendida como a atividade humana ligada as manifestações de ordem estética ou de comunicação, concebida a partir da percepção, das emoções e das ideias, com o objetivo de estimular essas instâncias da existência e dar um significado. Se pensarmos em técnica no sentido fenomenológico-existencial, como “*téchne*”, ou seja, em “deixar vir a presença”, sem manipular, podemos ver a arte e “*téchne*” muito próximas. Nesse sentido podemos pensar na Arte como possibilidades de expressão de afetos e sentimentos, através da “*téchne*”, cujo o fazer “artístico”, permite que expressões de afetos e sentimentos aconteçam. Na perspectiva fenomenológico-existencial, o ser-aí, como pura possibilidade que se projeta em algo que ainda não é, a arte torna-se um veículo em que permite que o *dasein* (ser-aí), se mostre. Assim, no presente trabalho que se orienta nessa vertente filosófica, no fenômeno de Husserl e na hermenêutica de Heidegger, serão relatados aspectos referentes a uma Oficina de Criatividade desenvolvida em uma Residência Terapêutica na cidade de Ribeirão Preto, tendo como princípio que as Oficinas de Criatividade são uma modalidade de prática psicológica baseada no uso de recursos expressivos de natureza artística que vêm sendo descritas em suas várias modalidades e variações. Partindo do princípio de que criar pode ser uma forma de elaborar e significar vivências é importante considerar que neste sentido a criação contara com o crivo da individualidade e particularidade de cada um. Seguindo esse pensamento e desconsiderando um pouco padrões estéticos, técnicos, o criar é a mera possibilidade de expressão do existir, do *Dasain* (ser-aí), frente suas vivências com o mundo. Desta forma, pode-se observar o quão importante é a

suspensão de julgamentos e pré-concepções quando se deseja conhecer algo. uma vez que diante do fenômeno, a ausência da posição anti-natural podem limitar o conhecimento e a abertura para aquilo que se mostra. Assim, as atividades variaram entre passeios, produções artísticas e leituras de textos e poesia, estimulando o diálogo com os moradores. É importante considerar que nessa relação com os residentes também foi uma atitude de estar-com, o que nos permitiu acompanhar o movimento existencial deles, numa atitude muito próxima de acompanhantes terapêuticos. Os trabalhos artísticos foram um meio colaborador para o nosso contato, onde além de nos possibilitar uma aproximação, favoreceu a elaboração do discurso e a possibilidade de entrar em contato com as significações desencadeadas no momento do encontro. Seguir o outro é um trabalho que exige bastante esforço e para desenvolver um trabalho no caráter fenomenológico-existencial é fundamental. Com base nesse pensamento e na experiência da residência terapêutica, nota-se que houve um acolhimento recíproco nos encontros, abertura para novos horizontes e consequentemente novas experiências, e que houve também certa contribuição para uma maior interação social a partir de maneira de cada um estar no mundo, desenvolvendo atividades rotineiras comuns do dia-a-dia de modo mais independente apesar da assistência das cuidadoras, considerando seus limites e capacidades diante as possibilidades de existir.

Palavras-chave: Arte; existência; ser-com; oficina criatividade.

✓ **PSICODIAGNÓSTICO**

AGRESSIVIDADE OU FRAGILIDADE? - ASPECTOS DE UM PSICODIAGNÓSTICO INFANTIL. FALCONI GOMEZ, R. R; RAMOS, R. P. J; Miriam Lúcia Barreto (Supervisora) - Universidade Paulista – Ribeirão Preto.

Este trabalho apresenta a experiência de dois estagiários em um atendimento de psicodiagnóstico no Centro de Psicologia Aplicada (CPA) da Universidade Paulista campus de Ribeirão Preto (UNIP-RP), no estágio do sétimo semestre, intitulado psicodiagnóstico. Os atendimentos ocorreram semanalmente durante o primeiro semestre de 2013. Frente ao contexto, foi feito o atendimento com a mãe, com a criança e visitas domiciliar e escolar. Realizou-se o atendimento com uma criança do gênero masculino, 04 anos de idade, sendo as principais queixas apresentadas pela mãe de 32 anos: hiperatividade e comportamentos indesejáveis, como não adesão às regras e manifestações de agressividade física e verbal em casa e na escola. O objetivo desse trabalho foi o de obter uma compreensão global da criança a partir da identificação e análise das necessidades de natureza psicológica da criança e de sua família. Esse processo totalizou-se em 09 sessões, sendo que houve 03 ausências do paciente. As sessões foram divididas da seguinte maneira: 02 sessões para exploração da queixa, 01 para anamnese, 04 para ludodiagnóstico, 01 para devolutiva com os pais e 01 para devolutiva com a criança, além de uma visita escolar e uma visita domiciliar. Após cada sessão, era realizada a discussão dos conteúdos apresentados, sob orientação e supervisão do responsável pelo estágio de psicodiagnóstico. A criança apresentou características relacionadas à fragilidade, regressão, impulsos agressivos, instabilidade, dificuldade de adesão às regras, mas também gradual vinculação e preocupação em preservar as boas construções que realizou. Apesar da expressão de pulsões destrutivas, a criança demonstra em alguns momentos preocupação com a integridade dos objetos nos quais investiu a libido e isso é um indício de certa progressão nas relações, pois demonstra pudor e preocupação com as consequências de seus comportamentos para com os outros e consigo mesmo. A dificuldade de adesão às regras está relacionada à sua instabilidade e

fragilidade emocional. Sem a percepção de segurança a criança demonstra, em diversos momentos, comportamentos regredidos, indicando que não consegue elaborar emocionalmente sua situação atual. Os estagiários tiveram dificuldades na realização do psicodiagnóstico, uma vez que houve adesão parcial da mãe da criança, devido ela estar inserida em um contexto familiar já fragilizado e ter a ideia apriorística de impotência frente ao outro. Porém, foi possível mobilizar na criança e na família a compreensão de que as dificuldades apresentadas pela criança têm relação com acontecimentos importantes no interior da dinâmica familiar, no caso, vivência de conflitos envolvendo os pais e a recente ausência paterna. Assim, mãe e a criança foram encaminhadas para psicoterapia no CPA, para elaboração das demandas.

Palavras-chave: Criança; Psicodiagnóstico; Família.

FATORES RELACIONADOS A ANSIEDADE NO PSICODIAGNÓSTICO INFANTIL. Perossi, K. A; Manha, K.; BALIEIRO, C.R.B. (orientadora) – (Universidade Paulista – Ribeirão Preto – SP).

Os atendimentos foram realizados no Centro de Psicologia Aplicada (CPA) da Universidade Paulista campus de Ribeirão Preto (UNIP-RP). O processo de Psicodiagnóstico foi realizado em grupo, apoiado na abordagem Psicanalítica no estágio do 7º semestre do ano de 2013, totalizando de 12 encontros entre pais e crianças: três entrevistas com os pais, cinco encontros com a criança, devolutiva com os pais e devolutiva com a criança e visita domiciliar e escolar, utilizando, anamnese, observação livre para estabelecer um bom rapport, desenhos livres, e aplicação do Desenho Estória como procedimento auxiliar para a investigação clínica da personalidade da criança. O objetivo foi de identificar as necessidades psicológicas da criança e sua família e entregar na devolutiva final o laudo psicológico de acordo com a resolução CFP Nº. 007/2003 do Conselho Federal de Psicologia. Trata-se de uma família funcional e estruturada, e a queixa principal refere-se a problemas de aprendizagem, especificamente na dificuldade de copiar os textos da lousa, falta de atenção, apresentando lentidão, não correspondendo ao exigido pelo professor em sala de aula. De acordo com relato dos pais foi uma gestação tranquila, e a criança

contemplou aspectos relacionados ao seu desenvolvimento no período esperado, tem um bom relacionamento com os pais e com outras crianças. É amoroso e inteligente. A mãe está grávida e, algumas vezes, chegou a ser agressiva com a situação de seu filho. Foi identificada que a criança apresenta boa, capacidade de se comunicar em grupo, iniciativa, autonomia. Apresentou aspectos relacionados a criatividade, e principalmente aceitação, necessidades e preocupações com aceitação e êxito pessoal. Demonstrou insegurança, necessidade de proteção, abrigo e dificuldades em relação ao seu crescimento. A criança está vivendo um momento importante de seu desenvolvimento, pois, está em busca de identidade e identificação com o próprio sexo, o que conota um aspecto de identificação positiva. Em contrapartida também apresentou aspectos relacionados a problemas de autoimagem, o que caracteriza um aspecto de identidade negativa. Em relação às figuras significativas pôde-se identificar que a figura materna é vivida como ameaçadora, controladora e exploratória, ausente e omissa e a figura paterna foi representado também como um objeto ameaçador, autoritário, ausente e omissa. Como resultado da avaliação a criança encontra-se organizada e apresenta um desenvolvimento condizente com a sua idade. Existe um sentimento conflitante entre a sua vontade de ajudar e um sentimento de desamparo. Ele demonstra ser um menino pró-ativo, mas que por vezes sente necessidades de mais atenção, e de ser protegido. Há também características de imaturidade com relação as suas obrigações diárias, mas que não apresentam nenhum tipo de prejuízo. A este aspecto foi considerado que os aspectos relacionados a um excesso de organização pode fazer com que a criança sinta-se ansiosa e diante de tanta exigência, se desorganiza rapidamente por não apresentar maturidade emocional, a mesma será encaminhada para acompanhamento em Psicoterapia Individual.

Palavras-chave: Psicodiagnóstico; Família; Criança.

PSICODIAGNÓSTICO INTERVENTIVO INFANTIL: ESTRATÉGIAS INOVADORAS E A DEVOLUTIVA COM LIVRO DE HISTÓRIA. SIMÕES, Fatima Itsue Watanabe - Universidade Paulista.

Esta apresentação constitui-se do relato de experiências de estágio supervisionado de Psicodiagnóstico, desenvolvido na clínica-escola de uma Universidade. O objetivo principal é o de refletir sobre o livro de histórias, instrumento que utilizamos no psicodiagnóstico infantil interventivo segundo a abordagem fenomenológica. Entendemos o psicodiagnóstico de uma perspectiva interventiva, integrando aspectos avaliativos e terapêuticos de tal forma que as devolutivas parciais ocorrem ao longo do processo. O encerramento do psicodiagnóstico pode dar-se de diferentes maneiras. Uma delas é a devolução diagnóstica à criança por meio da elaboração de um livro de história infantil. Não qualquer história, mas aquela história (SINATTOLLI, 2008) que o cliente realmente necessite escutar para integrar o que foi tocado durante todo o processo e que, ao mesmo tempo, possa fazer-lhe sentido ou ajudar a ressignificar determinados conteúdos. O enredo da história normalmente tem como pano de fundo a própria história do cliente, seus medos, conflitos, dificuldades e até mesmo os conteúdos suscitados no decorrer do psicodiagnóstico. Normalmente a história relatada no livro diz respeito a um personagem, não necessariamente ele, mas alguém com quem o cliente possa identificar-se. O livro é lido e entregue à criança no último dia de atendimento. O propósito é o de que a criança possa levar consigo algo que lhe ajude a gradativamente se apropriar das analogias e compreender o motivo pelo qual foi levado à clínica e, assim, elaborar a sua problemática na medida de suas possibilidades egóicas. Pretende-se também que, mesmo após o encerramento do processo, ela possa continuar elaborando os conteúdos que, porventura, não puderam ser compreendidos até aquele momento. A confecção do livro de história é uma metáfora que expressa a síntese do processo psicodiagnóstico. Tem por objetivo principal possibilitar a criança o entendimento de seu sintoma e a percepção de sentimentos por ele suscitados, contextualizando-o no enredo de sua história pessoal e familiar e considerando o momento evolutivo da criança e seus recursos para lidar com as situações apresentadas. Diversas são as reações das crianças ao serem apresentadas aos livros: prontamente se identificam com os personagens, manifestam interesse e disponibilidade para interagir e participar da narrativa da história contada sente desejo de partilhar com pais, colegas e professores. Sendo

assim, pelo fato da criança se identificar com os personagens e a história apresentada, a devolutiva em forma de história tem-se mostrado uma possibilidade lúdica, que pode auxiliar a criança no trabalho de elaboração psíquica dos conteúdos despertados no processo terapêutico, contribuindo para o conhecimento e fortalecimento de si mesmo.

Palavras-chave: psicodiagnóstico interventivo; livro-história; clínica infantil.

A PRÁTICA DO PSICODIAGNÓSTICO INTERVENTIVO NO CONTEXTO DA CLÍNICA DE PSICOLOGIA APLICADA (CPA). GERALDE, Deolinda Rita; PEDROSO, Ana Karina V. Schil; PASSINI, Napoleão Filho; ROCHA, Jaíne Meireles; DIAS, Raul de Freitas. UNIVERSIDADE PAULISTA/UNIP.

Este trabalho pretende demonstrar a prática do Psicodiagnóstico Interventivo com base na fenomenologia-existencial, no contexto da Clínica de Psicologia Aplicada (CPA) da UNIP – Universidade Paulista. Com o responsável foram realizados: entrevista inicial, para a coleta de dados da queixa e da contextualização da criança e de sua família; entrevista de anamnese, uma entrevista devolutiva com caráter interventivo, que consistiu em um feedback à mãe sobre a situação de seu filho, após o encontro com a criança; entrevista devolutiva final com o objetivo de apresentar a compreensão obtida durante o processo sobre a queixa apresentada, as modificações ocorridas, as orientações sugeridas e o encaminhamento proposto. Com a criança foram realizadas: quatro observações lúdicas grupais com o intuito de observar a socialização, integração e desenvoltura da criança, sua ligação com o mundo e sua disposição afetiva; visita escolar procurando ter um maior entendimento da criança no ambiente escolar, assim como entender o olhar da escola em relação a ela; visita domiciliar, na qual buscamos entrar em contato com o espaço da criança e obter uma maior compreensão das relações familiares, com o objetivo de investigar a dinâmica das relações, relação da díade mãe e filho; consiste em facilitar o acesso aos conteúdos inconscientes em conjunto com o desenho, pintura ou algum tipo de escrita; devolutiva final através da elaboração de um livro infantil a partir da história da criança. É um livro que descreve a compreensão dos resultados obtidos no psicodiagnóstico sobre a vida da criança, aspectos do seu desenvolvimento, suas relações

psicossociais, através de metáforas dos acontecimentos da sua própria vida, fazendo com que se aproprie melhor de seus problemas, potencialidades e possibilidades. A criança nasceu com catarata congênita que evoluiu para glaucoma, acarretando perda da visão e alteração estética no olho direito. Passou pelo processo psicodiagnóstico por solicitação da mãe, que entendia que seu filho sofria com os apelidos, brincadeiras ou curiosidades das outras crianças em relação ao seu olho e temia as consequências que isto traria à vida do filho. Durante a avaliação observamos que os aspectos cognitivos, motores, emocionais e sociais eram adequados para a idade, e que a alteração visual não prejudicou seu desenvolvimento. Na escola, segundo a professora, o comportamento social e o desempenho escolar eram satisfatórios e adequados. A família demonstrou ter recursos suficientes para suportar o que acontecia com o menino. Compreendemos que a queixa era mais sentida pela mãe do que pela criança, a qual demonstrou ter recursos internos e apoio familiar para superar suas dificuldades. Concluímos que a criança não necessita neste momento de ajuda especializada, pois está desenvolvendo seus aspectos sociais, cognitivos, motores e emocionais de maneira satisfatória. Foi disponibilizada ajuda psicoterápica à mãe, se esta sentir necessidade, podendo ser atendida no plantão psicológico do CPA.

Palavras-chave: Psicodiagnóstico Interventivo; Desenvolvimento infantil; Supervisão.

A PRÁTICA DO PSICODIAGNÓSTICO: O QUE SE ENSINA NA UNIVERSIDADE? ALBERTINI, Maria Regina Brecht; CAVALINI, Santuza Fernandes Silveira; LEE, Lucia Cunha - Universidade Presbiteriana Mackenzie

O serviço-escola da Universidade Presbiteriana Mackenzie proporciona várias possibilidades de estágio aos alunos, em diferentes áreas, além de oferecer atendimento à comunidade com demandas variadas para atendimento psicológico. Dentre os estágios básicos, o Psicodiagnóstico é realizado no 8º semestre do curso e possibilita aos estagiários a experiência de atendimento clínico individual desde a triagem até o processo completo, com crianças, adolescentes e adultos. Baseado em princípios éticos, procura desenvolver o

raciocínio clínico a partir da prática do atendimento e de discussões grupais dos casos atendidos. O planejamento do processo diagnóstico, sempre individualizado, inclui a escolha de procedimentos e instrumentos para serem utilizados no atendimento, além de, muitas vezes, contato com outros profissionais e instituições. Ao final, o estagiário faz a integração dos dados, realiza a entrevista devolutiva com os encaminhamentos necessários, a partir das discussões clínicas com o supervisor. Como ensinar as técnicas de avaliação psicológica integrando seus resultados em uma compreensão diagnóstica personalizada? Quando bem utilizados, os instrumentos de avaliação psicológica são auxiliares valiosos, pela gama de informações que podem oferecer na tentativa de articular uma atuação psicológica que contemple não só o funcionamento em determinado momento de vida de um indivíduo, mas também, as diferentes interfaces de seu desenvolvimento. Compreende-se que dessa forma que o ensino do Psicodiagnóstico compreensivo pode contribuir, com seus recursos teóricos, métodos e técnicas investigativas, para redimensionar e ampliar a compreensão sobre o problema, por meio de análises que permitam incluir uma compreensão ampla e profunda das dificuldades e qualidades características do indivíduo avaliado. Dessa maneira, o objetivo principal é oferecer ao estagiário um repertório de conhecimentos que serão integrados nas atividades de atendimento.

Palavras chave: Psicodiagnóstico compreensivo; ensino de psicologia; instrumentos de avaliação psicológica.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A DEPRESSÃO PÓS-PARTO E SUAS IMPLICAÇÕES NAS QUESTÕES VINCULARES: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM PSICODIAGNÓSTICO INTERVENTIVO. CIFALI, E.A.D; ROCHA, CIRIANO, R.C;J.V.A.- Universidade Paulista/UNIP.

O presente trabalho resultou de um estudo de caso atendido segundo parâmetros do processo Psicodiagnóstico Interventivo em Clínica-Escola de Psicologia da Universidade Paulista e trata da depressão pós-parto e de suas implicações nas questões do vínculo mãe-filho e sua influência no desenvolvimento infantil. O processo Psicodiagnóstico realizado nesse serviço tem por objetivo oferecer elementos que auxiliem a compreensão global de

dificuldades no desenvolvimento psicológico de crianças, reconhecendo a importância do contexto familiar e sociocultural na constituição dos conflitos, promovendo intervenções que propiciem a compreensão conjunta cliente/psicólogo da demanda e de suas implicações. O atendimento em Psicodiagnóstico Interventivo do caso estudado foi composto de nove sessões realizadas no espaço da clínica e uma visita domiciliar, de uma menina de 4 anos e de sua mãe, que permaneceram juntas durante todos os atendimentos, sem se separarem fisicamente. As dificuldades na separação mãe-filha, provavelmente existiram em consequência de grave quadro de depressão pós-parto vivenciado pela mãe no início da vida da criança. Ao transcorrer de seu desenvolvimento, a menina mostrou dificuldade em distanciar-se do vínculo materno primário, dificultando a conquista de sua autonomia e a entrada do pai na relação, não se sentindo segura para explorar o mundo externo e investir em outras pessoas e objetos, que não a mãe. Para a compreensão do caso e para o planejamento de intervenções levaram-se em conta os conceitos de Margaret Mahler de “separação e individuação” e de “plano referencial de espelho”. Para Mahler, o ciclo vital pode ser julgado como um processo mais ou menos bem sucedido de distanciamento da mãe simbiótica e de introjeção da sua perda, sendo este trajeto percorrido por ambos, mãe e bebê. Se o “plano referencial de espelho” oferecido pela mãe não for seguro, a criança permanece sem norte perceptivo e emocional. No caso estudado, observou-se que possivelmente parte dos comportamentos regredidos da criança recebia o incentivo, ainda que inconsciente, da mãe para sua manutenção. Acredita-se que, pela depressão pós-parto, a mãe não pôde oferecer um plano de referência a sua filha, contribuindo para determinar a natureza das relações que a menina estabeleceu com o meio, não se constituindo em um plano seguro o suficiente para que se dirigisse ao terceiro. Pode ter sido criado, então, um núcleo confusional em seu eu que prejudicou seu acesso à individuação. Com o decorrer das sessões e o estabelecimento de vínculos com os estagiários, somado à rotina dos atendimentos na Clínica Escola, a criança demonstrou um movimento progressivo de independência, como se ela estivesse sendo, a cada sessão, preparada para iniciar o processo de separação-individuação, porém mostrando a necessidade de que a mãe a acompanhasse. A devolutiva

para a criança e pais foi permeada pela presença de comportamentos não observados anteriormente no que diz respeito ao processo de construção da autonomia, por parte da menina, e do respeito, por parte dos pais, às peculiaridades que compõem seu universo psíquico, evidenciando ao final, o aspecto terapêutico do processo pela evolução do caso.

Palavras-Chave: depressão pós-parto; relação pais e filhos; separação e individuação; plano referencial de espelho.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O DIAGNÓSTICO DIFERENCIAL DA PSICOSE NA INFÂNCIA, DEFICIÊNCIA MENTAL E OUTRAS ALTERAÇÕES GRAVES NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL. SENATORE, Patrícia Adriana; VASCONCELOS, Fabiula Nunes; CALIL, Regina Célia Ciriano (Orientadora) – Universidade Paulista/UNIP.

Esse trabalho tem por finalidade refletir sobre a vivência de estágio em Psicodiagnóstico Interventivo em um contexto de clínica-escola da Universidade Paulista, em Campinas, destacando a experiência e vicissitudes no diagnóstico psicológico de uma criança de 08 (oito) anos, com alterações graves do desenvolvimento infantil de etiologia não esclarecida. Não se pretende discorrer sobre os aspectos teóricos do diagnóstico, mas sim levantar alguns questionamentos relativos à sua prática, oferecendo-se subsídios para se questionar e redefinir o papel do psicólogo e demais profissionais da saúde mental como agente do diagnóstico diferencial. Quando se trabalha com diagnóstico diferencial em casos graves cujas hipóteses diagnósticas são a deficiência mental ou a psicose na infância, está-se diante, às vezes, de casos tão complexos e multifacetados que por vezes não se consegue estabelecer parâmetros claros para a atuação em saúde mental. Trata-se de quadros mistos que denotam uma desarmonia funcional, estando afetados tanto os aspectos da personalidade quanto os do pensamento. Há também a necessidade de se pesquisar de maneira mais abrangente, o meio social e a dinâmica familiar em que a criança está inserida, não só aspecto biológico e psíquico. Alguns instrumentos que têm se mostrado de grande valor são a entrevista de anamnese com os pais e a Hora de Jogo Diagnóstica, além dos

testes H.T.P. e Teste Gestáltico-Visomotor de Bender. Pode-se identificar a necessidade de se trabalhar com esses casos num enfoque mais terapêutico que diagnóstico: além de já oferecer algum nível de tratamento, permite o avanço mais confiável na investigação diagnóstica desses quadros. O caso clínico ilustrado foi composto de 10 sessões, uma visita domiciliar e uma visita escolar, com a queixa inicial referindo-se a comportamentos bizarros e violentos, dificuldade escolar e impulsividade. Tratou-se de uma criança com desenvolvimento psíquico aquém do esperado para sua idade; apresentou uma estrutura psicológica com recursos primitivos onde o reconhecimento do mundo é essencialmente sensorial em detrimento do simbólico e uma dificuldade em diferenciar-se do meio externo. Este funcionamento psíquico evidenciado pela dificuldade de contato com a realidade, fragmentação e pensamento confuso, levantou questões a respeito da hipótese de uma pré-estrutura psicótica. Em relação à avaliação do aspecto cognitivo e percepto-motor, demonstrou dificuldades maturacionais e indicação de possível comprometimento neurológico. Dessa forma, parece ser prioritário concluir-se pela necessidade de assumir uma visão objetiva e realista da situação atual que envolve a prática do diagnóstico desses casos, as dúvidas que se nos apresentam em face de complexidade dos quadros, da impossibilidade muitas vezes de chegarmos a um diagnóstico clássico, da dificuldade para se discernir o tratamento adequado, e outros aspectos citados nesse trabalho. Equipes multidisciplinares devem ser treinadas para os atendimentos destes casos num tratamento mais abrangente e, principalmente, é imprescindível o apoio para pesquisas científicas nesse campo.

Palavras-chave: Diagnóstico diferencial; Psicodiagnóstico; Psicose na infância; Deficiência Mental.

ATENDIMENTO EM PSICODIAGNÓSTICO INTERVENTIVO: UM PROCESSO PARTICIPATIVO DE UMA FAMÍLIA. Paes Jr., A., Carmo Jr., M.C.; Ione Aparecida Xavier (orientadora).

Para a Psicologia Fenomenológico-Existencial a consciência e a vida intencional determinam e são determinadas pelo mundo. Sendo assim, o

psicodiagnóstico é considerado mais do que um estudo e avaliação. Este trabalho visa o conhecimento e a análise de um caso atendido durante o primeiro semestre de 2013, por alunos do sétimo semestre, no Centro de Psicologia Aplicada do Campus da UNIP na cidade de Sorocaba/SP. Inicialmente, os avós maternos do paciente de três anos relatam um quadro de agressividade da criança. Na sessão seguinte, os pais confirmam que, a partir dos seis meses de idade, o filho passou a apresentar comportamento agressivo crescente, batendo a cabeça fortemente no chão e paredes, mordendo a si mesmo e a terceiros e jogando coisas no chão. Tais episódios se restringiam a situações com a presença dos pais e, esporadicamente, na casa dos avós maternos, sendo que na creche e na companhia da babá seu comportamento era normal. O pai apresentava momentos de explosões nos confrontos com a esposa, inclusive com murros na parede, e já havia passado por avaliação psiquiátrica com diagnóstico de surto esquizofrênico. Chegaram a apresentar, em alguns momentos, atitudes de agressão contra o filho, por não saberem como agir. O casal ainda tem uma filha de seis anos, que definiram como tranquila e normal. São realizados 14 encontros grupais com os pais e crianças, utilizando caixa lúdica e a técnica do cochicho. É realizada uma visita domiciliar, a fim de se aprimorar a compreensão da dinâmica familiar. Apresentação e discussão com os pais do documentário “Criança, a alma do negócio”. Foi elaborado e desenvolvido o livro-história, entregue no 13º encontro. Relatório final apresentado aos pais no 14º encontro. O comprometimento dos pais a participarem dos encontros mostrou-se fundamental dentro do processo. Já nas primeiras sessões o casal reconhece a correlação entre o comportamento agressivo do filho com os seus e se empenha na mudança de comportamento. Os pais também reconhecem a influência dos avós e priorizam uma maior participação na vida do filho. O cliente sempre prioriza o brincar com um caminhão cegonha, por esta razão, optou-se pela elaboração do livro-estória onde um carrinho fica agressivo diante de frustrações e adoce, deixa a família triste e é levado para os mecânicos. Ao final do processo, a família toda está feliz e se interrelaciona melhor. O garoto termina a sessão colocando o livro-estória embaixo do braço e deixa o setting dizendo: “É meu!”. O reconhecimento do entendimento do

livro-estória marca uma etapa de doze semanas com significativas mudanças familiares, com gradativa redução dos episódios de agressão e o resgate da afetividade familiar. Tal desdobramento ratifica a importância e eficácia do atendimento em psicodiagnóstico interventivo e seu processo participativo.

Palavras-Chave: Psicologia; Psicologia Fenomenológico-Existencial; psicodiagnóstico interventivo.

COMPREENDENDO A RELAÇÃO MÃE E FILHA EM UMA EXPERIÊNCIA EM PSICODIAGNÓSTICO INTERVENTIVO INFANTIL. Souza, Lidianie Chaves; Nobre, Thalita.

A finalidade deste trabalho foi apresentar, através da experiência em Psicodiagnóstico Interventivo Infantil, um modo de compreender e acolher a relação entre os pacientes (crianças) e seus pais, principalmente no que tange ao relacionamento mãe e filha. No processo Psicodiagnóstico, as questões trazidas pelo paciente foram ao mesmo tempo investigadas e trabalhadas a fim de que se pudessem construir em conjunto possíveis modos de compreendê-las. Portanto, foi um processo que visou identificar forças e fraquezas no funcionamento psicológico e permitiu que o indivíduo pudesse adequar-se à realidade, diminuindo, assim seu sofrimento, independente da psicopatologia identificada que pudesse acometê-lo. O caso em questão trouxe dados significativos para que pudéssemos perceber a influencia do relacionamento familiar, principalmente da relação da mãe com a filha no comportamento de uma criança. Tratou-se de um estudo qualitativo com o objetivo de descrever aspectos psicológicos obtidos por meio da entrevista semidirigida com os pais, anamnese, observação lúdico e aplicação de testes projetivos. Os instrumentos utilizados comprovaram a riqueza dos processos de mudança e compreensão que o Psicodiagnóstico proporciona. Assim, pode-se compreender que o psicodiagnóstico pode ir além de uma investigação, mas trouxe a possibilidade de intervenção, nos proporcionou o acolhimento dos sentimentos da criança e permitiu a criação de um vínculo afetivo entre paciente e terapeuta, ocorrido por meio da interação com os brinquedos, da escuta e da reflexão. Sendo assim, acreditamos que, pelo menos para a criança, abriram-se possibilidades para novos olhares. Ao iniciar a orientação, acreditamos que a mãe sentiu-se

angustiada diante de alguns conteúdos internos conflituosos. Isto, possivelmente, foi o estopim para que esta agisse de maneira a inviabilizar qualquer escuta ou orientação sobre sua filha e sua família. O processo serviu para esclarecer o significado do desajustamento do paciente abrindo possibilidade de compreensão de sua problemática e intervenção nos aspectos determinantes dos desajustamentos responsáveis por seu sofrimento psíquico.

Palavras-Chave: Psicodiagnóstico Infantil - Intervenção - Dinâmica Familiar – Psicanálise.

FRAGMENTOS DE UM ESTUDO DE CASO: O NÃO-PERTENCIMENTO COMO CONSEQUÊNCIA DE DISTÚRBIOS VÍNCULARES NA INFÂNCIA
GOBATO, Lucas; MOREIRA, Giselle; FERRI, Tânia; SOUZA, Patrícia
PATUTTI, Cicera Andréa Oliveira Brito (Supervisora) Universidade Paulista-UNIP/ Campinas.

Este trabalho tem como objetivo discutir a prática psicológica no psicodiagnóstico infantil, a partir de um estudo de caso. O psicodiagnóstico é um processo com o intuito de diagnosticar forças e fragilidades no funcionamento psicológico, desvelando a queixa apresentada, oferecendo uma visão ampliada do indivíduo e suas relações. Trata-se de uma criança de 9 anos de idade, sexo masculino, encaminhado via conselho tutelar com queixas de agressividade, desacato, desrespeito às regras e dificuldade de aprendizagem. Foram utilizadas entrevistas semiestruturada com a família, hora do jogo diagnóstica, entrevista lúdica (jogos e brincadeiras), visitas domiciliar e escolar. Membro de uma família constituída pelo pai biológico, madrasta e suas três filhas adolescentes, foi abandonado, para os cuidados do pai, pela mãe biológica no primeiro ano de vida. Os resultados indicam que a criança carece de cuidados básicos dentro de sua casa, sendo constantemente marginalizado, experimentando sentimento de exclusão gerado pela própria família. Indícios de abusos físicos na primeira infância, assim como ausência de cuidados essenciais, postulam à criança um ego regredido, comprometendo sua maturação durante os estágios de desenvolvimento iniciais, agravando sua forma de se relacionar com seus familiares, colegas e figuras de autoridade. Tal comportamento é observado como resposta a um ambiente percebido, por ele, como nocivo e hostil, gerando um recolhimento e respostas egocêntricas,

com a finalidade de esconder e mascarar uma baixa autoestima. A criança não está alfabetizada, não atendendo aos parâmetros do seu estágio de desenvolvimento escolar. Sua dificuldade em relacionar-se, não só com os membros de sua família, mas com colegas, exibe um modo de ser, solitário e carente de afeto. Esse sentimento de solidão é potencializado pela sua percepção de impropriedade na dinâmica de sua casa, onde não possui um quarto para si, e em sua escola, é sempre culpabilizado e discriminado por não seguir a progressão dos demais. Ao final do processo psicodiagnóstico foram sugeridas mudanças no funcionamento/dinâmica familiar, bem como encaminhamento para psicoterapia infantil.

Palavras-chave: Psicodiagnóstico Infantil; Solidão, Autoestima.

LIMITAÇÕES DO TRABALHO EM PSICODIAGNÓSTICO INTERVENTIVO EM CASOS DE VIOLENCIA SEXUAL. CARAVALHO, Juliane; PEREIRA, Nathália Gonçalves de Carvalho, Xavier, I. A. (orientador) Universidade Paulista – UNIP Campus Sorocaba.

Há mais de duas décadas o psicodiagnóstico interventivo tem sido utilizado nos serviços-escola da Universidade UNIP como recurso para responder prontamente a uma demanda populacional que não encontra respaldo em serviços e equipamentos convencionais do governo. K, mãe da M. E de 4 anos procura o Centro de Psicologia Aplicada (CPA) da UNIP com a queixa de suspeita de abuso sexual, explicando que M. E dava indícios de que algo teria acontecido, sobretudo ao pedir que a avó brincasse com ela, no colo tocando sua genitália. A mãe relata que é a avó quem lhe chama a atenção para ver como a filha prefere essa brincadeira com ela. K e sua filha moram na mesma casa que os avós e um tio que cuidam da criança para a mãe trabalhar durante o dia. Os atendimentos, no psicodiagnóstico, são realizados em grupo, na abordagem Fenomenológico-existencial. A aproximação com mãe e filha se deu através do preenchimento da anamnese, observação lúdica, uma dinâmica sobre a “Linha da Vida” e uma visita domiciliar. A motivação de K.(a mãe)para entrar em contato com a verdade sobre suas suspeitas não foi suficiente para que ela aderisse ao processo, pois encontrava-se dividida entre ter que se deparar com seus cuidados como mãe e proteger a filha e ser a filha ainda

cuidada pelos pais. Na visita domiciliar a família não permitiu que as estagiárias-terapeutas entrassem para conhecer o meio em que vive a criança, alegando que K não estava em casa. A partir desta tentativa de aproximação da família extensa, K e sua filha M.E. não compareceram mais ao CPA confirmando assim a desistência. Os limites do trabalho se confirmam com a impossibilidade de contar com a participação colaborativa de todos os membros da família no processo.

Palavras-chave: violência sexual; dificuldades e limitações no atendimento; psicodiagnóstico fenomenológico existencial.

O LIVRO HISTÓRIA, A DEVOLUTIVA INFANTIL, O ALUNO-ESTAGIÁRIO: PROCESSO ÁRDUO COM FINAL FELIZ BELÉM, Teresinha; MASCARANHAS, Thais; OLIVEIRA, Andressa; SABINO, Benedita. PATUTTI, Cicera Andréa Oliveira Brito (Orientadora). Universidade Paulista Campinas.

O presente trabalho trata da produção do livro-história dentro do processo psicodiagnóstico infantil. Constitui-se de um relato de experiência das alunas do 4º ano de Psicologia do estágio supervisionado. A devolutiva infantil é o momento em que a criança recebe a comunicação da compreensão de sua problemática, sendo uma etapa especialmente delicada que deve ser feita de maneira que possa ser compreendida ludicamente. Escrever uma história baseada na vida da criança é proporcionar que ela chegue a conhecê-la como sua, com seus conflitos, medos e capacidades. Para alcançar esse objetivo se faz necessário que seja contada de modo que a criança entenda e por isso devem-se utilizar analogias, metáforas, imagens visuais, etc., que possibilitem um alcance adequado para ela. A história deve se formar a partir dos principais conflitos e medos da criança, com aspectos positivos e negativos, apenas o suficiente, de maneira não invasiva nem diretiva, mas como um facilitador para elaborar o seu caso clínico, de forma a poder continuar esse processo de elaboração durante a sua existência a partir dessa leitura e compreensão (Marchi, 2009). Para Becker (2004) durante a devolutiva infantil todos os sinais que a criança apresenta são importantes, pois eles manifestam o quanto aquilo pode afeta-la ou não, ou o quanto consegue compreender da sua própria história. Durante as devolutivas realizadas percebeu-se que esta técnica

produz resultados satisfatórios, na medida em que a criança reconhece a história como sua e mesmo que não a reconheça tende a mostrar, à medida que projeta na brincadeira o que está presente no seu mundo interno, parecendo favorecer a elaboração do que está sendo dito, possibilitando a ressignificação a partir da história que foi produzida. Para o aluno-estagiário, o processo de aprendizado do Psicodiagnóstico, oportuniza realizar acréscimos à sua bagagem literária, adquirida através da fundamentação teórica no decorrer do curso de psicologia, além das considerações de ensinamento através da supervisão e prática de interação lúdica com a criança, possibilitando a criação de um recurso lúdico personalizado. Tal experiência é original para o aluno-estagiário, mobilizando-o na construção desta ferramenta que busca transmitir como a história foi trazida, quer seja pela família, como pela própria criança. O reconhecimento por parte do estagiário de que também foi compreendido nesta comunicação é gratificante. O livro-história como recurso adotado na devolutiva infantil revelou-se colaborador quer seja na compreensão do processo psicodiagnóstico pelo aluno, como também como uma excelente oportunidade de lidar com um recurso que se mostra cada vez mais eficiente naquilo que se propõe.

Palavras-chave: Livro História; Psicodiagnóstico Interventivo; Devolutiva infantil.

ATENDIMENTO EM PSICODIAGNÓSTICO INTERVENTIVO: UM PROCESSO PARTICIPATIVO DE UMA FAMÍLIA. Paes Jr., A., Carmo Jr., M.C. UNIP, 2013 Ione Aparecida Xavier (Orientadora). UNIP- Sorocaba.

Para a Psicologia Fenomenológico-Existencial a consciência e a vida intencional determinam e são determinadas pelo mundo. Sendo assim, o psicodiagnóstico é considerado mais do que um estudo e avaliação. Este trabalho visa o conhecimento e a análise de um caso atendido durante o primeiro semestre de 2013, por alunos do sétimo semestre, no Centro de Psicologia Aplicada do Campus da UNIP na cidade de Sorocaba/SP. Inicialmente, os avós maternos do paciente de três anos relatam um quadro de agressividade da criança. Na sessão seguinte, os pais confirmam que, a partir

dos seis meses de idade, o filho passou a apresentar comportamento agressivo crescente, batendo a cabeça fortemente no chão e paredes, mordendo a si mesmo e a terceiros e jogando coisas no chão. Tais episódios se restringiam a situações com a presença dos pais e, esporadicamente, na casa dos avós maternos, sendo que na creche e na companhia da babá seu comportamento era normal. O pai apresentava momentos de explosões nos confrontos com a esposa, inclusive com murros na parede, e já havia passado por avaliação psiquiátrica com diagnóstico de surto esquizofrênico. Os pais chegaram a apresentar, em alguns momentos, atitudes de agressão contra o filho, por não saberem como agir. O casal ainda tem uma filha de seis anos, que definiram como tranquila e normal. Foram realizados 14 encontros grupais com os pais e crianças, utilizando caixa lúdica e a técnica do cochicoho. Foi realizada uma visita domiciliar, a fim de aprimorar-se a compreensão da dinâmica familiar. Utilizou-se apresentação e discussão com os pais do documentário “Criança, a alma do negócio”. Foi elaborado e desenvolvido o livro-história, entregue no 13º encontro e relatório final apresentado aos pais no 14º encontro. O comprometimento dos pais a participarem dos encontros mostrou-se fundamental no processo. Já nas primeiras sessões o casal reconheceu a correlação entre o comportamento agressivo do filho com os seus e se empenharam na mudança de comportamento. Os pais também reconheceram a influência dos avós e priorizam uma maior participação na vida do filho. O cliente sempre preferia brincar com um caminhão cegonha, por esta razão, optou-se pela elaboração do livro-estória no qual um carrinho fica agressivo diante de frustrações e adoece, deixando a família triste e é levado para os mecânicos. Ao final do processo, a família toda está feliz e se inter-relaciona melhor. O garoto terminou a sessão colocando o livro-estória embaixo do braço e deixa o setting dizendo: “É meu!”. O reconhecimento do entendimento do livro-estória marcou uma etapa de doze semanas com significativas mudanças familiares, com gradativa redução dos episódios de agressão e o resgate da afetividade familiar. Tal desdobramento ratifica a importância e eficácia do atendimento em psicodiagnóstico interventivo e seu processo participativo.

Palavras-chave: psicologia fenomenológico-existencial; psicodiagnóstico interventivo.

ATENDIMENTO NO PSICODIAGNÓSTICO ARTICULADO COM OS SERVIÇOS DA REDE. SILVA, Andréa Souza Sales; SANTOS, Cínthia Queiroz Nascimento dos. Universidade Paulista – UNIP/SP.

De acordo com a demanda apresentada, realizamos o ‘Psicodiagnóstico Interventivo em Grupo’ e, nos atendimentos, vimos à necessidade de encaminhar a criança e a sua família que nos trouxe um histórico de violência, vulnerabilidade e perda de Garantia dos seus Direitos. Através desses contatos pudemos ver que com o apoio de uma equipe Multidisciplinar sendo eles: Psicólogos, Psiquiatras, Assistentes Sociais, Conselheiros Tutelares, Coordenadores Pedagógicos e Professores e outros, é que conseguimos articular o processo de Garantia de Direitos e responsabilidade social para essa família. O êxito em nosso atendimento, só foi possível por meio dos diversos parceiros da rede, sendo eles: Conselho Tutelar, CEDECA, CRAS, Escola, CAPS Parelheiros e Supervisão Clínica UNIP. PEREIRA (1998) alerta que a exclusão social é fenômeno multidimensional, portanto complexo, que afeta as condições objetivas de vida e de sobrevivência dos cidadãos e de suas famílias. Vulneráveis em função do processo sócio - econômico e político, sofrem discriminação, humilhação e segregação. Agrava este quadro, a fragilização das políticas públicas, o que impede a diversas famílias de encontrarem meios, recursos e possibilidades de garantir seus direitos. Diante deste quadro, reafirmando a garantia dos direitos, é oportuno refletir sobre como a moderna gestão social pode definir estratégias que viabilizem, na realidade local, um processo de inclusão social. Dentre estas estratégias, as redes sociais surgem como alternativa necessária de enfrentamento das manifestações da exclusão social.

Palavras-chave: Psicodiagnóstico Interventivo; Garantia de Direitos; articulação; rede; encaminhamentos.

O RECURSO DA VISITA DOMICILIAR E VISITA ESCOLAR NO PSICODIAGNÓSTICO INFANTIL. SIMÕES, Fatima Itsue Watanabe. - Universidade Paulista/UNIP.

Este trabalho tem por objetivo principal refletir sobre a visita domiciliar e a visita escolar, procedimento que faz parte do psicodiagnóstico infantil interventivo na abordagem fenomenológica. No Brasil, Ancona-Lopez, na década de 80, introduz o Psicodiagnóstico Interventivo, fazendo do atendimento um processo ativo e cooperativo. Dessa forma, essa modalidade de trabalho, além de ser um processo investigativo como se concebia anteriormente, traz a possibilidade de intervenção. No psicodiagnóstico interventivo simultaneamente estão em ação os processos avaliativo e terapêutico. Segundo Donatelli (2005) as intervenções no Psicodiagnóstico Interventivo se caracterizam por propostas devolutivas ao longo do processo, acerca do mundo interno do cliente. São assinalamentos, pontuações e clarificações que permitem ao cliente buscar novos significados para suas experiências, apropriar-se de algo sobre si mesmo e ressignificar suas experiências anteriores. Caracteriza-se por ser uma modalidade de atendimento que conta com a participação ativa dos pais, do cliente e do psicólogo. O psicólogo compartilha de suas impressões, percepções e experiências a fim de promover uma nova compreensão acerca das experiências vividas e, dessa forma, abrir possibilidades para que diminua o sofrimento psíquico do cliente. Durante o processo psicodiagnóstico, pode-se recorrer a recursos como a visita domiciliar e a visita escolar. Essas visitas são realizadas somente se houver o consentimento da criança e de sua família, assim como autorização da direção da escola. A visita à escola da criança é agendada previamente. Nesse encontro procura-se obter maior compreensão da criança no ambiente escolar e também compreender o olhar da escola em relação à criança. A visita domiciliar é agendada previamente em horário determinado pela família. O espaço da casa nos auxilia a compreender a família em seu mundo. Esses dois recursos, que vão ao encontro dos fundamentos do psicodiagnóstico interventivo de base fenomenológico-existencial, têm por objetivo compreender a criança em relação às circunstâncias em que vive e revelam aspectos ao psicólogo que, muitas vezes, não seriam percebidos na sessão com a criança ou com os pais e familiares. Podem também ampliar a compreensão do psicólogo a respeito da criança e dos pais e, ainda, ser um elemento facilitador para o reconhecimento das potencialidades e singularidades de cada cliente. Quando procedemos à

investigação clínica no psicodiagnóstico é importante não perdermos de vista a queixa inicial que nos foi apresentada e buscarmos compreendê-la conjuntamente com o cliente e sua família, de forma que faça sentido para todos, possibilitando a ampliação da compreensão acerca da queixa inicial. Tanto o recurso da visita escolar quanto a domiciliar tem importância fundamental dentro do psicodiagnóstico, pois podem contribuir para que novas perspectivas de compreensão possam emergir e para que se construam outros, já cristalizados pelo convívio diário. Assim, esse recurso pode contribuir para que novos significados e possibilidades sejam descobertos, desvelando-se um espaço de interlocução a partir da escuta do psicólogo para além do espaço da clínica.

Palavras-chave: psicodiagnóstico interventivo; visita domiciliar e escolar; clínica infantil.

PSICODIAGNÓSTICO INFANTIL: AS DIFICULDADES EXPOSTAS E POSSIBILIDADES ENCONTRADAS. ALEIXO, M. P; RUVIERO, L; VENDRUSCULO, M; CARNIEL, I. C. (orientadora). Universidade Paulista – Ribeirão Preto – SP.

O presente descreve um atendimento psicológico supervisionado denominado de Psicodiagnóstico, realizado no Centro de Psicologia Aplicada (CPA) da Universidade Paulista (UNIP), Ribeirão Preto, durante o período de março a junho de 2013, com o total de dez encontros entre pais e crianças. O Psicodiagnóstico foi realizado com um olhar psicodinâmico utilizando-se da modalidade de grupo. Tratando-se assim de uma prática clínica de investigação, frente ao que foi trazido pela queixa e complementado com os seguintes procedimentos: entrevista inicial, entrevista de anamnese, sessões de observações lúdicas, visita escolar, domiciliar e devolutiva com a mãe e a criança. O atendimento aqui descrito se refere a uma criança de 7 anos, com dificuldades escolares, de relacionamento e agressividade com outras crianças. Ao longo deste processo de psicodiagnóstico pudemos confirmar as dificuldades apresentadas inicialmente pela mãe, bem como as possibilidades de um melhor aproveitamento dos recursos demonstrados pela criança. A mãe também pôde ser beneficiada por este atendimento e ambos foram

encaminhados para atendimentos neste CPA com o intuito de dar prosseguimento ao trabalho aqui realizado. Podemos compreender, portanto que o processo de psicodiagnóstico é uma forma organizada e estruturada de um estudo de caso, com isso dá-se na sequência de fases/passos que dão para consecução dos objetivos diagnósticos. Finalizando, podemos ainda dizer que este modelo de psicodiagnóstico, pode ser considerado um atendimento psicológico breve, diferente dos modelos tradicionais de avaliação psicológica e que, tanto as crianças, quanto os pais envolvidos podem ser beneficiados durante o processo e não apenas ao final do psicodiagnóstico.

Palavras-chave: psicodiagnóstico interventivo; criança; processo.

PSICODIAGNÓSTICO INFANTIL: DEPRESSÃO NA INFÂNCIA. GANZELLA, I; FIGUEIREDO, J; BALIEIRO, C. R. B. (orientador) Universidade Paulista/Ribeirão Preto.

O presente trabalho retrata um atendimento realizado no Centro de Psicologia Aplicada (CPA) da Universidade Paulista campus de Ribeirão Preto (UNIP-RP), no estágio do sétimo semestre intitulado por psicodiagnóstico. O objetivo do presente estágio foi investigar a queixa inicial trazida pelos responsáveis, utilizando-se de técnicas de entrevistas iniciais. A mãe de 33 anos relatou que sua filha de 9 anos tem apresentado baixa produtividade escolar e a pouca interação social. A criança foi avaliada por um médico neurologista e foi diagnosticada com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e medicada com Ritalina. Aos 6 anos de idade, a criança passou por um tratamento hormonal para desacelerar o seu desenvolvimento físico e biológico o que gerou um crescimento desproporcional para sua idade. Também foi relatada pouca interação social escolar e familiar desde pequena. A família da criança é composta pela mãe, a avó materna, a tia de 10 anos e um tio com 27 anos, o pai não assumiu paternidade. Todos os adultos trabalham e sua tia estuda em horário oposto ao seu. O processo de Psicodiagnóstico foi realizado na modalidade de grupo, com base na abordagem Psicanalítica. Foram realizados os procedimentos de entrevista inicial com a mãe; entrevista de anamnese em duas sessões subsequentes; sessões de observação livre com a criança, com o objetivo de observar seu comportamento, seu

desenvolvimento psicomotor, sua interação com os terapeutas e com o grupo e estabelecer rapport. Posteriormente foi aplicado o teste Desenhos-Estórias e Desenhos-Estórias da família, em três sessões, para auxiliar a investigação clínica da personalidade da criança. Foram realizadas duas entrevistas devolutivas uma com a mãe e outra com a criança. Também foram realizados uma visita domiciliar e uma visita escolar, totalizando 12 encontros. A criança apresentou características, relacionadas à baixa afetividade, rigidez, negativismo, retração, timidez, desconfiança e excesso de solidão. Considerou-se as características relacionadas ao desenvolvimento um fator importante como aspecto que possa ter dificultado as relações sociais da criança proporcionando o afastamento de outras crianças, afetando seu convívio e interação social. Durante a análise das atividades foi observada desatenção aos exercícios sugeridos e, ainda, dificuldade para a elaboração das estórias e dos desenhos, além de pouca criatividade, características também observadas pela escola. Como resultados foram identificados aspectos regressores, o que pode ter diminuído o aproveitamento de fases importantes na sua construção intersubjetiva. O excesso de solidão em suas produções evidenciou o caráter introspectivo e pouco relacional de sua personalidade. A criança apresentou durante o psicodiagnóstico evolução escolar. Foi sugerido que, um trabalho psicopedagógico associado a um trabalho psicoterapêutico individual, possam ser efetivos, poupando-a de um tratamento medicamentoso.

Palavras-chave: psicodiagnóstico interventivo; depressão; criança.

PSICANÁLISE DE FAMÍLIAS E PSICODIAGNÓSTICO INFANTIL: ARTICULANDO SABERES, REPENSANDO PRÁTICAS. EMÍDIO, Thassia Souza. Departamento de Psicologia Clínica - Univ. Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras de Assis.

Este trabalho tem como objetivo estudar a questão da transmissão psíquica familiar e da filiação buscando refletir sobre as possibilidades de articulação com a prática do psicodiagnóstico infantil. Diante do cenário em que vivemos, do processo de medicalização da sociedade e da busca de um diagnóstico centrado no indivíduo, nosso trabalho visa discutir como os conceitos e formulações do campo da psicanálise de famílias podem contribuir para as

discussões e reflexões acerca da atuação do psicólogo no contexto do atendimento clínico, especificamente na prática do psicodiagnóstico infantil. Essa pesquisa será realizada, primeiramente a partir da discussão de trabalhos já desenvolvidos por estudiosos dessa temática, como também, a partir de uma problematização desse campo de investigação, buscando pensar outras possibilidades de atuação no campo do psicodiagnóstico infantil. Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa teórico-reflexiva. Será utilizado o referencial psicanalítico, enquanto fonte teórico e metodológico para a construção do conhecimento em pesquisa qualitativa. Neste caminho, as produções de Abraham e Torok, Kaës, Eiguer, Berenstein e de psicanalistas contemporâneos que seguem esta vertente teórica serão o fio disparador, condutor e articulador. Esta pesquisa encontra-se em andamento, e até o momento, desenvolvemos uma reflexão que envolve questões como a alta busca de diagnóstico para as crianças e o alto índice de medicalização destas, colocando como ponto fundamental da nossa discussão, a necessidade de um olhar mais abrangente que considere o grupo familiar e o contexto social no qual este está inserido. Buscamos discutir sobre como o olhar para o sujeito e seu grupo familiar, como um todo, pode contribuir para a compreensão dos sintomas e queixas apresentados pelos pais ao procurar o psicodiagnóstico para seus filhos. Podemos considerar, a partir da discussão realizada, que os conceitos desenvolvidos e discutidos dentro do campo da psicanálise de famílias podem contribuir para mudanças na realização do processo de psicodiagnóstico infantil, uma vez que consideramos que o processo puramente individual, obedece a uma demanda na qual o sintoma passa a ser algo que um membro do grupo carrega, sendo este o portador do sintoma familiar. Acreditamos que os sintomas e queixas apresentados fazem parte de um contexto maior que envolve tanto a família quanto a sociedade e que estes devem ser considerados na realização desse processo. Acreditamos também, considerando o que pesquisamos até o momento, que o psicodiagnóstico infantil deve ser repensado enquanto prática, discutindo as etapas de execução e o olhar dirigido ao sujeito como porta-sintoma familiar, buscando outras possibilidades de atuação que permitam um olhar mais abrangente para a questão apresentada. Esperamos que as conclusões desta pesquisa possam

contribuir para os estudos e discussões sobre a psicanálise de famílias, para a prática e atuação do psicólogo, bem como para o olhar e a escuta clínica.

Palavras-chave: psicanálise de família, psicodiagnóstico infantil, filiação, transmissão psíquica familiar.

PSICODIAGNÓSTICO INFANTIL: UMA HISTÓRIA DE PRIVAÇÃO E DELINQUÊNCIA. OLIVEIRA, K. C.; CAMARA, J. F.; BALIEIRO, C.R.B. (supervisora) Universidade Paulista – Ribeirão Preto – SP.

O processo de psicodiagnóstico desenvolveu-se no Centro de Psicologia Aplicada (CPA) da Universidade Paulista - UNIP campus Ribeirão Preto. Foi realizado na modalidade de grupo, no estágio do sétimo semestre do ano de 2013, com o objetivo de identificar e analisar as necessidades psicológicas da criança e sua família, com base no referencial psicanalítico e entrega do laudo psicológico de acordo com a resolução n. 007/2013 do Conselho Federal de Psicologia, na devolutiva final. Foram realizados dez atendimentos, uma visita escolar e uma visita domiciliar. Os encontros iniciavam-se em grupo, passando em seguida para a técnica do cochicho com a finalidade de coletar dados da criança para fins avaliativos. Trata-se do vínculo mãe, pai e filha (9 anos), sendo a queixa principal de dificuldades no processo de aprendizagem, de socialização com outras crianças e de cometer pequenos furtos. Utilizaram-se, como estratégias, processos narrativos; grupo de pais e de crianças com a finalidade de compartilhamento de experiências. Os instrumentos utilizados foram: Procedimento Desenho Estória e Desenho Estória da Família (Walter Trinca, 2013) e as Provas Piagetianas. Foi percebido que a criança apresenta um empobrecimento das relações sociais e dificuldades cognitivas, acentuadas por um comportamento inseguro, retraído, dependente e passivo, que a impede de apropriar-se de seus recursos e responder adequadamente às demandas de sua idade. Na investigação dos aspectos emocionais, notou-se um núcleo de solidão acentuada, depressivo, onde não existe processo de humanização já que a criança desenha coisas e não pessoas, não possuindo figuras significativas e sendo marcada pela inibição e retração. Apresenta impulsos amorosos e ansiedades depressivas. Os mecanismos de defesa são de regressão, negação, anulação e isolamento. Os desenhos possuem caráter

regredido em relação à idade da criança, são tristes e não apresentam cores, revelando sua imaturidade cognitiva e sua marca depressiva. Os resultados apontados são relacionados, sobretudo, às figuras parentais. Os pais trabalham muito, a criança frequenta a escola no período da manhã, no período da tarde uma escola de recreação e em casa passa mais tempo com o pai, pois a mãe retorna somente a noite. A avaliação sugere dificuldade de lidar com as ausências dos pais que são amados. Quanto aos furtos relatados pelos pais podemos entendê-los como um mecanismo da criança para tentar suprir suas faltas, como uma tentativa de retorno à época em que as coisas corriam bem. Constatou-se também um transtorno alimentar conhecido por Pica, relacionado ao comportamento de comer coisas ou ingerir substâncias, que são relacionados à sua dificuldade cognitiva e falta de supervisão parental. Percebeu-se que a criança apresenta dificuldades cognitivas, de maturação e cognição, possuindo um déficit cognitivo. Foi encaminhada para psicoterapia individual nesta instituição e procedimento pedagógico que deverá ser buscado em outra instituição. Por apresentar vulnerabilidade social foi indicada uma avaliação do serviço social.

Palavras-chave: psicodiagnóstico interventivo; família; criança.

PSICODIAGNÓSTICO INTERVENTIVO COMO POSSIBILIDADE NA COMPREENSÃO DOS CONFLITOS EMOCIONAIS DE UMA CRIANÇA EM DECORRÊNCIA DA SEPARAÇÃO DE SEUS PAIS. Profa. Sonia Maria Machado de Oliveira Nukui (Orientadora): Diego Alquezar; Sandro Pinheiros Sanches - Universidade Paulista- Sorocaba.

Este trabalho busca descrever a experiência clínica de um dos atendimentos realizados na disciplina psicodiagnóstico em uma clínica-escola da Universidade Paulista sob a luz da abordagem fenomenológico-existencial juntamente com a vinculação teórica da Psicodinâmica. Nesta disciplina, cada criança é acompanhada por uma dupla de estagiários-terapeutas sob supervisão profissional. Trata-se de uma criança de 10 anos, do sexo masculino, com queixas como: afastamento dos pais, constante conversa com um amigo imaginário e dificuldade de responsabilizar-se pelas suas atitudes. Seus pais estão em processo de separação e tem mais uma filha de 13 anos. A

mãe da criança compareceu para a primeira entrevista e foi orientada a convidar o pai de seu filho para participar da segunda entrevista. Na segunda entrevista compareceu somente o pai que inicialmente apontou não ser necessário o acompanhamento psicológico. Além disso, salientou que existe um desacordo entre ele e a esposa na forma de educar o filho possibilitando que o mesmo se utilize dessa diferença em benefício próprio. Ainda relatou a vontade em reatar o relacionamento, mas encontra resistência por parte da esposa. O processo psicodiagnóstico iniciou-se no semestre passado totalizando dez atendimentos e ainda está em andamento. Durante as atividades lúdicas, a criança apresenta grande necessidade de construir e organizar sua casa, demonstrando confusão em relação a separação dos pais. Compreende-se que a principal intervenção a ser realizada com a criança e seus pais é proporcionar um espaço para que possam dialogar a respeito do momento que estão vivendo. No semestre passado os pais foram orientados a conversarem com a criança em relação à separação, pois diante do não entendimento da situação, haveria possibilidade do preenchimento das dúvidas com fantasias e sofrimentos. Por meio desta orientação e da devolutiva através do livro história entregue no final do processo, assim como o procedimento da entrevista diagnóstica familiar, busca-se oferecer um espaço para que tanto a criança quanto seus pais se apropriem da situação podendo vir a conceber possibilidades para lidar melhor com a situação. Por fim, compreende-se que as intervenções realizadas de algum modo contribuem para amenizar o sofrimento da criança.

Palavras-chave: Fenomenologia-existencial, psicodiagnóstico, pais separados, orientação aos pais.

PSICODIGNÓSTICO INTERVENTIVO: APRENDIZADO, PESQUISA E DEMANDAS ATUAIS. BONON Cláudia Regina Mazzocato, GELERNTER Claudia Mandato, IMS Renata Eliane, FONSECA Gleize Urias da Silva. MELO, Maria da Piedade Romeiro de Araujo e LAGO, Angela M. Chagas Villas uso (orientadoras). Universidade Paulista.

Esta pesquisa foi apresentada como trabalho de conclusão do curso de Psicologia (UNIP) em 2012; alguns fatores influenciaram sua realização: o fato

do Psicodiagnóstico no Brasil ser função exclusiva do psicólogo; nosso aprendizado através dos exemplos trazidos pelos nossos mestres em sala de aula, relacionados às suas experiências clínicas no Serviço-Escola; a reapresentação de conceitos sobre o Psicodiagnóstico importantes na formação do profissional, e do Psicodiagnóstico Interventivo constituído nos anos 70/80, a partir de modificações dos serviços oferecidos em clínicas-escolas, coordenadas pela Profa. Dra. Marília Ancona-Lopez, objetivando atender às demandas apresentadas, envolvendo a cooperação de diversos profissionais na constituição desse processo, atualmente utilizado em nossa aprendizagem. O objetivo do trabalho foi identificar, caracterizar e compreender as demandas surgidas a partir das mudanças na sociedade pós-moderna, e apresentadas como queixas nesse processo. O conceito de pós-modernidade foi caracterizado pelas ideias de Bauman, de uma sociedade com transformações em diversas áreas, principalmente nas relações e os fenômenos que delas emergem – parte fundamental de nossa pesquisa. Utilizamos o método qualitativo, por não querermos mensurar opiniões ou pessoas, e por ser esse o método mais aplicável para estudos de grupos, análise de discursos e documentos, como foi nossa pesquisa. A base teórica adotada foi a Fenomenologia, com uma visão da totalidade do homem que se relaciona com o outro e o mundo; sendo a principal base para o método qualitativo utilizado na saúde e na clínica, visando a compreensão, o sentido e a dedução do significado de um fenômeno. Na coleta de dados utilizamos a técnica de entrevista semiestruturada, com cinco Psicólogos com prática de no mínimo cinco anos no Psicodiagnóstico Interventivo, para que os resultados encontrados refletissem as demandas que surgem na clínica atual. No tratamento dos dados coletados utilizamos a Análise de Conteúdo Temática, valorizando a significação e a regularidade dos temas encontrados nos discursos, respeitando e preservando a característica qualitativa da pesquisa. Foram três as principais demandas apontadas pelos sujeitos: insegurança, ansiedade e transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, as quais puderam ser relacionadas com as três mudanças sociais de maior destaque: mudança na constituição familiar, idolatria do ter e fragilidade dos vínculos. Os objetivos foram alcançados, evidenciando mudanças sociais e demandas que

delas decorrem, propiciando, uma compreensão ampliada sobre questões relacionadas à dialética entre Ser e sociedade. Outras contribuições relevantes foram trazidas pelos sujeitos: o autocuidado do profissional, da criança atendida focando seu bem estar e respeito aos seus limites, a caixa lúdica foi questionada em relação aos atuais hábitos infantis, a falta de limites e o excesso de compromissos paternos, excesso de atividades infantis com desrespeito pelas fases do desenvolvimento; e sugestões de pesquisas sobre transtornos de ansiedade infantil e novas constituições familiares. Essa pesquisa é um recorte do tema, necessitando novas investigações para ampliação e compreensão dessas questões.

Palavras-chave: psicodiagnóstico; formação; pesquisa.

REPENSANDO A PRÁTICA DO PSICODIAGNÓSTICO: ESTUDO COM CRIANÇAS ATENDIDAS PELO SERVIÇO-ESCOLA DA UNIVERSIDADE IBIRAPUERA. TOLEDO, Rodrigo – Universidade Ibirapuera

O objetivo deste trabalho é apresentar um breve levantamento do uso indiscriminado de medicações (ansiolíticos, antidepressivos, controladores de humor, entre outros) por um conjunto de 27 crianças – entre 06 e 15 anos - atendidas no Serviço-Escola da Universidade Ibirapuera, no segundo semestre letivo de 2012. A fundamentação teórica encontrou sustentação em autores como Ancona-Lopez, 1998; Bezerra, 1992; Deleuze, 1996; Foucault, 1996 e Scarcelli, 2011 bem como na lei federal 4.119 de 27 de agosto de 1962, que dispõe sobre a formação em Psicologia. Utilizaram-se como referência os dados obtidos valendo-se das Fichas de Inscrição (Formulário de Dados Pessoais) dos sujeitos atendidos e dos dados obtidos nas Entrevistas Iniciais (denominados Relatórios de Triagem e Ficha de Anamnese). Constatou-se, na primeira fase do estudo, que os diagnósticos infantis transitavam entre a dislexia e o Transtorno por Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), em sua maioria, acompanhados de laudos Psicopedagógicos, Neurológicos ou Psiquiátricos. Diante desse cenário, a segunda fase da pesquisa consistirá em aprofundar os dados obtidos, por meio de uma pesquisa-intervenção, de abordagem qualitativa, com o objetivo de propor encaminhamentos na interação entre os sujeitos envolvidos e os alunos-estagiários responsáveis

pelo processo de psicodiagnóstico, com vistas à formação daqueles, alicerçada em uma visão de valorização das diferenças humanas, em contraponto à medicalização da vida.

Palavras-chave: medicalização; queixa escolar; serviço-escola; psicodiagnóstico.

✓ **ATENDIMENTO CLÍNICO**

SUPERVISÃO DE ESTÁGIO DE PSICOTERAPIA DE GRUPO. GUERREIRO, Roberto R.. Profº. Ms. Supervisor da Clínica de Psicologia na modalidade Psicoterapia de Grupo e Psicopatologia da UNIB (Universidade Ibirapuera).

Este trabalho traz a comunicação da implementação de um novo estágio – ESU Estágio Supervisionado de Psicoterapia de Grupo - na grade curricular da UNIB, no curso de Psicologia, para as turmas de 9º semestre a partir 2013. A Psicoterapia de Grupo tem como uma de suas justificativas, a falta de atendimento individual à população, pelas dificuldades encontradas nos postos de saúde pública, devido a enorme demanda de solicitantes. Somamos a isto, a ampliação das possibilidades na formação de nosso aluno/estagiário, que toma contato com uma realidade de múltiplas experiências narradas em encontros que podem acontecer a partir de materialidades disparadoras, como meio de aproximar o paciente de suas questões. Estas materialidades são apresentadas a partir do trabalho de Aiello-Vaisberg (2003), que fazem uso dos enquadres diferenciados, como maneira de oferecer a partir da teoria psicanalítica winnicottiana, uma profundidade de entendimento do sofrimento de nossos pacientes. Ainda pautados na teoria psicanalítica, em consonância com Bleger(1963), que nos traz que toda a experiência humana e suas vicissitudes contém sentido emocional, podemos pensar que estas materialidades surgem no encontro lúdico dos atendimentos grupais, servindo como mediação para nos aproximarmos do sofrimento humano. Este estágio tinha a supervisão pautada na condição de uma visão relacional (Greenberg e Mitchell, 1994), na qual os sofrimentos e adoecimentos dos pacientes, não eram vistos a partir de um provável aparelho psíquico individual, que apresentaria desequilíbrio de forças internas, mas pelas relações entre pessoas e as influências e desdobramentos a partir do ‘ambiente’ segundo Winnicott, (1983). O desenvolvimento deste estágio gerou uma nova condição para os alunos e universidade, ampliando o conhecimento, abrindo uma nova forma de atender a população carente, oferecendo um ambiente com holding e ética.

Palavras-chave: Supervisão; Estágio; Psicoterapia de Grupo; Demanda; Universidade.

FOBIA SOCIAL EM ADOLESCENTES: POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO NO SERVIÇO-ESCOLA. Marianna G. Favalle, Douglas E. Vitorino e Yuristella Yano (supervisora). Universidade Paulista, UNIP. Campus Chácara Santo Antônio.

A fobia social é um transtorno que em geral inicia-se na adolescência e traz muito sofrimento e impacto negativo sobre as diversas áreas da vida. Este transtorno é caracterizado por um medo excessivo e persistente de uma ou mais situações sociais ou de desempenho em que o indivíduo teme agir ou mostrar sintomas de ansiedade que lhe sejam humilhantes e embaraçosos e, como consequência, ser ridicularizado e rejeitado (DSM-IV TR, APA, 2002). Este tipo de problema tem aparecido com grande frequência e, geralmente aparecem como timidez e dificuldade em se expor em ambiente escolar. O objetivo deste trabalho é ilustrar através de um caso clínico de fobia social específica, possibilidades de intervenção em uma clínica escola. M. 12 anos, cursando 7º ano em escola pública, apresentou queixa de grande dificuldade em falar e se expor em público. Quando era solicitada a exposição, M. apresentava muita ansiedade, caracterizada por tremores, suor, taquicardia e vontade imensa de escapar da situação. Tal fato estava gerando muita esquivas da escola e das tarefas de exposição (ler em voz alta, responder questões, participar de seminários). Algumas vezes lia tão rápido que o levava a cometer erros na leitura e também de compreensão do texto, gerando consequências aversivas (risos, chacota, nota baixa). Através da análise comportamental, foi identificado que M. sofrera humilhações e fora ridicularizado em ambiente escolar e familiar. Sua história de vida também contribuiu para seu sofrimento atual, dado o pai autoritário que o impedia de ter escolhas, de expressar suas opiniões e de ter que cumprir tarefas a contra gosto por muitas vezes humilhantes, na visão do adolescente. Também foi levado em conta a fase de desenvolvimento em que M. se encontrava – a adolescência, dotada de mudanças fisiológicas e psicológicas. Algumas estratégias foram utilizadas

após a análise: treino respiratório para controle dos sintomas físicos; dessensibilização sistemática, ensaio comportamental; exposição gradual às situações temidas (falar e ler e expor a compreensão) através de recursos audiovisuais para permitir a modelagem e modelação de novo repertório. Além disso, orientações foram dadas aos pais para que pudessem compreender atitudes próprias que contribuíam para a manutenção das dificuldades e colaborar no tratamento por meio de novos comportamentos. Após 4 meses de atendimento, M. passou a exercer controle sobre os sintomas fisiológicos da ansiedade, bem como passou a enfrentar as situações antes temidas. Pode-se concluir que o uso de estratégias foram fundamentais para a melhora do sofrimento de M., no entanto, não podemos deixar de ressaltar a relevância da participação e envolvimento dos pais no processo psicoterápico. Ao final deste período M. foi orientado a continuar o processo psicoterápico para a manutenção dos ganhos.

Palavras-Chave: fobia social, adolescência, exposição, dessensibilização sistemática.

ESTUDO DESCRITIVO EXPLORATÓRIO: ANÁLISE DE PRONTUÁRIOS DE PACIENTES ENCAMINHADOS PARA PSICOTERAPIA FAMILIAR DE CASAL EM UM CENTRO DE PSICOLOGIA APLICADA (CPA). GIÃO, C. BALIEIRO, C.R.B. Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Paulista - Ribeirão Preto.

A Terapia Familiar surgiu nos Estados Unidos na década de 50, a partir do trabalho de um grupo de pensadores e terapeutas. No Brasil, mais especificamente, no Rio de Janeiro a Terapia de Família só surge nos anos 70. A família atual modificou-se, assumindo novos padrões familiares, transformando e organizando-se muito mais por laços de afeição do que por hierarquias tradicionais. Este estudo teve como objetivo identificar o perfil das famílias que foram encaminhadas para atendimento em psicoterapia familiar. Para o desenvolvimento foram analisados 94 prontuários de clientes que passaram avaliados pelo serviço de triagem psicológica, psicodiagnóstico infantil, plantão psicológico, psicoterapia infantil ou psicoterapia familiar do

Centro de Psicologia Aplicada (CPA) da Universidade Paulista (UNIP), da cidade de Ribeirão Preto. Posteriormente estes clientes foram encaminhados para atendimento psicoterapêutico de famílias e casais, entre 2009 e 2011. Os resultados obtidos apontaram que o maior número de atendimentos realizados nesta área, foi de clientes que constituem uma família nuclear e que pertencem à fase de aquisição e, residem na região Norte e Oeste da cidade de Ribeirão Preto. Embora tenha ocorrido um número expressivo de encaminhamentos para o atendimento em psicoterapia de família e casal, poucos foram os clientes atendidos, tendo sido observado a dificuldade de localização desses clientes, inadequação no preenchimento dos formulários e principalmente demora para o início dos atendimentos. Esse estudo trouxe resultados relevantes para que o Centro de Psicologia Aplicada (CPA) da Universidade Paulista – UNIP possa aprimorar seus estágios e atendimentos e busque novas alternativas, que colaborem para maior eficácia em relação a aspectos detectados nos prontuários, como por exemplo, preenchimento correto, maiores e mais precisas informações, entre outros.

Palavras chave: Psicoterapia Familiar, Ciclo vital, Família, Epistemologia.

TENDÊNCIA SUICIDA EM HOMICIDAS: UM PARALELO ENTRE A VEROSSIMILHANÇA E O VERÍDICO. SOARES, Thiago B. (Universidade Paulista); SOARES, Camila R. C. (Universidade Paulista)

O escritor francês Albert Camus diz em sua obra *O Mito de Sísifo* “Só há um problema filosófico verdadeiramente sério: o suicídio. Julgar se a vida merece ou não ser vivida, é responder a uma questão fundamental da filosofia”. Nos limites de uma elementar interpretação dessa passagem, impõe-se um problema que diz respeito à Psicologia, noutras palavras, as motivações de se deixar a vida voluntariamente. Haja vista, que o suicídio é uma das formas de lidar com o mundo desde tempos corridos, para o qual Émile Durkheim (2000) chama sociologicamente de *fato social*. Nessa tônica, a problemática de pesquisa gira em torno dos casos de suicídio devido homicídio cometido por parte dos próprios suicidas. O objetivo geral desta pesquisa é, desse modo, problematizar a relação entre suicídio, homicídio e as motivações do primeiro

acontecer em decorrência do segundo. Para tanto, elege-se o tema suicídio, para o qual construiu-se um corpus, formado inicialmente por duas obras consagradas como clássicos da Literatura Universal, a saber, *O Estrangeiro* (Camus) e *Crime e Castigo* (Dostoiévsky), nas quais figuram protagonistas implicados em homicídio que passam parte de suas vidas cogitando o suicídio como alternativa aos seus sofrimentos originados pelo crime; e dois casos atuais brasileiros de homicídio seguido de suicídio reportados pela mídia nacional, um ocorrido em 2011 e outro no início do ano corrente. A investigação está em curso, sustentando-se em balizas da Psicologia e da Psicanálise, nomeadamente: Freud (2006 [1915]), para quem o suicídio é uma tendência perigosa da *melancolia*; Erikson (1987) com o conceito denominado *Iniciativa versus Culpa*, para qual se tem que o arrependimento do homicídio é resolvido com uma fuga ou uma punição, qual seja, o suicídio. Deseja-se que a investigação possa colaborar com outras reflexões a respeito do tema, ajudando a entender um pouco mais a relação motivadora do homicida com o seu próprio suicídio, e buscar contribuições para se pensar possibilidades de prevenção nesse tipo de caso, desse modo, produzindo um trabalho de temática com relevância científica e social, no sentido da compreensão dos fatores que levam ao suicídio os homicidas.

Palavras – chave: Suicídio; Motivação; Psicologia; Literatura.

FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA: UM MODELO DISTINTO MARCADO POR RUPTURAS. LEITE, A.; GUIMARÃES, A. L.; BALIEIRO, C.R.B. - Universidade Paulista - Ribeirão Preto.

O presente trabalho utiliza a Terapia Familiar Sistêmica. Nesta abordagem a família é considerada uma unidade, um sistema composto por indivíduos que podem ser considerados como um todo e também parte dele. Essa unidade, também engloba uma parte de um sistema familiar maior e se inclui em outros sistemas mais amplos. Neste sistema cada sujeito influencia e ao mesmo tempo é influenciado; essas influências recíprocas fazem parte do cotidiano da família. O trabalho teve como objetivo a identificação, compreensão e realização das intervenções psicoterápicas pautadas na dinâmica do grupo familiar e das relações conjugais, no contexto clínico e social. Os atendimentos

familiares eram realizados no Centro de Psicologia da UNIP, em uma sala de espelho unidirecional. Os atendimentos foram iniciados no mês de abril, no total de dez atendimentos: uma sessão com C. e a inserção de M. a partir do quinto atendimento. Durante todo o processo terapêutico a irmã de C. acompanhou as adolescentes nas sessões. Todas as sessões foram assistidas pela equipe reflexiva junto à supervisora. O caso a ser descrito refere-se a uma família que passou por muitas rupturas. Esta estrutura familiar é composta por quatro uniões distintas. E. de 37 anos, falecida há 6 anos, teve quatro filhos, dentre eles: J. de 20 anos, Mc. de 16 anos, M. de 15 anos e I. de 11 anos. Em um de seus relacionamentos, E. relacionou-se com C. de 47 anos e desta relação engravidou de Mc., mas a união perdurou por pouco tempo. C. não foi informado da gravidez e somente dois anos depois teve conhecimento de seu filho. Após 10 anos, a mãe solicitou ajuda financeira de C., pois o garoto estava doente. Devido a esse contato, o casal retomou o relacionamento. Após oito meses juntos, E. veio a falecer e C. ficou responsável pelas crianças. O paciente identificada é I. do sexo feminino, seu primeiro atendimento foi realizado no CPA da UNIP em 2012, encaminhada por uma médica da UBS para a área de psicodiagnóstico. Ao final das sessões foi encaminhada para a área de Terapia Familiar. A queixa principal trazida pela irmã de C. foi referente à falta de disciplina, dificuldade em aceitar regras e a agressividade. As adolescentes não frequentavam a escola há cerca de dois anos. Percebeu-se que as adolescentes estão encontrando dificuldade em conviver em sociedade, pois se organizam de maneira primitiva e não apresentam cuidados básicos. Durante as sessões as irmãs foram estimuladas a retomar os estudos e se socializar. Os aspectos relacionados à falta de autocuidado que foram observadas nas sessões é um item recorrente dessa organização familiar. Esse autocuidado possui relação direta com educação, maternagem, significado e sentido humano. Considera-se que durante o processo terapêutico houve mudanças significativas no comportamento das pacientes. Atualmente, I. e M. mostraram-se mais preocupada com a higiene e começaram a frequentar uma instituição filantrópica e aguardam vaga em uma escola.

Palavras-chave: Abordagem Sistêmica; Família; Rupturas; Falta de cuidados básicos.

A FUNÇÃO DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA. ROCHA, A. C; BARBOSA, P; BALIEIRO, C.R.B. Universidade Paulista – Ribeirão Preto

O presente estudo retrata um atendimento familiar a partir da compreensão epistemológica sistêmica. A Terapia Familiar Sistêmica entende a família como um todo, quando um conflito acontece afetam todos os elementos e não cada parte individualmente. O estágio teve por finalidade proporcionar a complementação da formação acadêmica e permite que o estudante tenha acesso ao campo de sua futura profissão, num contato direto com questões práticas e teóricas, podendo auxiliar a família para possíveis compreensões de uma melhor maneira para lidar com as dificuldades enfrentadas pela família em seu cotidiano. Os atendimentos foram feitos em co-terapia e com a técnica da equipe reflexiva na presença do supervisor. A família atendida foi composta por mãe, pai, filha e filho de 9 anos que é o paciente identificado. Durante os atendimentos com a família foi solicitado que a criança de 9 anos realizasse um encontro individualmente para que as terapeutas pudessem ter acesso as dificuldades mencionadas pela mãe. No atendimento realizado individualmente com a criança, foram utilizadas atividades lúdicas e uma técnica advinda do Psicodiagnóstico Interventivo - atividade de colagem. A família em questão passou por 4 encontros sendo realizados período da manhã no Centro de Psicologia Aplicada (CPA). A queixa principal foi dificuldade de aprendizagem. Foi percebido durante as sessões que a criança não estava alfabetizada e que não era estimulada pela família. Ao realizar atividades direcionadas nas sessões notou-se que respondia a esses estímulos; A mãe apresentava-se alheia na relação e pouco envolvida no processo. Esta família teve faltas durante o semestre o que impossibilitou uma intervenção mais efetiva. Hipotetizou-se que a criança estava sendo negligenciada pela família no processo pedagógico, assim foi realizado uma visita escolar. Esta visita foi esclarecedora, pois confirmou a hipótese inicial. A escola ficou surpresa com a visita e demonstrou muito interesse, informando que a família já havia sido chamada na escola várias vezes, porém sem o comparecimento da mesma. Apesar da dificuldade de aderir ao tratamento, foi possível compreender que se

trata de uma família com poucos recursos emocionais. Foi agendado uma visita domiciliar, mas a família abandonou o atendimento. A criança, que foi o paciente identificado, poderia ter se beneficiado no processo psicoterapêutico se não houvesse tanta dificuldade, principalmente da mãe em se vincular ao atendimento. A participação da família na fase escolar da criança é fundamental, para que a criança possa desenvolver melhor as atividades escolares.

Palavras-chave: Abordagem Sistêmica; família, escola; vínculo; relação.

SOMATIZAÇÃO E PSICOSSOMÁTICA NA INFÂNCIA: DESCRIÇÃO DE CASO. PASCOAL, Raísa H. G.; GUIMARÃES, Paula B.; SILVA, Luis Adriano da; JUSTI, Mirella Martins. UNIP – Universidade Paulista (Araçatuba/SP)

Doenças de fundo emocional são estudadas há muito tempo pela psicologia, este campo de estudo e atuação é denominado Psicossomática. A somatização e as doenças psicossomáticas se referem a aspectos diferentes do mesmo ponto e tratam da intercomunicação mente-corpo e da influência da mente sobre a saúde do nosso corpo. Entende-se por somatização a queixa de sintomas físicos mesmo não havendo uma doença física, indicando causação de fundo emocional. Já a doença psicossomática é uma doença física verdadeira, com variações clínicas verificáveis, de causas psicológicas. Este trabalho tem o objetivo de apresentar um caso de doença psicossomática (psoríase) na infância (criança do sexo feminino, com oito anos de idade) que chegou através do estágio em Psicodiagnóstico Compreensivo-Interventivo. Como hipótese diagnóstica principal, os estagiários apontaram que as lesões de psoríase exacerbam devido às pressões sofridas na terceira infância no âmbito escolar, as lesões ocorrem devido à avaliação da criança frente aos sentimentos de ansiedade, frustração e angústia. O processo de Psicodiagnóstico deu-se mediante sessões lúdicas, aplicação da técnica projetiva HTP (House-Tree-Person), visitas à escola e ao domicílio da criança e sessões devolutivas aos responsáveis. Após a identificação das principais fontes de frustração, preocupação e angústia vividas pela criança, procurou-se estabelecer relações entre o comportamento e as reações do paciente frente a

situações entendidas como difíceis ou geradoras de estresse para a criança, como criar regras e tomar decisões. Os dados foram analisados e indicaram a existência de restrições significativas para expressar sentimentos e emoções, além de dificuldades de posicionamento diante de situações de contrariedade e forte ansiedade diante de novas situações, demonstrando sentimento de ameaça. Conclui-se, portanto, que a adaptação ao ambiente e o desenvolvimento das relações interpessoais, para esta criança, estão diretamente ligados ao nível de consentimento e posicionamento frente a situações de submissão e pressão. Por fim, ressalta-se que este estudo tem caráter de investigação preliminar, uma vez que se faz necessária a coleta e análise de um número maior de dados para que se tenha uma maior representatividade conclusiva.

Palavras-chave: infância; psicossomática; ansiedade; somatização; psicodiagnóstico.

A EXPERIÊNCIA CLÍNICA NO ATENDIMENTO A UMA MULHER ENVOLVIDA EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA. XAVIER, Ione Aparecida; NUKUI, Sonia Maria Machado de Oliveira. UNIP – Universidade Paulista

O presente trabalho objetiva descrever a experiência clínica no atendimento psicoterapêutico breve individual realizado no serviço Núcleo Não Violência do Centro de Psicologia Aplicada, vinculado à Universidade Paulista em Sorocaba. A cliente buscou por iniciativa própria atendimento psicológico informando que já havia realizado atendimento psicológico no ano anterior nesse mesmo serviço com outra psicóloga, e na época havia sido encaminhada pela Instituição Pacin (Projeto de Apoio à Cidadania e a Infância). A paciente trouxe como queixa a dificuldade para tentar organizar melhor as ideias, pois estava sentindo-se confusa em relação aos sentimentos e as coisas que vinha percebendo ao seu redor. Realizaram-se cinco atendimentos sob a perspectiva da abordagem Psicodinâmica. Apesar de ter realizado poucos atendimentos, é possível apontar alguns aspectos sobre a compreensão do modo de ser da paciente. Ao contar os fatos vividos no contexto familiar tornou-se notório que a

cliente necessitava desesperadamente que acreditasse em seu relato. Desse modo, trazia em seu discurso (apesar de desconexo) uma riqueza de detalhes sobre a violência doméstica perpetrada pelo ex-marido. Inicialmente, realizei intervenções por meio de questões para dar ordem aos fatos contados por ela. Ao levar o caso para supervisão compreendi que por princípios éticos deveria antes de tudo estar com a cliente e acreditar em seu discurso por mais desconexo que fosse. Afinal, seria preciso compreender que ela buscou o atendimento psicológico por iniciativa própria por estar vivendo algum tipo de sofrimento ou angústia. E, o meu papel enquanto psicóloga era buscar ajudá-la sem ser necessário averiguar se o seu discurso estava permeado, por exemplo, por “um delírio de perseguição”. Pode-se concluir que os atendimentos psicológicos proporcionaram a compreensão de que não interessa se a violência doméstica sofrida pela cliente aconteceu tal como ela relatou em seu discurso, já que o que verdadeiramente importa é que a violência doméstica de fato aconteceu para ela. Por fim, para que a cliente não se sentisse novamente “desconsiderada” e, portanto, violentada foi necessário intervir afirmando e reassegurando que acreditava no que ela havia me contado.

Palavras-chave: violência doméstica, psicologia clínica, psicoterapia.

UMA CADEIRA VAZIA: Relato de um caso clínico à luz da abordagem fenomenológica-existencial. CALIA, A. Pinho-Lopes. L. C. C. C. – (orientadora) Universidade Paulista – UNIP

Eis o relato dos atendimentos que fiz com Irene durante o estágio em Intervenções Clínicas Breves, ao primeiro semestre do corrente, adotando como postura a abordagem fenomenológica-existencial. Pudemos nos encontrar em 12 sessões, e desde que nos lembramos, sempre na “sala 1” do corredor chusmado de saletas, todas prontas a receber os pacientes, os estagiários, e o mundo de significados e impregnações afetivas decorrentes desses povoados encontros terapêuticos. Assim, pude conhecer Irene, mulher de 49 anos, mãe ‘solteira’, aposentada, estudante de EJA, prestes a terminar o Ensino Fundamental. Portadora de osteogênese imperfecta - “ossos de vidro”

(sic), fumante, cadeirante, usuária do Atende e, há dez anos, da clínica de fisioterapia do CPA-Pompéia (UNIP). Irene foi encaminhada, porque, segundo ela: “tenho medo dos mortos” (sic). Não obstante, pudemos falar sobre seu relacionamento com sua família “que é muito desunida” (sic); de seus sentimentos de “abandono” (sic), solidão, falta de cuidado, enfim, falamos sobre sua historicidade, suas vivências, por vezes sobre seus olvides de alguns momentos traumáticos da infância; sobre os recorrentes episódios onde fora maltratada, trancafiada, fisicamente negligenciada e abandonada por sua família. Falamos, portanto, sobre uma enormidade de significados e experiências ricas de sentido, todos abantesmados por Irene. Falamos, também, sobre sua condição de cadeirante, sobre os desejos de comprar um triciclo para melhor se locomover; sobre o desejo de comprar um carro, também, para melhor se locomover, sobre “esperar pelo outro” (sic), em função de sua condição “especial” (sic); e como é cara essa disposição de espera para ela. Compreendi durante esse processo, que enquanto seu terapeuta, deveria preocupar-me em não responder aos seus desejos, resolver seus problemas ou corroborar suas ‘justificadas’ solicitações de cuidado. Tive de conter meu protecionismo, tive de refletir sobre o cuidado que dispenderia ao cuidar dela, deixando-a livre para encontrar-se consigo mesma, mas sendo outra, pois não entendi em momento algum que ela é vítima das circunstâncias, pelo contrário, acredito que ela já vem enfrentando suas dores à sua maneira. Não obstante, sinto que Irene encontra dificuldades em aceitar sua concreta finitude de ser-para-morte, tema existencial intrinsecamente ligado ao cuidar de si em vida. Sinto que ela habita uma cadeira vazia, que roda por-aí, “Levando apenas na tumbal carcaça; O pergaminho singular da pele; E o chocalho fatídico dos ossos!”..Pudemos construir um espaço terapêutico de confiança e compartilhamento; um espaço para falar, escutar, concordar, discordar, um espaço junto, e eu pude ser um privilegiado carona de suas hábeis e valentes rodas. Assim, sinto, também, que ao desvelar sua imanente força, Irene poderá se enxergar não mais como uma casca de vidro, inclusive atravessada pela luz e sombra de sua historicidade desprotegida, mas sim, como uma semente de gente... Semente de Irene.

Palavras-chave: Atendimento Clínico; Abordagem Fenomenológica-existencial; Portadores de Necessidades Especiais

TRATAMENTO DA DEPRESSÃO NA TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL. FURLAN, Angela; CAPUTO, Viviane – orientadora. (UNIP/Universidade Paulista)

A psicoterapia pautada no modelo cognitivo-comportamental atua sobre os pensamentos deflagrados por uma dada situação estimulante, uma vez que tais pensamentos geram os sentimentos e os comportamentos que caracterizam a relação do indivíduo com o ambiente que o cerca. Sendo assim, a terapia cognitivo-comportamental (TCC) é um tratamento sistemático e organizado que defende a idéia de que se mudar o modo como pensamos conseguimos mudar o modo de sentir e agir. Segundo Beck (1997), existem dez princípios básicos para uma terapia cognitiva eficaz, dentre elas, destaca-se que; a terapia cognitiva se baseia em uma formulação em contínuo desenvolvimento do paciente e de seus problemas em termos cognitivos; ela requer uma aliança terapêutica segura; enfatiza colaboração e participação ativa; enfatiza o presente, utiliza uma variedade de técnicas para mudar pensamento, humor e comportamento, entre outros princípios considerados importantes também. De acordo com Rangé (1998) a TCC, para garantir a obtenção de bons resultados precisa oferecer: a) *efetividade*; b) *otimização entre custo e benefício*, c) *nenhuma iatrogenese* (garantia que não haverá efeitos danosos decorrentes de intervenção), e d) *manutenção dos resultados*. Outra característica fundamental da TCC é a ênfase em medidas, na qual os comportamentos vão sendo trabalhados através de resultados de observação do paciente (pensamentos automáticos, crenças, atitudes, etc.), através de registros feitos pelos próprios pacientes ou juntamente com psicólogo. Desta forma os dados colhidos, pensamentos, emoções e situações, são verificados, testados e analisados a fim de serem modificados ou adaptados. Para Rangé (1998), a avaliação de resultados e registros pode ser feitos a qualquer momento, e a mudança de comportamento se baseia na análise funcional do comportamento problemático. Foram realizados 13 encontros com a cliente na clinica escola da Universidade Paulista, sendo utilizada a referida abordagem.

Nesses encontros estabeleceu-se uma relação terapêutica favorável entre cliente e terapeuta, proporcionando um espaço saudável para realizar uma investigação e exploração da maneira como a paciente está no mundo, utilizando técnicas como: acolhimento, queixa livre, análise funcional, definições de metas e expectativas, questionamento Socrático, tarefa de casa (registro de pensamentos diários), exercício de respiração, relaxamento muscular progressivo, dramatização (Role-playing), reforçamento positivo, feedback, treinamento em habilidades sociais (THS), e prevenção de recaídas. A queixa principal da cliente era um estado depressivo e de muita ansiedade, na qual a mesma se encontrava sem ânimo e sem estímulos para dar continuidade em suas tarefas e obrigações diárias, tais como faculdade e serviço, além de sentir que estava vivenciando um mau relacionamento com seu namorado e familiares. Segundo Beck & Clark (2012) a ansiedade faz com que o indivíduo seja afetado de maneira física, emocional, comportamental e, é claro, cognitiva. No final do tratamento pôde-se verificar, juntamente com a cliente, que houve uma melhora significativa em suas relações. Estabeleceu-se uma nova forma de se comportar, dando espaços para modos mais saudáveis e produtivos de ser e de sentir.

Palavras-chave: Depressão, Análise Funcional, Cognitivo Comportamental.

TRANS-FORMAÇÕES NO PROCESSO TERAPÊUTICO DE UMA TRANSEXUAL. SANTOS, Yurín Garcêz de Souza; SANTOS, Manoel Antônio dos (orientador) - FFCLRP-USP/ Ribeirão Preto

A transexualidade, considerada um fenômeno complexo e multifacetado, emerge de modo distinto nas diversas teorias que a abordam, apresentando um aspecto consensual em suas discussões: a existência de uma incoerência radical e irreduzível entre sexo e gênero. A pessoa transexual é entendida como aquela que invalida as regras básicas da diferenciação entre os seres humanos e, em decorrência desse fato, é enquadrada como desviante de uma norma definida por meio da heterossexualidade compulsória. Nesse cenário, a intervenção clínica opera no rompimento dos limites e das fronteiras estabelecidas pela heteronormatividade. Há escassez de estudos dedicados ao

contexto psicoterapêutico em que são acolhidas as pessoas trans. **Objetivo:** Este estudo teve por objetivo apresentar aspectos do atendimento psicoterapêutico de uma paciente transexual homem-para-mulher, atendida no contexto de um serviço-escola de Psicologia de uma universidade do interior paulista. **Método:** Estudo de caso, no qual foram realizados atendimentos semanais, baseados em uma abordagem psicodinâmica, com uma paciente transexual de 22 anos de idade e que estava em processo de tratamento hormonal em um hospital universitário público, visando à preparação para a cirurgia de transgenitalização. A busca por acompanhamento terapêutico foi motivada, inicialmente, pela obrigatoriedade de se submeter a esse processo por dois anos para a realização da cirurgia de redesignação sexual. **Resultados:** Após um ano de acompanhamento terapêutico, a paciente que, a princípio, se apresentava de maneira infantilizada, tendo em vista suas roupas e acessórios, passou a se portar como uma mulher adulta e a não temer mais o julgamento de terceiros. Nesse sentido, pôde ser observada uma mudança profunda em seu modo de se relacionar com o mundo, seja no contexto familiar, no trabalho ou no plano dos relacionamentos afetivos. A paciente, que no início se mostrou tímida e insegura, após um ano optou pela interrupção dos atendimentos, mudou de emprego e se engajou em um relacionamento afetivo estável com um homem. **Conclusões:** Considerando os resultados do processo terapêutico desenvolvido, buscou-se, no decorrer dos encontros, não a confirmação diagnóstica de um estado de transtorno de gênero, mas uma trajetória singular de subjetivação, na tentativa de fomentar a abertura de possibilidades que permitissem que a transexualidade pudesse ser vivenciada e revelada em sua inteireza. A sexualidade da paciente, dessa forma, deixou de ser fixada em uma única posição subjetiva, mas, a partir de um deslocamento da manifestação social da transexualidade, possibilitou que esta pudesse ser vivida em um funcionamento específico e individual, favorecendo o desenvolvimento emocional da paciente.

Palavras-chave: transexualidade; psicoterapia; cirurgia de redesignação sexual.

SOMATIZAÇÃO E PSICOSSOMÁTICA NA INFÂNCIA: DESCRIÇÃO DE CASO. PASCOAL, Raísa H. G.; GUIMARÃES, Paula B.; SILVA, Luis Adriano da; JUSTI, Mirella Martins. UNIP – Universidade Paulista (Araçatuba/SP)

Doenças de fundo emocional são estudadas há muito tempo pela psicologia, este campo de estudo e atuação é denominado Psicossomática. A somatização e as doenças psicossomáticas se referem a aspectos diferentes do mesmo ponto e tratam da intercomunicação mente-corpo e da influência da mente sobre a saúde do nosso corpo. Entende-se por somatização a queixa de sintomas físicos mesmo não havendo uma doença física, indicando causação de fundo emocional. Já a doença psicossomática é uma doença física verdadeira, com variações clínicas verificáveis, de causas psicológicas. Este trabalho tem o objetivo de apresentar um caso de doença psicossomática (psoríase) na infância (criança do sexo feminino, com oito anos de idade) que chegou através do estágio em Psicodiagnóstico Compreensivo-Interventivo. Como hipótese diagnóstica principal, os estagiários apontaram que as lesões de psoríase exacerbam devido às pressões sofridas na terceira infância no âmbito escolar, as lesões ocorrem devido à avaliação da criança frente aos sentimentos de ansiedade, frustração e angústia. O processo de Psicodiagnóstico deu-se mediante sessões lúdicas, aplicação da técnica projetiva HTP (House-Tree-Person), visitas à escola e ao domicílio da criança e sessões devolutivas aos responsáveis. Após a identificação das principais fontes de frustração, preocupação e angústia vividas pela criança, procurou-se estabelecer relações entre o comportamento e as reações do paciente frente a situações entendidas como difíceis ou geradoras de estresse para a criança, como criar regras e tomar decisões. Os dados foram analisados e indicaram a existência de restrições significativas para expressar sentimentos e emoções, além de dificuldades de posicionamento diante de situações de contrariedade e forte ansiedade diante de novas situações, demonstrando sentimento de ameaça. Conclui-se, portanto, que a adaptação ao ambiente e o desenvolvimento das relações interpessoais, para esta criança, estão diretamente ligados ao nível de consentimento e posicionamento frente a situações de submissão e pressão. Por fim, ressalta-se que este estudo tem caráter de investigação preliminar, uma vez que se faz necessária a coleta e

análise de um número maior de dados para que se tenha uma maior representatividade conclusiva.

Palavras-chave: infância; psicossomática; ansiedade; somatização; psicodiagnóstico.

RESISTÊNCIA OU LIBERDADE?! GONÇALVES, Lidiane; VENDRÚSCOLO, Juliana. Universidade Paulista UNIP. Ribeirão Preto/SP.

A existência é compreendida enquanto abertura originária ao ser dos entes, uma existência da qual podemos compreender como pura possibilidade no horizonte intransponível da temporalidade. Tratando-se de um ser de vivências, o ser-aí, sendo ser numa indeterminação, tem como tarefa cuidar e responsabilizar-se por sua existência uma vez lançado no mundo. Uma vez lançado, o ser-aí tem como caráter existenciário a liberdade e a responsabilidade neste contexto, uma vez que corresponde à própria indeterminação da existência, e que estão na maior parte das vezes diluídas no impessoal. Na prática clínica, a atuação acontece nesta perspectiva fenomenológica-existencial, cuja experiência realizou-se em três atendimentos no Centro de Psicologia Aplicada – CPA UNIP, sendo um atendimento por semana. A paciente, aqui representada pela letra “M”, apresentou como queixa conflitos conjugais e familiares e durante os atendimentos verbalizou que buscava “um caminho” na terapia para que pudesse seguir, pois se encontrava “perdida” nas suas relações. “M” dizia que buscou atendimento com o desejo de encontrar “um caminho”, “uma certeza”, solicitando em vários momentos para que eu lhe dissesse o que fazer, indicando qual escolha seria a “certa” e o que “deveria fazer”. Compreendendo “M” como um ser-lançado e na atitude anti-natural, o desabrigo emergia frente às possibilidades que se apresentavam e “M” se deparava com a angústia que acontece frente a toda e qualquer escolha e que aponta para sua liberdade. Liberdade aqui não é entendida como “livrar-se” de algo, de um fardo, liberdade no caráter existenciário, nos aponta para uma indeterminação, uma abertura do ser dos entes, ou seja, a existência do ser dos entes como pura possibilidade de ser. A escolha requer liberdade e negar essa liberdade, numa tentativa de se refugiar

em determinações, implica numa tentativa de “esconder-se”, de fechamento. Assim, liberdade e angústia correspondendo à própria indeterminação da existência, estão na maior parte das vezes diluídas no impessoal, no inautêntico. Ou seja, “M” ao procurar “certezas” para suas escolhas, engessava sua liberdade numa tentativa de fugir dessa condição. O papel do terapeuta fenomenológico-existencial não é liquidar, no sentido de resolver a angústia, pois a angústia é a própria atmosfera que envolve a existência dando abertura para a liberdade. Podemos dizer que o olhar fenomenológico existencial, guiado por uma “*téchne*”, de acompanhamento do movimento do cliente, permitindo o desvelamento do que se mostra ou “as coisas mesmas”, um deixar acontecer sem desafiar, está em sentido oposto da resistência. A palavra resistência, resistir a algo imposto e/ou resistir a uma ação, não faz sentido nesta proposta clínica que visa o cuidar, de devolver ao outro a responsabilidade que sempre lhe pertenceu. Ou seja, este cuidado do psicólogo implicado no movimento de atenção ao cliente como existência, de escuta e fala como elementos de atuação que permitem as manifestações das possibilidades no discurso, acompanhando *Dasein* na tarefa de apropriar-se e compreendendo-o como ser-lançado, “M” que buscava “um caminho”, “uma certeza” na terapia para assumir uma escolha, descobriu-se em liberdade, implicando-se e responsabilizando-se pela mesma, mesmo que esta seja a de não dar continuidade ao atendimento.

Palavras-chave: liberdade; existência; possibilidades.

PSICOTERAPIA DE GRUPO: UMA NOVA MODALIDADE DE INTERVENÇÃO CLÍNICA UNIB. GUERREIRO, Roberto R. Profº.(Supervisor); MURCIA, Luciene; SANTANA, Renato J.; SANTOS, Rosana N. dos; HENGLÉN, Silvia - Universidade Ibirapuera.SP

O Presente trabalho foi desenvolvido pelos alunos do 9º semestre do curso de Psicologia da Universidade Ibirapuera. Tal trabalho teve por objetivo proporcionar aos alunos uma nova modalidade de atendimento na Universidade. Para o desenvolvimento deste trabalho realizamos um aprimoramento literário onde tivemos a possibilidade de reunir pesquisadores e estudiosos do ramo da Psicologia em grupo, tais como, Ambrosio, Clarissa

Medeiros, D. W. Winnicott (1963), J. Bleger (1963) e Tânia Aiello-Vaisberg (2003). Durante os atendimentos observamos que os pacientes compartilharam com os terapeutas seus sentimentos, e em alguns momentos dividiram suas falas com os outros pacientes, ocasionando uma maior interação e relação no grupo. Como amadurecimento das ideias existenciais relativas aos diversos sentimentos ali demonstrados, foi possível observar um movimento significativo no grupo, provocando nos integrantes uma aproximação em relação a suas questões através destes relatos. Tal movimento refere-se à possibilidade de atuação por parte dos integrantes do grupo frente às questões em que os afligiam. Desta forma, a psicoterapia de grupo possibilitou aos integrantes um ambiente acolhedor onde deram a estes uma condição natural de reflexão para que pudessem ter um enfrentamento em relação ao sentimento de sofrimento que os acometia.

Palavras-chave: Psicoterapia de grupo; acolhimento; holding; Bleger.

PAI DE UMA DÚVIDA. SANTOS, Mônica Caineli dos; VENDRÚSCOLO, Juliana. (Universidade Paulista-UNIP. Ribeirão Preto/SP).

A clínica psicológica, na perspectiva fenomenológico-existencial, baseia-se na premissa de que o homem se constitui no mundo como ser-no-mundo, isto é, situado nele e em relação com ele. Nesse sentido, busca-se o reconhecimento do próprio paciente se perceber com um ser de possibilidades. O objetivo desse trabalho é compreender os fenômenos clínicos e a demanda psicológica com base na abordagem Fenomenológico-Existencial na realização de atendimentos psicoterapêuticos buscando favorecer ao cliente o desvelamento dos sentidos de sua existência. Trata-se de um paciente do sexo masculino com idade de 71 anos, divorciado e que reside em uma cidade do interior de São Paulo. O paciente relatou que procurou atendimento com queixa sobre uma grande dúvida com relação à paternidade do filho. Em seu discurso relatou que pensava em fazer o DNA, mas não teve coragem suficiente para enfrentar o resultado. Nesse sentido, foram utilizados elementos de observação, escuta e compreensão dos fenômenos psicológicos manifestos na relação psicoterapeuta-cliente. Para a elaboração desta apresentação do caso clínico o campo de atendimento foi o Centro de Psicologia Aplicada (CPA) da

Universidade Paulista – UNIP/Ribeirão Preto/SP. Durante as sessões o paciente apresentava ambivalência e falava sobre vários assuntos. No entanto, foi possível perceber a angústia psicológica/patológica no que se referia a paternidade do filho. Isso pode ser observado na seguinte frase: *“Hoje eu penso em todo o momento se o menino é ou não meu filho. Na verdade eu estou percebendo que a minha preocupação e a ansiedade que sinto hoje são por conta dessa grande dúvida”*. Para a Daseinsanalyse, há uma angústia existencial, que é sempre anterior à angústia patológica. Nesse sentido, a angústia existencial diz respeito ao desamparo tremendo que o Dasein vive enquanto se apropria de si mesmo, isto é, quando se percebe, com maior ou menor clareza, aberto e lançado na indeterminação dos fatos do futuro, o que é profundamente aflitivo e assustador. No que se refere a angústia existencial, procurar abrigo é uma das primeiras possibilidades que o ser vivencia. Diante desse conflito, o fato do paciente não fazer o exame de DNA, pode ser pensado como ficar no “abrigo”. O paciente estava protegido e dessa forma achava melhor não se expor ao risco de ficar desabrigado, ou seja, descobrir a veracidade sobre a paternidade do filho. No seu relato, foi possível perceber uma angústia, ansiedade e a queixa que o paciente trazia pelo medo de perder o contato com o filho. Foi possível compreender a função do psicoterapeuta como alguém que estabelece uma relação de pré-ocupação de modo desinteressado, libertando o outro para si mesmo. É importante destacar a importância do terapeuta existencial ao pontuar o discurso do paciente de forma que o outro se veja nesse discurso e se responsabilize pelo seu existir.

Palavras-chave: Angústia existencial; angústia patológica; abrigo.

O DESVELAR DE UM ENCONTRO HUMANO: A ABORDAGEM FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL COMO POSSÍVEL COMPREENSÃO DA PATOLOGIZAÇÃO DE UM INDIVÍDUO COM TDAH E ÁSPERGER.
Orientadora: NUKUI, Sonia Maria Machado de Oliveira; COSTA, Tamara da -
Universidade Paulista- Sorocaba

Objetiva-se descrever a experiência clínica no atendimento psicológico na disciplina de intervenção clínica breve (estágio prático supervisionado do 9º semestre) na abordagem fenomenológico-existencial. O cliente (53 anos) já havia realizado atendimento psicológico anteriormente durante seis meses na

abordagem Psicanalítica, contudo, optou-se por não consultar seu prontuário, a fim de não realizar um primeiro encontro com uma visão preconcebida do caso. A queixa inicial trazida pelo cliente referia-se à questão do desemprego, das suas dificuldades de relacionamento e de executar atividades práticas do cotidiano. O cliente justificava suas dificuldades em função do seu diagnóstico de TDAH e Asperger, diagnósticos estes que foram referidos por ele durante a maioria dos atendimentos. O processo psicoterapêutico constou de 10 sessões, com o suporte e supervisão da professora orientadora. De modo geral o cliente procurou atendimento em busca de mudanças efetivas no seu modo de ser que, na sua concepção, trariam a promessa de vencer os obstáculos devidos às patologias e “vícios” de comportamento que ele acreditava ter. Palavras como “necessidade de treinamento de habilidades/ atitudes” e até mesmo “vícios comportamentais” foram referidas por ele para demonstrar o quanto sua busca era focada em resultados, sem a possibilidade de refletir cuidadosamente sobre seu modo de ser-no-mundo com os outros. A psicoterapia teve como objetivo construir junto ao cliente compreensões acerca de como estava sendo no mundo, sem a pretensão de classificar ou nomear suas atitudes e expressões. Assim, aos poucos foram se desvelando, ao cliente, outros modos de perceber como vinha existindo, para que pudesse amenizar seu sofrimento quando se encarava como portador de TDAH, Ásperger ou qualquer outro diagnóstico. Embora a demanda do cliente fosse por interpretações explicativas sobre seu comportamento, com respostas e sugestões para uma mudança efetiva do modo como vinha existindo, tomou-se como base uma postura compreensiva, pensando na importância de se compreender os fenômenos que se apresentavam. À medida que os atendimentos transcorreram, tornou-se notória a reflexão do cliente sobre suas concepções técnicas e objetivas de perceber o mundo. Conforme as sessões passaram, ele foi se deparando com seus sentimentos sobre seu modo de ser consigo próprio e com as outras pessoas de seu convívio, focando-se cada vez menos nos diagnósticos mencionados anteriormente. Grosso modo, durante os atendimentos pôde-se perceber por um lado a sua aderência aos encontros, demonstrando o sentido que aquele espaço estava fazendo para a sua existência, e, por outro, sua necessidade quase inesgotável de buscar

respostas específicas para suas dificuldades. Pode-se dizer que os atendimentos psicológicos realizados sob a abordagem fenomenológico-existencial soaram diferentemente aos seus ouvidos, e, através dessa nova ferramenta, foi possível que ele se percebesse ilimitado, no sentido de sair do padrão das patologias que o colocavam de forma hostil diante do mundo.

Palavras-chave: Psicologia, Diagnóstico, Abordagem Fenomenológico-Existencial, Psicopatologia, Psicologia Cognitivo-Comportamental

O ACOLHIMENTO EM SAÚDE MENTAL NA CLÍNICA ESCOLA DE PSICOLOGIA. PERFEITO, HÉLVIA; SCAVAZZA, MAÍRA; DONADÉLI, LUCIANA; CÂNDIDO, DIEGO - UFU

O acolhimento psicológico é uma ferramenta de intervenção possibilitada por uma escuta qualificada. Dentre as suas funções podemos citar, além do acolhimento ao sofrimento do paciente, o psicodiagnóstico, orientações, intervenções pontuais e análise do encaminhamento do caso. A Clínica Psicológica da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) enquanto espaço de ensino e prática é também local para atendimento a rede pública de saúde. Até o final de 2011 o acolhimento se dava por meio de plantão, onde o paciente era recebido no momento de sua chegada apenas para preenchimento de sua ficha, contendo dados pessoais e resumo da queixa e esta ficha era colocada na fila de espera. A partir de março de 2012 o acolhimento foi modificado para um acolhimento estendido, de no mínimo 2 e no máximo 5 sessões com preenchimento posterior da ficha. O aumento das sessões de acolhimento possibilitou um aprofundamento da hipótese diagnóstica e maior cuidado para os encaminhamentos, pois se percebeu que a queixa inicialmente relatada pelo paciente nem sempre abrange toda a complexidade dos conflitos vivenciados por ele, necessitando assim de um contato prolongado para perceber as minúcias do sofrimento de cada indivíduo. O objetivo desta pesquisa foi avaliar as consequências da mudança do processo de acolhimento de uma para até cinco sessões. O método utilizado para essa avaliação foi o levantamento de dados realizado a partir das fichas de acolhimento dos anos de 2010, 2011 e 2012. Foi levado em conta no levantamento de dados: faixa etária (infantil, adolescente e adulto) e a resolutividade de cada caso. Dentro de

resolutividade foram consideradas oito categorias: resolução do atendimento no acolhimento, abandono do processo de acolhimento, encaminhamento para outro serviço, desistência por parte do paciente ao ser chamado da fila de espera para psicoterapia, permanência na fila de espera, sem contato ao chamar o paciente para o processo psicoterapêutico, atendidos em processo psicoterapêutico e fichas com dados de resolução incompletos. A coleta de dados foi realizada a partir da contagem das fichas, tabelando os dados encontrados de acordo com as categorias supracitadas. A princípio foi feita a análise quantitativa destes dados, para posteriormente se fazer uma análise qualitativa capaz de responder a questão inicial desta pesquisa. Foi possível avaliar pelos dados encontrados que, a partir da mudança do processo de acolhimento, houve uma diminuição dos pacientes mantidos na fila de espera e uma diminuição do número de desistências por parte dos pacientes ao serem chamados da fila de espera para atendimento psicoterapêutico. Essa mudança pode ser justificada pelo aumento do número de sessões do acolhimento, que possibilita alívio para as questões emergenciais do sofrimento do paciente, diminuindo a demanda de serem colocados na fila de espera. Esse dado pode ser justificado pelo número de desistências e encerramentos dos casos durante o próprio processo de acolhimento. Conclui-se então, que a mudança do processo de acolhimento diminuiu a permanência de pacientes na fila de espera, proporcionando um maior fluxo de atendimentos, tornando o serviço mais eficaz e mais humanizado no contato com o sofrimento dos pacientes.

Palavras-chave: Acolhimento; saúde mental; clínica escola.

MUNDO REAL OU MUNDO VIRTUAL? ASPECTOS DE UM ATENDIMENTO COM ADOLESCENTE. ANTONELLI, A.; BALIEIRO, Carmen R.B. (supervisora) Universidade Paulista – Ribeirão Preto.

Esse estudo relata um atendimento brevemente realizado no primeiro semestre de 2013 no serviço de triagem da Universidade Paulista que ocorre todas as sextas feiras. A triagem é um serviço clínico e interventivo oferecido para a comunidade local. O paciente atendido foi S. um adolescente de 14 anos. Foram oferecidos 10 atendimentos, sendo esses semanais. S. veio para atendimento psicológico encaminhado pela escola, por ser considerado

agressivo verbalmente e fisicamente e relato de furtos. Foram realizados dois atendimentos com a mãe, um com mãe e filho e sete para o adolescente, que compareceu em seis atendimentos. Mostrou-se com dificuldade em respeitar regras, e não aceitação de limites, frente às atividades realizadas. Além disso, apresentou interesse por jogos, filmes e lutas, utilizando durante muitas horas de seu dia o computador, em relação à rotina vai à escola no período da manhã e durante a tarde utiliza do computador para jogos como GTA, e a noite assiste filmes de luta e violência, até a madrugada, por essa razão muitas vezes vai para a escola no dia seguinte com dor de cabeça e cansaço. O adolescente em questão não tem amigos relata sofrer injúria racial e *bullying* não sai para jogar ou brincar na rua ou em outros lugares. Durante os atendimentos mostrou-se com embotamento afetivo e social, sem amigos e com grandes dificuldades de lidar com contato e convívio social e regras de convivência. Essa dificuldade foi apresentada em relação à estagiária nas atividades relacionadas aos jogos de dama, uno e dominó não respeitava as regras e sempre encontrava um jeito de ganhar a partida não por mérito, mas por pequenos movimentos de furtos dos jogos. Foi hipotetizado que o adolescente apresenta episódios de privação afetiva e social e que estas características podem estar relacionadas a sua etnia afrodescendente e pelo aspecto de ter sido abandonado por sua mãe biológica e portanto ser filho adotivo de um casal que vive em condições sociais marginalizadas, pois sua mãe é catadora de papelão e apresenta 68 anos e seu pai faz bicos e apresenta 49 anos, a família reside em uma região periférica com muita violência urbana e social da cidade de Ribeirão Preto. Portanto, o adolescente parece viver em um mundo fechado (casa) como forma de proteção e virtual para sobreviver a sua adversidade histórica. Foi compreendido que o adolescente não se sente pertencente ao local inserido, e que o mesmo está em busca de sua territorialidade, pois não conseguiu encontrar isso fora de casa nas relações sociais e principalmente na escola, mas apenas no mundo virtual. O adolescente será atendido no segundo semestre deste ano.

Palavras-chave: adolescente; família; adoção.

MODOS DE SER PSICÓLOGO: ENTRE O PLANTÃO E A PSICOTERAPIA.
RODRIGUES, Gabriela Ponte; BARRA, Tiago Yehia de la - Universidade Paulista – Paraíso

A partir da experiência no estágio em Plantão Psicológico no Centro de Psicologia Aplicada - Unip Paraíso em 2013 deu-se início uma série de reflexões sobre a atuação do psicólogo em diferentes modalidades de atuação. Ao vivenciar a prática nesta modalidade de estágio pude perceber as distinções em relação aos objetivos da atuação em psicoterapia breve, ambos na perspectiva Fenomenológica Existencial. O presente trabalho pretende esclarecer algumas destas diferenças na forma de atuação de modo claro e breve, a fim de compartilhar minha experiência durante o momento de aprendizado. Para elucidar o raciocínio que me levou a esta reflexão elegi como ponto de partida retomar em poucas palavras o ponto de vista adotado por esta perspectiva para posteriormente abordar os objetivos do psicólogo plantonista e psicoterapeuta. A perspectiva fenomenológica existencial parte da concepção de homem de Dasein proposta pelo filósofo alemão Martin Heidegger por volta de 1930. Esta concepção de homem acredita que é na relação do sujeito com o mundo que ele se constitui, e esta relação é permeada pela construção do sentido da existência. Para uma atuação baseada nesta perspectiva, buscamos compreender e reconstruir a teia de sentidos vivenciados pelo paciente para compreender, a partir de sua própria ótica, o que sua experiência significa em sua existência e como ele articula este universo de sentido em uma tentativa de fugir do vazio originário da existência humana. Nas palavras de Nunes e Morato (2012) a atuação do psicólogo plantonista consiste em orientar e caminhar junto com o paciente rumo à construção da compressão da demanda apresentada por ele, trazendo questionamento os sentidos atribuídos a suas vivências. Sendo assim, esta compreensão é construída baseada da narrativa do paciente, servindo como ponto de partida para que o plantonista possa clarear sua demanda a partir da queixa apresentada, fazendo com que se aproprie da mesma. A atuação do plantonista se restringe ao olhar do paciente para a questão apresentada. Por outro lado a atuação do psicólogo em psicoterapia, que consiste também em refletir sobre as formas de ser-no-mundo do paciente, questionando a

problemática apresentada por ele e proporcionar-lhe novas possibilidades de ser-no-mundo a fim de existir e vislumbrar o universo de possibilidades para uma “adaptação tranquila”, proporcionando a auto compreensão sobre suas formas de se relacionar com o mundo. Pudemos concluir que estas formas de atuação diferem em seus objetivos, mas que carregam consigo em sua perspectiva a mesma concepção de homem tendo como norteador o desvelamento do sentido. No caso do plantonista seu objetivo atinge seu propósito quando o paciente clareia sua demanda e dela se apropria. Em psicoterapia o psicólogo estende a compreensão desta demanda para que o paciente possa criar novas formas de existir.

Palavras-chave: Plantão Psicológico, Atuação Psicológica, Fenomenologia Existencial

MANEJO DE COMPORTAMENTOS OBSESSIVOS-COMPULSIVOS: UMA EXPERIÊNCIA CLÍNICA. SOUZA, Rafael Dias de; CAPUTO, Viviane. (Orientadora) UNIP – Universidade Paulista.

A psicoterapia cognitivo-comportamental, segundo Rangé (2001), é uma prática psicológica baseada em uma ciência e filosofia do comportamento humano, que pode ser resumida em uma concepção naturalista e determinista, possuindo assim uma metodologia experimental como suporte para o conhecimento. Segundo Beck (1997), a terapia cognitiva se baseia em um modelo que levanta hipóteses em que as emoções e os comportamentos humanos são diretamente influenciados por sua percepção dos eventos. Não sendo a situação a única determinante aos sentimentos, mas antes um modo que ela interpreta. Neste processo de psicoterapia, atendi uma senhora de 61 anos, trabalhei com a demanda trazida por ela, pontuando sempre com dados de realidade, questionando os pensamentos automáticos, em situações reais trazidas para a sessão, tentando fazer entender como tais pensamentos motivam algumas emoções e como eles estão intrinsecamente ligados. A queixa consistia em: epilepsia, forte ansiedade, dificuldades em aceitar relacionamento homoafetivo de sua filha, compulsão por limpeza e organização. Foram realizados sete encontros na clínica escola da Universidade Paulista, onde foram trabalhados os seguintes aspectos:

estabelecimento do contrato terapêutico, confiança e rapport, socialização da cliente com a terapia cognitiva-comportamental e verificação do humor (BECK, 1997, p 40-58); questionamento dos pensamentos automáticos (BECK, 1997, p 89-99); bem como as crenças centrais que consistiam em conceitos aprendidos durante a sua história de vida, em que a igreja e os costumes eram mais rígidos e cristalizados; também foram realizados exercícios de respiração profunda e relaxamento leve, seguindo o modelo proposto por Lipp (1997); trabalhamos os pensamentos disfuncionais (Beck, 1997), bem como elaborações de R.P.D. (Rangé, 2001, p 92); foi realizado o reforço positivo ao cumprimento de algumas das metas propostas. A respeito da filha, há um pensamento cristalizado com relação a sua orientação sexual, não aceitando sua escolha homo afetiva. Com relação a sua compulsão, foram trabalhados alguns aspectos relacionados aos seus comportamentos, crenças e pensamentos, evidenciando assim as crenças centrais que ligadas a sua educação, onde aprendeu que a mulher tinha o papel de cuidar da casa e das tarefas do lar, juntamente com as concepções de moral e costumes. Considerando todo o processo de psicoterapia, foram evidenciados pelos relatos da cliente, avanços significativos de mudanças de comportamentos em relação à obsessão por limpeza, serviços domésticos e trabalho, com diminuição dos pensamentos disfuncionais e atitudes obsessivas, bem como melhora da qualidade de vida da cliente.

Palavras-chave: Manejo de comportamentos; obsessivo-compulsivo; cognitivo-comportamental.

LEVANTAMENTO DOS TESTES PSICOLÓGICOS UTILIZADOS NA CLINICA-ESCOLA UNIP CAMPINAS. PATUTTI, C. A. O. B.; CALIL, R. C. C. (orientadoras); MOMESSO, A. C. S.; FEITOSA, E. A.; SANTOS, E.C.A.; Universidade Paulista – Campinas

Este trabalho objetiva verificar a frequência da utilização dos testes psicológicos dentro do processo de psicodiagnóstico na clinica escola da Unip-Campinas. O psicodiagnóstico implica, como pressuposto básico, em conhecer o outro. A partir dessa premissa, além das entrevistas e quando houver indicação, pode-se fazer uso de testes como instrumentos padronizados, que

têm função de auxiliar, confirmar ou refutar hipóteses levantadas. Para validação desta pesquisa realizou-se um levantamento quantitativo referente ao ano de 2011 e 2012, totalizando 219 prontuários selecionados do Psicodiagnóstico Infantil. Entretanto, destes 176 (80%) foram consultados, já que 43 (20%) prontuários não constavam nos arquivos do serviço devido a estarem sob verificação do psicólogo responsável. Dos consultados 48 (27%) acusaram o uso de testes psicológicos junto a crianças com média de idade 7,6 anos. Foi constatado que predominou a utilização do H.T.P em 45 dos casos, seguido da Escala de Maturidade Mental em 7 casos, do Teste de Bender em 2 casos, do TAT em 1 caso e do WISC em 1 caso, ressaltando-se, em algumas vezes, em um único caso foi aplicado mais de um desses instrumentos citados. Embora o psicodiagnóstico possa ser realizado independente da abordagem teórica do supervisor e do contexto de atuação, o uso de testes consiste em produzir conhecimento, de forma sistemática, padronizada e teoricamente embasada em alguma filosofia teórica, o que leva a pensar em conhecimento cientificamente produzido. Nesse levantamento, nota-se a maior incidência de uso de técnicas projetivas, o que confirma os resultados encontrados por outros autores que apontam que esses são os mais ensinados no curso de graduação. Isso nos leva a pensar na relação estabelecida pelos profissionais com esses instrumentos, sugerindo confiabilidade em seus resultados ou maior domínio técnico e teórico do material. É ainda possível considerar que tal levantamento revele a abordagem teórica empregada pelo supervisor que orienta seus alunos, o que pode ou não favorecer a utilização deste tipo de instrumento. É necessário levar em conta que o Conselho Federal de Psicologia delibera, por meio das suas “Diretrizes na regulamentação da profissão” (2010) para a avaliação psicológica, o compromisso técnico e teórico para com o uso adequado destes instrumentos de avaliação e isto deve levar os profissionais à reflexão ética e ao estudo das práticas para que não haja um corte epistemológico e descaso para com seu uso e execução.

Palavras-chave: psicodiagnóstico; testes; abordagens teóricas.

LANÇANDO-SE NUM FUTURO MELHOR: DESCOBERTAS A PARTIR DE UMA PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL. DIAS, Grace; EVANGELISTA, Paulo- Universidade Paulista UNIP

A ênfase da Psicoterapia Fenomenológico-Existencial é acompanhar o paciente em seus modos de ser, pois funda-se no "cuidado", enquanto "ser-no-mundo-com-o-outro", não enquadra o paciente em modelos teóricos, mas busca compreender as possibilidades singulares de existir de cada um, tal como ele experiência em suas relações-de-mundo com pessoas e objetos. O terapeuta vai atuar como um facilitador cuja produção vai consistir em deixar aparecer por si mesmo o que se oculta, tendo como objetivo não deixar o universo do paciente fechado em um mesmo círculo, aproximando-o algumas vezes de cenas que ele quis evitar, afastando-o de concepções radicalmente cerradas, mantendo alternativas para situações problemáticas. Esta é uma definição geral do que é uma Psicoterapia. Como acontece na prática? Como uma Psicóloga Fenomenológica Existencial, a fim de realizar esses objetivos expostos acima acompanha o paciente no enfrentamento das suas dificuldades e na busca da realização de seus objetivos? O objetivo desta pesquisa é articular uma compreensão sobre o sentido da psicoterapia fenomenológico-existencial como possibilidade de atenção psicológica à população que recorre aos serviços da clínica-escola. Para isso, toma como ponto de partida uma experiência ocorrida na Clínica-Escola da UNIP CPA-Vergueiro no início de 2013, quando procurou atendimento uma paciente muito humilde, que trabalha como faxineira numa instituição, onde sofre com situações que caracteriza como violência psicológica. Ela nos apresentou como queixa a dificuldade de se relacionar com as pessoas, a insatisfação pessoal, profissional e os objetivos de fazer uma faculdade e crescer profissionalmente. Mas, acredita que situações ocorridas no passado como a forma de criação que teve do pai e o casamento com o marido, usuário de drogas, podem estar acarretando dificuldades no seu cotidiano. Em relação às dificuldades que a paciente encontra para a realização de seus objetivos, serão mesmo provenientes de seu passado ou serão motivos os modos como ela vivencia seu passado? Durante as sessões do primeiro semestre a paciente apresentou-se ansiosa, angustiada, triste, limitada em seus relacionamentos, insatisfeita consigo

mesma e com a profissão. Mas, também sentindo-se esperançosa e disponível a novas possibilidades. Ao longo do processo psicoterapêutico, tem mostrado capacidade de superar a violência psicológica sofrida cotidianamente, mas continua em desequilíbrio por ter que suportar esse tipo de acontecimentos indesejados chamados por ela de "obstáculos diários". Concluímos que a existência é toda a experiência que ela já viveu com a significação por ela dada. Para aparecer de outros modos é preciso se lançar em outros contextos. A resignificação exige rearticulação do mundo; mudanças na sua história vivida dependem do surgimento de novas perspectivas futuras.

Palavras-chave: Psicoterapia; Fenomenologia-existencial; Violência psicológica

FAMÍLIA RECONSTITUÍDA POR PADRASTO: RELATO DE CASO.
GUILHERME, C. G; JUNIOR, R. R; BALIEIRO, C. R. B. Universidade Paulista –
Ribeirão Preto.

A Terapia Sistêmica Familiar apresenta uma proposta de enfoque mais ativo, voltada para a resolução de problemas no contexto familiar. O objetivo do presente trabalho foi realizar atendimentos psicoterapêuticos breves, articulando as intervenções clínicas aos arcabouços teóricos e técnicos que os fundamentam, frente ao caso clínico de uma família atendida no Centro de Psicologia Aplicada (CPA) da Universidade Paulista (UNIP). O procedimento utilizado foi de atendimentos quinzenais, conduzidos por co-terapia, em uma sala de espelho unilateral em conjunto com a equipe reflexiva na presença da supervisora. A família atendida foi composta por G(29 anos), R (33 anos), GO(8 anos) e I(1 ano), a paciente identificada é G. Chegou ao serviço do CPA por intermédio do atendimento realizado por alunos do 9º semestre na área de saúde do Centro de Referência HIV-AIDS. É uma família reconstituída por padrasto e que apresentou como queixa dificuldade de se relacionar com o atual marido, relatando ser muito agressivo e não aceitar seu filho do 1º casamento, o que ocasiona grandes desentendimentos entre o casal. Em relação a sua história de vida, a paciente foi abusada sexualmente pelo padrasto dos 6 aos 14 anos de idade e posteriormente abrigada devido a negligência e abandono materno. Casou-se e deste casamento nasceu seu filho de 8 anos, separou-se e voltou para a casa dos pais. Casou pela 2ª vez e desta união nasceu uma filha. Na

casa moram: o casal e as duas crianças. Expos que não existe diálogo entre o casal e não buscam aproximação. Através dos relatos apresentados pela família, percebeu-se que o casamento ocorreu pela insistência de seu atual marido e devido à dificuldade que a paciente enfrentava de se relacionar com a mãe e padrasto, enxergou a oportunidade de se afastar da situação. Dentro do âmbito familiar da paciente, existe a predominância da individualidade de cada membro, as responsabilidades financeiras e tarefas cotidianas não são bem divididas, as crianças não sabem a quem acatar devido a falta de diálogo e concordância entre o casal. Encontram-se na fase de aquisição, na qual são necessárias muitas aquisições simultâneas como: a formação de um novo casal, a chegada de um novo filho, portanto se faz necessário e presente o processo dialógico e comunicacional. Nota-se que apesar das dificuldades na comunicação esta família apresenta aspectos saudáveis e harmoniosos que a caracteriza como funcional. G. representa um papel forte e de cuidadora frente ao andamento e organização familiar, mantendo o seu funcionamento, sendo o eixo principal e elo entre os membros que a compõe. A experiência na psicoterapia familiar é bastante diferente das outras psicoterapias, nela é proporcionado ao paciente identificado e a sua família um espaço de escuta, fazendo com que cada membro tenha o seu momento de falar e também de ouvir, facilitando sua interação.

Palavras-chave: Abordagem Sistêmica, Conjugalidade, Comunicação, Família.

FAMÍLIA E ESCOLA ANÁLISE DO PERFIL DAS QUEIXAS ESCOLARES DE CRIANÇAS ATENDIDAS NO CPA DE RIBEIRÃO PRETO. ZERI, A.S; BALIEIRO, C.R.B. Pós Graduação em Psicologia da Universidade Paulista - Ribeirão Preto.

A família passa por transformações profundas nos séculos XVI e XVII, onde o novo lugar assumido pela família na vida sentimental das relações com as crianças é significativo. Estudos no Brasil mostram uma prevalência de crianças com problemas de comportamento. Atualmente, o desenvolvimento infantil tem tido muita ênfase devido aos vários tipos de comportamento, como as queixas escolares, os problemas de aprendizagem, falta de limites, transtornos de ansiedade, déficit de atenção, entre outros. Nessa perspectiva,

percebe-se os familiares cada vez mais preocupados com a educação e com a importância de um crescimento saudável, em termos físicos e psicológicos. Assim, a influência e a contribuição da família são importantes para o desenvolvimento infantil. Este é um estudo descritivo/exploratório que teve como objetivo identificar por análise de prontuários as características das queixas escolares mais frequentes e a conduta dos profissionais após os atendimentos realizados, onde foram analisados 66 prontuários de crianças e adolescentes entre 2 e 16 anos de idade, que passaram pela porta de entrada, ou seja, pelo serviço de Triagem, Psicodiagnóstico e Psicoterapia Infantil no Centro de Psicologia Aplicada (CPA) da Universidade Paulista, da cidade de Ribeirão Preto-SP, no período de 2007 a 2010. Resultados: as queixas escolares nunca vêm sozinhas, ou seja, os problemas de comportamento são apontados em todas as queixas, como agressividade, hiperatividade, dificuldades de atenção e concentração, dentre outras. Os sujeitos são predominantemente masculinos (68,2%). Os sujeitos entre 2 e 12 anos correspondem a (93,9%), 46 sujeitos (69,7%) cursavam o 1º grau do ensino fundamental em escolas públicas. Foi identificado sujeitos predominantes na fase de aquisição do ciclo vital, o que nos mostra fortemente as dificuldades e muitos conflitos nesta fase, onde os pais precisam e necessitam se equilibrar diante de toda a transformação que ocorre neste período.

Palavras-chave: queixas escolares, família, escola, hiperatividade.

FAMÍLIA: DUAS VISÕES, MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES NO CENÁRIO DA DIVERSIDADE SEXUAL. SANTOS, Yurín Garcêz de Souza; SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio dos. Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP).

A família homoparental é uma modalidade de arranjo familiar que vem conquistando crescente visibilidade nos últimos tempos. O modelo inspirado na família nuclear, heterossexual, monogâmica e procriadora, acaba por se instaurar como norma no imaginário social, servindo de régua para a classificação de qualquer outra forma de constituição familiar. Nesse sentido, famílias constituídas a partir de uniões homoafetivas e, especificamente, por

homens homossexuais, representam um desafio para as disciplinas que tratam da parentalidade, como a Antropologia, o Direito e a Psicanálise. Torna-se necessário uma revisão de conceitos e concepções tradicionais desses campos de saber acerca da família. O presente estudo teve por objetivo apresentar novas possibilidades de ser família, colocando em questão a família homoafetiva, a partir da perspectiva de seus próprios protagonistas, e compreender de que modo a homoparentalidade é construída e vivida em uma sociedade heteronormativa. Foram entrevistados dois homens, Paulo e Vinícius (nomes fictícios), com idades de 39 e 40 anos, respectivamente, homossexuais e pais, sendo a paternidade de Paulo concebida por via biológica e a de Vinícius por meio da adoção. As entrevistas se basearam no método de História de Vida e foram complementadas por questões adicionais elaboradas pelos pesquisadores com base na literatura da área. As conversações foram gravadas em áudio para posterior transcrição na íntegra e literalmente, respeitando-se os aspectos éticos. Para organizar os dados foi realizada análise de conteúdo temática. Os entrevistados veiculam uma multiplicidade de visões do que é “ser família”, de maneira que o contexto da família homoparental exhibe diferenças em sua forma de estruturação e funcionamento, quando vista à luz da heteronormatividade. A experiência de ser pai, para os entrevistados, extrapola o papel de provedor e mantenedor das condições materiais que medeiam a relação pai-filho. Para além desse papel consagrado nos relacionamentos heterossexuais, a paternidade está baseada nas relações socioafetivas estabelecidas, em detrimento das relações biológicas, afastando-se das concepções tradicionais que se baseiam na heterossexualidade compulsória. Apesar da diversidade dos modos de ser família, os participantes apontam em seus relatos para um aspecto convergente: a centralidade assumida pelas relações estabelecidas entre os membros do grupo familiar. A afetividade veiculada nesses relacionamentos constitui um aspecto fundamental de suas vivências, ampliando-se assim as noções tradicionalmente descritas e caminhando em direção a uma noção de família plural. Ademais, aponta-se a necessidade de maior empenho das disciplinas que versam sobre a paternidade, no sentido de que os discursos dos que vivem em contextos de configurações familiares distintas daqueles modelos

preestabelecidos como normativos pelo contexto social possam também ser legitimados como válidos e possíveis.

Palavras-chave: homoparentalidade, paternidade, famílias homoparentais.

Apoio: FAPESP

FAMÍLIA COM ADOLESCENTES. KATAYAMA, P; PENTEADO, L. C. O; BALIEIRO, C.R.B. - Universidade Paulista - Ribeirão Preto

A família é uma instituição que possui importante papel na sociedade e no desenvolvimento da subjetividade do indivíduo. A terapia familiar surgiu como extensão de modelos teóricos de visão sistêmica, tais como a “Teoria Geral dos Sistemas”, de Ludwig Von Bertalanffy e a Cibernética – estudo dos mecanismos de *feedback* em sistemas que autorregulam-se, as quais influenciaram as Escolas pioneiras na construção do contexto clínico do atendimento a famílias com a observação direta das interações familiares. O desafio na área de terapia familiar foi enxergar a família além das individualidades e buscar o padrão de influência mútua que se observa nas condutas de seus membros, numa perspectiva circular como lente de compreensão das interações familiares. Os atendimentos realizaram-se no Centro de Psicologia Aplicada (CPA) da UNIP em co-terapia,, juntamente com a equipe reflexiva na presença do supervisor. A família foi atendida no 1º semestre de 2013, composta pelo pai O (58), a mãe M (52 anos), o filho S. 27 anos, casado e com duas filhas pequenas, a filha F. (25), e as adolescentes Ca (13), a paciente identificada PI e C (12). Compareceram às sessões apenas a mãe e as duas filhas adolescentes, trazendo conflito relacional que identificava Ca como a filha problemática, que não colaborava com a família e era culpabilizada pelos conflitos do sistema familiar. PI é uma adolescente espontânea, sincera e carente do carinho e compreensão familiar, principalmente da mãe. Mostrava querer ter experiências próprias e queixava-se de falta de espaço e aceitação. A mãe mostrava-se ansiosa, falando muito durante as sessões, sentindo-se frustrada por ter abandonado projetos pessoais no passado, por perdas financeiras e mudanças no padrão de vida,. C. mostrava-se dividida pela crise familiar, posicionando-se ao lado da mãe nas

críticas à irmã e, também preocupando-se excessivamente com Ca. Durante os atendimentos, utilizando a técnica da circularidade, foi-se abrindo espaço para que a queixa de Ca. fosse manifestada e acolhida pela equipe, buscando-se que a mãe e a irmã a ouvissem e explorando-se aspectos como a necessidade de carinho de Ca, as dificuldades de comunicação entre os membros da família e a necessidade de que todos pudessem ter espaço de intimidade e privacidade, além dos espaços coletivos. Foram também realizadas sessões com as irmãs, nas quais tratou-se da relação entre ambas, da parceria prejudicada e do papel de C. não mais como “mãe”, mas como irmã e companheira de Ca. Ao final do processo houve significativa mudança na relação das irmãs, C. passou a posicionar-se com mais cumplicidade e companheirismo em relação a Ca. A mãe decidiu estudar, matriculando-se em um curso universitário e Ca. relatou sentir-se com seu espaço e opiniões mais respeitadas. Iniciou um namoro e confidenciou o fato à mãe e à irmã C. A família optou por encerrar os atendimentos, em vista dos novos projetos e atividades.

Palavras-chave: Família; adolescência; comunicação.

EXPECTATIVAS DE PACIENTES ACERCA DO ATENDIMENTO PSICOLÓGICO EM SERVIÇOS ESCOLA. NICIOLI Cerioni, Rita. Universidade Paulista e Universidade de São Paulo; HERZBERG, Eliana. Universidade de São Paulo.

A partir de uma experiência em supervisão de alunos de psicologia que atendiam em psicoterapia breve de orientação psicanalítica da Universidade Paulista, observou-se que a escuta clínica e compreensão das expectativas dos pacientes acerca do atendimento psicológico favorecia o engajamento destes ao processo de psicoterapia. Essa experiência consistiu em orientar os estagiários do quinto ano a perguntarem aos seus pacientes, no primeiro atendimento, o que eles esperavam da psicoterapia. Levantar e analisar esse material junto aos estagiários favoreceu uma redução significativa do índice de desistência. A hipótese é que a escuta e análise das expectativas podem aproximar a técnica da psicoterapia psicanalítica e necessidades dos pacientes, favorecendo adesão ao tratamento psicológico. **Objetivos:** 1.

Identificar as expectativas dos pacientes que procuram um serviço-escola para atendimento psicológico durante o processo de triagem. 2. Analisar se a intervenção na escuta clínica dessas expectativas interfere positivamente na adesão à psicoterapia. 3. Levantar dados estatísticos acerca do índice de desistência e verificar possível relação com a escuta das expectativas.

Método: O delineamento da pesquisa é predominantemente clínico-qualitativo. Foi feita pesquisa documental comparando os anos de 2009 e 2010 quanto ao número de desistências. Foram realizadas entrevistas semi-dirigidas com 10 pacientes que aguardavam na lista de espera para atendimento psicológico no serviço-escola desta universidade, análise dos prontuários, e acompanhamento junto aos estagiários designados para atender os respectivos pacientes. Esse acompanhamento consistiu de dois momentos: 1. Encaminhamento da ficha de triagem onde constam as expectativas levantadas; 2. *Follow-up* para verificar adesão após seis meses da entrevista de triagem.

Resultados parciais: Os resultados obtidos até o momento parecem indicar que a compreensão das expectativas dos usuários do serviço-escola de psicologia possibilita avaliar e repensar a prática dos serviços existentes, no sentido de tentar uma aproximação entre demanda, expectativa e qualidade do trabalho desenvolvido.

Conclusão Parcial: A escuta e análise das expectativas em relação ao atendimento psicológica dos pacientes que procuram este serviço em uma clínica-escola, permite uma compreensão mais próxima dos seus desejos e necessidades, reduzindo o hiato produzido entre o que o estagiário anseia oferecer e o que o paciente expressa necessitar, o que não significa satisfazê-lo, mas compreendê-lo. Os resultados obtidos até o momento parecem indicar que a escuta e análise das expectativas favorecem a adesão ao tratamento psicoterápico, reduzindo o índice de desistência. Uma das implicações que poderá advir dessa pesquisa é um maior cuidado por parte dos supervisores, para que os alunos possam fazer uma escuta mais acurada das expectativas dos pacientes não só na triagem, mas também no início da psicoterapia, dado que é frequente existir um intervalo, muitas vezes maior do que o desejado, entre a inscrição, a triagem e a psicoterapia, podendo haver mudanças de expectativas entre um momento e outro.

Palavras-chave: Expectativas; Triagem psicológica; Serviços-Escola; Desistência.

ATENDIMENTO NO PLANTÃO PSICOLÓGICO: UM ESPAÇO PARA ABERTURA DE POSSIBILIDADES DE EXISTIR. ROMANELLI, Felipe e BARRA, Tiago Yehia de la – UNIP - Universidade Paulista – Paraíso.

A Clínica-escola do CPA - Centro de Psicologia Aplicada da UNIP oferece o serviço de Plantão Psicológico à comunidade em geral e é destinado às pessoas que buscam um atendimento emergencial em situações de crise ou trauma, situações que tirem o equilíbrio momentâneo e necessitem de uma ação interventiva imediata. Está prática se dá a partir da perspectiva fenomenológico existencial. O atendimento em Plantão oferece um espaço de acolhimento e escuta disponível ao paciente a partir de sua narrativa. O objetivo é oferecer àquele que sofre, auxílio para clarear sua condição, numa tentativa de abrir possibilidades de compreensão de sua existência, para que assim se responsabilize e se aproprie do seu próprio cuidado. Procurou o atendimento no Plantão do CPA uma paciente de 33 anos relatando depressão e esquecimento e o plantonista procurou entender, a partir de sua queixa, qual sua demanda. No discurso a paciente afirmava que as possibilidades em sua vida foram ficando limitadas, até serem reduzidas a apenas cuidar da casa e de sua filha, e que todas as outras ficaram inviáveis. Como a cliente apenas falava dos acontecimentos de sua vida a partir do ponto de vista de terceiros, o plantonista procurou, junto a ela, pensar como ela poderia falar das mesmas coisas se seu próprio ponto de vista. Como consequência a cliente foi ficando angustiada já que o atendimento promoveu dúvidas ao invés de tirá-las. No Plantão a paciente teve a oportunidade de ser escutada, contar a respeito de seu sofrimento e de que maneira ela olhava para sua vida assim como suas possibilidade de existência naquele momento, e que no seu esquecimento estava a vontade de deslembrar sua existência, cada vez mais dolorosa. A partir da oportunidade de escuta, a cliente pode olhar para sua depressão não como algo que lhe acometeu, mas como oportunidade de pensar de que maneira sua vida podia assumir outros contornos. Concluimos que a depressão era seu modo de ser no mundo atual, e através da escuta no Plantão ela pôde

ressignificar alguns aspectos de sua vida até então não vislumbrados, compreendendo a necessidade de estar daquela maneira e abrindo-se para outras possibilidades.

Palavras-chave: Plantão psicológico; Depressão; Discurso; Angústia.

DA IM-POSSIBILIDADE À POSSIBILIDADE: UM ESTUDO SOBRE A ESCUTA CLÍNICA. DEUS, V. A.; EVANGELISTA, Paulo - Universidade Paulista.

Este trabalho advém de questões que surgiram durante o procedimento clínico de atendimento de uma paciente de 62 anos iniciado na Clínica-Escola no mês de Abril do corrente ano, questões que suscitam a prática clínica do Psicoterapeuta e a maneira pela qual o paciente se coloca na sessão. O principal questionamento se deu na medida em que a paciente se apresentava de maneiras diferentes a cada sessão, como se em cada nova sessão iniciássemos do zero. Desta dúvida, surgiu a pergunta: o que configura uma escuta clínica do psicólogo na Fenomenologia-Existencial? Assim, o objetivo desta pesquisa é compreender a escuta clínica na psicoterapia fenomenológico-existencial, a partir da bibliografia sobre o tema e, principalmente, sobre a experiência vivenciada no estágio na clínica-escola e nas supervisões clínicas. Primeiramente devemos entender como se dá a psicoterapia Fenomenológico-Existencial; ela é um processo, no qual ocorre um encontro entre terapeuta e paciente na tentativa de juntos, compreenderem o que acontece com o paciente, além de possibilitar que assuma uma postura ativa e responsável pelas escolhas no seu dia a dia. A escuta do psicoterapeuta nesta abordagem cuida para manter abertas novas possibilidades de compreensão do vivido, devolvendo ao paciente aquilo que foi se desvelando na sessão. Na próxima sessão ele pode se mostrar de maneira diferente, pois não foi fechado, mas pode estar aberto para as possibilidades de ser e se mostrar em todas as suas facetas. A angústia é o fundamento deste movimento, pois ela libera a existência dos aprisionamentos do cotidiano. Assim, a escuta clínica nesta abordagem atenta para a angústia, cuidando para que ela não seja tamponada. Essa seria a sua tentativa de construir e se re-construir em cada sessão. A partir da escuta e da reflexão,

surgem possibilidades emanadas da angústia, desbravando territórios para uma compreensão da singularidade. O acolhimento permite a mobilização do outro, o desvelar do sentido ontológico, a aceitação do devir, da finitude. Sendo assim, na aparente im-possibilidade de sentidos próprios, re-significa-se a existência pelo cuidado de si.

Palavras-chave: Psicoterapia; Fenomenologia-Existencial; Escuta clínica.

POSTURA FAMILIAR E RESGATE DA AUTONOMIA E DAS POTENCIALIDADES DE UM USUÁRIO DE CAPS: UM ESTUDO DE CASO.
MOURA, Wemerson Peixoto de Melo; CARNEIRO, Carlos Eduardo da Silva;
BARRETTO, Kleber Duarte – orientador. (Universidade Paulista-UNIP)

Com a reforma psiquiátrica, a desinstitucionalização de pacientes portadores de transtornos mentais se tornou uma realidade em nosso país. Nesse contexto, o atendimento clínico de Acompanhamento Terapêutico (AT), vem a acrescentar enquanto um facilitador na recuperação de pessoas fora de internação, formando uma tríade junto à família e aos equipamentos de saúde. O presente artigo apresenta um breve estudo de caso acerca do AT realizado através do estágio em Práticas Psicológicas na disciplina de Acompanhamento Terapêutico pela clínica escola da Universidade Paulista – UNIP, com um usuário do Centro de Atenção Psicossocial – CAPS Adulto. O acompanhamento em questão acontece ao longo do ano de 2013, conduzido por alunos graduandos do 10º período de Psicologia. Os dados se baseiam na vivência do AT realizado em dupla, com frequência de um encontro semanal, geralmente aos finais de semana, com idas a locais públicos e espaços de lazer, com a finalidade de proporcionar ao acompanhado situações que explorem interação e auxiliem na reinserção social, além de fomentar maior autonomia a este. Dentro da experiência relatada, percebe-se que a família, que poderia ser fonte vital de apoio em todo o processo de recuperação, também pode manter o doente numa posição de desvalia que mina sua autonomia e recuperação. Acrescentamos que muitas vezes, a família enfrenta uma sobrecarga na convivência com um portador de transtornos mentais, pois é muito difícil suportar a agressividade, angústias, surtos, entre outras atitudes que demandam grande dedicação dos familiares. Assim, embora o processo de

reinserção social e busca de autonomia aos usuários dos CAPS ganhe grande contribuição através do trabalho com o AT, sublinhamos o papel da família no processo de recuperação, que mantendo uma postura afetuosa em uma atmosfera de acolhimento, se torna fundamental para que portadores de transtornos mentais tenham promoção de qualidade de vida dentro de sua condição.

Palavras-chave: Acompanhamento terapêutico, família, acolhimento, autonomia, recuperação.

ATENDIMENTO PSICOLÓGICO EM UM CASO DE VIOLENCIA INTRAFAMILIAR. XAVIER, Ione Aparecida; LISBOA, Odete de Oliveira. Universidade Paulista (UNIP/Sorocaba).

O presente trabalho trata-se de um relato de atendimento infantil de uma criança (de 6 anos) filho caçula de pais separados. Ele reside com a mãe e os irmãos, o pai mora na mesma cidade, eles mantêm contatos frequentes. Inicialmente, a queixa trazida pela mãe centralizou-se no comportamento agressivo que o filho apresenta na escola. O atendimento está sendo realizado no 'Núcleo não Violência' no CPA UNIP Sorocaba. O núcleo não violência tem por objetivo ajudar as famílias a romper o ciclo da violência alertando-as para a dificuldade da tarefa de forma a fortalecer pessoas que sofrem violência em suas potencialidades psíquicas para o enfrentamento da violência. Propiciando à pessoa que sofreu violência que se aproprie de sua história, e estabelecimento, de um vínculo confiável com a pessoa do terapeuta. O 'Núcleo não Violência' da UNIP é constituído por alunos e ex-alunos interessados em trabalhar com o tema como possibilidade de extensão universitária e consiste no atendimento imediato aos clientes sob a supervisão de um docente que os auxilia no processo dos atendimentos. O atendimento deste caso se iniciou no semestre passado e ainda está em andamento. Durante os atendimentos torna-se perceptível que a criança apresenta insegurança em falar, e que a forma que encontra para se expressar quando se sente zangado é através da agressividade. O ciclo de violência é bem claro no funcionamento familiar, ao falar para a mãe sobre violência verbal e

psicológica, ela se reconhece como vítima e agressora. A relação familiar é permeada por xingamentos, onde falta o diálogo há o preenchimento com surras e palavrões. Durante os atendimentos a mãe se apropria de sua história e de sua tendência transgeracional, na reprodução da violência. Portanto, atividades lúdicas e jogos onde a mãe é convidada a participar vêm sendo realizadas com intuito de auxiliá-la na expressão dos conteúdos emocionais, e no fortalecimento do vínculo para que proporcione uma ressignificação da relação mãe e filho. Além disso, busca-se trabalhar a autoestima e reconhecimento de seus valores, percebe-se que a criança se envolve em comportamentos, intrusivos destrutivos, como uma criança que possui sentimentos profundos de ira, sentimentos de rejeição, insegurança e por muitas vezes um senso de identidade difuso. De forma que desvia seus sentimentos reais para estes comportamentos. Compreende-se que a violência vivida em seu lar o faz incapaz de expressar o que está sentindo, ou sente medo de manifestar seus sentimentos, pois desta forma pode perder a força que reúne para se envolver em comportamentos agressivos, sendo este seu método de sobrevivência. Torna-se importante destacar que estas percepções sobre o modo de existir da criança advêm da observação durante as sessões com a mãe. As intervenções esclarecedoras são realizadas para que favoreçam um rompimento do ciclo de violência, acontecendo na medida em que os atendimentos se aprofundam contemplando aspectos de fortalecimento da criança em suas potencialidades psíquicas para o enfrentamento da violência, vínculo e apropriação de sua história.

Palavras-chave: Comportamento agressivo, violência intrafamiliar, Violência verbal.

ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO NA EQUOTERAPIA: A EXPERIÊNCIA DE UMA ESTAGIÁRIA DE PSICOLOGIA. SILVA, Louise Manuelle Tavares da; BARLETTA, Janaína Bianca (Universidade Paulista – UNIP/Brasília).

A Equoterapia começou a ser divulgada no Brasil na década de 70, sendo reconhecida apenas em 1997 pelo Conselho Federal de Medicina como uma prática terapêutica que propõe uma interação entre o sujeito e o cavalo em um

setting em ambiente aberto. Utiliza-se a equoterapia como forma de aprendizado, sobretudo com portadores de necessidades especiais, realizada por uma equipe multiprofissional habilitada legalmente para tal procedimento. Pelas características da terapia, na qual movimento do cavalo proporciona um deslocamento tridimensional dos eixos do quadril do praticante, reproduzindo o movimento da marcha humana, trazendo benefícios motores, entende-se a equoterapia como um espaço de reabilitação, que tem como principais agentes de saúde o fisioterapeuta e o professor de educação física. Atualmente o psicólogo tem se inserido nesse espaço com maior propriedade e como um profissional importante na promoção da saúde do praticante, porém ainda há uma lacuna na literatura sobre sua atuação na equoterapia. Este resumo tem por objetivo refletir sobre os ganhos do acompanhamento psicológico na equoterapia, a partir da experiência no atendimento de três crianças com idade entre 3 e 9 anos, diagnosticadas com paralisia cerebral e autismo, durante o estágio curricular do curso de Psicologia no primeiro semestre de 2013. Além do cavalo, que por si só representa uma experiência nova com que o sujeito aprenderá a lidar, há uma série de outros benefícios para o praticante, como: a) a aceitação incondicional do animal ao praticante, o que propicia um ambiente sem julgamentos sociais; b) o *empoderamento* do praticante, ao ficar em uma posição mais alta do que os outros membros da equipe que estão ao lado do cavalo; c) a autoconfiança, ao comandar um animal maior e mais forte que ele; d) a troca constante de afeto, que ocorre com o animal e com a equipe de saúde; e) a grande diversidade de estímulos ambientais, por ser uma intervenção que ocorre ao ar livre. Todos esses aspectos potencializam a autonomia do praticante. Somado a eles, há também o fato de que o praticante precisará lidar com regras e limites diante de um animal que não apenas deve ser domado, mas que também necessita de cuidados e habilidades especiais. Para facilitar esse processo, o psicólogo que geralmente exerce a função de mediador na equoterapia, fará sua intervenção focada na interação social, a partir da estimulação de habilidades de interação interpessoal e da comunicação. Dessa forma, a inclusão do praticante nas conversas da equipe durante a equoterapia, o uso de recursos ambientais, a proximidade postural e o próprio cavalo são aspectos importantes da intervenção. Outro foco de

atuação é a psicoeducação com os pais em sala de espera, não apenas sobre a problemática do praticante em si, mas de aspectos de promoção de saúde, como o desenvolvimento de habilidades interpessoais educativas para auxiliar o desenvolvimento saudável da criança. Nesse sentido, o psicólogo se torna um profissional importante na composição da equipe, pois favorece a promoção da saúde emocional e comportamental, para além dos ganhos motores durante a equoterapia.

Palavras-chave: equoterapia, estágio de psicologia, promoção de saúde.

FAMÍLIA: DUAS VISÕES, MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES NO CENÁRIO DA DIVERSIDADE SEXUAL. SANTOS, Yurín Garcêz de Souza; SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio dos. Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP).

A família homoparental é uma modalidade de arranjo familiar que vem conquistando crescente visibilidade nos últimos tempos. O modelo inspirado na família nuclear, heterossexual, monogâmica e procriadora, acaba por se instaurar como norma no imaginário social, servindo de régua para a classificação de qualquer outra forma de constituição familiar. Nesse sentido, famílias constituídas a partir de uniões homoafetivas e, especificamente, por homens homossexuais, representam um desafio para as disciplinas que tratam da parentalidade, como a Antropologia, o Direito e a Psicanálise. Torna-se necessário uma revisão de conceitos e concepções tradicionais desses campos de saber acerca da família. O presente estudo teve por objetivo apresentar novas possibilidades de ser família, colocando em questão a família homoafetiva, a partir da perspectiva de seus próprios protagonistas, e compreender de que modo a homoparentalidade é construída e vivida em uma sociedade heteronormativa. Foram entrevistados dois homens, Paulo e Vinícius (nomes fictícios), com idades de 39 e 40 anos, respectivamente, homossexuais e pais, sendo a paternidade de Paulo concebida por via biológica e a de Vinícius por meio da adoção. As entrevistas se basearam no método de História de Vida e foram complementadas por questões adicionais elaboradas pelos pesquisadores com base na literatura da área. As conversações foram

gravadas em áudio para posterior transcrição na íntegra e literalmente, respeitando-se os aspectos éticos. Para organizar os dados foi realizada análise de conteúdo temática. Os entrevistados veiculam uma multiplicidade de visões do que é “ser família”, de maneira que o contexto da família homoparental exhibe diferenças em sua forma de estruturação e funcionamento, quando vista à luz da heteronormatividade. A experiência de ser pai, para os entrevistados, extrapola o papel de provedor e mantenedor das condições materiais que medeiam a relação pai-filho. Para além desse papel consagrado nos relacionamentos heterossexuais, a paternidade está baseada nas relações socioafetivas estabelecidas, em detrimento das relações biológicas, afastando-se das concepções tradicionais que se baseiam na heterossexualidade compulsória. A despeito da diversidade dos modos de ser família, os participantes apontam em seus relatos para um aspecto convergente: a centralidade assumida pelas relações estabelecidas entre os membros do grupo familiar. A afetividade veiculada nesses relacionamentos constitui um aspecto fundamental de suas vivências, ampliando-se assim as noções tradicionalmente descritas e caminhando em direção a uma noção de família plural. Ademais, aponta-se a necessidade de maior empenho das disciplinas que versam sobre a paternidade, no sentido de que os discursos dos que vivem em contextos de configurações familiares distintas daqueles modelos preestabelecidos como normativos pelo contexto social possam também ser legitimados como válidos e possíveis.

Palavras-chave: homoparentalidade, paternidade, famílias homoparentais.

Apoio: FAPESP

MOMENTOS CRIATIVOS: DA RECREAÇÃO AO ENCONTRO, UM LUGAR PARA EXISTIR. CERIONI, Rita N.; DADALTO, Cíntia; SIVI, Denise Aparecida Dias. (Universidade Paulista/UNIP).

Este trabalho é fruto de uma experiência realizada em uma clínica-escola, no período de setembro a dezembro de 2011. Traz reflexões sobre as possibilidades de um trabalho psicológico em grupo, com crianças que estavam em fila de espera para serem atendidas em psicoterapia individual. A proposta

foi desenvolvida por uma supervisora de estágio em triagem, pois este setor é o responsável pelas indicações de encaminhamento, e realizada por duas estagiárias do oitavo semestre de psicologia, tendo como sustentação a proposta de Winnicott que associa criatividade e saúde mental. A idéia de Winnicott de que o brincar, por si só já é um trabalho mental, e que através do brincar é possível elaborar, sem necessariamente passar pela interpretação, foi a essência do trabalho, baseado em dois elementos: confiabilidade e previsibilidade que serviram como organizadores do *setting*. Porém, confiabilidade e previsibilidade são construções feitas a partir da disponibilidade interna e externa dos terapeutas. O objetivo foi absorver uma parte da demanda do psicodiagnóstico que ficaria em lista de espera para psicoterapia e favorecer alguma resolução das questões ali identificadas. Foram selecionadas quatro crianças entre 8 e 10 anos, encaminhadas do psicodiagnóstico deste serviço-escola. O critério de seleção incluía crianças que poderiam se beneficiar do trabalho em grupo. O grupo foi trabalhado por duas estagiárias do oitavo semestre. O critério para a escolha das estagiárias foi disponibilidade, flexibilidade de horário e atuação positiva no estágio de psicodiagnóstico. Foram realizados dez encontros, sendo três com os pais e sete com as crianças. Todos os encontros foram supervisionados semanalmente pela professora responsável pela triagem, em horário previamente agendado. A supervisora não participou *in loco*. Utilizou-se como instrumento técnica de entrevista semidirigida com os pais, observação lúdica e mediadores com as crianças, tendo como materiais a caixa lúdica, teatro de fantoches, materiais gráficos, massinha, argila, pó de café, macarrão, grãos de soja, folhas secas, panos, fotos, objetos pessoais das crianças. Das quatro crianças atendidas no grupo uma desistiu por incompatibilidade de horários. As três que participaram apresentaram uma evolução durante o processo em relação à avaliação feita no psicodiagnóstico. Aspectos como vínculo e compreensão da dinâmica da criança foram trabalhados, o que permitiu uma orientação aos pais. Duas mães relataram melhora das crianças em relação à dinâmica familiar e comportamento. Para essas duas crianças o grupo foi conclusivo, não necessitando de encaminhamento. Para a terceira criança foi realizado um trabalho de sensibilizar os pais quanto à necessidade de um

trabalho psicoterápico e familiar, já orientado no psicodiagnóstico. O trabalho desse grupo possibilitou que esses pais investissem em atendimento particular, visto que eles tinham condições materiais para tal, mas não tinham, até o grupo, disponibilidade interna para investir. Concluímos que a demanda de aprendizagem dos estagiários interessados com outras modalidades de atendimento psicológico dentro do setor de triagem pode favorecer a resolução de aspectos levantados no psicodiagnóstico, possibilitando algum escoamento da fila de espera.

Palavras-chave: grupo; psicanálise; crianças; criatividade; Winnicott.

A BRUXA E O PRÍNCIPE: UM CASO DE VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL.
Canuto, Alessandra Soares; Xavier, Ione Aparecida. (Universidade Paulista – UNIP)

A UNIP de Sorocaba possui um serviço de extensão comunitária de atendimento psicológico denominado Núcleo Não Violência, tal serviço tem como objetivo proporcionar atendimento imediato a clientes que chegam encaminhados de instituições ou motivados por conta própria para receber atendimento psicológico. O atendimento é realizado por estudantes do quinto ano do curso de psicologia e ex-alunos e os casos são supervisionados pela coordenadora na clínica escola. Além da possibilidade de aprendizado ao aluno, o Núcleo Não Violência cumpre um papel social importante no município, já que este não conta atualmente com equipamento específico de atenção sistematizada às pessoas que sofreram violência, sendo que a demanda vem aumentando gradativamente. Apresenta-se através deste trabalho, um caso de violência sexual infantil, o qual tem sido acompanhado pelo Núcleo Não Violência desde abril de 2013. Trata-se de um menino de 05 anos de idade, que sofreu violência sexual por parte de seu genitor, tal fato foi comprovado através do exame de corpo de delito e os pais perderam o pátrio poder familiar. A criança está acolhida em instituição de uma cidade vizinha e recebe atendimento no CPA da UNIP Sorocaba uma vez por semana, sendo que cada sessão tem duração de 50 minutos. Através do atendimento psicológico e da utilização do brincar (caixa lúdica), tem sido possível propiciar à criança o estabelecimento de um vínculo confiável no *setting* terapêutico e o

fortalecimento de suas potencialidades, além da apropriação de sua história de vida, principalmente no que tange ao rompimento do ciclo de violência sofrida. O vínculo tem sido estabelecido, sobretudo através do trabalho lúdico com a criança que desde a primeira sessão tem repetidamente a necessidade de contar a história do príncipe que mata a bruxa, porque ela é mal.

Palavras-chave: Brincar; Violência; Abuso sexual.

FAMÍLIA E ADOÇÃO: UMA QUESTÃO DE TERRITORIALIDADE NETO, Fernanda Dantas Gonçalves, COLOSIO, Elaine Cristina BALIEIRO, Carmen Roberta Baldin (orientadora), Universidade Paulista – UNIP.

O presente estudo apresenta um caso atendido no Centro de Psicologia Aplicada (CPA) da Universidade Paulista – UNIP, na cidade de Ribeirão Preto – SP, no estágio Abordagem sistêmica: fundamentos teóricos e intervenção psicológica a famílias e casais durante o 1º semestre de 2013. O objetivo do trabalho foi oferecer uma melhora das interações no interior do sistema familiar, possibilitando uma maior compreensão nas suas comunicações, com o intuito de melhorar as relações existentes neste. Trata-se de uma família composta pela mãe, 49 anos, o filho, 7 anos, que foi adotado logo após o nascimento, e os avós da criança. A metodologia utilizada foi a co-terapia na sala de espelho unilateral, com a participação da equipe reflexiva, uma vez por semana. Como ferramenta de investigação foi utilizada a técnica da sessão estruturada com a elaboração de um desenho com o tema A Nossa Casa, de Tânia Almeida (2000). A queixa inicial da família foi em relação à dependência do filho com a mãe na resolução de seus problemas e conflitos. Durante os atendimentos foi observada uma dinâmica no subsistema mãe-filho que contribuía para a manutenção do comportamento indesejado, bem como atitudes da mãe em relação aos outros membros da família que influenciavam diretamente o comportamento do filho com os mesmos. Também foi relatado pela mãe o desejo do filho em conhecer a mãe biológica, fato que foi analisado pela equipe reflexiva como desejo da mãe projetado no filho, segundo as observações realizadas, pois não houve qualquer demonstração de interesse por parte da criança que, muitas vezes, aparentou sentir o contrário. Foi trazida às sessões

a dificuldade da criança nas matérias de história e geografia sendo utilizada uma metáfora sobre territorialidade, visto que essas matérias falam de onde cada coisa veio e a que lugares pertencem, relacionando com a questão da adoção, do sentimento de pertencimento, de organizar sua história. Observou-se um sentimento de desorientação por parte da criança nesse sentido por conta da instabilidade afetiva, em que a mãe insistia em lembrá-lo que ele veio de outro lugar, o que poderia ser interpretado como “você não pertence aqui”. Foram trabalhadas as questões apresentadas sendo que algumas mostraram relativa melhora durante o tempo de atendimento como o relacionamento da mãe e do filho com os outros membros do sistema familiar. A família foi reencaminhada, onde serão trabalhados os laços afetivos que devem ser resgatados, bem como outras questões que surgirem durante o processo.

Palavras-chave: Família; Adoção; Psicologia; Pertencimento.

AGRESSIVIDADE NA ADOLESCÊNCIA: COMO COMPREENDÊ-LA E CONTROLÁ-LA? SANTERI, Rogério Andrade; BOTARI, Maristela Vallim; YANO, Yuristella (orientadora) – Universidade Paulista

A cada dia nos deparamos com notícias sobre comportamentos agressivos em jovens em contextos variados – família, amigos e escola. Entendemos que o comportamento agressivo ocorre por diversos fatores determinantes e se alteram em função de cada contexto. Por isso é fundamental uma análise funcional anteceder qualquer forma de intervenção para compreender e modificar as contingências que envolvem tal queixa. **Método:** Ivan, 12 anos, foi atendido no serviço escola, com a queixa de ser agressivo físico e verbalmente, tanto em casa como na escola. No início, apresentava baixo repertório de verbalização e dava pouca atenção ao psicoterapeuta. Alguns exemplos dessa classe de resposta de agressividade: brigas (agride e é agredido) com colegas de classe, irmão mais velho e sobrinho; desacata as ordens estabelecidas pela mãe e xingamentos. Tal problema vem se repetindo desde o 2º ano escolar o que gerou mudança de escola e dificuldades nos relacionamentos com os pares e prejuízo no desempenho escolar. Foram realizadas 10 sessões de psicoterapia infantil e sessões de orientação com a mãe. Identificamos algumas variáveis importantes que mantinham o

comportamento agressivo: modelo familiar de agressividade, com função de esquiva, atenção como reforçador, diante de frustrações, desorganização da estrutura escolar, violência escolar. Para a intervenção foram utilizadas estratégias, tais como: o Ensaio Dramático e filmes como instrumentos para identificação das situações que propiciavam a agressividade e suas consequências e reconhecimento de sentimento e pensamentos nesses contextos; desenvolvimento de formas alternativas de comportamento e orientação à família. **Resultados:** Ao longo do processo Ivan passou a ser mais comunicativo e afetivo nas sessões. Demonstrou perceber os ganhos ao conter a agressividade e a refletir sobre as perdas ao ser agressivo ou pela falta de autocontrole. **Conclusão:** a agressividade é produto de vários fatores e deve ser avaliada em relação a cada adolescente, pois caso contrário haverá um equívoco na intervenção e a permanência do sofrimento a todos os envolvidos.

Palavras-chave: Agressividade, adolescente, família, escola.

A VIDA É MINHA, MAS QUEM ESCOLHE É VOCÊ. ANTÔNIO, Ludmila Carolina; VENDRÚSCOLO, Juliana. (Universidade Paulista UNIP. Ribeirão Preto/SP).

O presente trabalho relata a experiência vivenciada através do serviço de psicoterapia, embasada na proposta fenomenológico-existencial, oferecido pelo Centro de Psicologia Aplicada da Universidade Paulista-UNIP de Ribeirão Preto. Os atendimentos ocorreram uma vez por semana com duração de 50 minutos. Conforme pressupostos fenomenológicos-existenciais, a existência é pura possibilidade de ser e isso por sua vez implica em liberdade. O homem, frente à liberdade de escolha e a vulnerabilidade que lhes são próprias, busca por referências e controles que permitam que escape dessas situações. Assim o indivíduo se perde no “todo mundo” e permanece no mundo de maneira impessoal, afastando-se de seus próprios referenciais e valores o que pode conduzi-lo a um desconhecimento de si próprio. E ao deparar-se com uma indecisão, fica estático diante da dúvida, justificando-se no exterior. No entanto, ao invés de “escapar” é necessário que o indivíduo se aproprie de sua existência e isso é possível através da reflexão de seu modo de ser-no-mundo.

Desta forma, o ambiente terapêutico pode ser considerado um facilitador para o desenvolvimento dessa reflexão. A cliente, denominada de maneira fictícia por Claudia, trouxe como queixa dificuldades de relacionamento familiar e conjugal. Em seu discurso Claudia descreveu uma relação conjugal que foi mantida em um ambiente de conflitos, rejeições e situações que segundo ela lhe causavam desconforto. No decorrer dos atendimentos a paciente foi apresentando outras situações, por vezes cotidianas e que traziam um conflito também, envolvendo tomada de decisões e situações que segundo a mesma, exigiam uma atitude dela, mas sempre tinham “outros”, que de certa forma justificavam suas escolhas e o que ela fazia diante das situações. Dessa maneira ela não se apropriava de si e nem de suas escolhas. Estava abrigada no impessoal e no “todo mundo”. Outro aspecto importante de ser citado é a maneira como ela se mostrou durante os atendimentos iniciais, suas falas eram sempre extensas, ricas em detalhes, com enfoque em terceiros, menos nela. Tal aspecto pode ser considerado a partir da concepção do falatório, considerado um fenômeno da inautenticidade, por não penetrar no caráter autêntico e ficar só no “passar adiante”. Pontuar a fala da cliente e trabalhar com a suspensão fenomenológica, contribuiu para que, aos poucos, ela pudesse começar a se apropriar de sua existência. No caso de Claudia, além de começar a desabrigar-se ela pôde transitar na angústia existencial, onde o Dasein ao apropriar-se de si mesmo abre-se às possibilidades e indeterminações do futuro. Então além de cuidar para não abrigar e nem cauterizar essa angústia, o papel do terapeuta é também caminhar junto com o cliente respeitando a temporalidade do mesmo.

Palavras-chave: existência; desabrigo; angústia.

A RESPONSABILIDADE COMO ELEMENTO CRUCIAL PARA A PSICOTERAPIA. SANTOS, Daiane Oliveira dos; AZEVEDO, Débora Candido de (orientadora) – Universidade Paulista

Nos dias atuais a responsabilidade sobre a própria vida tem sido tema para discussões e reflexões, com isso, os psicólogos se deparam cada vez mais com pacientes que delegam a responsabilidade pelo que lhes acontece aos outros, se ausentam de qualquer escolha e entendem que seus sofrimentos e

angústias são externas a eles. Considerando esta atitude, é conveniente indagarmos sobre a real implicação desse paciente no processo psicoterapêutico. Com base na análise do caso de Sofia, mulher atendida no plantão psicológico da UNIP, cuja queixa era de não suportar o filho de 08 anos do marido, relatando que, embora nunca tivesse tratado mal o menino, a presença do mesmo a incomodava tanto que a deixava fisicamente doente. Ressaltava sempre que o marido era a única pessoa consciente na situação, pois o filho dele era uma criança e ela estava doente, por isso, não tinha consciência sobre suas ações ou palavras. E era exatamente por estar doente e não ter controle sobre seus atos que buscou o tratamento psicológico. Após o primeiro atendimento Sofia passou a exigir do marido que aceitasse seu ódio pelo menino, pois o tratamento psicológico era a confirmação do quanto ela era incapaz de controlar seus sentimentos. Para que após os quatro encontros realizados no plantão essa paciente fosse encaminhada para a psicoterapia, foi necessário que ela percebesse o porquê estava buscando o atendimento e antes de tudo que aceitasse a responsabilidade que tinha pelas suas escolhas, ela não era incapaz, nem era uma criança. A dificuldade no atendimento foi em relação à devolutiva, como devolver algo para alguém que ignora cada palavra do terapeuta-estagiário? Como devolver algo para alguém que acredita que tudo que faz ou sente é consequência do que o outro faz e sendo assim não havia nada que ela pudesse fazer? Irving Yalom em seu tratado de Psicoterapia Existencial (1984) propõe um método que, para este caso, mostrou-se extremamente eficaz, o mesmo consiste em deixar que o paciente assuma a responsabilidade sobre o seu processo terapêutico, se valendo não apenas das situações relatadas pelo paciente, mas das situações que acontecem no setting terapêutico, momento em que o paciente deve assumir o papel que desempenha no seu próprio dilema. Sofia ao se dar conta de que era livre e responsável por suas escolhas relatou que sua queixa inicial virou uma “formiguinha” perto do que havia descoberto, por isso, se dispôs ao tratamento psicoterápico, não porque estava doente e incapaz, mas porque tinha todas as possibilidades de ressignificar a relação que tinha consigo, com os outros e com o mundo, e era exatamente isso que desejava.

Palavras-chave: responsabilidade; psicoterapia; plantão psicológico.

A MELHORA DA QUALIDADE DE VIDA COMO FOCO NO ATENDIMENTO COGNITIVO COMPORTAMENTAL. MOREIRA, Érika Catharino; CAPUTO, Viviane. – orientadora. (UNIP/Universidade Paulista).

A Terapia Cognitiva Comportamental utiliza o conceito da estrutura “biopsicossocial” na determinação e compreensão dos fenômenos relativos à psicologia humana, no entanto, constitui-se como uma abordagem que focaliza o trabalho sobre os fatores cognitivos da psicopatologia. De acordo com a Terapia Cognitiva os indivíduos atribuem significado a acontecimentos, pessoas, sentimentos e demais aspectos de sua vida, com base nisso comportam-se de determinada maneira e constroem diferentes hipóteses sobre o futuro e sobre sua própria identidade. As pessoas reagem de formas variadas a uma situação específica podendo chegar a conclusões também variadas. Em alguns momentos a resposta habitual pode ser uma característica geral dos indivíduos dentro de determinada cultura, em outros momentos, estas respostas podem ser idiossincráticas derivadas de experiências particulares e peculiares a um indivíduo. “Assim a teoria cognitiva tem como objeto de estudo principal a natureza e a função dos aspectos cognitivos, ou seja, o processamento de informação que é o ato de atribuir significado a algo. O objetivo da terapia cognitiva seria, ainda, o de fornecer estratégias capazes de corrigir estes conceitos idiossincráticos.” (Bahls, 1999; Biggs & Rush, 1999; Beck & Alford, 2000). Foram realizados 11 encontros com uma cliente, adolescente, na clínica escola da Universidade Paulista, sendo utilizada a abordagem teórica cognitivo-comportamental, a partir desta abordagem estabeleceu-se um vínculo entre cliente e terapeuta, promovendo um espaço adequado para realizar uma investigação e exploração da maneira como a cliente está no mundo, utilizando técnicas como: acolhimento, queixa livre, análise funcional, metas para alcançar, reforçamento positivo, busca pela melhora da qualidade de vida, reflexão e objetivo para a terapia, utilizando empatia, congruência e aceitação incondicional como base nos encontros. No período de atendimento a melhora da qualidade de vida da cliente foi a meta principal, no intuito de alcançarmos um equilíbrio da tríade cognitiva, ou seja,

os significados maladaptativos, dos quais resulta a psicopatologia, são construídos em relação ao que é denominado de “Tríade Cognitiva”, em relação ao self, ao ambiente (experiência atual) e ao futuro (objetivo). A tríade se encontrava em desequilíbrio, pois a cliente não conseguia realizar pensamentos funcionais voltados ao ambiente e ao futuro. Todos os apontamentos foram feitos com base na análise funcional do problema apresentado. Para a cliente muito provavelmente submeter-se a terapia foi extremamente útil para seu desenvolvimento, onde juntas pudemos identificar claramente a influência dessa melhora em sua qualidade de vida. Neste processo corrigimos distorções de percepções sobre si, sobre o outro, sobre suas relações interpessoais e sobre a sua realidade atual. Muitas vezes o problema do adolescente é estar inserido num ambiente extremamente pobre, seja econômica, cultural ou psicologicamente falando.

Palavras-chave: Qualidade de Vida, Tríade Cognitiva, Cognitivo Comportamental.

A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL. BACCHERETI, S. F. (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma proposta de intervenção na área de estágio da Psicologia Escolar da Universidade Presbiteriana Mackenzie. O Estágio foi realizado em uma escola pública da Rede Estadual de Ensino na região Centro Oeste a qual mantém parceria com a universidade. O trabalho irá abordar uma demanda frequente nos últimos anos nas escolas de ensino fundamental I, mais especificamente o egresso das crianças dos 1ºs anos. Esta demanda tem aparecido tanto por parte do alunado como por parte do corpo docente. Os alunos estão chegando mais cedo nas escolas de Ensino Fundamental, muitos oriundos de Escolas de Educação Infantil EMEI ou de creches CEIs, as quais desenvolvem um ensino diferenciado do que encontram no ensino fundamental, esta passagem tem se apresentado muitas vezes conflituosa, fazendo com que a adaptação se torne sofrida tanto por parte tanto dos alunos como para os professores que muitas vezes para atenderem a grade curricular acabam por não atenderem as

necessidades das crianças desta faixa etária. Através de observações, levantamentos junto ao corpo docente, e registros das crianças percebeu-se a importância de desenvolver atividades mais lúdicas junto a esta população, uma vez que a necessidade do brincar aparecia tão presente no cotidiano escolar, outra consideração é que a maioria desta clientela estava habituada a ter a brincadeira muito presente dentro da escola, pois este espaço é garantido na educação infantil e deparar-se com a realidade do ensino fundamental onde a maior parte do tempo eles ficam sentados desencadeava mais agitação dos alunos, o que era considerado pelos professores indisciplina. Frente ao exposto realizou-se uma proposta de intervenção na qual envolvia jogos de construção e o brincar como mediador do processo. Para Almeida (1998), é através do jogo a criança vai sendo preparada a ser introduzida em seu grupo social. A partir desta idade, as brincadeiras, os jogos- sejam de construção, de descobertas, de agrupamentos, de comunicação, bem como os brinquedos, aparecem sempre como uma forma de interação social. O trabalho envolveu duas turmas de primeiros anos e contou com dez encontros semanais de uma hora aula. Cada encontro tinha como objetivo a construção de um jogo que era confeccionado em grupos de quatro crianças, assim como a elaboração das regras dos mesmos. Os alunos tinham a oportunidade de fazerem o que fosse combinado para a elaboração do trabalho e se organizarem da forma que achassem mais adequada. Foram utilizados materiais gráficos como cartolinas, canetinhas, sucatas, massa de modelar entre outros. Foi percebido o quanto é fundamental desenvolver um trabalho direcionado a esta população de forma a resgatar o lúdico, e o prazer de estar no ambiente escolar, tendo assegurado a importância do brincar tão necessário para o desenvolvimento infantil. Pode-se dizer que os objetivos da proposta foram atingidos uma vez que em ambas as turmas observou-se o envolvimento por parte dos alunos e o reconhecimento dos docentes frente a necessidade de garantir as atividades lúdicas em suas salas de aula.

Palavras Chave: Jogos; Brincadeiras; Atividades Lúdicas; Grupos

COMO IDENTIFICAR A DEPRESSÃO NA CLÍNICA-ESCOLA? SATO, Adriana; SILVA, Ana Flávia; YANO, Yuristella (Supervisora). (Universidade Paulista, UNIP. Paraiso).

A depressão é um transtorno do humor muito comum e um dos maiores problemas de saúde pública por isso merece grande atenção. Ela está associada a grandes prejuízos, tais como o absenteísmo, redução da produtividade, piora na qualidade de vida, sofrimento psíquico e físico – ocasionando evolução ruim de doenças clínicas concomitantes e até o suicídio. O presente trabalho refere-se a um caso clínico de depressão, atendido em Psicoterapia Cognitiva no serviço-escola da UNIP. F, feminino, 42 anos, queixava-se de tristeza profunda, anedonia e irritabilidade, dificuldades no relacionamento com os filhos e cansaço físico. Dada à queixa, foi utilizado o Inventário de Depressão de Beck (BDI), que indicou quadro de depressão severa. Diante disso, a mesma foi encaminhada ao psiquiatra para tratamento psicofarmacológico e orientada sobre a importância deste tratamento coadjuvante. No decorrer do processo terapêutico (8 sessões de atendimento), identificamos distorções cognitivas a respeito de si, do mundo e do futuro, que interferiam no comportamento adaptativo. Tal sofrimento estava associado ao momento de vida estressante de F. Houve uma preparação estruturada e educativa para que a Psicoterapia Cognitiva afetasse-a positivamente para que se envolvesse e alcançasse as metas. Para a intervenção foi utilizado o Registro de Pensamentos Disfuncionais (RPD), com o objetivo de interromper o processamento automático que contém as distorções e as crenças desproporcionais. Procurou-se esclarecer o modelo de que os acontecimentos da vida, os pensamentos, os comportamentos e o estado de ânimo estão inter-relacionados. Posteriormente, foi realizada a prevenção de recaída, visando conscientizar a paciente sobre possíveis retrocessos e respectivos manejos.. Ao final deste processo, a paciente já apresentava melhora de alguns sintomas da depressão e conseguia identificar os pensamentos automáticos disfuncionais e alterá-los, gerando melhora das emoções negativas e apresentando respostas mais adaptativas.

Palavras – Chave: depressão; psicoterapia cognitiva; atendimento em serviço-escola.

PLANTÃO DE ESCUTA NO CONTEXTO ORGANIZACIONAL.
CIESLAKZIMATH, S; WIESE, V; SANTOS, M. C. P.; FURLAN, F. -
Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE

O Plantão Psicológico diz respeito a um dispositivo reconhecido pelo Conselho Federal de Psicologia, sendo definido como medida alternativa de atenção psicológica em relação à psicoterapia tradicional. Tal dispositivo pode configurar-se como uma ferramenta terapêutica capaz de romper parâmetros e tornar a prática do psicólogo inovadora (MAHFOUD, 1999 *apud* SOUZA & SOUZA, 2011, p. 245). Palmieri & Cury (2007), ao realizarem uma pesquisa propondo investigar os desafios e as potencialidades do Plantão de Escuta em um hospital geral de uma cidade do interior paulista, trazem importantes considerações a respeito deste dispositivo. A pesquisa demonstrou que os participantes compreenderam o Plantão de Escuta tendo por função oferecer segurança e um clima de sigilo no ambiente de trabalho. Nota-se que a oferta de momentos onde o trabalhador possa ser ouvido, produz modificações precípuas no estado de humor deste, o que torna possível a superação de condições de sofrimento que emperram seu potencial criativo e laboral. Diante disso, revela-se como essencial a organização de um ambiente de trabalho que possa oferecer aos colaboradores a oportunidade de falarem sobre suas questões, a fim de recuperarem suas potencialidades. O objetivo geral do plantão de escuta, ora proposto, é propiciar um espaço de escuta sigilosa aos funcionários de um Hospital de Olhos de Joinville/SC e auxiliar estes a desenvolverem reflexões sobre suas dificuldades. Também se pretende acolher as demandas trazidas pelos funcionários; promover reflexões que orientem os funcionários a superarem suas dificuldades; identificar necessidades comuns ao coletivo de funcionários; auxiliar na construção de um ambiente de trabalho agradável e produtivo. Para implementar o Plantão de Escuta no Hospital de Olhos de Joinville, foi elaborado um projeto prevendo a metodologia de trabalho, a sensibilização das chefias para a importância do

mesmo, bem como a forma de tratamento das informações obtidas. O estagiário iniciou o trabalho negociando as estratégias com a Área de Recursos Humanos do hospital, realizou reuniões com as chefias e atendimento dos funcionários. A Psicanálise é o referencial teórico utilizado para fundamentar as intervenções no Plantão de Escuta. Cada atendimento será devidamente registrado, conforme regulamenta o código de ética do psicólogo. Os documentos técnicos serão enviados virtualmente para o Serviço de Psicologia da Univille – SpsiUniville, localizado na rua Urussanga, nº 444, bairro Bucarein, Joinville. Ao final do estágio será elaborado um relatório gerencial com a avaliação das intervenções realizadas. Espera-se que com a avaliação crítica das ações empreendidas durante o período de estágio, seja possível delinear ações ainda mais efetivas para os posteriores trabalhos. O governo tem investido em políticas públicas voltadas para o SUS, mas também, tem incentivado as empresas a criarem estratégias para superar esta realidade. Assim, o Plantão de Escuta, como ferramenta terapêutica utilizada pelo psicólogo, mostra-se como uma estratégia importante, no sentido de propiciar condições para que não se estabeleçam quadros depressivos ou de outra ordem psicopatológica, garantindo deste modo, a prevenção de fenômenos recorrentes nas empresas, como o absenteísmo e o presenteísmo, os quais incidem negativamente sob as metas organizacionais.

Palavras-chave: plantão de escuta; psicologia organizacional e do trabalho; hospital de olhos

TRICOTILOMANIA E ANÁLISE DO COMPORTAMENTO – UMA INTERVENÇÃO TERAPÊUTICA. PEDROSO, Eduardo de Menezes; ANNICCHINO, Ana Gabriela Pinheiro da S. (orientadora) – Universidade Paulista.

A Tricotilomania é um transtorno psicológico caracterizado pelo comportamento recorrente de arrancar os cabelos e pelos, resultando em uma perda visível. Os cabelos e pelos são arrancados em qualquer região do corpo, incluindo as axilas, pernas, braços, púbis e peri-retal. Os indivíduos que sofrem de Tricotilomania apresentam déficit de controle de impulsos, e são levados a esse comportamento no sentido de controlar e aliviar tensões, estresse,

ansiedade, nervosismo, etc. Esse transtorno consta na Classificação Internacional de Doenças CID-10 sob o código F 63.3 Tricotilomania. A literatura tem chamado a atenção para a Terapia Comportamental como o tratamento mais indicado para este transtorno. Esta abordagem tem como objetivo analisar as contingências e consequências que mantêm determinado comportamento e a função assumida por ele na história do indivíduo. Com o uso de técnicas específicas são realizadas as intervenções adequadas. No tratamento pela Análise do Comportamento não é necessário corroborar a existência do transtorno, mas sim debruçar-se sobre os eventos que causam o comportamento e a relação de dependência entre eles, buscando compreender o objetivo funcional desse comportamento, intervindo com técnicas de mudança de repertório, entre outras. Neste trabalho apresentamos o atendimento realizado com uma participante de 34 anos, diagnosticada com Tricotilomania. Foram realizados dez atendimentos organizados em três grupos: estabelecimento das contingências; intervenção com treino de habilidades; e avaliação das consequências. Inicialmente, foi realizado o histórico do comportamento, quando ocorria, em que circunstâncias e suas consequências, objetivando estabelecer o máximo de contingências e hipóteses. Foram mapeados os déficits, excessos e habilidades comportamentais da cliente. Uma vez identificados os agentes ansiogênicos, sendo o principal, a dificuldade na tomada de decisões, foi preparada uma intervenção direcionada visando promover o desenvolvimento dessa habilidade sem que fossem gerados conflitos que a levassem à emissão do comportamento alvo. No intercurso do treino de habilidades foram utilizadas técnicas de Resolução de Problemas e avaliação da ansiedade através da escala SUDS (Unidade Subjetiva de Ansiedade). Após a intervenção iniciamos a avaliação das consequências e identificamos através de exemplos cotidianos, que a cliente estava mais preparada para lidar com situações de tomada de decisão, apropriando-se de seu comportamento, passando a reagir menos frequentemente aos agentes ansiogênicos, desenvolvendo outras habilidades sociais positivas e assertividade. Estando menos exposta à ansiedade, fator que a leva ao comportamento da Tricotilomania, a cliente diminuiu a frequência desse comportamento até a extinção. Neste caso, a Terapia Comportamental

demonstrou-se eficaz no tratamento da Tricotilomania, pois a técnica de Resolução de Problemas permitiu à paciente desenvolver habilidades em lidar com os fatores ansiogênicos, extinguindo o comportamento disfuncional. Para isso, foi necessário levar em consideração todos os fatores do contexto onde o comportamento-problema ocorria, demonstrando sua relevância para o atingimento do objetivo terapêutico, não se fechando aos modelos de diagnósticos tradicionais. Embora se faça necessária a continuidade dos estudos para avançarmos no tratamento, a intervenção analítico-comportamental na Tricotilomania demonstrou bons resultados, apresentando-se como indicada e promissora.

Palavras-Chave: Análise do Comportamento; Terapia Comportamental; Tricotilomania; Mudança de Repertório.

CLÍNICA ESCOLA NA ABORDAGEM COGNITIVA COMPORTAMENTAL.
BUZZO, Patrícia; CAPUTO, Viviane (Orientadora)-UNIP – Universidade Paulista.

A terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) é uma abordagem estruturada e voltada para o presente, é uma terapia breve, utilizada para resolver os conflitos atuais e modificar comportamentos e pensamentos disfuncionais. Segundo Beck (1997) a forma como o indivíduo estrutura o mundo, seus pensamentos e suas cognições, influencia e determina seus afetos e comportamentos. Desta forma, uma modificação nos pensamentos disfuncionais gera melhora no humor e no comportamento do indivíduo. A terapia Cognitivo-Comportamental ensina os clientes a identificar, avaliar, resignificar e responder seus pensamentos e crenças disfuncionais. Na TCC segundo Rangé (1998), os comportamentos são trabalhados através de resultados de observação dos registros feitos pelos próprios clientes ou juntamente com o terapeuta. Desta forma, os dados apresentados, como pensamentos, emoções e situações, são analisados, testados e repensados a fim de serem modificados ou adaptados. Para identificar os *pensamentos disfuncionais*, o cliente primeiramente identifica seus *pensamentos automáticos*, que segundo Beck (1997), são um fluxo de pensamentos que são

comuns a todos nós e que na maioria das vezes não é percebido, mas com treino é possível identificá-los com mais facilidade. As emoções também estão associadas a estes pensamentos e são mais fáceis de serem percebidas. Na TCC o cliente é uma pessoa ativa. O terapeuta conduz uma forma de ensinar o cliente a levar a terapia para além da clínica, dando-lhes *tarefas de casa*. Os *registros de pensamentos disfuncionais* (RPD), que aparecerem ao longo do dia, são uma das possibilidades de tarefa de casa, neste registro o cliente coloca o dia e horário do pensamento, a situação em que se encontrava, o pensamento que surgiu, e emoção que ele provocou, e sua intensidade. Após anotar, e praticar o exercício de respiração, o cliente vai refletir sobre o pensamento, testando-o, questionando-o e por fim elaborar uma resposta alternativa a ele. Os atendimentos realizados nesta abordagem referem-se a uma senhora de 35 anos, que já passou por terapia na mesma clínica-escola, na abordagem psicanalítica, e trouxe como queixa alguns sintomas de depressão, a cliente havia saído recentemente de um relacionamento turbulento, em que sofria violências. Tinha sentimentos de culpa, solidão e abandono. Foram realizados sete encontros, utilizando a técnica de acolhimento, queixa livre, definição de metas, e então trabalhados os pensamentos disfuncionais, proposto por Beck (1997), o reforçamento positivo, os exercícios de respiração e as tarefas de casa, que para Beck (1997) são uma oportunidade de o cliente refletir, acompanhar e mudar os seus comportamentos ao longo da semana, levando dessa forma a terapia para além da clínica, buscando sua autonomia. Ao término dos encontros, constatou-se uma evolução no quadro inicial da cliente, como um aumento da auto-estima, desprendimento de algumas coisas do passado, visão do presente e perspectiva de futuro. Apesar de seu avanço, ainda foi necessário um reencaminhamento à psicoterapia, para que ela pudesse ser acompanhada e auxiliada neste processo de melhora.

Palavras Chave: Depressão, Autoestima, Cognitivo-Comportamental.

TÍTULO DO TRABALHO: ATENDIMENTO INFANTIL NA TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL. LEME, Taise; CAPUTO, Viviane (orientadora). UNIP – Universidade Paulista.

A terapia cognitiva-comportamental (TCC) de acordo com Beck (1995), é uma abordagem de psicoterapia breve, estruturada, orientada para o presente e tem como finalidade modificar os pensamentos e comportamentos disfuncionais. A TCC é uma abordagem que se diferencia das outras, pois trabalha como uma psicoterapia educativa, enfatizando colaboração e participação ativa do cliente, ou seja, juntos - terapeuta e cliente - definirão metas para as sessões. De acordo com Rangé (1998) a TCC, para garantir a obtenção de bons resultados é preciso oferecer: a) *efetividade*; b) *otimização entre custo e benefício*, c) *nenhuma iatrogenese* (garantia que não haverá efeitos danosos decorrentes de intervenção), e d) *manutenção dos resultados*. O atendimento abaixo foi realizado estruturado nessa abordagem, utilizando técnicas como: acolhimento, queixa livre, análise funcional, exercício de respiração, relaxamento muscular progressivo, reforçamento positivo e atividades lúdicas. Os encontros foram realizados com uma criança do sexo masculino de 7 anos, no período de 23//13 à 4/6/13, totalizando 7 encontros. A queixa da mãe era que a criança era muito contestadora e rebelde. Nos encontros a criança demonstrou ser tímida e com dificuldades de identificar seus sentimentos e demonstrá-los. Durante as sessões, “não sei” era a resposta freqüente às perguntas feitas. A mãe, uma mulher muito atarefada, tinha uma rotina corrida, cuidava da casa, dos filhos, e também trabalhava. Dizia que o pai das crianças não colaborava na divisão de tarefas, o que era um fator agravante no seu estresse. Declarou não ter paciência com os filhos e ter dificuldades de fazer as coisas para eles e que não sabe direito se consegue dar uma educação justa para as crianças. A criança atendida mostrou ser afetada por essa desorganização da rotina familiar e da falta da qualidade da atenção despendida pelos pais. Durante as sessões, encontros com a mãe também foram feitos com orientações no sentido de reforçar positivamente o filho em suas atitudes corretas e coerentes, bem como a organização da rotina dos pais para que houvesse um equilíbrio na atenção dada às crianças. Com a criança foram trabalhadas a identificação de sentimentos e sua externalização através de atividades lúdicas e também exercícios de respiração. Ao do processo psicoterápico a criança já verbalizava mais e demonstrava mais clareza sobre seus sentimentos.

Palavra-chave: Psicoterapia Infantil, Terapia Cognitivo-Comportamental, Orientação aos Pais.

REFLEXÕES ACERCA DE UM ATENDIMENTO EM PSICOTERAPIA: TRISTEZA E DISPERSÃO. BENGIO NETO, C., PINHO-LOPES, L.C.C.C.-
Universidade Paulista/UNIP

A cliente era uma dona de casa com 55 anos, aposentada por invalidez e mãe de dois filhos. Queixava-se, entre outras coisas, da insatisfação quanto ao saldo de realizações ao final de todos os anos. Fantasias com seu namorado da época do colégio perpassavam suas motivações em tudo que fazia no cotidiano, quando jovem interrompeu o relacionamento devido à rigidez dos costumes de sua família no interior do nordeste. Cuidava de todas as tarefas da casa, inclusive as administrativas e as principais decisões a respeito do dinheiro. Não se sentia feliz no casamento, seu marido fora alcoólatra e atualmente mostrava-se alguém inexpressivo em sua vida. Parte significativa do tempo de minha cliente era preenchida com fantasias de improvável concretização. Era o que escutava naquela salinha com cinco cadeiras, uma mesa e um lixo. Devo dizer que a composição, sem a sinalização de alguma relação de uso aparente, tornava quase inóspito esse local antes totalmente estranho à minha experiência: O *Setting* Terapêutico. Devo dizer também que minha cliente possuía amplos conhecimentos em cultura oriental, em sua região ela ocupava cargo de relativa importância em uma organização Budista. Nasceu Cristã, mas quis o destino que ela empreendesse uma vingança contra O Deus da nossa tradição. A vingança é um projeto do qual constantemente se ocupa o sábio, me refiro logicamente ao projeto vingativo “de longa vontade” e não aquele que se concretiza nas pequenas vinganças, nas dispersões das fantasias eróticas corrosivas em cuja dissolução desvela-se o ser-para-a-morte. Limpar e levar a casa todos os dias entre outras tarefas de enfado a absorviam de tal modo que se tornava queixa durante as sessões, a disposição de humor ritmado pela monotonia e pela frustração, frustração na esperança daquilo que já se reconhecia como desesperançado e beirando o desespero. Tudo isso pode ser descrito como configuração das estruturas de uma presença em cujo tempo tornou-se denso, pesado como uma estatua do Buda gordo. O que era

virtual, representativo, tornou-se substancial: O humor triste restringiu a apreensão intuitiva do presente, a vontade posicionava o seu querer para traz. Se entendermos o desamparo não apenas como decorrência da condição ontológica do ser-no-mundo, mas também em sua forma velada e dispersa na facticidade eis que um firme proposito no horizonte existencial determina ainda que tragicamente um sentido a essa mesma facticidade. Uma vingança contra o deus de nossa tradição é um projeto ambicioso, principalmente porque nele estariam contidas as figuras patriarcais e maritais dos quais nossa cliente odiava profundamente. Nada entendo de Budismo, suspeito até que a salvação de minha cliente funda-se não propriamente nas praticas de meditação, mas sim na sua enfurecida e eterna vingança descrita minuciosamente em cada sessão como um propósito produtivo e benéfico para sua comunidade e uma filosofia disciplinadora.

Palavras-Chave: Atendimento Clínico; Abordagem Fenomenológico-existencial; Vingança

DA PSICOTERAPIA BREVE AO PLANTÃO PSICOLÓGICO: A EXPERIÊNCIA DE UMA DESCONSTRUÇÃO. BRUZAROSCO, Nathalia; SIMÕES, Fátima Isue Watanabe (Supervisor/Orientador). UNIP – Universidade Paulista.

Esse trabalho apresenta a experiência de uma aluna estagiária, do último ano de Psicologia, supervisionada pela Prof^a Fátima Itsue Watanabe Simões, ao se deparar com o Plantão Psicológico, na perspectiva da Abordagem Centrada na Pessoa, através da Instituição da Universidade Paulista, UNIP, realizada na clinica-escola Centro de Psicologia Aplicada (C.P.A). O objetivo do trabalho é mostrar a postura que a estagiária adotou ao perceber as diferenças de Psicoterapia Breve e Plantão Psicológico. A experiência nos remete a desconstrução da idéia de Psicoterapia Breve, que tem o caráter de um processo mais longo. O Plantão Psicológico tem com objetivo acolher a pessoa no momento de maior necessidade no momento em que precisa de ajuda. O nosso papel será de acolher a demanda de urgência, compreender a questão existencial e social, que leva a pessoa até nós, facilitar sua compreensão de seu funcionamento e realizar o melhor encaminhamento, caso seja necessário. Segundo Morato (2006) o plantão é categorizado como clínico-investigativa,

pois esclarece, junto àquele que busca ajuda, esclarecer a sua demanda, facilitando a abertura de novas possibilidades para que o mesmo se responsabilize por suas próprias vivências. Para a compreensão da demanda trazida pela população é necessário investigar o contexto social em que a Instituição e o paciente estão inseridos. A estagiária vivenciou histórias, sentimentos e angústias no encontro com o novo, provisório e inesperado. De início, traz desconforto ao estagiário que esta iniciando o processo de atendimento a essa demanda, pois com isso emerge novos conceitos de atendimento. Relato a minha primeira experiência ao me deparar com minha primeira paciente no Plantão. Tal vivencia fez com que eu voltasse para uma reflexão do papel interventivo do psicólogo a uma demanda emergencial e, com isso, a importância de compreender a realidade da Instituição em que estou inserida. De início, a ansiedade, a necessidade de ajudar e devolver à pessoa a compreensão de sua queixa. Com a possibilidade de cada paciente ter quatro atendimentos e com as supervisões realizadas, pude voltar meu olhar direcionado a sua necessidade nos últimos três encontros. Com a postura de acolhedora pude permitir um espaço para expressar suas queixas para que, se necessário, um encaminhamento para psicoterapia. A primeira paciente estava angustiada por lidar com questões morais e religiosas, e, com isso, surgiram conflitos familiares e também em seu trabalho. Foi preciso me desprender dessa ansiedade e olhar o que de fato ela estava precisando. Após acolher seu sofrimento foi realizada a intervenção para o melhor encaminhamento para o seu caso. Não apresentou nenhuma necessidade de tratamento psiquiátrico e nenhum encaminhamento por fora da Instituição. Por tanto, o encaminhamento foi realizado para a própria Instituição para a modalidade de Psicoterapia Breve.

Palavras-chave: plantão-psicológico; psicoterapia breve; experiência.

UMA EXPERIÊNCIA DE PSICOTERAPIA DE GRUPO NA UNIVERSIDADE IBIRAPUERA. ARAUJO, Sabrina P.; GAMA, Célia G.; VASCONCELLOS, Michelle N., GUERREIRO, Roberto R. (Supervisor/Orientador) - Universidade Ibirapuera. - UNIB

Este trabalho traz a experiência de um grupo de estagiárias na Clínica Escola de Psicologia da UNIB, relatando seu primeiro contato com a psicoterapia de grupo. O trabalho se desenvolveu em duas frentes: a primeira, formada pelo grupo de estagiárias psicoterapeutas, que teriam o desafio de trabalharem juntas pela primeira vez em grupo de atendimento, a segunda frente seria como disponibilizar o manejo e a sustentação do grupo de pacientes. Como referencial teórico usamos Winnicott (1963), que nos orienta sobre oferecer sustentação emocional, como meio de possibilitar a manifestação do paciente como um ser criador, podendo desta maneira se deparar com suas questões, dando continuidade a sua existência, poupando-lhe a queda em agonias impensáveis. Foi um trabalho de atenção e compreensão das relações e respeito às individualidades, preceito fundamental na prática psicológica. No início, ficamos em expectativa frente a este novo trabalho, mas a partir do momento que as sessões começaram, conseguimos perceber que não seria necessário ter uma demanda comum, nós humanos porque nos identificamos com as questões de vida do outro. Pensamos nesta condição a partir do preceito das materialidades disparadoras, que nas falas e construções de outros pacientes, fomentariam questões a serem experienciadas por todos (AIELLO-VAISBERG et MACHADO, 2003). Acreditamos que a experiência de trabalhar com grupo foi significativa tanto para nós estagiários, como para os paciente. A cada sessão fomos percebendo que o vínculo entre os estagiários e pacientes se fortalecia. Percebemos que o grupo de pacientes entrava em empatia com 'o outro', a partir dos relatos de cada um. Um dos acontecimentos importante foi o respeito e a maneira ética entre o grupo de pacientes e o grupo de psicoterapeutas. Na conclusão dos trabalhos tivemos retornos favoráveis dos pacientes, pois se identificaram com os atendimentos. Alguns pacientes nos propuseram a continuação deste atendimento. Experienciamos que com pequenos movimentos, estes participantes de alguma forma olharam para questões que lhes causavam sofrimento iniciando um movimento para modificá-las. Os pacientes contribuíram para o bom desempenho do estágio. Acreditamos que conseguimos oferecer um ambiente acolhedor para que eles conseguissem expressar suas emoções e sentimentos, compartilhando suas queixas e demandas. Através de seus gestos espontâneos, choro, riso, falas

embargadas testemunhamos a aproximação de nossos pacientes de suas angústias e tristezas. Este movimento revela a importância de se ter alguém significativo, na escuta, que possa ser testemunha de parte de seu sofrimento (SAFRA, 2004). Atingimos nosso objetivo na medida em que conseguimos formar um grupo como psicoterapeutas e segundo nossos pacientes conseguimos proporcionar um holding suficientemente bom. A importância desse encontro terapêutico não será esquecida por nós.

Palavras Chave: Psicoterapia de Grupo; Experiência; Estagiário; Relação Humana; Universidade.

PSICOTERAPIA E SOLIDÃO – COMPREENDENDO AS RESTRIÇÕES NOS MODOS DE SER-COM E O SER-SOZINHO NA PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL. RODRIGUES, Gabriela; EVANGELISTA, Paulo (orientador) - Universidade Paulista.

A partir da minha experiência no estágio de Psicoterapia Fenomenológico-Existencial na Clínica de Psicologia Aplicada da UNIP (CPA) da unidade Paraíso, me deparei com a questão da solidão levantada no atendimento por mim realizado. O presente trabalho pretende de forma clara e breve apresentar as conclusões da pesquisa realizada para compreender o tema da solidão, surgido na minha experiência durante o estágio em psicoterapia fenomenológico-existencial, realizado na Clínica-Escola da UNIP, CPA Vergueiro. Ao longo das sessões de atendimento com o paciente, intervindo de forma a facilitar sua autocompreensão, foi se desvelando que seu modo de se aproximar dos outros é tal que ele não se sente pertencente aos mundos nos quais circula. Descobre-se, assim, solitário em sua jornada existencial. Seu modo de ser-no-mundo-com-os-outros é solitariamente. Esse modo de ser-com-os-outros suscitou muitas reflexões nas supervisões clínicas realizadas como parte da formação em Psicologia na Clínica-Escola, propiciando esta pesquisa. A compreensão da solidão do paciente, no contexto da psicoterapia fenomenológico-existencial, exige que elucidemos as concepções da Fenomenologia Existencial, que se desdobrou a partir do pensamento de Martin Heidegger, filósofo alemão em meados dos anos 30. Neste pensamento originou-se a concepção de que Dasein é o modo de o homem de se relacionar

o mundo, em que constrói e é construído, permeado pela possibilidade existencial de atribuir sentido a sua existência. Sendo assim, em psicoterapia, o psicólogo fenomenológico existencial busca, sessão a sessão, junto ao paciente, proporcionar possibilidades de compreender o cuidado que ele direciona a sua existência através do reconhecimento de seus modos de ser-no-mundo. O psicólogo acompanha os modos como o paciente articula este universo de sentido e modos de ser, que são uma tentativa de fugir do vazio originário da existência humana. Na medida em que Dasein é atribuição de sentido aos mundos em que existe, na ausência deste sentido ele se depara com o nada originário da existência. Nada este que é insuportável para o ser, que, em uma tentativa de encontrar fixidez, torna-se o que é, atribuindo sentido ao que vive para que possa atuar a temporalidade enquanto ser-projeto, resultando na percepção do cuidado que ele dirige a sua existência. Logo, quando Dasein percebe que é apenas de sua responsabilidade construir e se relacionar com as tramas de sentidos vivenciados por ele e vê solitário, já que não há a possibilidade de não existir. Acredito que o tema solidão pertença à trama de sentidos da existência originária do ser em suas devidas intensidades dependendo da forma de se relacionar deste ser com o mundo.

Palavras-chave: Psicoterapia; Fenomenologia-existencial; Solidão.

TRANSMISSÃO GERACIONAL RELACIONADA À AUSÊNCIA DA FIGURA PATERNA E SUAS IMPLICAÇÕES. NOBREGA, M. S; ZANOELO, O. R.; BALIEIRO, C.R.B. (Professora) - Universidade Paulista – Ribeirão Preto

O presente trabalho foi realizado no Centro de Psicologia Aplicada (CPA) da Universidade Paulista UNIP durante o 1º semestre de 2013, no estágio de Intervenções Clínicas Breve. Buscou-se identificar e compreender a dinâmica de um grupo familiar e as relações que se estabelecem neste contexto, fazendo-se necessário pensar em um funcionamento à partir de “sistemas” como conhecimento da totalidade, cada parte relacionada com as demais, onde uma mudança em uma das partes acarreta mudança nas outras. Conforme Cervený (2001), a família só pode ser compreendida com a inclusão do observador ao seu contexto, pois é um grupo dinâmico e com especificidades. Teve-se como objetivo identificar, compreender e realizar

intervenções psicoterápicas apropriadas à dinâmica do grupo familiar no contexto clínico e social. Realizou-se 7 atendimentos no período de 26/03/2013 à 18/06/2013 em regime quinzenal com espelho unilateral e equipe reflexiva. A família é composta por mãe (51 anos) viúva do primeiro casamento e filhos (24 anos) deste pai, (18 anos) da segunda união e a paciente identificada (4 anos) da terceira união da mãe. A família está na fase adolescente, com a sobreposição da fase de aquisição. A família foi avaliada no estágio de psicodiagnóstico e neste observou-se estressores e eventos imprevisíveis que geraram luto e variações no seu ciclo de vida familiar, como a morte do primeiro marido, o recasamento, a separação do segundo marido e o rompimento com pai da paciente. A mãe trouxe como queixa inicial que a filha não frequentava a escola, apresentando medo e choro. Entendeu-se o comportamento da paciente identificada como um sintoma, que segundo Fernández (2004), pode exercer uma função no sistema familiar. Como intervenção foram trabalhados aspectos relacionados às atividades em casa, acrescentado que ela tem dificuldades em seguir normas, regras e limites, mostrando que há algo impedindo para aprender a importância desses. Relata-se que a criança demonstra função parental e independência ao se vestir e preparar sua refeição pela manhã. O relacionamento da criança com o pai é distante, sendo as visitas por insistência da filha ou por alguma data festiva. Durante o processo terapêutico, o pai visitou a criança e percebeu-se que ela animou-se e alterou a estrutura familiar, pois a mãe demonstrou-se mais tranquila. Os irmãos identificam a importância dessas visitas para ela, mas para eles é indiferente. Percebeu-se que existe repetição da transmissão geracional frente à figura masculina, desde a paternidade da mãe e seus vínculos subsequentes a estas questões a mãe pôde ter *insights* e gerar redes de significados e sentidos, portanto, a família continuará sendo atendida no mesmo estágio, mesmo considerando que a queixa inicial tenha sido solucionada.

Palavra Chave: Sistema; Família; Função Parental; Transmissão Geracional.

(CON)VIVER: A ARTE DE SABER VER, OUVIR E FALAR. PENTEADO, L. C. O; SOUZA, F.; BALIEIRO, C.R.B. Universidade Paulista (UNIP) Ribeirão Preto

A família é uma instituição de grande importância e papel social, transformando-se e ganhando novas configurações ao longo da história, sem perder sua relevância e sua função de ser o núcleo de formação das individualidades humanas, onde as subjetividades constituem-se e capacitam-se para o exercício de seu papel social mais amplo. A terapia familiar surgiu influenciada por modelos teóricos com visão de família como sistema vivo e dinâmico, como a “Teoria Geral dos Sistemas”, de Ludwig Von Bertalanffy e a Cibernética – estudo dos mecanismos de *feedback* em sistemas que se autorregulam. As Escolas que receberam influência destas teorias foram pioneiras na construção do contexto clínico do atendimento a famílias com a observação direta das interações familiares. O presente estudo foi realizado na Unip- Ribeirão Preto, onde os atendimentos familiares ocorrem semanalmente, em sala de espelho unilateral, na presença da equipe reflexiva, que colabora com intervenções acerca de suas observações. A família Resende foi atendida no 1º semestre de 2013, sendo composta por M., pai, e seus três filhos: V. 11 anos (PI), Vi. 9 anos e J. de 4 anos. R, a mãe das crianças e M. viveram juntos por pouco tempo, numa relação tumultuada com muitas brigas. Após a separação R. morou na Praia Grande, com os filhos por algum tempo, quando as crianças passaram situações de escassez e abandono maternos, gerando seu retorno a Ribeirão Preto para viverem com o pai, que passou a ter a guarda deles. Nesse processo, as crianças vivenciaram mudanças de cidade, escolares, e de casa. A família está em fase de reconstituição, apresentando aspectos de rigidez nos relacionamentos interpessoais, revelando ainda certo distanciamento emocional. O pai encontra-se diante da responsabilidade de criar filhos com quem não conviveu e necessita reestruturar diversos aspectos de sua vida. Esse aspecto confirmou-se com a aplicação da técnica de desenho “Nossa Casa”, quando o pai foi desenhado fora da casa e somente os irmãos estavam juntos dentro dela, nos levando a considerar que o pai precisa achar meios de conquistar um espaço e confiança na vida dos filhos. A família também demonstrou aspectos de desorganização em sua vida, tais como atrasos e falta de cuidados de higiene e vestuário, além de um comportamento de silêncio e vergonha das crianças, principalmente na presença do pai. Esse

silêncio refletiu-se no ambiente terapêutico, gerando momentos nos quais prevaleceram a reserva, a formalidade, a falta de liberdade de expressão e de apropriação do espaço, além de certa hostilidade na relação das crianças com o pai ou, até mesmo, negação da comunicação. M. demonstrou estar repetindo com os filhos atitudes que vivenciou com sua mãe, tais como falta de afetividade e cobranças excessivas. O silêncio característico do comportamento e da dinâmica desta família levou-nos a questioná-los sobre o “não dito” no ambiente familiar e entre nós, no processo terapêutico. A família foi reencaminhada para continuar o processo terapêutico.

Palavras chave: Família; Reconstituição; Abandono

VINCULO PATOLÓGICO: UM PROCESSO DE TRANSMISSÃO GERACIONAL. SILVA, G. H; AURELIANO, E. B. BALIEIRO, C. R. B.-
Universidade Paulista - Ribeirão Preto.

A terapia estrutural de família é definida como sendo uma terapia de ação para modificar o presente e não para explorar ou interpretar o passado. O objetivo do terapeuta é transformar o sistema familiar, pois modificando a posição de cada membro da família as exigências são modificadas. O objetivo deste estudo é a realização de atendimentos psicoterápicos breves, articulando as intervenções clínicas aos arcabouços teóricos e técnicos que os fundamentam. No caso, aqui apresentado, foram realizados oito atendimentos semanais no período de 02 de maio a 18 de Junho de 2013, sendo cada atendimento de 50 minutos, utilizando do referencial teórico de Psicoterapia Breve de Família e Casal Sistêmica. Para cada atendimento realizado foram elaborados relatórios parciais. Os atendimentos foram realizados na sala de espelho unilateral em co-terapia e acompanhado pela equipe reflexiva e na presença da supervisora atrás do espelho. A mãe (44 anos) trouxe como queixa inicial o medo que seu filho (11 anos) sente de dormir sozinho; relata que ele só dorme junto a ela na cama. O filho confirmou a queixa da mãe e disse que o medo surgiu após o menino assistir o filme “Atividade Paranormal”. Relatou que no filme acontecem eventos sobrenaturais e que o9 filho tem medo que aconteça o mesmo com ele. A mãe disse que pensou em procurar o atendimento de Plantão Psicológico do CPA (Centro de Psicologia Aplicada) para ela, pois há algum tempo sente

muito medo de andar de carro, medo de chuva e do escuro. Relata que se sente angustiada quanto a estes medos e diz não entender como eles surgiram. Não chegou a procurar o atendimento, pois logo foi chamada para o atendimento em Psicoterapia Familiar. Por intermédio das sessões realizadas visando o vínculo mãe e filho, a hipótese desenvolvida foi a de que transmissões geracionais ocorrem nesta família. A queixa inicial sobre o medo que seu filho sente de dormir sozinho e do escuro são medos também vivenciados por sua mãe, por ela mesma, e agora transmitidos ao filho através de conteúdos não ditos ou “mal ditos”. Juntamente com os medos pôde-se identificar a dependência materna, indicando que o vínculo deste subsistema é preservado pelo medo, sentimento de identificação na relação comunicacional e no vínculo afetivo. Esta dependência pode se tornar prejudicial para o desenvolvimento do filho, pois interfere em suas relações pessoais e no seu modo de viver. Diante dos problemas de transgeracionalidade presentes nesta família, realizamos intervenções de modo que a mãe pudesse perceber os efeitos negativos dessa transmissão geracional na vida de seu filho, uma vez que o medo representa união e cumplicidade nesta relação.

Palavras-chave: Família; Medo; Transmissão geracional; comunicação.

✓ **PSICOLOGIA ESCOLAR E DESENVOLVIMENTO HUMANO**

A PSICOLOGIA ESCOLAR EM SALA DE AULA, O ESTAGIÁRIO E A PRÁTICA. GERALDE, Deolinda Rita (Universidade Paulista); SANTOS, Cícero Diego da Silva (Universidade Paulista); VASCONCELOS, Fabiula Nunes (Universidade Paulista).

Esse trabalho tem por finalidade refletir sobre a vivência de estágio em Psicologia Escolar realizado durante seis meses em uma escola municipal de ensino fundamental localizada na cidade de Campinas. O estágio foi realizado com estudantes da segunda série do ensino fundamental. Fundamentado na demanda escolar, criou-se o projeto, denominado Jogos e Brincadeiras Brasileiras. Através do lúdico foi possível acessar o universo infantil, objetivando proporcionar um espaço de escuta e reflexão. O projeto foi planejado de forma flexível conforme as demandas que emergiam nas atividades com os alunos. Dentre as demandas do grupo de alunos percebeu-se que: algumas crianças eram excluídas de alguns grupos de alunos. Preconceitos difundidos no meio social dessas crianças como a não aceitação das diferenças físicas e cognitivas atrapalhavam no cotidiano escolar, e interferiam na aprendizagem. Essas demandas relacionadas ao contexto social da comunidade em que a escola está inserida mostraram-se importantes partes da problemática. A agressão física ou verbal dificultavam momentos reflexivos entre os alunos, e também anulavam a oportunidade de ser desenvolvida a empatia e conseqüentemente o respeito. O sexismo, as rotulações, os nomes pejorativos mostravam-se constantes no grupo infantil dificultando as atividades propostas. Os sentimentos, e a falta de um espaço para que se pudesse nomeá-los, fez do espaço das brincadeiras uma maneira de se expressar e compreender. Percebeu-se que muitas crianças possuíam comportamentos agressivos e dificuldade de aprendizado, relacionados com a dificuldade em lidar com os sentimentos. Essas demandas ganharam espaço e voz à medida que conflitos no grupo conseguiram ser trabalhados pelas crianças nos momentos de reflexão. Conforme os estagiários estimularam as crianças a

refletirem sobre como lidar com seus problemas em relação à escola, os colegas e com seus próprios sentimentos, o grupo de alunos passou aos poucos a se acolher mutuamente, melhorando o relacionamento interpessoal. Gradativamente a resolução de problemas de forma pacífica tornou-se possibilidade, muitos já não mostravam resistências em brincar com as demais crianças, e realizar tarefas conjuntas. Por fim concluímos que, as crianças ao serem inseridas em brincadeiras que priorizavam interação social, conseguiram gradualmente desenvolver uma postura autônoma, e reflexiva em relação ao seu contexto social. Elas puderam perceber a necessidade de terem um espaço reflexivo, em que pudessem expressar sentimentos, dúvidas e dificuldades em conviver em grupo. Como esse processo se constrói de forma gradativa, algumas crianças conseguiram se apropriar mais do espaço reflexivo, o que acaba por estimular as que ainda estão se adaptando à experiência de se perceberem inseridas no grupo. Evidentemente não é um trabalho findo, é necessário ter consciência de que esse estímulo para as crianças é um processo contínuo. Os alunos continuarão precisando de apoio do próprio ambiente escolar para a resolução de seus conflitos que se interpõe no aprendizado.

Palavras-Chave: Psicologia Escolar; alunos; dificuldades; aprendizado; contexto social.

ATENDIMENTO CLÍNICO OU COMPREENSÃO INSTITUCIONAL? Relato de Práticas em uma Comunidade Escolar. CALIA, Ararê Dias; MENDES, Fernando Teixeira; RIBEIRO, Mônica Cintrão França - orientadora. (Universidade Paulista – UNIP/SP)

A pergunta que é feita no título desse resumo, foi amplamente refeita durante as supervisões e atividades realizadas em uma comunidade escolar em que fomos estagiários. Nessa comunidade, pudemos realizar oficinas de letramento, quinzenais, com duas alunas do Ensino Fundamental II, ambas com onze anos de idade e encaminhadas pela própria escola por possuírem “muitas dificuldades de aprendizagem”. Fizemos, também, plantões institucionais, abertos à comunidade escolar (funcionários, pais, professores, coordenadoras) com objetivo de atender as demandas da escola, para a

construção de vínculo e compreensão do funcionamento psicológico da instituição. As oficinas tiveram como objetivo trabalhar os aspectos afetivos e emocionais envolvidos no processo de aprendizagem, procurando fortalecer as alunas para que se percebessem capazes de aprender, ajudando-as a recuperar sua autoestima. Para tanto, este trabalho se propôs, desde o início, a ser breve e focal, onde debruçamo-nos na terra da desconstrução construtiva, em outros entendimentos sobre a produção, estigmatização e manutenção das queixas e do fracasso escolar, pela falida instituição que reproduz todo um sistema, de longa data, estabelecido. Terra das novas práticas em psicologia escolar, forjadas no bojo crítico sistêmico da potencialização, que procuram estabelecer outras ações, compreensões e relações entre o psicólogo e seu paciente identificado, entendido não mais como “o” aluno-problema, mas sim como “a” escola produto e produtora de fracassos, problemas e dificuldades. Nas oficinas compreendemos que as duas meninas possuíam muitos recursos para aprender. A aluna N. apresentava-se defasada em seus estudos, como pudemos perceber nas atividades realizadas, mas mostrava-se plenamente capaz para participar, superar as dificuldades e aprender coisas novas. A aluna C., não apresentou defasagem ou dificuldade de aprendizagem, pelo contrário, muito dinâmica foi capaz de realizar todas as atividades propostas e, como exemplo disso, deu-nos aulas de dobradura, onde aprendemos a fazer um lindo coelho de papel. Assim, compreendemos que a queixa de problemas na aprendizagem, motivo do encaminhamento, encobre um sintoma da própria instituição, decorrente de sua truncada comunicação e de seu ‘olhar’ patologizante. Nos plantões institucionais pudemos realizar atendimentos aos professores e funcionários da escola, permitindo a reflexão sobre o fazer no cotidiano da escola e a abertura para uma movimentação na dinâmica das relações bem como a desconstrução de discursos cristalizados, como: pais que responsabilizam os professores pelo fracasso do filho; professores que responsabilizam os pais por não educarem o filho; alunos consideram pais e professores culpados por sua infelicidade e todos culpam o governo pelas mazelas do sistema, que, por sua vez, faz muito pouco e, mais das vezes, agrava a situação. Portanto, não fizemos atendimentos na escola a partir de práticas tradicionais em psicologia, mas propusemos a construção de uma

relação dialógica, visando a compreensão e movimentação na rede das relações escolares.

Palavras-Chave: Psicologia Escolar; Atendimento em Comunidade Escolar; Novas Práticas em Psicologia Escolar e Comunidades.

ATENDIMENTO PSICOLÓGICO A COMUNIDADE ESCOLAR: UMA PERSPECTIVA CRÍTICA EM PSICOLOGIA. ANDRADE, Aline Silva; PESSINI, Clarissa Zabeo; RIBEIRO, Mônica Cintrão França - orientadora (Universidade Paulista-UNIP).

O presente trabalho foi realizado na área de estágio 'Intervenção psicológica na queixa escolar' por alunas do último ano do Curso de Psicologia da Universidade Paulista (São Paulo/Brasil). O objetivo foi intervir no espaço da escola para identificar e problematizar as diferentes versões acerca dos problemas de escolarização. Para isso foram realizadas, na própria escola, seis oficinas com quatro alunos de 06 a 08 anos e seis plantões institucionais para atendimento psicológico a comunidade escolar. Nas oficinas foram utilizados materiais para favorecer a construção de vínculo com os alunos e estabelecer um diálogo sobre as dificuldades vivenciadas na escola, especialmente em relação à aprendizagem e ao ensino, bem como a construção de estratégias para a superação das mesmas. O grupo de alunos, de uma maneira geral, sentiu-se acolhido no espaço das oficinas, demonstrando, ao longo das mesmas, a construção do sentimento de confiança e empoderamento para aprender. Como um exemplo desse processo, descrevemos aqui o caso do aluno B. de 8 anos, que nos foi encaminhado às oficinas com dificuldade de relacionamento e agressividade. No início, demonstrou resistência em relação às propostas, permanecia a maior parte do tempo em seu próprio espaço, com dificuldade para realizar as tarefas em conjunto e escutar o que era proposto ou conversado pelo grupo. À medida que as oficinas foram acontecendo o aluno B. pode compartilhar com o grupo que sentia falta de seu pai, pois o mesmo residia em outra cidade e isso o fazia não ter outros interesses. Ao poder contar que seu pai trabalhava no campo como vaqueiro, pode dividir com os colegas muitos conhecimentos que tinha sobre essas atividades, representando com massa de modelar os vários objetos e ambientes, demonstrando boa habilidade manual nessa construção. Esse fato permitiu ao

aluno B. se perceber, no grupo, em outra condição em relação ao conhecimento, como aquele que ensina e não no lugar de doente ou incapaz de aprender como se percebia ou foi colocado. Tanto nas oficinas como na sala de aula o aluno B. apresentou evolutiva em seu relacionamento com os colegas. Durante todas as oficinas, fomos construindo com a professora do aluno B. estratégias conjuntas de intervenção o que permitiu um espaço de diálogo e a construção de um fazer pedagógico mais significativo às dificuldades do aluno e da própria professora. De acordo com o relato da mesma, houve uma organização nítida em seu caderno, que antes nem sequer existia. Por meio deste trabalho, verificamos a importância de intervenções em psicologia que visem ações para além do próprio aluno encaminhado, mas a construção de estratégias que vissem a construção de espaços de diálogo com a comunidade escolar. Concluímos que o fracasso escolar faz parte do adoecimento da instituição como um todo e não do aluno que nos é, frequentemente, encaminhado.

Palavras-Chave: psicologia escolar; queixa escolar; comunidades de aprendizagem.

COMUNIDADE ESCOLAR: CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS PARA REFLEXÃO E AÇÕES DE TRANSFORMAÇÃO.

FERNANDES, Mary Elaine; SOUZA, Maria Roseli Duran; RIBEIRO, Mônica Cintrão França - orientadora (Universidade Paulista-UNIP/São Paulo-Brasil).

Este trabalho visa compreender o funcionamento das redes de relações que envolvem a comunidade escolar (alunos, professores, pais, diretores e funcionários). Para isso, no 1º semestre de 2013, realizamos um estágio em uma escola de ensino fundamental, localizada na zona norte da cidade de São Paulo (Brasil), para atendimento a queixa escolar. Neste contexto, ouvimos todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, buscando compreender as situações institucionais que impedem o aluno de aprender. Nosso trabalho está estruturado na construção de novas práticas de intervenção em psicologia, por oposição a ações clínicas no contexto escolar. O objetivo do trabalho foi identificar a demanda da comunidade escolar, compreender o funcionamento das relações, bem como planejar estratégias de

intervenção no sistema de funcionamento da instituição, trabalhando as relações interpessoais. Nossa proposta foi compreender a dificuldade escolar do aluno como resultado de um funcionamento adoecido do espaço escolar e, por isso, nossas ações visaram potencializar recursos internos no aluno para que pudesse voltar a sentir prazer em aprender. Da mesma forma, buscamos estabelecer um espaço de escuta com a equipe escolar, em especial com os professores, potencializando-os naquilo que demonstram fazer bem. Para este trabalho foram realizadas duas estratégias de intervenção: plantões institucionais para atendimento à comunidade escolar e oficinas de letramento, com um grupo de oito crianças, as quais foram indicadas pela escola com queixa de dificuldade na aprendizagem escolar. Foi possível perceber que ao se criar espaços que permitam problematizar, discutir e refletir acerca do cotidiano com a comunidade escolar abre-se a possibilidade de novos olhares e propostas em relação às práticas, muitas vezes cristalizadas. Assim, trabalhamos o funcionamento da instituição como um todo e não somente o indivíduo, nos colocando numa posição de mediadores, a fim de conquistar uma movimentação nessa rede, no sentido de que todos os participantes pudessem construir coletivamente estratégias de enfrentamento e superação das dificuldades. Partindo do pressuposto de que o homem é um ser social e que se constitui na relação com o outro, incluindo o ambiente escolar, entendemos que a relação do professor com o aluno constrói-se no dia a dia e pode mobilizar sentimentos na criança, podendo favorecê-la no sentido de sentir que é capaz de aprender, mudando em si concepções que a favoreçam no sentido de desejar aprender, oferecendo-se para isso a possibilidade de escuta e novos olhares.

Palavras-chave: psicologia escolar; oficinas de letramento; plantão institucional; comunidade escolar.

DEPENDÊNCIA MATERNA E INSEGURANÇA, FATORES DE INFLUÊNCIA NA DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM ESCOLAR. SOUZA, Isabel Aparecida Dantas; DONATELLI, Marizilda Fleury - Universidade Paulista - UNIP.

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre alguns fatores de ordem emocional que influem na aprendizagem de crianças, fazendo com que elas,

mesmo tendo capacidades neuropsicológicas preservadas obtenham um desempenho inadequado e aquém de suas possibilidades. Para tanto, será apresentado um caso atendido em Psicodiagnóstico Interventivo sob a luz da Fenomenologia Existencial. O processo constituiu-se em doze sessões com mãe e filho alternadamente e os instrumentos utilizados foram entrevista inicial, entrevista para coleta da história de vida da criança, entrevistas devolutivas com caráter interventivo, observação lúdica, atividade para avaliação da inteligência, visita domiciliar e escolar. Durante o processo foi possível notar que a dependência materna possibilitava a criança uma vivência infantilizada e insegura, que influía na dificuldade de aprendizagem escolar e nas ações do dia-a-dia. Por um lado, fatores orgânicos foram descartados e foi constatado que o menino tinha as capacidades neuropsicológicas preservadas. Por outro lado, foi se delineando durante o processo Psicodiagnóstico que o fracasso escolar estava diretamente ligado as relações estabelecidas com a família e em especial com a figura materna, no que se refere principalmente as mensagens ambivalentes que eram transmitidas, tanto de forma implícita quanto explícita. Ou seja, as exigências familiares para com o garoto oscilavam entre ser dependente e independente, crescer ou não crescer, etc. As intervenções com a mãe foram feitas tendo em vista o fato de que ela não entendia a princípio a dificuldade de aprendizagem do filho como sendo influenciada pela imbricada relação mantida entre ambos. A partir das intervenções realizadas, foi possível ampliar seu olhar sobre suas atitudes e mais ainda sobre como estas mantinham o comportamento infantilizado do garoto em todos os aspectos de sua vida, incluindo a escola. A mudança da mãe possibilitou a criança mais autonomia e segurança frente a suas vivências. Palavras-chave: Dependência; Insegurança; Dificuldade de Aprendizagem.

EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM UMA ESCOLA ESTADUAL. BACCHERETI, S. F.; VASCONCELOS, L. P.; ABRÃO, J. C. C. H. – (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

O presente trabalho se refere a um relato de experiência de estágio supervisionado realizado no último ano da graduação, em uma escola estadual

de ensino fundamental I iniciado no primeiro semestre de 2013 e tendo continuidade no atual semestre. No primeiro semestre de estágio, buscou-se através de observação, conversas informais e entrevistas compreender as principais demandas institucionais, para que assim fosse elaborada uma proposta de intervenção. Neste processo, as principais demandas, tanto as descritas pelo corpo docente quanto as observadas pelos estagiários, apresentaram-se de diversas formas e contextos e também com diferentes possíveis causas. Essas demandas, que eram essencialmente das turmas dos primeiros anos, foram caracterizadas inicialmente por problemas disciplinares individuais de alguns alunos, que desencadeavam no restante da turma uma série de outros comportamentos de dispersão do contexto de aula ou inclusive de indisciplina. Além disso, as queixas eram justificadas por possíveis transtornos desses alunos, tais como hiperatividade e déficit de atenção, fazendo assim com que o pedido de intervenção fosse focado em trabalhos individuais com esses alunos. Porém, no processo de observação das turmas em um grupo, observou-se que além dessas queixas, outras foram trazidas ou destacadas. Dentre estas, a autoestima dos alunos, a interação entre colegas da turma e a adesão de regras de grupo propostas pelos professores e/ou direção. A influência na autoestima foi observada pelo fato de muitos alunos não se identificarem no processo de aprendizagem, tais como o de alfabetização, e não se motivarem para produções propostas em sala. Isso apareceu no relato desses alunos como também em manifestações, que demonstravam a desmotivação no processo de exploração e curiosidade na construção do conhecimento, fazendo com que o processo de alfabetização – que em parte já possui essa conotação - seja automatizado e escasso de significados, reforçando a ideia de tarefa, sem estar inserida em um contexto que permita o interesse e participação no processo. Além disso, as aulas e o processo de alfabetização não incluem prioritariamente atividades lúdicas como integrantes desse processo, fazendo com que esse envolvimento dos alunos seja mais dificultado. Desse modo, a autoestima de cada aluno nesse processo aparece na interação entre eles, fazendo com que a tendência do grupo seja a separação em vários grupos menores de acordo com a produção das atividades e/ou de seus comportamentos. Assim, as interações - corroborada

pelo número das turmas - não ocorre de modo fluido, fazendo assim com que a comunicação professor/aluno seja dificultada. Algumas dessas queixas estão inseridas em contextos familiares e sociais que dificultam o acesso a serviços de atendimento ou orientação psicológica e pedagógica, fazendo com que as intervenções levem em conta o contexto familiar e tente inseri-las. Desse modo, o relato da experiência de estágio busca apresentar o início da intervenção realizada nesse semestre com o projeto “Os jogos como instrumento de convivência e desenvolvimento” e discutir sobre as demandas observadas e de sua recorrência no contexto escolar.

Palavras-chave: grupo; interação; autoestima; alfabetização; atividades lúdicas.

PSICOLOGIA ESCOLAR: EM BUSCA DE NOVOS CAMINHOS. GALIZIA, Giovanna D. Vampré; MAYORGA, Josefa Maria; RIBEIRO, Mônica Cintrão França – orientadora. (Universidade Paulista-UNIP/São Paulo)

Este trabalho tem como objetivo apresentar o estágio realizado no curso de psicologia, durante o 1º semestre de 2013, na área “intervenção psicológica na queixa escolar”. A proposta foi à construção de um novo olhar e fazer em psicologia em relação às demandas escolares, com intervenções no contexto da própria escola por oposição às práticas clínicas de atendimento às dificuldades escolares dos alunos. Nessa perspectiva busca-se a construção de procedimentos que não se reduzam a um modelo clássico de atuação em psicologia, que investiga e intervém no aluno chamado “problema”, e sim na construção de novas práticas que visem à compreensão da dinâmica das relações como produtoras do fracasso escolar. O estágio foi realizado em uma escola pública na cidade de São Paulo e lá foram atendidos oito alunos do sexo masculino, com idades entre 12 e 14 anos, com a queixa da escola de comportamento inadequado e dificuldade de relacionamento. Foram realizados 12 atendimentos no formato de plantões e oficinas com temas propostos pelos próprios alunos: violência interescolar, bullying, drogadição, dificuldade de aprendizagem, carreira e dúvidas sobre temas relacionados à adolescência. Os encontros possibilitaram a construção de um espaço de escuta e diálogo que, no cotidiano adoecido da escola, muitas vezes não é possível ser encontrado.

Os alunos em nenhum momento apresentaram a queixa da escola, de violência e agressividade, uma vez que o espaço de acolhimento e escuta das oficinas, possibilitou a expressão e compreensão sobre suas dificuldades e da escola em como intervir frente à própria demanda. Em concomitância ao atendimento aos alunos, foram feitas reuniões com seus professores no sentido de um trabalho dialógico com toda a comunidade escolar, visando à transformação do espaço adoecido e adoecedor da instituição. Focamos nas potencialidades dos alunos e dos professores, também adoecidos, como sujeitos de suas próprias vidas e com capacidade plena para sair do lugar adoecido em que foram colocados, resgatando sua relação com o ensino e aprendizagem, por meio do ressignificar dos vínculos com a escola, aumentando sua autoestima e confiança, para tornarem-se mais atuantes em sua comunidade escolar.

Palavras-Chave: psicologia escolar; comunidade de aprendizagem; queixa escolar.

FAMÍLIA E ESCOLA ANÁLISE DO PERFIL DAS QUEIXAS ESCOLARES DE CRIANÇAS ATENDIDAS NO CPA DE RIBEIRÃO PRETO. ZERI, A.S; BALIEIRO, C.R.B. Pós Graduação em Psicologia da Universidade Paulista - Ribeirão Preto

A família passa por transformações profundas nos séculos XVI e XVII, onde o novo lugar assumido pela família na vida sentimental das relações com as crianças é significativo. Estudos no Brasil mostram uma prevalência de crianças com problemas de comportamento. Atualmente, o desenvolvimento infantil tem tido muita ênfase devido aos vários tipos de comportamento, como as queixas escolares, os problemas de aprendizagem, falta de limites, transtornos de ansiedade, déficit de atenção, entre outros. Nessa perspectiva, percebe-se os familiares cada vez mais preocupados com a educação e com a importância de um crescimento saudável, em termos físicos e psicológicos. Assim, a influência e a contribuição da família são importantes para o desenvolvimento infantil. Este é um estudo descritivo/exploratório que teve como objetivo identificar por análise de prontuários as características das queixas escolares mais frequentes e a conduta dos profissionais após os atendimentos realizados, onde foram analisados 66 prontuários de crianças e

adolescentes entre 2 e 16 anos de idade, que passaram pela porta de entrada, ou seja, pelo serviço de Triagem, Psicodiagnóstico e Psicoterapia Infantil no Centro de Psicologia Aplicada (CPA) da Universidade Paulista, da cidade de Ribeirão Preto-SP, no período de 2007 a 2010. Resultados: as queixas escolares nunca vêm sozinhas, ou seja, os problemas de comportamento são apontados em todas as queixas, como agressividade, hiperatividade, dificuldades de atenção e concentração, dentre outras. Os sujeitos são predominantemente masculinos (68,2%). Os sujeitos entre 2 e 12 anos correspondem a (93,9%), 46 sujeitos (69,7%) cursavam o 1º grau do ensino fundamental em escolas públicas. Foi identificado sujeitos predominantes na fase de aquisição do ciclo vital, o que nos mostra fortemente as dificuldades e muitos conflitos nesta fase, onde os pais precisam e necessitam se equilibrar diante de toda a transformação que ocorre neste período.

Palavras-chave: queixas escolares, família, escola, hiperatividade.

INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA NAS QUEIXAS ESCOLARES: RELATO DE EXPERIÊNCIA. AMORIM, Fábio; JESUS, Cícero; RIBEIRO, Deusa; RIBEIRO, Mônica Cintrão França – orientadora (Universidade Paulista-UNIP).

O presente trabalho é resultado da experiência do estágio “Estratégias de Intervenção Psicológica – Orientação à Queixa Escolar”, oferecido pela Universidade Paulista-UNIP aos alunos do último ano do curso de psicologia. O estágio foi realizado na EMEF Marina Vieira de Carvalho Mesquita (localizada na zona sul da cidade de São Paulo), no período de 15 de março a 29 de maio de 2013. O objetivo foi desenvolver estratégias que visavam o fortalecimento das relações interpessoais que envolvem a comunidade escolar atendida (pais, alunos, professores e funcionários), possibilitando, dessa forma, a superação das queixas apresentadas. A nossa proposta consistiu em convidar um grupo de alunos, dos 3os e 4os anos, que apresentassem dificuldades na aprendizagem para participar, na própria escola, de oficinas de letramento. Realizamos, também, plantões institucionais, para atendimento a comunidade escolar. Os primeiros contatos com a escola serviram de base para o estabelecimento do vínculo com a instituição, por meio do qual tivemos a possibilidade de contatar grande parte dos funcionários e nos colocar à

disposição da escola para auxiliá-los nas dificuldades que ocorrem em seu cotidiano. O grupo formado a partir da indicação dos professores foi composto por oito alunos, sendo cinco meninos e três meninas de faixa etária aproximada; as queixas apresentadas estavam relacionadas às dificuldades de aprendizagem (leitura e escrita) e de comportamento (agressividade, inquietação na sala de aula, não cumprimento das regras). O trabalho desenvolvido nas oficinas consistiu em promover o fortalecimento interno dos alunos e reforçar as potências muitas vezes desgastadas nas relações escolares. Nos plantões surgiram demandas tais como a imposição da política de inclusão e seus vieses, agressividade dos alunos, relações pouco funcionais entre alunos e professores. Em cada momento nos posicionamos como acolhedores das demandas, aproveitando cada oportunidade para sinalizar o potencial de cada um. Ao final das oficinas, quatro alunos, dos oito atendidos, atingiram a hipótese alfabética em relação à alfabetização e os outros alunos se sentiram mais fortalecidos e autoconfiantes para continuarem, em sala de aula, no processo de construção da língua escrita. A comunidade escolar como um todo teve acesso a um atendimento psicológico que leva em conta as condições socio-históricas e o funcionamento da instituição como promotora do desenvolvimento e aprendizado dos alunos.

Palavras-chave: psicologia escolar; queixa escolar; ensino e aprendizagem.

**PROJETO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM PSICOLOGIA ESCOLAR:
UMA EXPERIÊNCIA JUNTO A PROFESSORAS DA REDE PÚBLICA.**
KOPACHESKI, M. Natalia M. H.; DE SOUZA, Valdecir; GONÇALVES, Letícia
Cristina – Universidade Paulista/UNIP SWIFT

O presente trabalho foi realizado na escola EMEF Maria Luisa Pompeo de Camargo, sob orientação da Prof. D. Rita Geralde, dentro do contexto do estágio do penúltimo semestre de Psicologia Escolar na Universidade Paulista. O nosso grupo desenvolveu o trabalho junto aos professores, paralelamente outros estagiários trabalharam com os alunos. Um dos objetivos deste projeto foi abrir possibilidades de apropriação da dimensão subjetiva da existência, o que é de vital importância para poder fazer o exercício de se apropriar das

outras dimensões presentes no contexto escolar. Trabalhar com as inteligências múltiplas e o despertar da empatia pelo outro foram também propósitos deste trabalho, viabilizando a possibilidade de, enquanto integrante da instituição escola, despertar novos olhares para as diferentes relações estabelecidas no ambiente escolar. Foram realizados onze encontros semanais às quintas feiras das 7:00 às 8:00 h (mas uma hora de permanência na escola para acolhimento de alunos e funcionários). O grupo deste semestre estava formado por sete professoras e três estagiários de Psicologia. Os recursos materiais utilizados durante os encontros foram: Papel sulfite, canetas, livros, caderno, cartas com definição de emoções e sentimentos, CD de músicas, notebook, poesias, mandala para colorir, lápis de cor e poemas. O referencial teórico adotado foi a perspectiva sócio-histórica. Através da vivência das dinâmicas puderam ser compreendidas certas dificuldades, seu surgimento, manutenção e atribuição de sentido próprio. O grupo de professoras mostrou-se empático, receptivo e aberto para todas as dinâmicas propostas pelos estagiários. As professoras agradeceram e demonstraram valorizar os encontros das quintas, espaço do qual tem se apropriado. O espaço de cuidado e acolhimento das professoras mostrou-se eficaz ao gerar movimentos no plano da subjetividade, ao ser promovido um momento de expressão e troca de experiências, o que, no seu conjunto, propiciou uma melhora no autoconhecimento, no conhecimento do aluno e da própria escola.

Palavras chave: ser professor; vivência; novas possibilidades.

PSICOLOGIA E COMUNIDADE ESCOLAR: CONSTRUÇÃO DE REDES PARA TRANSFORMAÇÃO DO FAZER NA ESCOLA. STAVARENGO, Flávia; SATO, Adriana; MADEIRA, Monalisa; RIBEIRO, Mônica Cintrão França – orientadora (Universidade Paulista-UNIP/São Paulo).

O presente trabalho refere-se ao estágio realizado pelas alunas do 5º ano do curso de Psicologia da Universidade Paulista (UNIP/São Paulo), na área de estágio Intervenção Psicológica na Queixa Escolar. Nossa proposta foi realizar oficinas de letramento com grupos de alunos do Ensino Fundamental I, indicados por uma escola municipal na zona oeste da cidade de São Paulo,

com queixa na área de aprendizagem da língua escrita. Da mesma forma, foi nosso objetivo atender a comunidade escolar - professores, funcionários, alunos e seus pais - por meio de plantões institucionais. A proposta que fundamenta as nossas ações está pautada em uma perspectiva crítica em psicologia que compreende as intervenções psicológicas à queixa escolar para além do aluno encaminhado, mas na compreensão da produção do fracasso escolar a partir do diagnóstico do funcionamento adoecido e adoecedor da instituição escolar. Desse modo, nosso foco de trabalho foi intervir nas relações interpessoais, planejando estratégias de intervenção que retirassem os alunos do estado adoecido em que foram colocados pela escola, potencializando recursos internos para que se percebessem capazes para aprender. As atividades foram realizadas semanalmente na instituição, durante três meses, onde foram realizadas quatro oficinas de letramento com dois grupos de alunos e oito plantões institucionais para atendimento da comunidade escolar. A cada atendimento foram elaborados relatórios com compreensões clínicas de nossas intervenções e das demandas que delas surgiam. Tivemos como devolutiva da escola que, o trabalho realizado, possibilitou uma mudança em alguns alunos não só no âmbito da aprendizagem, como do comportamento, indicando que ações que visem à construção de espaços dentro da escola, de escuta e acolhimento, são procedimentos em psicologia mais favoráveis as mudanças do ambiente escolar. Entendemos que há necessidade de uma ressignificação do que é aprender para os alunos, assim como um resgate do que é ensinar para professores e o psicólogo é o profissional que pode ser um parceiro na construção dessa rede.

Palavras-chave: psicologia escolar; queixa escolar; plantão institucional; oficinas de letramento; comunidade escolar.

O PSICODIAGNÓSTICO E A QUEIXA ESCOLAR EM CLÍNICA-ESCOLA: um olhar através do grafismo infantil - desenho do par educativo. PRIOR, Adriana Kimura; RIBEIRO, Mônica Cintrão França – orientadora (Universidade Paulista-UNIP).

O psicodiagnóstico infantil no início dos trabalhos de psicologia no Brasil era constituído por entrevistas com os responsáveis, encontros com as crianças e

aplicação de testes, muito próximo ao modelo médico de diagnóstico. A partir da década de setenta, o psicodiagnóstico interventivo transforma o atendimento em um processo cooperativo com a participação ativa de todos os envolvidos: pais, psicólogos e criança. Atualmente grande parte das crianças atendidas em clínica-escola em processo psicodiagnóstico possuem queixas associadas a problemas de aprendizagem ou comportamentos nas escolas em que estudam. Algumas clínicas-escola de São Paulo, por meio de uma abordagem fenomenológica-existencial, busca compreender a criança através de suas relações com a família, à escola e outras instituições com as quais possa estar envolvida. Técnicas indiretas de comunicação como o desenho, são utilizadas tanto por psicólogos quanto por educadores fornecendo valiosas informações sobre vários aspectos da vida da criança. O desenho do Par Educativo é um teste projetivo criado por Ana Maria Muniz, que fornece a partir da ótica da criança, dados sobre a relação vincular latente entre aquele que ensina e aquele que aprende. Pouco conhecido por psicólogos, o desenho do par educativo é recorrente na área da psicopedagogia. Por meio desta pesquisa procura-se um olhar sobre a queixa escolar em uma perspectiva sistêmica e não individual, construindo um diálogo entre as áreas da psicologia clínica e escolar. O objetivo consiste em investigar como o instrumento Desenho do Par Educativo pode contribuir para a compreensão da queixa escolar em psicodiagnóstico infantil. Os dados serão coletados através do teste projetivo gráfico Desenho do Par Educativo solicitando-se a cada criança que desenhe alguém ensinando e alguém aprendendo. Em seguida, que se complemente o desenho com o nome e a idade dos personagens e uma história sobre o que está acontecendo, acrescida de um título. Participarão da pesquisa, cinco crianças de ambos os sexos na faixa etária entre oito e dez anos com queixa escolar, participantes de Psicodiagnóstico infantil de uma Clínica-escola da cidade de São Paulo. Para a análise do desenho será utilizada a Escala de Indicadores de Conflito proposta por Sakai (2007) em sua tese de doutorado intitulada “Um estudo do Par Educativo (*Test Pareja Educativa*) em escolares de 3ª e 4ª séries”, composta por 39 itens compreendendo quatro categorias: cenário ou ambientação, figura de quem ensina, figura de quem aprende e par educativo. Esta pesquisa é de Iniciação

Científica e está sendo financiada pelo setor de pós-graduação e pesquisa da Universidade Paulista. Como resultado pretende-se compreender a pertinência ou não desse instrumento para investigação das queixas escolares e possível intervenção nas demandas escolares que são recorrentes nas clinica-escolas.

Palavras-chave: desenho par educativo; psicodiagnóstico; psicologia escolar; queixa escolar; clínica-escola.

✓ **PSICOLOGIA DA SAÚDE**

PSICOLOGIA DA SAÚDE NO SERVIÇO DE ATENDIMENTO DOMICILIAR - SAD LESTE/NORTE EM CAMPINAS, SP. SANTOS, Janiele Maria dos; GOMES, Leonilda de Aguiar; PETEAN, Luciane; Supervisora: BONON, Michele Mazzocato – Universidade Paulista

O relato de experiência que se apresenta foi desenvolvido a partir da prática de estágio em Psicologia da Saúde, realizado no Serviço de Atendimento Domiciliar (SAD) Leste-Norte, na cidade de Campinas, SP. O SAD é uma Instituição Pública Municipal, que se configura como uma modalidade de atenção à saúde que substitui ou complementa a internação hospitalar ou o atendimento ambulatorial (BRASIL, 2011). A assistência domiciliar é realizada por uma equipe multiprofissional, nos cuidados oferecidos ao paciente em sua casa, que são acometidos pelas mais variadas doenças, em geral crônicas, que impossibilitam ou dificultam sua locomoção para o tratamento em hospitais ou clínicas. Os profissionais que podem compor a equipe são de áreas como medicina, enfermagem, serviço social, nutrição, fisioterapia, fonoaudiologia, psicologia, odontologia, terapia ocupacional e farmácia (LAHAM, 2004). O objetivo do estágio caracteriza-se pelo planejamento e intervenção psicológica diagnóstica e terapêutica a pacientes, familiares e equipes nas instituições de saúde mediadas por ações de prevenção, promoção, proteção e reabilitação. O estágio consiste em participar das visitas domiciliares realizadas pela equipe de profissionais do SAD, durante quatro horas semanais, quando os usuários do serviço recebem o atendimento necessário. Durante as visitas domiciliares, as estagiárias de Psicologia realizavam entrevistas de acolhimento, de triagem, atendimento psicológico com pacientes e cuidadores, discussão de conduta com os profissionais, além de participar das reuniões de passagem de plantão com a equipe de saúde multiprofissional. Neste tipo de serviço, muitas vezes o paciente é o que menos requisita o trabalho da Psicologia, devido à gravidade do seu estado de saúde, sendo mais necessário o atendimento médico e da enfermagem, assim o trabalho da psicologia volta-se principalmente para o cuidador, família e equipe de saúde. Nota-se que nem sempre os cuidadores

optam pela tarefa de cuidar de um familiar com doença crônico-degenerativa, devido a vários aspectos, que englobam fatores pessoais, sociais e familiares. Muitos deles nem mesmo conseguem dividir esta tarefa, o que os deixa sobrecarregados pela responsabilidade que assumem. Desta forma, várias situações conflituosas e sentimentos ambivalentes são desencadeados devido ao estresse, revelando grande demanda para atendimento psicológico do cuidador e da família do paciente em atendimento pelo SAD. O trabalho em equipe multiprofissional apresenta vários desafios, sendo que alguns estão relacionados com a própria interação da equipe, e outros, com as dificuldades encontradas no funcionamento da instituição como um todo. O contexto em que atuam também proporciona estresse, pois as vivências diárias os obrigam a entrar em contato frequente com a morte, e isto repercute de maneira diferente em cada profissional. Desta forma, trabalhar estes conteúdos com a equipe de saúde faz parte do trabalho do psicólogo na atenção domiciliar. Trata-se de uma experiência importante, pois oferece um campo de atuação profissional para psicólogos que permite construir novas práticas, além do tradicional modelo clínico, individual, remediativo, e pouco abrangente socialmente.

Palavras-chave: Psicologia da Saúde, Atendimento Domiciliar, Equipe Multiprofissional, Sistema Único de Saúde.

INCLUSÃO DE ESTAGIÁRIOS DE PSICOLOGIA EM UMA UNIDADE HOSPITALAR DE ALTA COMPLEXIDADE E MORTALIDADE OLIVEIRA-CARDOSO, E.A.¹; GARCIA, J.T.¹; SIMÕES, P.B.²; SANTOS, M.A.¹.

¹Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – FFCLRP-USP - Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – FMRP-USP

O estágio profissionalizante intitulado “Psicologia Hospitalar: intervenção em uma Unidade de Transplante de Medula Óssea” é oferecido desde 2000 para graduandos do quarto e quinto anos do curso de Psicologia da FFCLRP-USP. O contexto do estágio é o de uma Unidade de alta complexidade inserido em um Hospital Geral, que realiza Transplante de Medula Óssea para pacientes com diferentes diagnósticos, idades e procedências. Trata-se de um

procedimento complexo constituído por três etapas: preparação pré-transplante - envolve o período pré-admissional (TMO propriamente dito) - engloba a avaliação médica e a admissão do paciente em isolamento protetor na enfermaria, onde o paciente permanecerá de 30 a 40 dias internado, seguido da alta hospitalar e acompanhamento ambulatorial por cinco anos, denominado pós-TMO. O trabalho é desenvolvido por uma equipe multiprofissional, formada por médicos, equipe de enfermagem, assistente social, nutricionista, fisioterapeuta, terapeuta ocupacional, dentista e psicólogo. O objetivo do presente trabalho é descrever a dinâmica de funcionamento do estágio e as atividades da psicologia que são desenvolvidas na Unidade de TMO. Trata-se de um estagio anual, com carga horária semanal de 10 horas. A clientela atendida tem idade que varia de seis meses a 60 anos, sendo todos diagnosticados com enfermidades potencialmente fatais. A estratégia psicoterapêutica adotada é de duração breve, uma vez que a proposta é tratar de aspectos emocionais associados ao enfrentamento da enfermidade e do tratamento. Busca-se delimitar e circunscrever o foco da intervenção a problemas relacionados a essa questão, com vistas a auxiliar no desenvolvimento de estratégias de intervenções mais eficazes. Os atendimentos são realizados nos três períodos do TMO e estão assim estruturados: pré-TMO – avaliações individuais dos pacientes e familiares e intervenções grupais com os pacientes; TMO – atendimento nas enfermarias junto aos leitos dos pacientes (10 leitos no total), grupo de apoio psicológico ao familiar, reuniões clínicas para discussão dos casos, grupo de reflexão para a equipe; pós-TMO – atendimentos individuais e oficinas de atividades. As supervisões dos atendimentos individuais são realizadas em duplas uma vez por semana e as dos atendimentos grupais acontecem logo após os grupos. Os alunos participam ainda de um seminário teórico-clínico, com duração de duas horas e frequência semanal, voltado para a discussão de aspectos teóricos e vivenciais do estágio. Busca-se promover a integração de abordagens numa perspectiva multidisciplinar e de integralidade das ações de atendimento, trabalhando em uma perspectiva de prevenção e promoção de saúde.

Palavras-chave: psicologia; transplante de medula óssea; hospital; estágio profissionalizante.

“VIVENDO COM O ADOECIMENTO”. ACOLHIMENTO E POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS COM PACIENTES ONCOLÓGICOS E SEUS FAMILIARES EM UM SETOR DE CIRURGIA GERAL. MARQUES, M.; KHATER E. (Professor Supervisor de Estágio). UNIP – Universidade Paulista – Campus Swift – Campinas/SP

O presente estudo foi delineado durante o estágio em saúde realizado em um setor de cirurgia geral de um hospital de grande porte localizado na cidade de Campinas/SP. Os atendimentos possibilitaram aprofundar reflexões sobre novas possibilidades de atuação dos profissionais da área da saúde, que possam abranger novas formas de encarar a subjetividade do paciente e seu adoecimento que se agrava em uma situação de cirurgia geral, principalmente se esta for relacionada ao diagnóstico de câncer, por causa de suas representações sociais negativas. Por meio dos relatos dos pacientes foram identificadas questões como: desânimo, inapetência e ansiedade oriundos do processo de adoecer, que compreende desde a descoberta da doença, a alteração nas rotinas familiares, laborais e sociais, além dos tratamentos e internações realizados, e as expectativas e dificuldades encontradas no pré e pós-operatório. O estudo possui como objetivo realizar orientação para a equipe técnica sobre a importância de um atendimento que possibilite ao paciente compreensão sobre seu estado de saúde e as principais dificuldades físicas e psicológicas que o mesmo enfrentará em seu processo de adoecimento. Aos pacientes e familiares será realizado o oferecimento de uma escuta acolhedora de ordem psicológica que seja capaz de identificar suas demandas manifestas, assim como, através de intervenções e orientações conduzi-los a reflexão de novas formas de cuidado visando manter uma melhor qualidade de vida e bem estar dentro do seu quadro de possibilidades, suavizando a sobrecarga da família. O método de trabalho utilizado com a equipe multidisciplinar será a realização, sempre que possível ou solicitado, de esclarecimento de principais sintomas e comportamentos de ordem psicológica que o paciente oncológico pode vir a apresentar, além de outras questões que

possam vir a surgir quando se atende um sujeito biopsicossocial. Os pacientes e familiares receberão atendimento em leito semanalmente enquanto durar o período de internação. Prevê como resultados que este movimento de reflexão das questões que envolvem o ambiente hospitalar com a lógica médica e suas maneiras de lidar com o paciente e sua doença, assim como a hospitalização, o adoecimento com suas emergentes de sentimentos e comportamentos principalmente no caso do paciente oncológico, possam servir para que surja dentro do hospital, espaços de reflexões entre as equipes multidisciplinares que conduzam a pensamentos de novas possibilidades de cuidados que se estendem além de sintomas orgânicos e físicos. Aos pacientes e familiares, espera-se que um atendimento mais focado em suas necessidades manifestas, que compreenda as angústias e os medos existentes, se direcione a proporcionar uma melhor qualidade de vida, com novas maneiras de cuidados, levando-se em consideração as possibilidades da estrutura psíquica do paciente e sua família, além das redes de apoio primária, secundária e terciária existentes. Compreende-se que a atuação do profissional de psicologia na oncologia poderá ser direcionada a proporcionar um melhor bem-estar e qualidade de vida do paciente, mesmo na impossibilidade de cura.

Palavras-chave: Intervenções psicológicas; oncologia; cirurgia geral.

INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA NO ATENDIMENTO AMBULATORIAL E REGULAR CEPRE/FCM/UNICAMP. JUSTINO, Juçara. Universidade Paulista – UNIP.

A presença de uma criança com deficiência visual na família faz com que todos os envolvidos, principalmente os cuidadores vivenciem dúvidas e medo em relação a nova experiência, bem como dor e ansiedade quanto ao futuro. Trata-se de uma experiência que altera as relações de toda a família, contudo, quando se pensa no serviço de assistência a crianças com visão subnormal ou cegueira, vimos que a maioria das instituições priorizam o atendimento e acolhimento apenas aos deficientes. Os pais e cuidadores também necessitam de escuta, para poder enfrentar o processo de transformação e adaptação da doença, olhar para si mesmos, reconhecer seus valores e competências para

lidar com as adversidades e se perceberem como figuras significativas na vida do filho. Frente a esta necessidade, a atuação do estagiário do curso de Psicologia, no serviço psicológico do CEPRE/FCM/UNICAMP busca priorizar o acolhimento, escuta e orientação aos pais e cuidadores que complementarão os atendimentos proporcionados às crianças, e que receberão orientações específicas quanto à doença, as estratégias para favorecer o desenvolvimento da criança com deficiência visual associada a outras deficiências, visando facilitar o engajamento dos cuidadores no processo terapêutico. O ambulatório de Habilitação e Reabilitação Infantil (HIR) tem como finalidade o atendimento, avaliação e investigação diagnóstica em crianças com visão subnormal, deficiência visual ou cegueira. Ingressam no serviço crianças com diagnóstico que identifique a doença oftalmológica e o grau de deficiência visual e crianças em idades de intervenção precoce com suspeita de deficiência visual e em investigação diagnóstica. O diagnóstico de visão subnormal ou cegueira provoca em qualquer caso um grande impacto pelos sentimentos e representações anteriores de familiares que não contavam com essa realidade e a uma crise pela perda do filho esperado e idealizado frente ao filho real e especial. Diante da experiência vivenciada neste estágio, percebeu-se o quanto é importante que os pais sejam acolhidos em instituições de serviço social pois encontram referência e suporte para agir diante de suas necessidades devido a problemática que envolve a deficiência de seu filho. Desta forma terão a oportunidade de trabalhar buscando a promoção de equilíbrio emocional e psicossocial, tanto dos pais quanto da criança. Compreende-se, portanto, que o processo de adaptação ocorre ao tempo e espaço de cada família, pois depende da estrutura familiar, da experiência individual ou familiar e, principalmente, dos recursos psicológicos dos envolvidos. Nesse sentido a família tende a vencer os processos de transformação e adaptação pouco a pouco, buscando uma relação de amor, superando suas dificuldades, medos e desejos, com o apoio de equipes multidisciplinares e dos psicólogos.

Palavras-chave: Psicologia da Saúde. Deficiência Visual. Estágio CEPRE/FCM/UNICAMP

A IMPORTÂNCIA DO ATENDIMENTO PSICOLÓGICO AOS FAMILIARES DOS PACIENTES HOSPITALIZADOS. FACHINI, A. E. ; KHATER, E. (Professor Supervisor de Estágio). UNIP – Universidade Paulista – Campus Swift – Campinas/ SP

O presente projeto de intervenção está articulado com o estágio supervisionado Estratégias Específicas de Intervenção Psicológica do quinto ano do curso de Psicologia da Universidade Paulista- UNIP e realizado no Hospital Municipal Dr. Mario Gatti. Adoecer não envolve somente o paciente que se encontra internado, mas também a família que vivencia diariamente a hospitalização, enfrentando grandes obstáculos neste processo de doença de um de seus membros. A família passa a sentir estresse constante, sofrimento interno, elevação de ansiedade e medo do desconhecido. Apesar de todas as dificuldades enfrentadas a presença da família traz segurança afetiva para o paciente, tranquilizando-o e fazendo com que a tensão emocional seja minimizada. Os cuidadores normalmente são a principal fonte de suporte emocional para o paciente. Sendo assim a psicologia também deve olhar para a família, pois ela sofre junto com o paciente as consequências da doença e da internação. Este projeto tem como objetivo realizar atendimentos psicológicos individuais com os familiares/acompanhantes dos pacientes internados no setor de Cirurgia Geral e Especialidades do Hospital Municipal Dr. Mario Gatti, para que estes possam expressar o que sentem em relação à situação que está sendo vivenciada, a doença do ente querido. A presença do psicólogo hospitalar é fundamental e pode funcionar como um diferencial neste momento existencial familiar. Este profissional oferece suporte ao enfrentamento da dor, do sofrimento e medo da perda do paciente. Como este projeto é parte de um estágio curricular, os atendimentos psicoterápicos breves individuais foram iniciados em março de dois mil e treze e seguirão até o fim do semestre letivo, em novembro deste ano, que será o término do estágio. Mesmo com as limitações espaciais do hospital e apesar dos atendimentos serem realizados normalmente nos corredores, ao lado dos leitos e nos arredores destes, busca-se propiciar um clima acolhedor. Através da escuta compreensiva procura-se auxiliar na redução de ansiedade e possíveis medos. Com esses atendimentos espera-se estabelecer uma compreensão em relação aos sentimentos,

preocupações e angústias vivenciadas pelos familiares dos pacientes hospitalizados. Espera-se que este trabalho possa auxiliar de certo modo a minimizar o sofrimento vivenciado por estes familiares nesta experiência de ser cuidador do ente querido que se encontra doente.

Palavras-chave: familiares; pacientes hospitalizados; atendimento psicológico; hospital.

AS PERSPECTIVAS DO CUIDADOR-FAMILIAR EM RELAÇÃO AOS CUIDADOS EM SAÚDE MENTAL. ANTONIO, Ludmila Carolina; GONÇALVES, Lidiane; MOREIRA, Alessandra Priscila Lima; NETO, Fernanda Dantas Gonçalves; VITRANI, Lúgia Maria. CARNIEL, Isabel Cristina (Universidade Paulista UNIP. Ribeirão Preto/SP).

O transtorno mental é conhecido desde o período pré-clássico, passando por várias transformações, tanto quanto a nomenclatura como em compreensão social e acadêmica, e de cuidados. Atualmente tem sido colocada em pauta a questão da atenção e do cuidado ao paciente, cuja presença de um cuidador para acompanhar e, também exercer um papel importante como forma de reinserção social, teve destaque, uma vez que a questão de socialização do portador de transtorno mental é tida como um avanço no modo de cuidar, sendo parte da assistência ao paciente. Deste modo, compreender o impacto que a desospitalização tem sobre a família e, principalmente, sobre o cuidador que, muitas vezes, recebe esse papel sem ter tido uma preparação para exercê-lo é importante. Neste contexto, destacaremos o cuidador familiar e suas perspectivas. Este trabalho teve como objetivo conhecer melhor a rotina do cuidador familiar que está em contato contínuo com o paciente, investigando se há um impacto na vida do cuidador, ao qual oferece essa atenção e cuidado. Também buscamos investigar como a desospitalização é vivenciada por quem tem o contato direto com o paciente, neste caso, o familiar responsável; identificando se ocorreram mudanças na vida da família com o retorno do integrante hospitalizado para a casa, quais foram essas mudanças e como foi a adaptação da família com a volta desse integrante. Ainda foram alvos deste estudo as ferramentas que o sistema de saúde oferece para ampará-lo no

cuidado a esse tipo de paciente, segundo a visão do cuidador–familiar. Os resultados deste estudo, levantados a partir dos dados coletados em entrevistas semi-estruturadas e discutidos tematicamente, demonstraram algumas dificuldades vivenciadas pelo cuidador em saúde mental relacionadas ao tratamento do paciente, como administração de medicamentos, atenção nos momentos de surto e ainda, dependência do paciente para realização de atividades da vida diária, o que faz com que o cuidador tenha a responsabilidade de estar todo o tempo vinculado aos cuidados de seu familiar doente, devido a dependência do mesmo. Através das falas os entrevistados, pode-se compreender que o tempo dedicado ao paciente e à sua atenção é subtraído do tempo que o cuidador tem para cuidar de si mesmo, em atividades de lazer e descanso. Já os aspectos apontados como positivos pelas entrevistadas, dizem respeito à satisfação quanto à atenção que recebem do serviço de saúde mental, onde seus respectivos entes são atendidos. Este serviço aparece como um suporte no cuidado e na atenção ao paciente. Embora recebam uma atenção dos núcleos de saúde mental, pode-se dizer que o envolvimento do familiar nos cuidados, sofre uma alteração na sua rotina, onde o cuidado de si é prejudicado, pois há uma dedicação exclusiva ao paciente.

Palavras-chave: cuidador-familiar; saúde mental, desospitalização

CARACTERIZAÇÃO DOS ESTÁGIOS EM PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE NA UPM. Lopes, S.R. Almeida; Carpigiani. B. (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

A proposta deste trabalho é a de apresentar a composição dos estágios realizados na área de Psicologia Clínica e da Saúde do curso de Psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Os estágios da área clínica são realizados nas dependências da Clínica Psicológica, através da oferta de atendimento em psicoterapia breve e psicodiagnóstico. A Clínica Psicológica Mackenzie visa oferecer total suporte para a realização dos estágios supervisionados em psicologia clínica pelos alunos das 8ª, 9ª e 10ª etapas do curso, garantindo a integração teórico-prática e o desenvolvimento das

competências e habilidades necessárias ao futuro exercício da profissão. Pretende ainda, prestar serviços psicológicos de qualidade à comunidade. Entre suas práticas estão às psicoterapias com adultos, crianças e adolescentes em diferentes abordagens, o psicodiagnóstico, além do apoio as pesquisas na área, tanto de alunos quanto de docentes envolvidos com a Clínica. O atendimento é gratuito e não possui restrições quanto aos pacientes atendidos. Recentemente firmou parceria com o CAPS Itapeva e o CRATOD (Centro de Referência de Álcool, Tabagismo e Outras Drogas), realizando atendimentos individuais e grupais, a partir de projetos desenvolvidos por estagiários e supervisores da área. No ano de 2012 foram realizados 9.755 atendimentos. Os estágios na área de saúde ocorrem nas diferentes instituições (Hospital, UBS, CAPS, ONG e Clínicas Especializadas) mediante convênio firmando com a Universidade. Os estagiários são orientados pelos psicólogos das diferentes instituições e supervisionados semanalmente pelos professores da área. No ano de 2012 foram atendidos 4.218 pacientes. A intenção dos estágios é aproximar cada vez mais as ofertas de serviços às reais demandas da população por meio de uma formação profissional ética e competente.

Palavras-Chave: estágios; clínica; saúde; formação profissional.

CLUBE DE REVISTA: UMA PROPOSTA DE ATIVIDADE DO ESTÁGIO CURRICULAR NO HOSPITAL-ESCOLA IMIP. ALBUQUERQUE, Eliane Nóbrega; BISELLI, Andréa Cristina Tavelin; OSÓRIO, Mônica de Oliveira; ECHEVERRIA, Andréa. (Serviço de Psicologia do Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira – IMIP).

O estágio curricular é uma experiência que possibilita o contato com a prática profissional e proporciona reflexões a partir das atividades propostas sobre o fazer do psicólogo, desenvolvendo competências profissionais, de assistência e pesquisa. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia (Resolução nº 8, de 07/05/2004) a experiência de estágio deve propiciar vivência de práticas do psicólogo em situações, contextos e instituições, possibilitando a construção de conhecimentos, habilidades e atitudes essenciais ao exercício profissional (CNE/CES, 2004).

Nesse contexto, desvela-se a necessidade de desenvolver competências que envolvem aspectos relacionados ao manejo terapêutico, diagnóstico e avaliação psicológica, modalidades psicoterápicas, relações interpessoais e investigação científica de fenômenos psicológicos. O objetivo deste estudo é relatar a importância do clube de revista para formação profissional do psicólogo no contexto hospitalar. O Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira (IMIP) oferece estágio no Ambulatório Geral de Psicologia, nas enfermarias do complexo hospitalar e no Laboratório de Avaliação Psicológica. As áreas do estágio são divididas por ciclos da vida humana: bebê, criança, adolescente, adulto/idoso e LAP (Laboratório de Avaliação Psicológica). As atividades desenvolvidas pelos estagiários compreendem prática psicológica em enfermarias e ambulatório geral de psicologia, supervisão e Clube de Revista. Os Clubes de Revista acontecem semanalmente, reunindo estagiários, residentes e profissionais de Psicologia para discutirem uma temática relacionada à prática clínica. O tema sugerido por um dos estagiários e compartilhado com os colegas é transformado em objetivo de aprendizagem comum a todos, que devem ampliar a discussão para além deste encontro presencial. Compartilham-se através de um fórum virtual, as postagens das pesquisas dos participantes sobre a temática em questão. No encontro seguinte, o debate anterior é concluído com a apresentação das reflexões desenvolvidas a partir dos materiais disponibilizados no fórum e pesquisas dos estudantes e do proponente do tema, através da elaboração e entrega de um *papper* que pode ser ampliado na proposta de artigo científico visando publicação. Segue-se a discussão e proposição de uma nova temática comum a todos. Na última quarta-feira de cada mês, acontece o encontro dos clubes de revistas (ciclos de vida humana e do LAP) para apresentação das produções de cada grupo com a participação dos profissionais, a fim de garantir a troca de experiências, estimular e exercitar a apresentação oral em eventos científicos, favorecendo o aprendizado. Os estagiários puderam perceber que estas atividades proporcionam desenvolver a competência de pesquisa e de pensar sobre o manejo clínico, sendo uma oportunidade de o estudante aprimorar a capacidade de relatar sua própria experiência, sintetizá-la e fundamentá-la de forma científica, bem como

elaborar um trabalho em grupo e poder articulá-lo com os pares e profissionais, produzindo uma comunicação oral e escrita como construção desta atividade.

Esta proposta de estágio é ampla e proporciona reflexão sobre as atividades práticas, possibilitando enfocar a pesquisa, o ensino e a assistência, articulados à realidade profissional, institucional e social.

Palavras-chave: Formação em Psicologia; competência; estágio; hospital-escola; revista.

ENFRENTANDO A HOSPITALIZAÇÃO NO SETOR DE PEDIATRIA. ROSA, T. J.; KHATER, E. UNIP - UNIVERSIDADE PAULISTA Instituto de Ciências Humanas Curso de Psicologia

No ambiente hospitalar o sujeito transforma-se em um paciente, ou seja, aquele que espera pacientemente pelo destino que lhe será dado: uma doença, um número de leito, um prontuário, exigindo um grande esforço de adaptação e acomodação. Em meio a tudo isso, surge então o medo do desconhecido, que leva as pessoas implicadas à busca constante de respostas e, na mesma proporção da busca, o temor a tais respostas, revelando a ambivalência constante. Dessa forma o psicólogo no hospital pode estar diante da perspectiva de morte, entre outros fatores e neste caso, a intervenção se dá no sentido de auxiliar, tanto o doente, como seus familiares, buscando entender qual é a representação que eles têm sobre a morte ou a doença, visando garantir a promoção da saúde psíquica. Com a hospitalização torna-se importante compreender como o sujeito lida com o fato de estar doente e quais sentimentos são despertados neste momento, tanto nele como em seus familiares, pois a doença é vivenciada como um ataque ao corpo saudável, causando sofrimento ao sujeito adoecido e tal sofrimento é único e subjetivo a cada um. Dessa forma, pretende-se identificar o significado da hospitalização na visão do acompanhante no setor de pediatria, conhecer os sentimentos e emoções frente ao adoecimento da criança e verificar os fatores facilitadores que podem contribuir para o acompanhante enfrentar este momento, pois se acredita que a hospitalização ou mesmo a doença desencadeia profundas transformações na dinâmica familiar. Estudos afirmam que é importante a presença do acompanhante, transmitindo segurança, proporcionando conforto

e carinho à criança que está abalada com a internação, pois se sentindo protegida poderá reagir melhor, além de fortalecer o vínculo afetivo durante a hospitalização. Presume-se que a tensão, os medos, as fantasias e a pressão emocional causado pela doença da criança afetam não só os pais, mas o acompanhante e todos os membros da família, principalmente quando se trata das mães que muitas vezes precisam deixar outros filhos menores aos cuidados de familiares. Em função disso, sentem-se divididas, pressionadas e sobrecarregadas não conseguindo relaxar, evoluindo para um estresse devido a grande ansiedade. Acredita-se que mesmo em meio a tanto sofrimento decorrente da internação da criança a mãe e/ou acompanhante não se rende, luta apoiada muitas vezes na ligação que estabelece com a família, amigos e crenças espirituais/religiosas, para encarar as dificuldades, a retomada da esperança, para seguir acreditando que tudo será resolvido. O projeto de atuação será realizado no segundo semestre de 2013 com os acompanhantes de pacientes internados no setor de pediatria do HMMG da cidade de Campinas - SP.

Palavra-chave: Psicólogo Hospitalar; Acompanhante na pediatria; hospitalização da criança.

ESTAGIO EM PSICOLOGIA DA SAUDE: O BRINCAR TERAPÊUTICO NO CONTEXTO HOSPITALAR. SASSI, Beatriz. Universidade Paulista - UNIP, Campinas - SP.

O desenvolvimento de toda criança se faz através do brincar. O brincar e o brinquedo têm grande importância terapêutica, influenciando no restabelecimento físico e emocional, tendo em vista que podem tornar o processo de hospitalização menos traumatizante e mais alegre, propiciando melhores condições para a recuperação. A brincadeira possibilita à criança hospitalizada elaborar esse momento específico, criando uma imagem diferenciada do ambiente hospitalar. O projeto *O Brincar Terapêutico* justifica-se pela relevância atribuída da inclusão do lúdico no contexto hospitalar em razão dos fatores estressantes do ambiente e o distanciamento por parte da criança de suas atividades rotineiras de casa, da escola, dos familiares e amigos, que dificultam a recuperação e seu desenvolvimento biopsicossocial. A

prioridade é focar a saúde e o projeto está organizado de maneira a oferecer um atendimento mais eficaz em relação às necessidades dos pacientes, considerando os aspectos psicológicos, pedagógicos e sociológicos da criança e de sua família. O objetivo principal do projeto é a busca, através do brincar, dos recursos saudáveis de cada paciente atendido, retirando o foco da doença, enfatizando a saúde num movimento de recuperação, visando qualidade de vida. O projeto *O Brincar Terapêutico* pretende utilizar a metodologia qualitativa fenomenológica, fundamentada na Fenomenologia Existencial, nos atendimentos psicológicos individuais e semanais de pacientes internados na ala da pediatria da instituição Hospital Dr. Mário Gatti, bem como seus acompanhantes (usualmente os familiares). Essa metodologia se dará na prática por meio da técnica do brincar, objetivando a livre expressão da criança e sua maneira de ser-no-mundo. Os atendimentos terão o intuito da descrição e do desvelamento de fenômenos que são experienciados pela consciência, sem a preocupação com sua explicação causal, isto é, buscando deixar de lado pré-conceitos, julgamentos pré-estabelecidos e pressupostos. Espera-se que o presente possa através da técnica do brincar, contribuir para o desenvolvimento das crianças mesmo estando distantes dos seus ambientes rotineiros, buscando possibilitar um movimento a favor das forças e recursos saudáveis que lhes são próprias.

Palavras-chave: brincar terapêutico; criança; hospitalização; fenomenologia existencial.

A IMPORTÂNCIA DO ATENDIMENTO PSICOLÓGICO AOS FAMILIARES DOS PACIENTES HOSPITALIZADOS. FACHINI, A. E. ; KHATER, E. (orient.) UNIP – UNIVERSIADE PAULISTA.- Campus Swift – Campinas/ SP

A presente pesquisa está articulada com o estágio supervisionado Estratégias Específicas de Intervenção Psicológica do quinto ano do curso de Psicologia da Universidade Paulista- UNIP. Realizado no Hospital Municipal Dr. Mario Gatti. Adoecer não envolve somente o paciente que se encontra internado, mas também a família que vivencia diariamente a hospitalização, ela enfrenta grandes obstáculos neste processo de doença de um de seus membros. A

família passa a sentir estresse constante, sofrimento interno, elevação de ansiedade e medo do desconhecido. Apesar de todas as dificuldades enfrentadas a presença da família traz segurança afetiva para o paciente, tranquilizando-o e fazendo com que a tensão emocional seja minimizada. Os cuidadores normalmente são a principal fonte de suporte emocional para o paciente. Sendo assim a psicologia também deve olhar para a família, pois ela sofre junto com o paciente as consequências da doença e da internação. Este projeto tem como objetivo realizar atendimentos psicológicos individuais com os familiares/acompanhantes dos pacientes internados no setor de Cirurgia Geral e Especialidades do Hospital Municipal Dr. Mario Gatti, para que estes possam expressar o que sentem em relação a situação que está sendo vivenciada, a doença do ente querido. A presença do psicólogo hospitalar é fundamental e pode funcionar como um diferencial neste momento existencial familiar. Este profissional oferece suporte ao enfrentamento da dor, do sofrimento e medo da perda do paciente. Como este projeto é parte de um estágio curricular, os atendimentos psicoterápicos breves individuais foram iniciados em março de dois mil e treze e seguirão até o fim do semestre letivo, em novembro deste ano, que será o término do estágio. Mesmo com as limitações espaciais do hospital e apesar dos atendimentos serem realizados normalmente nos corredores, ao lado dos leitos e nos arredores destes, busca-se propiciar um clima acolhedor. Através da escuta compreensiva procura-se auxiliar na redução de ansiedade e possíveis medos. Com esses atendimentos espera-se estabelecer uma compreensão em relação aos sentimentos, preocupações e angústias vivenciadas pelos familiares dos pacientes hospitalizados. Espera-se que este trabalho possa auxiliar de certo modo a minimizar o sofrimento vivenciado por estes familiares nesta experiência de ser cuidador do ente querido que se encontra doente.

Palavras-chave: familiares; pacientes hospitalizados; atendimento psicológico; hospital.

A ANGÚSTIA NO LEITO. FELICIO, Soares T.; UNIP- Universidade Paulista

Introdução: A hospitalização deixa a pessoa internada vulnerável, e dependendo do motivo da internação, o paciente passa pelo processo de

despersonalização, tendo assim a necessidade de reformular os seus valores, conceito de homem, mundo e relação interpessoal, essa reformulação segundo Angerami- Camon(2010) ocorre em razão do estigma da doença. Segundo Amatuzzi & Espinha (2008), existe um vazio quando a pessoa se vê internada, porque ocorre a separação de parentes e amigos, isso faz com que a pessoa se sinta angustiada, sozinha e insegura. Percebo que a angústia aparece com frequência no leito, em razão da vulnerabilidade do paciente, que dentro desse ambiente entra em contato com a finitude do ser, e segundo Matos & Neto (2012) por mais que a morte seja inerente ao homem, esse assunto é um tabu para o senso comum. E quando o paciente se vê dentro da possibilidade da morte em razão da doença ou fantasias da cirurgia, ele vivencia esse vazio da angústia, onde ele acaba entrando em contato consigo mesmo e revendo sua existência. A experiência da angústia no ambiente hospitalar, não é igual para os pacientes, pois a situação vivenciada por mais parecida que seja não é igual. Objetivo: Esse projeto tem como objetivo, estar identificando a importância da angústia no processo de internação, sendo que ela é muito vivenciada pelo o paciente internado. Aproximando ele de si mesmo, conseguindo assim significar a sua internação de forma que ajude-o a passar por esse processo da forma mais amena possível, para depois estar conseguindo retornar ao seu dia-a-dia, mesmo que alterado, dando um significado que lhe aproxime da sua existência. Método: Através dos atendimentos que serão realizados, com os pacientes internados é que se pretende estar identificando através da fala, a angústia vivenciada por razão da internação. Resultado Esperado: Com a escuta acolhedora e voltada para a estranheza que o hospital causa, espero conseguir identificar nas falas as vivências angustiantes passadas pelo paciente, no intuito de conseguir junto com ele, estar lidando com essa sensação de estranheza que a angústia traz., fazendo assim da sua estadia no hospital menos repulsiva.

Palavra-chave: angústia; hospitalização; fenomenologia existencial.

COMO ENFRENTAR O CÂNCER DE MAMA: UM ESTUDO REALIZADO A PARTIR DOS RELATOS DO GRUPO DE APOIO. FERREIRA, D.N.; MELO, M. P. R. A . (orientadora); ROCHA, L.M.; SILVA, L. A; SOUZA, E.J. - Universidade Paulista (UNIP / Campinas)

O objetivo dessa pesquisa é levantar as estratégias de enfrentamento de um grupo de apoio de quatro mulheres acometidas pelo câncer de mama com idade entre 45 e 65 anos, todas frequentadoras da IBCU (Igreja Batista Cidade Universitária) localizada em Campinas no estado de São Paulo. Pretendemos levantar as estratégias que foram utilizadas por essas mulheres desde o momento do diagnóstico até os dias atuais, além de buscarmos compreender quais foram as dificuldades encontradas. O método utilizado será a pesquisa qualitativa. De acordo com Minayo e Sanches (1993, p.247) uma pesquisa qualitativa aborda basicamente valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões e se mostra especialmente proveitosa para aprofundar a complexidade de fenômenos, fatos e processos particulares e específicos de grupos mais ou menos delimitados em extensão e capazes de serem abrangidos intensamente. Portanto uma pesquisa qualitativa é oportuna para a abordagem de experiências humanas complexas, como o adoecimento por câncer de mama. Para a coleta de dados inicialmente iremos apresentar o termo de consentimento livre e esclarecido da pesquisa para os sujeitos e um termo de consentimento para a instituição. Iremos gravar os encontros, transcrever e analisar os dados. Esta pesquisa está em desenvolvimento, e a sua conclusão está prevista para o segundo semestre de 2014.

Palavras chave: Câncer de mama; Psicooncologia; Grupo de apoio.

RESIDENCIA MULTIPROFISSIONAL E DE ENFERMAGEM DAS FACULDADES PEQUENO PRÍNCIPE: TÉCNICAS E ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM EM SAÚDE. FORTE, Luiza Tatiana; MADER, Bruno Jardini – Pequeno Príncipe.

O complexo Pequeno Príncipe em desde a década de 60 desenvolve o Programa de Residência Médica. Em 2012, inicia os programas de Residência em Enfermagem e Multiprofissional (Biomedicina, Farmácia e Psicologia) oportunizando um novo campo de formação em Saúde da criança e do adolescente. As residências tem como objetivo formar profissionais capacitados em suas áreas de atuação para o trabalho no Sistema Único de Saúde – SUS. Em concordância com este desafio, os programas tem seu foco

nas crianças e adolescentes, população em está fortemente ligada à história da instituição. Ambos programas são abrangentes e diversificados com atuação na atenção primária e secundária nas secretarias de saúde das prefeituras de São José dos Pinhais e Curitiba e também na alta complexidade no Hospital Pequeno Príncipe. Para este trabalho, objetivamos apresentar nossas diretrizes e estratégias de ensino em saúde. Desenvolvemos a interdisciplinaridade através de atividades comuns aos dois programas, baseadas na problematização, nos quais são trabalhados os princípios do SUS e o desenvolvimento da transversalidade; a) A comunicação entre as profissões e sua forma é estimulada através de estudos de caso e simulações; b) Metodologias ativas de ensino-aprendizagem em saúde valorizam o conhecimento do residente e o estimulam à ação na qual o profissional não é aquele que detém o conhecimento e aplica seu saber na comunidade, mas que considera o saber do usuário para a construção do cuidado em saúde; c) Instrumentos como o portfólio estimulam a produção do residente, fazendo com que re-conheça suas dificuldades, potencialidades e como desenvolve-las. Um processo de ensino não pode prescindir da avaliação para o desenvolvimento das competências necessárias para atuação no SUS. Apresentamos os instrumentos que desenvolvemos para avaliação de competências e atitudes de cada residente, dentro de sua especificidade.

No decorrer da residência, estivemos atentos para identificar os momentos de aprendizagem que os residentes se utilizam além daqueles formais oferecidos pelos programa, nos quais se destacam busca ativa para referências de condutas clínicas, trocas de experiências informais entre residentes (inclusive da residência médica), momentos de preceptoria e comunicação com equipe multiprofissional na assistência.

Palavras-Chave: Residência; Saúde; Estratégias de Ensino; Estratégias de Aprendizagem.

GRUPO DE APOIO PARA ACOMPANHANTES DA PEDIATRIA: UMA PROPOSTA ACOLHEDORA. CAVALHEIRO, Geicy Fernanda SOUZA, Thais Santana Leite - Universidade Paulista – UNIP

O presente projeto visa apresentar a importância de um trabalho de intervenção psicológica com grupos de acompanhantes em hospitais no setor de pediatria. Ao ser hospitalizada não somente a criança como toda a família passam por um difícil processo, pois, além do enfrentamento da doença há uma ruptura no cotidiano familiar. Segundo Dibai e Cadê (2009), no Brasil, as unidades de internação hospitalar, enfrentam dificuldades ou estão iniciando sua estruturação quanto à organização da assistência no que tange à permanência da família nesse ambiente institucional, à sua participação no tratamento, bem como à natureza da relação entre familiares e profissionais de saúde. Portanto entende-se que a inserção da família do paciente na intervenção ainda é um desafio para as equipes de saúde. Para Klein e Guedes (2006) a família se constitui como um sistema interdependente, no qual o problema de um afeta todos. Doença, hospitalização, procedimentos diagnósticos, terapêuticos e cirúrgicos ameaçam o sistema familiar, seus papéis e seus canais de comunicação. Assim, ela pode exercer influência na evolução desfavorável ou favorável de uma doença. Por isso, deve-se ressaltar a importância da sua abordagem como parte integrante do tratamento de um paciente hospitalizado. Este trabalho tem por objetivo oferecer apoio psicológico aos acompanhantes de pacientes do setor de pediatria através do grupo, a fim de minimizar o sofrimento provocado pela hospitalização possibilitando o compartilhamento e as identificações de experiências. O público alvo serão os acompanhantes de pacientes do setor de pediatria do Hospital Municipal Dr. Mário Gatti, sendo os atendimentos realizados através de encontros grupais com no mínimo 4 acompanhantes e as sessões acontecerão semanalmente. Acredita-se que o projeto proporcionará grandes benefícios para os acompanhantes da pediatria, uma vez que estes, estão por tempo indeterminado em um ambiente hospitalar, lidando com angústias e sofrimentos de si e da criança internada, além das preocupações comuns que permanecem na vida de cada um fora do hospital. O fato de falar a respeito do assunto que os angustia no momento e ouvir pessoas que passam pela mesma situação, possivelmente se tornará terapêutico para tais acompanhantes que por vezes, não possuem a oportunidade de ao menos dividir uma opinião com alguém no ambiente em que se encontram.

Palavra-chave: Grupo, Psicologia, Acompanhantes, Pediatria.

INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS E PODER LEGISLATIVO: CONSIDERAÇÕES PERANTE A LEGALIZAÇÃO DA EUTANÁSIA. SANTOS, Cícero Diego da Silva; DOS SANTOS, Cristina Prado; PEDROSO, Eduardo de Menezes; VIOLA, Jean Carvalho Dourado; SANCHES, Simone Meyer (Universidade Paulista - UNIP).

Este estudo é resultante da pesquisa de conclusão de curso dos alunos da graduação em Psicologia da Universidade Paulista, ano 2013/2. Possui como finalidade a reflexão sobre a legalização da eutanásia segundo a percepção da Instituição religiosa Católica, principal opositora ao tema. Sob a orientação do supervisor, deu-se o levantamento bibliográfico, desenvolvimento do roteiro de entrevista semidirigida e estruturação do projeto qualitativo (com hipótese, justificativas e objetivo). Após aprovação pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Psicologia e Educação, iniciaram-se as entrevistas com dez representantes católicos. As entrevistas foram transcritas e seu conteúdo foi analisado a luz do referencial teórico de Laurence Bardin (1977). A eutanásia que tem por significado “boa morte” consiste em dar o direito para a pessoa decidir quando irá morrer. Além de ser objeto de estudo de diversos estudos acadêmicos, o tema é discutido atualmente na sociedade em relação às doenças terminais, em que não há possibilidade de cura com efeitos colaterais agressivos, promovendo grande sofrimento para seu portador. A análise nos traz que a Igreja Católica possui a percepção da morte ser um processo natural da vida, não devendo sofrer interferência do homem. Porém os líderes religiosos ressaltaram a necessidade de que assuntos como esse sejam mais amplamente discutidos pela sociedade. Outra percepção dos entrevistados é que mesmo o Estado sendo laico, há a influência da população de determinada religião. Como o Brasil é um país em que a maioria da população é católica, assuntos como esses não são pautados na laicidade e sim na fé. Outro fator importante é que muitos religiosos são a favor da ortotanásia, medida que define a morte natural sem interferência da ciência para prolongar a vida (distanásia), ou encerrar a vida (eutanásia), porém administrar-se-ia o tratamento para a convivência com a doença buscando qualidade de vida,

amenizando a dor e o sofrimento. Os líderes religiosos se percebem no impasse de acolher o sofrimento humano, mas mantendo as leis religiosas, identificando que algumas posturas da igreja possam mudar com o diálogo entre a sociedade. Contudo a eutanásia vai contra um dogma da igreja, ou seja, uma lei religiosa e por esse motivo a eutanásia dificilmente terá sua aprovação. Alguns entrevistados mostraram-se preocupados com suas falas, e a repercussão negativa dentro da própria igreja, solicitando explicações sobre a fidedignidade no termo de não identificação do participante. Três representantes de uma igreja consultaram seus superiores para participar da entrevista, devido à eutanásia ser vista como assunto polêmico, mas não responderam e nem atenderam aos alunos na sua instituição na data agendada para resposta sobre suas participações. Conclui-se que os líderes religiosos Católicos encontram dificuldade para discutir sobre o assunto, problema que se reflete na própria sociedade. Nota-se uma repressão dentro das próprias regras da igreja que desencoraja os representantes a abordarem certos assuntos com a população que frequenta a igreja, criando a necessidade de um Estado fidedignamente laico que abra espaço para que se possa discutir abertamente a esses temas em sociedade.

Palavras-Chave: Eutanásia; legalização; catolicismo; sofrimento; vida.

O IMAGINÁRIO COLETIVO DE AGENTES COMUNITÁRIAS DE SAÚDE SOBRE A DEPENDÊNCIA QUÍMICA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO COM O PROCEDIMENTO DE DESENHOS-ESTÓRIA COM TEMA. ALVES, Aline Fernandes; SCAVAZZA, Maíra Andrade; PERES, Rodrigo Sanches – Universidade Federal de Uberlândia.

Agentes Comunitárias de Saúde (ACSs) atuam como elo entre as unidades de saúde e a população. Além disso, se diferenciam por possuírem um acesso privilegiado a informações relativas a questões familiares e sociais, o que é fundamental para a oferta de cuidados a usuários de álcool e outras drogas. Todavia, a lógica criminalizadora culturalmente construída acerca da dependência química pode influenciar o imaginário coletiva das ACSs acerca do assunto. Ocorre que o imaginário coletivo se refere, basicamente, ao conjunto de crenças e imagens que um determinado grupo produz acerca de

um fenômeno, o qual pode constituir a dimensão afetiva-emocional inconsciente da conduta humana. O presente estudo objetivou compreender o imaginário coletivo de um grupo de ACSs acerca da dependência química. Trata-se de um estudo de caráter exploratório, do qual participaram sete ACSs de um município mineiro. O método clínico-qualitativo foi adotado como referência, e a coleta de dados envolveu o Procedimento de Desenhos-Estória com Tema, técnica psicológica fundamentada na Psicanálise que abrange tanto processos expressivo-motores e aperceptivo-dinâmicos quanto comunicação verbal. Os resultados revelam que o imaginário coletivo das ACSs é influenciado por uma associação entre a criminalidade e o consumo de álcool e, sobretudo, de outras drogas. Dessa forma, o principal sentimento vivenciado pelas mesmas no trabalho com usuários é o medo. Observou-se que tal situação encerra um ciclo vicioso, pois impõe o distanciamento desta clientela em relação aos cuidados em saúde. Isso, por sua vez, dificulta a desconstrução de estereótipos culturalmente construídos sobre a dependência química. Ademais, observou-se que o imaginário coletivo das ACS é influenciado pela crença de que a abstinência total representa a única possibilidade de “solução” para os usuários. Conclui-se, portanto, que são necessárias intervenções junto às ACSs, tanto em termos de sensibilização, buscando-se promover reflexões acerca da temática, quanto em termos de capacitação, com o intuito de viabilizar o aprofundamento de informações sobre as políticas públicas de saúde vigentes.

Palavras-chave: Dependência química; agentes comunitárias de saúde; imaginário coletivo.

CRIANÇA E HOSPITALIZAÇÃO: POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO EM UM ESTÁGIO DE PSICOLOGIA. OLIVEIRA-CARDOSO, E.A.; LOTÉRIO, L.S.; CRISTOFOLETE, A.L.; GARCIA, J.T.; SANTOS, M.A.¹ Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – FFCLRP-USP

A vivência da hospitalização remete a criança à necessidade de se adaptar a uma nova realidade, diferente de tudo o que conheceu e viveu até então. Exige que fique longe do conforto e segurança de sua casa, restringe seu contato

com familiares (inclusive seus pais) e as expõem ao convívio com pessoas até então desconhecidas, que irão “invadir” seu espaço, ditar regras e manipular seu corpo, muitas vezes gerando dor e desconforto. Essa vivência pode suscitar sentimentos de abandono, crenças de punição por erros cometidos, fantasias e medos relacionados à morte e ao hospital. Sabe-se que crianças de até cinco anos de idade reagem à internação inicialmente protestando (momento do choro contínuo e de apelos constantes à presença da mãe), depois desesperando (o choro torna-se monótono e intermitente e a criança mais apática) e, finalmente negando ou “desligando” (negação da necessidade e aceitação passiva do cuidado de terceiros). Já as crianças com idade superior a seis anos apresentam também angústia, mas com menos manifestações comportamentais, sendo que nos adolescentes as maiores preocupações são em relação à imagem corporal e vida social. Nesse contexto, o presente trabalho objetiva descrever as intervenções realizadas pelos estagiários de Psicologia junto às crianças internadas para a realização do Transplante de Medula Óssea. Os atendimentos acontecem nas próprias enfermarias, que são individuais, destinadas a uma criança e seu acompanhante, no período da internação (aproximadamente 40 dias). As crianças, e seus familiares são avaliados no momento da internação, visando a conhecer a realidade, recursos e necessidades desses pacientes, para que se possa traçar uma estratégia de intervenção. Uma vez traçado o plano terapêutico, as intervenções acontecem com frequência que varia de duas a quatro vezes por semana, sem tempo determinado para cada atendimento. São utilizados recursos lúdicos como jogos, desenhos e videogames, e informativos como uso de informes, manuais e um gibi elaborado por um paciente de uma outra Unidade de TMO, que narra a trajetória de um paciente adolescente submetido ao transplante. Procura-se criar um espaço de *autonomia*, no qual o paciente pode optar por realizar ou não aquela atividade, e *quebra da passividade*, que possibilite que ele participe ativamente na escolha de como será o encontro, de modo a tomar para si responsabilidade de parte do seu tratamento, e de *privacidade*, criando espaços nos quais ele possa se expressar, de forma verbal ou escrita, sem que o familiar ou outras pessoas da equipe tenham acesso a essas informações. Um recurso que tem

sido utilizado com bastante sucesso é o diário para adolescentes, que em geral pedem que este fique guardado em uma caixa protegida por chaves, e no qual compartilham tristezas, angústias e medos decorrentes da situação vivenciada. De modo similar ao diário dos adolescentes têm-se para as crianças um caderno de desenhos, colagens e criação de histórias (criadas em conjunto e passadas para o papel pelo estagiário da psicologia). As intervenções objetivam retirar a criança do lugar de total passividade, colocando-as como (co)autoras deste capítulo de suas histórias e auxiliando, em última instância, o trabalho da equipe multiprofissional de saúde.

Palavras-chave: psicologia; transplante de medula óssea; criança; estágio profissionalizante.

PSICOLOGIA DA SAÚDE E MATERNIDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO. ALMEIDA, Mariana Souza Gomes de; SILVA, Fernanda Aparecida da; BONON, Michele Mazzocato. (Supervisora) Universidade Paulista

Trata-se de um trabalho que foi desenvolvido a partir da prática de estágio em Psicologia da Saúde, realizado na Maternidade de Campinas. A psicologia hospitalar é o conjunto de contribuições científicas, educativas e profissionais que as diferentes disciplinas psicológicas fornecem para dar melhor assistência aos pacientes no hospital (RODRÍGUES-MARÍN, 2003). As práticas em saúde da mulher devem ter como princípio a humanização, que compreende atitudes e comportamentos dos profissionais de saúde que reforcem o caráter de atenção à saúde como direito; acolhimento das demandas conhecidas ou não pela equipe de saúde; informação em relação ao seu corpo e suas condições de saúde, ampliando sua capacidade de fazer escolhas adequadas ao contexto e momento de vida (BRASIL, 2011). Quando se traz como espaços de intervenção também a família, o bebê e a equipe de saúde, as estratégias tornam-se mais eficazes (HILLESHEIM et al, 2009). Esse estágio teve como objetivo desenvolver um diagnóstico institucional por meio de observações participantes e entrevistas para identificar a demanda existente no contexto hospitalar e aplicar estratégias de intervenções psicológicas adequadas à assistência a pacientes, familiares e equipes de saúde, mediadas por ações de

prevenção, promoção, proteção e reabilitação. O estágio aconteceu uma vez por semana na Maternidade de Campinas, entre março e junho do corrente ano. O Hospital Maternidade de Campinas atua no atendimento à saúde da mulher, trata-se de uma instituição filantrópica em que 60% de seus pacientes são usuários do Sistema Único de Saúde (SUS). Foram realizados atendimentos psicológicos individuais e familiares, entrevistas de anamnese e de acolhimento com as gestantes de alto risco, puérperas e familiares, além de reuniões com a equipe profissional da instituição. A maternidade traz mudanças biológicas, sociais e psicológicas significativas na vida da mulher, desencadeando diferentes sentimentos em relação a essas vivências, o que indica grande demanda para atendimento psicológico. O estágio nos possibilitou experiência em relação à atenção à saúde da mulher de uma maternidade que atende pelo SUS, oportunidade que contribuiu para a nossa formação enquanto futuras psicólogas, uma vez que um olhar social e institucional é fundamental para que a psicologia atravesse a barreira do modelo clínico de atuação. Em suma, o estágio trouxe a possibilidade de um olhar mais abrangente sobre o indivíduo, avaliando não somente suas dificuldades pessoais, como o contexto em que está inserido, o da internação em uma instituição de saúde. Trouxe-nos também a possibilidade de olhar sobre a instituição de forma a compreender seus pontos positivos e negativos no trato não só com o paciente, mas com a família e a equipe multiprofissional envolvida no cuidado.

Palavras Chave: Psicologia Institucional Psicologia Hospitalar, Saúde da Mulher, Maternidade.

PERCEPÇÃO DE ESTÁGIARIAS DE PSICOLOGIA NO ATENDIMENTO EM UMA CLÍNICA DE HEMODIÁLISE. ANTONELLI, A; SILVA, A.C.; SILVA, C.R.; BALIEIRO, Carmen R.B. (orientadora) - Universidade Paulista-UNIP Ribeirão Preto.

Esse estudo apresenta as percepções de duas estagiárias do 9º Semestre de Psicologia que realizaram atendimentos na área de saúde em uma clínica de hemodiálise. A Insuficiência Renal Crônica (IRC) trata-se da perda progressiva e irreversível das funções renais. Para a Insuficiência Renal Crônica o

tratamento definitivo é o transplante renal, porém a realidade do Brasil faz com que o paciente passe por um longo período numa fila de espera, além disso, alguns pacientes devido a seu histórico de saúde não tem a possibilidade de serem transplantados. Frente a essa realidade, a maioria das pessoas com Insuficiência Renal Crônica no país, segue a hemodiálise ambulatorial, que consiste num regime de três vezes por semana, de duração de em média quatro horas. Os atendimentos foram realizados semanalmente durante o primeiro semestre de 2013, junto ao leito dos pacientes, e foi percebida dificuldade relacionada a própria adesão dos pacientes, devido a um contexto já fragilizado com uma doença crônica e a impotência frente a vida. Percebeu-se a importância da família e o apego a espiritualidade nesse processo de adoecimento e estratégias de como lidar com uma doença crônica. Durante todo o processo as estagiárias vivenciaram a perspectiva pelos pacientes da morte e o contexto associado às dificuldades de pacientes crônicos. Com o desenvolvimento dos atendimentos foi possível compreender que os pacientes que se mostraram dispostos ao atendimento psicológico foram beneficiados e ajudados. Durante todo o estágio percebeu-se que o contexto da saúde, principalmente o associado com a hemodiálise é um contexto onde a relação vida, doença e morte estão muito ligadas. Frente a um contexto tão fragilizado é necessário que o estagiário tenha um olhar humano e sensibilidade na fala e na escuta.

Palavras chave: Família, espiritualidade, morte, insuficiência renal.

ANSIEDADE E MEDO DA MORTE EM PACIENTES HOSPITALIZADOS.
RIVA, J.; SIQUEIRA, I.; KHATER, E. (orient.) UNIP – UNIVERSIDADE PAULISTA

Este trabalho faz parte do estágio da disciplina de Estratégias de Intervenção Psicológica do quinto ano de Psicologia da Universidade Paulista – UNIP. Tem como objetivo o atendimento individual, buscando o acolhimento e a escuta qualificada dos pacientes internados no Setor de Ortopedia do Hospital Dr. Mario Gatti. Para tanto, faz-se necessário estratégias para superação de algumas limitações do ambiente hospitalar. O trabalho do psicólogo em hospitais se dá em um espaço físico tumultuado, o que dificulta a privacidade o

atendimento, não só pelas lotações das enfermarias, mas, também pelas frequentes interrupções de médicos, enfermeiros e técnicos, que precisam executar os procedimentos de rotina do hospital. Outra questão importante é o tempo disponível para atendimento e retorno do mesmo, visto que este varia com a duração da internação, que pode ser semanas ou meses, dependendo da gravidade do caso. Percebemos a grande contribuição do psicólogo hospitalar para o bem estar dos pacientes, pois o indivíduo internado, por vezes perde sua autonomia e independência. O trabalho desenvolvido pelas estagiárias tem como objetivo compreender quais os aspectos biológicos, comportamentais e sociais influenciam na saúde e no enfrentamento da doença dentro do hospital, contribuindo com a humanização do espaço ao oferecer um serviço de atenção diferenciado. Durante os atendimentos realizados foram identificadas situações de grande ansiedade e medo da morte nos pacientes durante o processo de internação hospitalar, que são o foco da intervenção das estagiárias. Através da escuta qualificada, busca-se promover a diminuição da ansiedade e medo diante de questões como: morte, procedimentos cirúrgicos, a separação da família e isolamento. Este estágio contribui também com o resgate das relações humanas entre pacientes e equipe profissional. Esperamos com esse projeto, facilitar aos pacientes atendidos, a expressão de seus sentimentos, pensamentos e expectativas, podendo contribuir para minimizar os possíveis medos e ansiedades daqueles que passam pelo processo de internação.

Palavras-chave: Intervenções psicológicas; medos; ansiedades; hospital.

ANSIEDADE E MEDO DA MORTE EM PACIENTES HOSPITALIZADOS.
RIVA, J.; SIQUEIRA, I.; KHATER, E. (orient.) UNIP – UNIVERSIDADE PAULISTA

Este trabalho faz parte do estágio da disciplina de Estratégias de Intervenção Psicológica do quinto ano de Psicologia da Universidade Paulista – UNIP. Tem como objetivo o atendimento individual, buscando o acolhimento e a escuta qualificada dos pacientes internados no Setor de Ortopedia do Hospital Dr. Mario Gatti. Para tanto, faz-se necessário estratégias para superação de algumas limitações do ambiente hospitalar. O trabalho do psicólogo em

hospitais se dá em um espaço físico tumultuado, o que dificulta a privacidade do atendimento, não só pelas lotações das enfermarias, mas, também pelas frequentes interrupções de médicos, enfermeiros e técnicos, que precisam executar os procedimentos de rotina do hospital. Outra questão importante é o tempo disponível para atendimento e retorno do mesmo, visto que este varia com a duração da internação, que pode ser semanas ou meses, dependendo da gravidade do caso. Percebemos a grande contribuição do psicólogo hospitalar para o bem estar dos pacientes, pois o indivíduo internado, por vezes perde sua autonomia e independência. O trabalho desenvolvido pelas estagiárias tem como objetivo compreender quais os aspectos biológicos, comportamentais e sociais influenciam na saúde e no enfrentamento da doença dentro do hospital, contribuindo com a humanização do espaço ao oferecer um serviço de atenção diferenciado. Durante os atendimentos realizados foram identificadas situações de grande ansiedade e medo da morte nos pacientes durante o processo de internação hospitalar, que são o foco da intervenção das estagiárias. Através da escuta qualificada, busca-se promover a diminuição da ansiedade e medo diante de questões como: morte, procedimentos cirúrgicos, a separação da família e isolamento. Este estágio contribui também com o resgate das relações humanas entre pacientes e equipe profissional. Esperamos com esse projeto, facilitar aos pacientes atendidos, a expressão de seus sentimentos, pensamentos e expectativas, podendo contribuir para minimizar os possíveis medos e ansiedades daqueles que passam pelo processo de internação.

Palavras-chave: Intervenções psicológicas; medos; ansiedades; hospital.

ENFRENTANDO A HOSPITALIZAÇÃO NO SETOR DE PEDIATRIA. Rosa, Teresa de J.; Khater, Eduardo. UNIP - UNIVERSIDADE PAULISTA Instituto de Ciências Humanas Curso de Psicologia

No ambiente hospitalar o sujeito transforma-se em um paciente, ou seja, aquele que espera pacientemente pelo destino que lhe será dado; uma doença; um número de leito; um prontuário, exigindo um grande esforço de adaptação e acomodação, em meio a tudo isso, surge então o medo do desconhecido, que leva as pessoas implicadas à busca constante de respostas e, na mesma

proporção da busca, o temor a tais respostas, revelando a ambivalência constante, dessa forma o psicólogo no hospital pode estar diante da perspectiva de morte, entre outros fatores, neste caso, a intervenção se dá no sentido de auxiliar, tanto o doente, como seus familiares, buscando entender qual é a representação que eles têm sobre a morte ou a doença, apesar do trabalho ser bastante específico nestes casos extremos, mas também a promoção da saúde psíquica. Com a hospitalização torna-se importante compreender como o sujeito lida com o fato de estar doente e quais sentimentos são despertados neste momento, tanto nele como seus familiares, pois a doença é vivenciada como um ataque ao corpo saudável, causando sofrimento ao sujeito adoecido e tal sofrimento é único e subjetivo a cada um. Dessa forma, pretende-se identificar o significado da hospitalização na visão do acompanhante no setor de pediatria, conhecer os sentimentos e emoções frente ao adoecimento da criança e verificar os fatores facilitadores que podem contribuir para o acompanhante enfrentar este momento, pois se acredita que a hospitalização ou mesmo a doença desencadeia uma reviravolta na dinâmica familiar. Supõe-se que é importante a presença do acompanhante, pois estar envolvido neste contexto transmite segurança, proporciona conforto e carinho à criança que está abalada com a internação, então se sentindo protegida poderá reagir melhor, além de fortalecer o vínculo afetivo durante a hospitalização. Presume-se que a tensão, os medos, as fantasias e a pressão emocional causado pela doença da criança afetam não só os pais, mas o acompanhante e todos os membros da família, principalmente quando se trata das mães que muitas vezes precisam deixar outros filhos menores aos cuidados de familiares, em função disso, sente-se divididas, pressionadas e sobrecarregadas não conseguem se desligar, evoluindo para um estresse devido a grande ansiedade. Acredita-se que mesmo em meio a tanto sofrimento decorrente da internação da criança a mãe e/ou acompanhante não se rende, luta apoiada muitas vezes na ligação que estabelece com a família, amigos e com Deus, para encarar as dificuldades, tomada de esperança, segue acreditando que tudo será resolvido. A pesquisa será realizada no segundo semestre de 2013 com os acompanhantes de pacientes internados no setor de pediatria do HMMG da cidade de Campinas - SP.

Palavra-chave: Psicólogo Hospitalar; Acompanhante na pediatria; internação da criança.

CUIDADOS FAMILIARES E A CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS DE INTERLUCUÇÃO ENTRE A PSICOLOGIA E A COMUNIDADE. SIMÕES, Fatima Itsue Watanabe. (Universidade Paulista- UNIP)

Sistema Único de Saúde se propõe a promover a saúde, priorizando ações preventivas e democratizando informações relevantes para que a população conheça os riscos a sua saúde. A Unidade Básica de Saúde (UBS) é um dos locais públicos de promoção de saúde. Dentre os modos de cuidado à saúde da UBS, profissionais da equipe de Psicologia e da Odontologia realizam atendimentos grupais de orientação aos cuidadores de recém-nascidos que fazem parte área de abrangência da UBS de uma cidade no interior do estado de São Paulo. Como método, são realizados encontros semanais, com duração aproximada de uma hora e meia, com os cuidadores dos bebês matriculados na instituição durante aquela semana. O grupo é um espaço para que os participantes relatem suas experiências e dificuldades. Ao favorecer a reflexão sobre o que foi vivido, permite aos participantes uma maior elaboração das situações atuais e passadas, possibilitando uma melhor compreensão de seus sentimentos de culpa, desejos, fracassos e frustrações, muitas vezes atribuídos à figura da criança que, com pouca capacidade de elaboração, pode tornar-se o que lhe é esperado como ser. Desta forma, o grupo objetiva a promoção da qualidade das relações familiares através da orientação e cuidado com o cuidador (Munhoz&Merlin, 2012). Compreendemos que o processo de desenvolvimento do bebê é construído mediante as relações que se estabelecem com os pais, especialmente com a mãe/cuidador. As trocas afetivas que o bebê estabelece com a cuidadora desde o nascimento são o motor das relações que a criança estabelecerá com o mundo ao longo de sua existência. A atitude emocional da mãe e seus afetos servirão para orientar os afetos do bebê e conferir qualidade de vida à experiência dele. Nesta época da vida, o afeto materno é essencial para a criança, sendo de importância muito maior do que em qualquer outra época da vida, porque, no decorrer de seus primeiros meses, a percepção afetiva e os afetos predominam na experiência

do bebê, pois o aparelho sensorial perceptivo ainda não está suficientemente desenvolvido. A mãe que consegue cuidar de seu bebê sente-se mais segura ao colaborar para melhor integração de sua personalidade, pois, ao introjetar a imagem de um “bebê bom”, que se desenvolve bem, parte de seu ideal de ego é assegurado, o que dá à mãe a sensação de tranquilidade e segurança, diminuindo a ansiedade, o medo e a frustração. Através destes cuidados com o bebê, a mãe tem a chance de reviver e elaborar suas experiências e carências infantis e enriquecer sua personalidade, favorecendo a boa interação com o bebê, habilitando-a a compreender adequadamente as necessidades dele, favorecendo a ele integrar suas sensações e ter uma representação adequada de si mesmo e do mundo. Ao privilegiar as ações em saúde materno-infantil e suas repercussões no desenvolvimento humano e não apenas em procedimentos técnicos pré-estabelecidos, os grupos passam a ser, então, um dos caminhos possíveis para a melhoria do sistema público de saúde e da qualidade de vida dos cidadãos.

Palavras-chave: família; comunidade; psicologia; saúde.

AS VIVÊNCIAS DO ADOECER E OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS À DISTÂNCIA DO LAR POR PACIENTES CIRÚRGICOS EM UM HOSPITAL GERAL: UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM CONTEXTO DE ATENÇÃO À SAÚDE.

SENATORE, Patricia; KHATER, E. (orientador) (UNIP - Universidade Paulista).

Pensar sobre o adoecer traz inerentemente a necessidade de explicitarmos a concepção de homem que está por detrás da pergunta: *quem* adoece? Partindo de um pressuposto fenomenológico, a existência em seu sentido ontológico é inerentemente angustiante: o homem é responsável pela existência e, além disso, tem que lidar com a questão de sua finitude. Ao pensar nas vivências do adoecimento, faz-se necessário suspender a teoria para se deter naquilo que se manifesta: que modo de ser-no-mundo é este, deste homem que adoece? O que se diz da experiência do adoecer denota a singularidade do humano. Adoecer pode significar uma situação desestabilizadora do equilíbrio psíquico e emocional, podendo se configurar como experiência de ameaça (à integridade corporal, emocional, social, à

autoestima), perda ou desamparo, especialmente quando acompanhada da necessidade de uma intervenção cirúrgica. Por outro lado, pode também representar a possibilidade de (re)pensar a própria vida. A hospitalização remete a uma ruptura com o cotidiano e, neste contexto, a separação de casa, da família, de seu ambiente e suas coisas assume um grande potencial ansiógeno, vivenciado muitas vezes como um abandono sentimental do lar e dos indicativos de segurança. Assim, por meio da escuta qualificada, o objetivo desta proposta de intervenção desenvolvida durante o estágio supervisionado em Psicologia da Saúde, é trabalhar a ansiedade decorrente de situação hospitalar de pacientes internados na ala de cirurgia geral (pré e pós-operatórios) de um Hospital Geral da cidade de Campinas, com foco principal em relação às vivências do adoecer e da distância do lar, permitindo a ressignificação de sentidos. Partindo de uma metodologia de investigação fenomenológica, propõe-se compreender o fenômeno a partir da experiência vivida pelo sujeito, utilizando-se da entrevista não diretiva ativa de forma a permitir que o sujeito reflita e se aproprie a respeito do que está falando. Durante o primeiro semestre de 2013 foram realizados 26 atendimentos, sendo que os principais significados atribuídos à distância do lar foram: sofrimento em relação à distância dos familiares; sentimento de ruptura de hábitos cotidianos; sentimentos de perda de autonomia; ressignificação do cuidado dispensado por familiares; ressignificação a respeito do papel desempenhado no lar; e sofrimento em relação à falta de apoio familiar. A proposta de intervenção se estende ao 2º semestre de 2013. Com esta proposta de intervenção, acredita-se ser possível dar vazão aos sentimentos de angústia e ansiedade, além de permitir a ressignificação a respeito dos sentidos atribuídos ao lar, contribuindo para o fortalecimento das técnicas de enfrentamento do paciente em relação ao adoecer e à hospitalização.

Palavras-Chave: Adoecimento; Distância do Lar; Ansiedade; Cirurgia Geral.

ENFRENTANDO A HOSPITALIZAÇÃO NO SETOR DE PEDIATRIA. Rosa, Teresa de Jesus; Khater, Eduardo. UNIP -UNIVERSIDADE PAULISTA Instituto de Ciências Humanas Curso de Psicologia

A doença e a hospitalização podem desencadear uma reviravolta na dinâmica familiar. No ambiente hospitalar o sujeito é muitas vezes visto como uma doença; um número de leito ou de prontuário, exigindo um grande esforço de adaptação das pessoas frente a situação enfrentada. Não obstante o fato de estar doente, o medo do desconhecido leva as pessoas em busca de respostas e, na mesma proporção o temor a tais respostas, revelando uma ambivalência e confusão de sentimentos. Dessa forma o psicólogo no hospital tem que lidar com situações como o medo de morte, perdas, desconhecimento em relação ao futuro entre outros fatores. Nestes casos caso, a intervenção se dá no sentido de auxiliar o sujeito hospitalizado e seus familiares, buscando entender qual é a representação que eles têm sobre a internação hospitalar. O estágio realizado busca promoção da saúde psíquica e o alívio de sofrimentos decorrentes da hospitalização. Neste sentido, torna-se importante compreender as estratégias adaptativas utilizadas no enfrentamento destas situações, bem como os sentimentos despertados nos pacientes e seus familiares. O presente trabalho busca portanto, identificar o significado da hospitalização na visão dos acompanhantes no setor de pediatria de um hospital geral no interior de São Paulo. Semanalmente são realizados atendimentos individuais e grupais nos leitos do hospital. Percebe-se que a tensão, os medos, as fantasias e as pressões emocionais causados pela doença de uma criança afetam não só os pais e acompanhantes, mas todos os membros da família. Dentre as angústias apresentadas pelas acompanhantes, estão a desestruturação da família, a cobrança de atenção e a sobrecarga de trabalhos, que em muitos casos se traduz em estresse e ansiedade. O trabalho realizado vem de encontro a estas questões, buscando minimizar os impactos da hospitalização de uma criança, e auxiliar os acompanhantes na busca de estratégias que se mostrem efetivas para a superação desta situação de maneira adequada.

Palavra-chave: Psicólogo Hospitalar; Acompanhante na pediatria; internação da criança.

✓ PSICOLOGIA JURÍDICA

SER JOVEM HOJE E ADULTO AMANHÃ. MARQUES, M.; SIMONI, M. A. D. V. (orientadora.) UNIP – UNIVERSIDADE PAULISTA – Campinas

A presente pesquisa foi pensada através do estágio de psicologia jurídica realizado em uma instituição em Itapira/SP, que tem por finalidade acolher crianças e adolescentes de 0 a 18 anos, de ambos os sexos, vítimas de maus tratos, abusos, omissões, riscos à integridade física e mental, ou que por outros motivos tenham sido retiradas de seus pais ou responsáveis, por determinação judicial. Durante o estágio foi possível refletir sobre as transformações ao longo da história sobre os direitos concedidos às crianças e adolescentes que entre 1927 e 1979 eram definidos com “menores”, e quando encontrados em situação irregular deveriam ser alvos da tutela do Estado e ficarem a salvo em instituições totais, sem qualquer contato social com o mundo externo. Com a criação do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) em 1990 foram estabelecidas diretrizes e normas que alteram o termo “menor” para: crianças (de 0 a 12 anos incompletos) e, adolescentes (de 12 anos completos até 18 anos incompletos), definindo que estes são sujeitos de direitos e de proteção integral por parte do Estado, da sociedade e da família, e em casos de negligência ou não cumprimento de seus direitos, devem ser encaminhados para medidas protetivas, como: abrigo institucionais; casas-lares; famílias acolhedoras ou repúblicas. O objetivo com o grupo de adolescentes realizar encontros proporcionando espaço de escuta grupal, discussões e referência para refletir sobre questões que suscitam dúvidas e angústias relacionadas à adolescência e suas mudanças, e que se agravam em situação de acolhimento. Pretende-se trabalhar a construção de sentido e responsabilidade com temas como: relacionamentos, comportamentos, sexualidade, gravidez na adolescência, escolha e capacitação profissional. Serão conduzidos na construção de perspectivas positivas em relação ao futuro pós-abrigamento. Com a equipe técnica busca-se construir um espaço de escuta, orientações e capacitações sobre as necessidades da adolescência. Com os adolescentes haverá encontros semanais com atividades que girem em torno da questão de

ser jovem hoje pensando em ser adulto amanhã. Com os cuidadores, durante a reunião de equipe serão propostas questões para reflexões que façam referência às dificuldades de interação e comunicação com os jovens. Os encontros já realizados possibilitaram conclusões parciais em relação ao grupo de adolescentes, como a necessidade de manter um espaço de escuta diferenciado. Identificou-se que estar em medida de acolhimento é desencadeador de sentimentos de tristeza, abandono e vazio, que tentam suprir com a criação de “mães-substitutas” ou de defesas evitando relacionamentos profundos. Muitos adolescentes se referem à medida protetiva, como medida sócio-educativa, acreditando que estão no abrigo devido a comportamentos inapropriados. Não se apropriam de sua realidade como sujeitos de direitos e de proteção integral. O futuro bom e pleno está relacionado ao retorno para o lar de origem ou substituto. As conclusões parciais dos encontros com os cuidadores, apontam que existe a falta de treinamento especializado para lidar com acolhidos e interesse pelo assunto.

Palavras-chave: Acolhimento institucional; ECA; Adolescência; Medida-Protetiva.

ATIVIDADES SÓCIO-EDUCATIVAS COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM VULNERABILIDADE SOCIAL. CASTANHACI, Regiani; RANZANI Rosa Maria (orientadora) – UNIP, Bauru.

O presente trabalho está sendo desenvolvido junto ao estágio em Psicologia Jurídica, pretendendo proporcionar a integração social e familiar previstas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente às usuárias da entidade. A “Pró-Meninas Entidade de Amparo” fundada em 05 de Abril de 1991, na cidade de Jaú interior de São Paulo, atende atualmente cem crianças e adolescentes, carentes, do sexo feminino, com idade entre seis e dezesseis anos, oriundas dos bairros periféricos da cidade, em período oposto ao escolar. Dentre as atividades destacam-se a iniciação esportiva, ginástica artística, acompanhamento escolar, aulas de artesanato, corte e costura, canto e coral, informática; além das refeições diárias ofertadas, como café da manhã, almoço e café da tarde. O objetivo do trabalho será garantir que os aspectos essenciais

ao desenvolvimento das crianças e das adolescentes sejam atendidos no campo psicológico, através de atividades sócio-educativas, conforme prevê o ECA. Serão utilizadas dinâmicas e brincadeiras lúdicas, recorte e colagem, realização de desenhos, atividades que visem o auxílio na construção da identidade e relação interpessoal; e atendimentos individuais. As atividades serão realizadas com crianças e adolescentes entre seis e treze anos, frequentadoras da Pró-Meninas Entidade de Amparo, na cidade de Jaú/SP. Esperamos atingir os objetivos, contribuindo assim para uma melhor qualidade de vida, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA.

Palavras-chave: vulnerabilidade social; direitos, psicologia jurídica.

ENFRENTAMENTO Á VIOLÊNCIA – “NUNCA ACREDITEI QUE PODERIA ACONTECER COMIGO”. SIMIONI, Regina Herrera; WHITAKER, Christiane (supervisora) - Universidade Paulista – UNIP.

No decorrer da história as mulheres buscam autonomia, lutando por direitos de igualdade e respeito. No ano de 1985 o decreto nº 23.769 criou a primeira delegacia da mulher (DDM) na Secretaria Pública de São Paulo, para atender mulheres vítimas de violências e discriminações. Em 1996 o decreto nº 40.693 permitia às DDMs atenderem ocorrências contra crianças e adolescentes. Em 2006 a Lei Nº 11.340 dispõe de mecanismos para prevenção, punição e erradicação de todas as formas de violência contra a mulher. O 7º artigo da Lei Maria da Penha dispõe como formas de violência doméstica: física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. Em 2012 a atualização da lei, estabelece que após registrar ocorrências de violência física e sexual a mulher não pode mais desistir do processo. A Lei Maria da Penha apresenta mudanças, em especial na forma de compreender a situação da vítima. Reconhece sua situação de vulnerabilidade e os riscos reais e diante disto o Estado torna-se responsável por promover a prevenção e proteção das mulheres expostas às violências doméstica e familiar, além de auxiliar na reconstrução social e psicológica das vítimas. A realização do estágio em Psicologia Jurídica (UNIP) na 5ª DDM possibilitou conhecer de que forma a mulher procura a delegacia. Muitas vezes após vários episódios de violência ou quando a agressão tem efeitos graves em seu cotidiano. Na maioria dos casos atendidos, as mulheres tinham entre

20 e 35 anos geralmente dependentes emocional ou financeiramente de seus parceiros ou agressores. Em seus relatos geralmente trazem sonhos de formar família, ter filho, desenvolvimento financeiro e finalizam com a frase “nunca acreditei que isso poderia acontecer comigo”. Atribuem a necessidade de manter os relacionamentos por conta dos filhos e de sonhos de manter a união familiar. A ação de ir à DDM muitas vezes é estimulada por amigos e familiares, pois para as vítimas este é um passo difícil de ser dado. Compreende-se que a atuação do psicólogo neste ambiente atende as expectativas de acolhimento, prevenção e cuidado propostos na legislação. Além de ser essencial no contato com a vítima, proporcionando um local de escuta, promovendo a reflexão e assim possibilitando o fortalecimento pessoal e a reorganização social. As atividades vivenciadas durante o semestre ainda proporcionaram recursos para a formação acadêmica e o desenvolvimento profissional.

Palavras-chave: Psicologia jurídica; violência doméstica; mulher.

APRENDIZADO REFERENTE À PRÁTICA DO PSICÓLOGO NO CONTEXTO DE MEDIAÇÃO E CONCILIAÇÃO NA VIA JUDICIAL. GASPAR, Gabriela; CAPUTO, Viviane. (Universidade Paulista/UNIP).

Em 1985, o presidente do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, apresentou para a Assembleia Legislativa um projeto de lei criando o cargo de Psicólogo Judiciário, que significou a consolidação do posto de Psicólogo no Sistema Judiciário. Os primeiros trabalhos realizados por psicólogos junto ao Judiciário foram confecções de laudos, um parecer técnico científico com a finalidade de fundamentar as decisões do magistrado. O psicólogo ocupava o papel de perito, nomeado pelo juiz segundo critérios de confiança e capacitação; cabendo ao psicólogo ser imparcial; conduzindo seu trabalho segundo os referenciais técnicos e éticos da sua área. Algumas das funções do psicólogo judiciário hoje são avaliação e diagnóstico, em relação às condutas psicológicas dos autores jurídicos, assessoramento, intervenção (prevenção, reabilitação...), campanhas de prevenção social contra a criminalidade em meios de comunicação, pesquisa de relevância social e científica, vitimologia (orientação e acompanhamento a vítimas de violência), direito de família, civil,

trabalhista e penal, direito da criança e adolescente, mediação de conflitos, atuação no sistema prisional, entre outras. Cabe ao psicólogo analisar e investigar fatos e pessoas, considerando aspectos emocionais e subjetivos, estabelecendo correlação de causa e efeito das circunstâncias, além de buscar motivações conscientes e inconscientes para a dinâmica da personalidade das pessoas em questão. Durante o estágio a ação desenvolvida foi a observação das conciliações e mediações. Ambas constituem uma tentativa de acordo amigável entre as partes e também transferência de responsabilidade para as mesmas, não é função do conciliador e nem do mediador decidir o melhor a ser feito, o mesmo apenas trabalha com a finalidade de que as partes encontrem uma solução para o conflito e se comprometam com a decisão. Alguns dos objetivos das conciliações e mediações são diminuir o tempo de duração do litígio e reduzir o tempo dos processos no Poder Judiciário. Observei durante o período de estágio, nas audiências de conciliação e mediação, a importância do conciliador no suporte para a tomada de uma decisão. O conciliador é fundamental para auxiliar as partes a chegarem a um acordo. Através da conciliação busca-se um acordo justo, muitas vezes não favorável a nenhuma das partes; necessidade e possibilidade precisam harmonizar-se, assim buscando uma solução saudável para o conflito em questão.

Palavras-chave: psicólogo judiciário; sistema judiciário; mediação de conflitos.

PSICOLOGIA JURÍDICA NO CONSELHO TUTELAR: A FAMÍLIA COMO PARTE ATIVA NO ATENDIMENTO. TORQUATO, Luciana; FERNANDES, Lucas; WHITAKER, Christiane (supervisora). UNIP - Universidade Paulista.

Este trabalho buscou conciliar o conhecimento teórico e a realização de atividades práticas na interface entre Psicologia e Direito. As atividades foram realizadas em um Conselho Tutelar (CT) de São Paulo e tiveram como destaque a defesa de garantias de direitos da criança e adolescente. O CT foi instituído pela lei 8.069, Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), devendo funcionar de forma autônoma com o objetivo de atender, orientar e encaminhar as situações que violem os direitos das crianças e adolescentes. As atividades tiveram como objetivo o contato com as demandas sociais que envolvem crianças e adolescentes, com as medidas protetivas previstas no ECA e as

Leis Brasileiras deste contexto, e ainda, oferecer atendimento e orientação psicológica às crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade que tiveram seus direitos violados ou negligenciados e a seus pais e familiares. Foram realizados plantões semanais no período de Fevereiro a Maio de 2013, que tiveram como principais instrumentos entrevistas, objetos lúdicos, materiais gráficos, revistas e livros infantis. O estágio proporcionou grande aprendizado na área da Psicologia Jurídica e demais áreas da Psicologia. Foi possível atuar diante de diversificadas demandas: evasão e queixa escolar, violência, abuso sexual, maus tratos, alienação parental, álcool e drogas e prevenção de saúde. Todos os casos demandaram intervenção, orientação e encaminhamentos à rede de apoio e serviços, exigindo do estagiário conhecimento de Leis, Políticas Públicas, rede de serviços, manejo clínico e postura ética diante das adversidades sociais que surgiram nos plantões. As atividades possibilitaram resoluções de conflitos, esclarecimentos sobre saúde e bem estar e auxílio técnico aos Conselheiros, resultando em grande benefício à população atendida. Os atendimentos ilustraram a importância da participação familiar, viabilizando o sentido de pertencimento e segurança às crianças e adolescentes. A intervenção mobilizadora a cada integrante da família foi ferramenta essencial para modificar as situações que surgiram durante a realização dos atendimentos. Em nosso contexto social, muitas vezes, a situação vulnerável não consegue ser superada pela população; na prática, as políticas públicas parecem não alcançar seus objetivos, diminuindo ainda mais os recursos das famílias, facilitando a situação de risco. Os serviços disponíveis, por vezes, não são alcançados em razão das dificuldades no acesso, tais como falta de divulgação, conhecimento e orientação, dificuldade de locomoção por falta de recursos financeiros, etc. O bom desempenho dos serviços oferecidos pelo CT está atrelado ao trabalho em rede, tornando-se serviço de referência no suporte, regulação e fiscalização. É essencial a mobilização da rede – escola, unidades de saúde, assistência social – com apoio do judiciário na promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente, e a intervenção dos estagiários contribuiu para essa reflexão. Foi perceptível a necessidade do Sistema de Garantia de Direitos proporcionar recursos técnicos

e treinamento específico para os Conselheiros exercerem seu papel com qualidade.

Palavras-chave: Psicologia Jurídica; Clínica-Escola; ECA; Conselho Tutelar; Políticas Públicas.

ESTÁGIO DE PSICOLOGIA NO CAMPO FORENSE: A ADOÇÃO E SUAS PARTICULARIDADES. MONTEIRO, Mariá; MASSA, Jaqueline; WHITAKER, Christiane (supervisora).Universidade Paulista.

O estágio na Vara da Infância e Juventude do Fórum do Tatuapé teve como principal objetivo proporcionar aos alunos um envolvimento com todos os processos do Setor de Psicologia, através do contato com processos judiciais; da observação e auxílio aos Psicólogos no acompanhamento dos Processos de Adoção, Termos de Guarda, Tutela, Acolhimento e Desacolhimento; da elaboração de relatórios e pareceres jurídicos, com a equipe técnica; realização de buscas no Cadastro Nacional de Adoção e vinculação de pretendentes às crianças disponíveis com perfis correlatos; participação em atendimentos com Psicólogos visando analisar situações para posteriormente auxiliar na elaboração de parecer. A adoção no Brasil mudou muito por diversas razões, e uma delas, a legislativa, foi a de maior relevo. O procedimento para adoção, hoje em dia no Brasil, inclui avaliação psicossocial pela equipe técnica do juízo, que elabora um laudo sugerindo ao juiz a habilitação ou não dos pretendentes. Durante a experiência de estágio foi possível perceber a dificuldade em encontrar interessados em crianças acima de 5 anos, ou que possuíssem irmãos ou doenças. Os estagiários acompanharam esse processo a fim de entender quais ferramentas poderiam ser utilizadas em tais situações. Em alguns atendimentos, os profissionais explicam sobre as fantasias de encontrar a criança perfeita, e sobre a possibilidade de frustração. Também foi possível acompanhar a aplicação de testes e auxiliar na análise dos pretendentes, com o intuito de identificar as motivações e fantasias que a adoção gera nos interessados, e de que maneira elas podem impactar de forma positiva ou negativa, caso a adoção seja efetivada. Relata-se o caso da Sr^a A.M., casada com o Sr. M.A, que compareceu ao setor de psicologia reiterando o pedido de adoção da criança K.M. O casal informa que viajou para Aracaju para buscar a criança, que tinha na época dois anos. Ambos desejam muito que a adoção seja concretizada, para que possam solicitar sua dupla cidadania e assim viajar com ela para fora do país, onde a família já tem eventos programados. Do ponto de vista

psicológico, nota-se que há uma preocupação dos guardiões a respeito da revelação. Pelo que foi possível analisar, a criança demonstra estar bem inserida na família substituta. Denotam forte vinculação afetiva com a criança, e mostraram-se receptivos às orientações. Contar à criança sobre a adoção talvez possa ser o tema mais sensível e perturbador para alguns pais adotivos. Enquanto alguns buscam por orientação para lidar com essa questão, outros a temem como se representasse um grande fantasma, por meio do qual conflitos reprimidos vêm à tona com efeitos desastrosos. Tanta angústia e ansiedade resultam pelo fato de acreditar que quando a criança souber da adoção, deixará de gostar deles. Na medida em que esses casais elaboram essas questões, a adoção pode passar a ser contada como qualquer história, não sendo mais encarada como uma revelação, mas como uma história vivida, que é construída no dia a dia à medida que acontece.

Palavras-chave: estágio em Psicologia Jurídica; adoção; Vara da Infância e Juventude.

GRUPO DE APOIO PSICOSSOCIAL PARA PRETENDENTES À ADOÇÃO.
ROSSETTO, N.F.; BASSI, M.A.; FERREIRA, M.E.M; WHITAKER, C.
(supervisora) UNIP – Universidade Paulista

Em atendimento à solicitação da Excelentíssima Juíza da Infância e Juventude do Foro Tatuapé/São Paulo, conforme legislação em vigor, Lei nº. 12.010/09, formou-se o Grupo de Apoio Psicossocial para Pretendentes à Adoção, objetivando situar os pretendentes nos passos para a adoção, fazer questionamentos, entender as fantasias, ressignificar valores, afetos e emoções, estabelecer preferências e critérios, definição da escolha e decisão sobre o adotando. Foram totalizados 6 encontros entre os alunos do 5º ano em Psicologia da Universidade Paulista (UNIP) e as famílias que pretendiam a adoção, sendo estes encontros realizados aos sábados no Centro de Psicologia Aplicada (CPA) da UNIP. Estiveram presente nos encontros o total de 07 (sete) famílias. Todos os encontros eram temáticos, com exceção do primeiro que visou a apresentação dos participantes do grupo, bem como a exposição dos objetivos do grupo quanto à adoção. Desta maneira, foi realizada dinâmica de interação, objetivando a aproximação dos participantes, bem como a troca de experiências, além da leitura do cronograma das atividades propostas. A temática do segundo encontro envolvia adoção tardia e inter-racial, desta maneira foi exibido o filme “um sonho possível”. Alguns dos

integrantes relataram como há de fato preconceito em adotar crianças negras e filhos de pais drogados, porém, refletindo sobre o filme destacaram a importância do amor no processo de adoção. O terceiro encontro tratou de situar os participantes sobre a real situação dos perfis de crianças disponíveis para adoção, sendo assim, foram exibidas algumas reportagens sobre o Programa *Hoje Em Dia* da Rede Record de Televisão. Foi possível perceber na dinâmica do grupo que os casais que geralmente optam por bebês no momento da adoção trazem o discurso de querer participar da formação de caráter da criança. Chega-se à conclusão de que o terceiro encontro do grupo de adoção atingiu seus objetivos, uma vez que o espaço conversacional que foi gerado juntamente com os temas abordados acabou por promover de maneira muito significativa a reflexão e a mobilização dos pretendentes. O quarto encontro foi cercado por temas diversos que envolvem o processo de adoção; a idealização sobre a criança adotada e seu perfil, juntamente com os desejos inconscientes que levam o indivíduo a desejar adotar. Neste encontro foi possível verificar mudança referente escolha sobre o perfil do adotado. Com a finalidade de expor a importância de não tratarmos a adoção como dogma, muito menos esconder a história e origem do adotado, foi exibido o filme “Lembre-se que te amo”, o que mobilizou todos os participantes presentes. No sexto e último encontro, foram realizadas dinâmicas e café da manhã para confraternização dos participantes. De modo geral, pode-se compreender que a história de cada um dos participantes, somada à diversidade cultural tornou o grupo capaz de refletir profundamente sobre as questões propostas pelas estagiárias, bem como promover diversos novos questionamentos trazendo como resultado, um olhar mais atento para o quadro atual da adoção no Brasil, e um movimento indicativo de autorreflexão dos participantes em relação às suas motivações no processo de adoção.

Palavras-chave: Psicologia Jurídica; Adoção; Grupo de Apoio à Adoção.

GRUPO DE PAIS E RESPONSÁVEIS: UM OLHAR PARA ALÉM DO JOVEM E SEU ATO INFRACIONAL. OLIVEIRA, Kedma Campos De (Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas); SANTOS, Cícero Diego da Silva (Universidade Paulista); SIMONI, Maria Amália do Val (Universidade Paulista).

Este trabalho tem por finalidade refletir sobre os seis primeiros meses de vivência no estágio em Psicologia Jurídica da UNIP, no Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas (COMEC). O estágio foi realizado com o acompanhamento de pais e responsáveis dos adolescentes que cumprem medida socioeducativa nessa instituição. Com base na demanda institucional e nos preceitos da psicologia jurídica criou-se um projeto intitulado *Grupo de Responsáveis*. Visávamos atender, por extensão, as famílias dos adolescentes que violaram a lei, potencializando assim as medidas de socioeducação. Durante encontros em grupo para os responsáveis e familiares, foi ofertado um espaço de escuta, reflexão e orientação. O planejamento do projeto priorizava atividades que promovessem a socialização, a troca de experiências, exposição de conflitos relacionados ao ato infracional e a socioeducação. As demandas extraordinárias surgidas nos encontros semanais, que nem sempre podiam ser acolhidas no grupo, serviam para o planejamento de atividades e palestras futuras, quando eram então discutidas e esclarecidas. Um dos aspectos observados na condução dos grupos foi a postura de defesa dos pais, se eximindo da responsabilidade frente à situação atual e do comportamento dos filhos, bem como a falta de diálogo entre pais e filhos. Foi percebido também que os pais queixaram-se de posturas dos filhos, embora tivessem posturas semelhantes. A resistência de alguns responsáveis e familiares à participação nos programas de socioeducação estava relacionada à crença de que a instituição socioeducativa era uma extensão das instituições prisionais. O preconceito relacionado ao adolescente, responsabilizado como o único culpado, na perspectiva do senso comum, influenciava responsáveis que não se viam com capacidade de ajudar o adolescente. A verbalização de que a adolescência era uma idade difícil servia como justificativa para a negligência, falta de imposição de limites e de busca da construção de um diálogo afetivo com o adolescente. Os assuntos expostos no grupo de responsáveis geravam divergências de opiniões e permitiam trabalhar diferentes pontos de vista. Como os estagiários e a psicóloga assumiram papéis de facilitadores de reflexões, os familiares e responsáveis conseguiram questionar suas posturas diante dos conflitos do adolescente. Percebeu-se, assim, uma mudança

positiva: assuntos que eram de difícil diálogo no grupo de responsáveis como sexualidade, drogas, dependência química e educação foram gradativamente sendo abordados pelos familiares e responsáveis, com o intuito de compreender os adolescentes. Muitos adolescentes, cujos responsáveis e familiares participaram do grupo, mostraram melhor participação nas atividades obrigatórias do cumprimento de medidas socioeducativas no COMEC, melhor relacionamento familiar e assumiram uma postura social crítica em relação ao ato infracional. Concluímos que o envolvimento dos responsáveis e familiares é fundamental para o sucesso do processo da socioeducação, pois eles também necessitam de atenção diante do ato infracional, já que isso indica problemas sociais afetando a família, e (ou) a existência de problemas familiares.

Palavras-Chave: Socioeducação; ato infracional; adolescentes; famílias.

A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA NO ÂMBITO JURÍDICO. CARNEIRO, Fabio E. S.; NASCIMENTO, Viviane K. (Universidade Paulista – UNIP)

Experiências vivenciadas por alunos do 9º/10º semestre de Psicologia descobrem novas formas de atuação para a Psicologia Jurídica. Atualmente foi feita a união entre a Clínica Escola da UNIP Santos e o EAJ (Escritório de Assistência Jurídica da UNIP – Rangel). Tal experiência tem se descoberto um sucesso para ambos os profissionais/estagiários. Nela foi observada a necessidade de um acolhimento a população que buscava os serviços de Direito. Visto que em casos de separação litigiosa, pensão alimentícia, guarda dos filhos ou tutela de idosos, tais sujeitos traziam consigo uma grande carga emocional, muitas vezes negligenciada pelos estagiários do Direito por desconhecerem a necessidade de olhar mais subjetivo àquele cliente. Relatos das experiências que destacam a contribuição da clínica psicológica no auxílio de acolhimento junto aos profissionais de direito, com intenção de conhecer as demandas e entender melhor a rotina no escritório judiciário. Percebemos ao longo do processo o olhar frio perante aos indivíduos que ali buscavam respaldo jurídico, acreditamos que não por falta de humanismo dos profissionais de direito. Aos profissionais de psicologia surgiu um novo olhar, buscando acolher uma demanda que não será sanada por meios jurídicos, conhecendo angústia dos indivíduos que buscam não só uma solução acerca

judicial. Muitas contribuições foram notadas, dentre elas a troca de saberes, troca de experiências e até frustrações entre os profissionais. Esta união foi uma novidade para o ano de 2013 e aceita positivamente entre os cursos de Psicologia e Direito.

Palavras-chave: Psicologia; Jurídico; Clínica Escola; Contribuição.

OFICINA DE CIDADANIA E BEM ESTAR COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES. TOMYAMA, Cinthia Suemy; RANZANI, Rosa Maria. Orientadora. (Universidade Paulista – UNIP/Bauru).

A “Casa do Menor Carente Adelina Aloe” atende crianças e adolescentes encaminhados pelo Conselho Tutelar de Santa Cruz do Rio Pardo. Encontram-se no abrigo, vítimas de: violência familiar, abandono, maus tratos, privação dos direitos que toda criança e adolescente têm, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Este trabalho, realizado no estágio de Psicologia Jurídica, tem como objetivo proporcionar uma vida digna, com amor e respeito, às crianças e adolescentes, assim como, oferecer apoio às suas famílias biológicas ou às famílias que as adotarão. Desenvolver e esclarecer os principais objetivos que englobam o tema cidadania gerando o bem estar à população destinada, com base fiel ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Trabalhar com as crianças e os adolescentes da entidade aspectos pertinentes às suas fases de desenvolvimento que estão inseridos. Proporcionar e discutir informações sobre assuntos do dia-a-dia com as adolescentes como respeito, saudade, amor, educação, família entre outros. Como método será utilizado: dinâmicas, teatro, pintura, trabalhos que exploraram o corpo como um todo, trabalhar com atendimentos grupais para que se possam dividir suas expressões e ansiedades. Os sujeitos são crianças e adolescentes de ambos os sexos na faixa etária de 0 a 18 anos de idade, encaminhados pelo Conselho Tutelar e Fórum de Santa Cruz e região. Espera-se que por meio deste, as crianças e os adolescentes da entidade consigam melhorar a convivência entre eles e os monitores; e minimizar seu sofrimento pela perda da convivência familiar, bem como auxiliá-los a não perderem a esperança.

Palavras-chave: direito; abandono; esperança; psicologia jurídica.

PSICOLOGIA JURIDICA NO CONSELHO TUTELAR: UM ESPAÇO DE TRANSFORMAÇÃO. MEDEIROS, Sandra Cristina Reis; FERREIRA, Mari Lourdes Cunha; WHITAKER, Christiane (supervisora) - Universidade Paulista.

Na busca de promover transformações significativas junto à sociedade atual, partimos de pequenas células sociais compostas por famílias inseridas na comunidade constantemente expostas a riscos psicossociais. A psicologia Jurídica interage como instrumento de resgate da valoração do ser humano, através da atuação do psicólogo, na articulação das redes e mobilização dos recursos provenientes da própria comunidade, na conquista e apreciação dos direitos e deveres, resgatando a cidadania da população. O atendimento de várias situações, no Conselho Tutelar, envolvendo a dinâmica familiar, crianças e adolescentes vítimas de violências domésticas, como a negligência dos pais ou responsáveis, tem como escopo avaliação situacional, encaminhamentos, mediação e conciliação para a solução, ou diminuição dos riscos psicossociais presentes. Para isso, torna-se imprescindível a colaboração da rede social de apoio, da própria comunidade, entre as quais, as áreas da saúde, educação, habitação, cultural, entre outras. Para tornar viável a aproximação da Psicologia Jurídica com as práticas de um Conselho Tutelar é importante considerá-lo como um órgão instituído a partir do Estatuto da Criança e do Adolescente, constituído como dispositivo legal para a proteção dos direitos da criança e do adolescente, conforme estabelecido na Lei 8069, de 13 de julho de 1990, art.136, parágrafo I. No estágio, deparamos com múltiplas situações irregulares, entre as quais, crianças que sofrem maus-tratos e negligências, em vários níveis. A título de ilustração, descrevemos um caso atendido. Uma mãe viajou para Brasília com seu filho, sem autorização do pai. Lá iniciou o consumo de drogas e álcool, o que agravou comportamentos agressivos no trato com o filho. Por meio de uma rede social, o pai o encontrou e pediu que a avó materna retornasse com o filho. Por esse motivo, procurou o Conselho Tutelar para encaminhar esta criança a atendimento médico e psicológico e para advogados para legalizar sua situação em relação à guarda e indicar uma

vaga na escola. O estágio possibilitou atender crianças e adolescentes que tiveram seus direitos ameaçados por ação ou omissão da sociedade ou do Estado; por omissão ou abuso dos pais ou responsáveis; ou em razão de suas condutas (art.98). A atuação do psicólogo jurídico, através dos recursos disponíveis na comunidade, viabiliza a construção e estruturação de seres humanos em cidadãos, constituídos por direitos e deveres, identificados pelas experiências comuns ao meio social que estão inseridos, preservando sua individualidade e subjetividade. Para isso, como método, utilizou-se de entrevistas com todos os envolvidos, aplicação de instrumentos quando necessário, discussão com os conselheiros, para a análise situacional e suas conclusões. Concluímos que o estágio na prática jurídica tem por objetivo proporcionar ao estagiário a participação em situações irregulares reais, bem como a análise crítica das mesmas, possibilitando-lhe o aperfeiçoamento técnico-científico, de relacionamento profissional e articulação teórico-prática. De outro lado, força-o a adaptar-se ao pragmatismo necessário, preparando-o tecnicamente, mas, sobretudo, fomentando a formação de uma consciência profissional.

Palavras-chave: Psicologia jurídica; Conselho Tutelar, ECA.

OFICINA DE ATIVIDADES COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES DE UMA INSTITUIÇÃO: REFLETINDO A CONVIVÊNCIA EM GRUPO. OLIVEIRA, Hellen C D; FORMENTI, Ingrid; CATALANO Mayara dos Reis; RANZANI, Rosa Maria (orientadora). Universidade Paulista.

A Fundação Inácio de Loyola foi criada para visar o cumprimento do artigo 4º do Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), que afirma ser dever da família, comunidade, sociedade em geral e poder público assegurar os direitos das crianças e adolescentes, atendendo assim crianças e adolescentes de 11 a 17 anos e 11 meses. A instituição visa proporcionar um ambiente acolhedor, estendendo a relação com “casa”, tornando-se ali um lugar a considerar como lar. Promovem atividades para incentivar atividades culturais, artísticas, musicais, informática, incentivo à internalização de valores moral, acompanhamento escolar, iniciação ao primeiro emprego, cursos profissionalizantes, oferecidos por institutos próximos da instituição e com parcerias. O objetivo da ação é trabalhar com crianças e adolescentes temas

como drogas, sexualidade, namoros, gravidez e outros, procurando garantir que os direitos das crianças e das adolescentes sejam atendidos no campo psicológico, conforme prevê o ECA. Empregaremos atividades que atendam às necessidades das crianças e adolescentes, conforme a demanda de cada faixa etária. Utilizaremos dinâmicas, técnica de colagem, aspectos visuais, como filmes e vídeos, escrita e leitura, cartaz e cartas. Duas crianças, de 5 e 11 anos, e dezesseis adolescentes, do sexo feminino, de 12 anos a 17 anos e 11 meses, abrigadas na instituição, na cidade de Bauru/SP. Espera-se atingir os objetivos, melhorando a capacidade de vinculação e confiança com as adolescentes, e entre elas, o respeito mútuo e internalização de valores que promovam cidadania, dignidade e o aspecto humano de cada uma.

Palavras chave: convivência, dignidade, cidadania.

ATENDIMENTO EM SALA DE ESPERA. VARA DA INFANCIA E DA JUVENTUDE NA CIDADE DE CAMPINAS. SANTOS, Cristina Prado dos (Universidade Paulista); VIOLA, Jean Carvalho Dourado (Universidade Paulista); SIMONI, Maria Amália do Val (Universidade Paulista); MASSEI, Leni Coimbra (Tribunal de Justiça Vara da Infância e da Juventude).

Este trabalho tem por finalidade apresentar os seis primeiros meses vivenciados no estágio de psicologia jurídica da UNIP realizado na Vara da Infância e da Juventude da cidade de Campinas. A sala de espera da Vara da Infância e da Juventude, atende, de segunda à sexta-feira, ao público prestando esclarecimentos, fornecendo informações, recepcionando pais, cuidadores e/ou responsáveis por crianças e adolescentes. Muitos são os motivos destas pessoas procurarem o serviço judiciário. Pais e/ou responsáveis por adolescentes autores de atos infracionais, bem como os próprios adolescentes; as partes envolvidas em processos de modificação de guarda, disputa de guarda, adoção, acolhimento institucional, envolvidos em crimes contra a dignidade sexual, dentre outros, são convocados para avaliação psicossocial pela equipe interprofissional. Temos por objetivo, verificar e compreender quais os motivos do comparecimento de cuidadores/responsáveis à Vara da Infância e da Juventude; compreender quais as relações entre cuidadores/responsáveis e as crianças/adolescentes

que acompanham; identificar quais os sentimentos e expectativas que os cuidadores/responsáveis possuem a respeito da Vara da Infância e da Juventude e; compreender quais eram as circunstâncias vivenciadas pelos cuidadores/responsáveis e as crianças/adolescentes no período em que necessitaram fazer uso dos serviços da Vara da Infância e da Juventude. Como metodologia, a entrevista semidirigida, será o método a ser utilizado como objeto de instrumento, sendo a pesquisa a ser realizada durante o mês de setembro, às segundas-feiras, não considerando dessa maneira o número de participantes e sim o período de tempo planejado. Os sujeitos serão os usuários da Vara da Infância e da Juventude, sem distinção de etnia, idade e gênero.

Palavras-chave: Vara da Infância e da Juventude; psicologia jurídica; sala de espera.

INTERVENÇÃO A CRIANÇAS DE UMA INSTITUIÇÃO ATRAVÉS DO OLHAR DA PSICOLOGIA JURÍDICA. Hilário, Silvana Maria; Ranzani, Rosa Maria – orientadora. (Universidade Paulista – UNIP/Bauru).

O trabalho realizado é resultado do estágio em Psicologia Jurídica e visa o cumprimento do (ECA), promovendo e assegurando os direitos previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente, proporcionando condições de formação da cidadania, estimulando o desenvolvimento físico e mental, propiciando a conscientização das crianças e adolescentes como sujeitos críticos e transformadores de sua própria história. O estágio está sendo realizado na entidade Vila dos Meninos “Sagrada Família”, que atende 110 crianças e adolescentes de 06 a 16 anos, de ambos os gêneros, em vulnerabilidade social. Lá são realizadas diversas atividades de apoio social aos assistidos e seus familiares como: informática, artes e artesanato, temáticas, vivência em grupo, apoio pedagógico, musicalização, aula de violão, jogos recreativos, esportes, passeios, visitas pedagógicas, instrutivas e de integração, alimentação, além de contarem com o apoio técnico de um psicólogo. Objetivos: Assegurar e promover os direitos previstos no Estatuto da Criança e

do Adolescente (ECA) com o público atendido; Desenvolver Oficinas Lúdicas de forma grupal com as crianças, de acordo com as necessidades emergidas durante a observação sistemática da demanda; Desenvolver atividades que correspondam à compreensão, de acordo com a faixa etária dos sujeitos. Métodos: técnicas diversas: teatro, pintura, desenho, recorte/colagem, dinâmicas, brincadeiras/jogos, contação de histórias. Sujeitos: crianças entre 6 a 13 anos de idade, assistidas na Instituição Vila dos Meninos “Sagrada Família”, em Botucatu, município localizado no interior do estado de São Paulo. Conclusão: As intervenções estão sendo feitas através das oficinas lúdicas, em que as crianças estão sendo possibilitadas a descobrir-se e a assimilar a realidade, desenvolvendo seu potencial criativo, bem como elaboração de vivências e conflitos sociais, emocionais e jurídicos.

Palavras-chave: psicologia jurídica; oficinas lúdicas; criança e adolescente.

PSICOLOGIA JURÍDICA A ADOLESCENTES INSTITUCIONALIZADOS.
Trino, Priscila Rosane; Ranzani, Rosa Maria – orientadora. (Universidade Paulista/Bauru).

A Casa Abrigo de Pederneiras é uma instituição sem fins lucrativos, que presta serviços de acolhimento provisório para crianças e adolescentes com idade entre 0 e 18 anos, afastados do convívio familiar por meio de medida protetiva (ECA, Art. 101), até que seja viabilizado o retorno ao convívio familiar. Assim, o intuito é estimular autonomia entre os abrigados, com finalidade desses, de forma independente, conseguirem enfrentar novas situações que surgirão durante sua vida, ou seja, tornarem-se preparados para que conseguir, de forma autônoma de seus pais, prosseguir em suas vidas. Auxiliar o cumprimento do Art. 101 do ECA, proporcionando aos abrigados em situação de risco, abandonados ou afastados temporariamente de suas famílias, possibilidades de reintegração familiar, ou, auxilia-lás a buscarem sua independência e autonomia para prosseguirem suas vidas. Livretos, textos, jogos, dinâmicas em grupo, desenhos, etc., que facilitem a intervenção. Através das mediações semanais e discussões dos casos, pretende-se atingir os objetivos, de forma a estimular autonomia e independência desses abrigados.

Este trabalho tem proporcionado grande experiência e oportunidade de colocar em prática o que foi ensinado durante as aulas teóricas de psicologia jurídica, atuando nesse contexto de maneira ética, com respeito e valorização da pessoa humana.

Palavras-chave: autonomia; independência; psicologia jurídica.

ESCUITA E ACOLHIMENTO PSICOLÓGICO. PESSINI, Clarissa Zabeo; SOUSA, Marisa Ferreira; Passos, Wellington; VICENTE, Reginandréa Gomes (Supervisora) Universidade Paulista- UNIP-SP

O presente trabalho apresenta uma experiência de estágio em Psicologia Jurídica, em mediação Criminal realizada em um fórum na cidade de SP. Tem-se como objetivo proporcionar aos usuários do Projeto acolhimento, escuta e orientação psicológica, concomitante aos processos de mediação. São realizados atendimentos psicológicos individuais, focais breves, - com duração de 50 minutos cada, no quais através da técnica de escuta ativa, e perguntas reflexivas, busca-se auxiliar os usuários a ressignificar, a situação criminal em que foi envolvido como autor ou vítima do processo, proporcionando espaço para reflexão, suporte a demanda emocional, desenvolvimento de condutas de solução pacífica de conflitos e a ressignificação dos estigmas biopsicossociais. As intervenções são fundamentadas pelo escopo da Psicologia Jurídica e da Teoria Sistêmica. Os resultados indicam que o estagiário de psicologia - integrando uma equipe multidisciplinar ao lado de advogados e mediadores- pode proporcionar um espaço para reflexão dos quais aspectos da vivência relacional do sujeito pode ter contribuído para o conflito que culminou no processo jurídico e como alterar processos para uma convivência pacífica entre os membros do sistema, entendendo sistema como uma parte em relação às demais, compreendendo que o todo não se contém na simples soma das partes, mas em suas inter-relações. Tal experiência leva a concluir que diante de uma sociedade marcada pela desigualdade social e acesso restrito aos serviços institucionais que promovem justiça, proteção e bem estar ao cidadão, o Psicólogo deve encontrar alternativas transformadoras de atuação junto à sociedade. Através das parcerias entrea

clínica escola e as instituições sociais pode-se refletir, estudar e reposicionar a conduta profissional e ao mesmo tempo, prestar um serviço de qualidade à sociedade.

Palavras-Chave: psicologia jurídica; mediação; teoria sistêmica.

ENFRENTANDO A PROBLEMÁTICA DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA.
RIBEIRO, Amanda Bosco Barbosa; VICENTE, Reginandréa Gomes.
Universidade Paulista.

O maior levantamento de dados sobre violência no Brasil, que se conhece, foi realizado em 1988. Incidiu sobre violência física denunciada e não denunciada, compreendendo, portanto, a violência doméstica e exige maneiras de enfrentamento tanto no âmbito privado quanto público provocando assim a inserção do Estado neste contexto através de políticas públicas e criação de Leis e Instituições específicas, como as Delegacias de Defesa da Mulher. (DDM). Esta constitui a principal política pública de combate e prevenção à violência contra a mulher no Brasil. Este trabalho tem o objetivo de discutir as possibilidades de atuação de estagiários de Psicologia, em Delegacias de Defesa da Mulher. Através da descrição de experiências consolidadas no estágio em Psicologia Jurídica. São apresentados modelos de intervenção e supervisão fundamentados pelo escopo da Psicologia Jurídica e da Teoria Sistêmico-Construtivista. Apesar de, a princípio, o psicólogo inserir-se na DDM visando o atendimento às usuárias do serviço, sua atuação acaba se estendendo também à equipe de funcionários possibilitando um trabalho interdisciplinar. O foco é a realização de um trabalho de enfrentamento à problemática da violência doméstica as usuárias que procuram a DDM. O atendimento que serve para intervir com apoio e aconselhamento psicológico a essas pessoas que buscam a DDM funciona como um filtro de suas demandas emocionais favorecendo quando entram em contato com o funcionário que fará seu atendimento, seja objetivo relatando apenas o necessário para o registro criminal reduzindo assim a sobrecarga emocional da equipe. É esperado, quando dado esse espaço de reflexão para a queixa trazida, que esta pessoa possa a partir de então organizar melhor suas emoções, sentidos e colocar-se de forma autônoma nas decisões que deseja tomar, sentindo-se em um

ambiente seguro que proporcionará um espaço de acolhimento do sujeito para que ele possa expressar-se livremente. Essa visão da Psicologia como suporte à demanda emocional da mulher que busca a DDM e da equipe fundamenta a importância desse profissional no contexto de atendimento às vítimas de violência doméstica em delegacia especializada. Conclui-se que a clínica escola é um espaço privilegiado onde se pode refletir, estudar e reposicionar a conduta profissional e ao mesmo tempo, prestar um serviço de qualidade à sociedade.

Palavras-chave: violência doméstica, teoria sistêmico-construtivista, políticas públicas.

✓ PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL E DO TRABALHO

A INSERÇÃO DO PSICÓLOGO CLÍNICO NO MERCADO DE TRABALHO.

Fracasso, F.F; Lopes, S.R.A - Presbiteriana Mackenzie.

No Brasil, a profissão de psicólogo foi oficialmente formalizada em 1962 e a década de 70 foi marcada pela criação dos Conselhos Federal e Regional e pela elaboração do Código de Ética. A construção da autonomia da psicologia estava submetida à lógica de outras profissões e inicialmente entendia-se que a psicoterapia pertencia à medicina e que só caberia ao psicólogo o direito de trabalhar na solução de problemas de ajustamento. Atualmente esta lógica se expandiu e a psicologia vem conquistando seu espaço, mas os consultórios particulares continuam sendo a área de maior inserção dos psicólogos brasileiros. O objetivo geral deste estudo é traçar um panorama da situação profissional dos egressos do curso de Psicologia da UPM. A amostra foi de 24 egressos que concluíram o curso entre 2007 e 2009 e que optaram pela concentração dos estágios na área clínica. O instrumento utilizado foi um questionário semiestruturado elaborado para atender os objetivos deste estudo, que foi enviado via Google Docs aos participantes. O projeto foi encaminhado para a Comissão de Ética e, após a aprovação, os participantes receberam a Carta de Informação ao Sujeito da Pesquisa informando-os a respeito do objetivo do estudo e convidando-os a responder o questionário. Foram enviados 66 questionários no total, mas retornaram apenas 24. As respostas foram submetidas à análise de conteúdo. Os resultados mostraram que os egressos são predominantemente mulheres, idades variando entre 26 e 30 anos, a grande maioria natural de São Paulo–SP, onde permanecem trabalhando. Os estágios escolhidos por ordem de preferência foram Psicologia Analítica e Psicoterapia Breve Infantil e o critério de escolha dos estágios estava pautado em seguir carreira como psicólogo clínico. O consultório particular foi a área de maior inserção, ainda que conciliem com outras atividades: 21% trabalham exclusivamente em consultório particular, 25% conciliam o consultório particular com atividades clínicas em serviços de saúde, 21% com atividades de Recursos Humanos e 8% com atividades fora da

Psicologia. A principal forma de vinculação com o trabalho é a autônoma, foram 58% das respostas. Verificou-se uma busca contínua pelo aperfeiçoamento profissional: do total da amostra, 80% buscou uma pós-graduação, destes, 58% optou por especializações em uma abordagem específica e/ou em áreas relacionadas à saúde. Em relação às disciplinas que mais auxiliaram no desempenho profissional, houve destaque para as disciplinas teóricas voltadas à área clínica e na sequência as disciplinas práticas e estágios do último ano. As sugestões de modificação da grade curricular se referiram à equiparação das horas-aulas destinadas às abordagens teóricas, acréscimo de aulas em disciplinas ligadas à área da saúde, além da criação de disciplinas de empreendedorismo e gestão da carreira do psicólogo. Conclui-se que a contínua inserção do psicólogo clínico nos consultórios particulares tem um respaldo histórico importante, mas que se faz necessário refletir sobre a ampliação do exercício da profissão, tendo em vista a constante expansão das possibilidades de atuação profissional em diferentes contextos.

Palavras-chave: Curso de Psicologia; Egressos; Formação na Clínica.

A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA NO PROCESSO DE COACHING.
ANACLAUDIA DE CASSIA ZANI RAMOS; HELY APARECIDA ZAVATTARO-
Campus Pompéia – UNIP/SP

Atualmente, o processo de coaching nas organizações é conhecido e bem aceito para realizações de metas e objetivos. No entanto, percebe-se que antes do cargo de executivo existe uma pessoa e que os entraves no seu desempenho na organização estão interligados aos processos de vida familiar, social e demais interações. Os executivos durante as sessões trazem dificuldades enfrentadas também em sua vida pessoal, associando o trabalho com outras questões mal resolvidas. Através do processo de coaching, executivos podem, também, aprender a lidar com suas angústias e, apesar de não se constituir uma psicoterapia, passam a se conhecer melhor e mudam seu comportamento, semelhante a um processo terapêutico. O formato coaching é baseado somente em perguntas e respostas, que pela habilidade dos coaches ao formularem questões em uma linha de raciocínio lógico, levam o coachee, (o cliente) a refletir sobre as questões e trazer soluções para o tema

abordado. Pela relevância atual do coaching, este trabalho busca discutir a contribuição da Psicologia neste processo, enquanto ciência e aplicação, possuindo a ambição de poder elucidar alguns aspectos e resultados das abordagens utilizadas. Este trabalho buscará refletir sobre as alternativas de transformação da realidade percebida pelos coachees, objetivando identificar suas dificuldades e oportunidades de autodesenvolvimento. Para tanto, esta pesquisa possui um caráter exploratório, cuja análise se baseia nas entrevistas realizadas com coachees que passam pelo processo de coaching há pelo menos 3 meses, identificando e analisando os processos psicológicos envolvidos, objetivando melhoria de processo e da qualidade de vida humana.

Palavras-chave: coaching; carreira; Psicologia; autoconhecimento; trabalho.

A COLABORAÇÃO DA PSICOLOGIA NO PROCESSO DE EMPREENDEDORISMO. SOFIA CIESLAK ZIMATH (professora); FABIANA ROSA DA CRUZ; GLEYCE HELLEN DA SILVA SOUZA; JÉSSICA ALINE TANK; SANDRA MARA DEMETRIO COSTA; UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE – UNIVILLE

O termo Psicologia Organizacional e do Trabalho, utilizado desde a década de 90 visa contemplar a diversidade da área (BASTOS, 2003). Os fenômenos organizacionais são considerados como processos psicossociais, que estruturam a vida dos indivíduos e o funcionamento das sociedades (ZANELLI & BASTOS, 2004), e transformam não apenas a matéria, mas também a vida psíquica, social, cultural, política e econômica (MALVEZZI, 2004). Um dos desafios deste ramo da Psicologia é compreender como interagem os múltiplos aspectos constituintes da vida das pessoas, grupos e organizações em um mundo em constante transformação, de forma a promover, preservar e restabelecer a qualidade de vida e o bem-estar (ZANELLI & BASTOS, 2004). O psicólogo organizacional visa evitar que as pessoas se adaptem a condições que ultrapassem seus limites, e como desenvolver habilidades em prazos curtos demais ou mesmo alterar aspectos de sua identidade (MALVEZZI, 2004). A criação de negócios impulsiona o desenvolvimento do país, e para que esses negócios prosperem as competências do empreendedor, presentes em todas as organizações, auxiliam significativamente. A psicologia do trabalho

está presente em todas as fases do desenvolvimento das organizações, e ao descrever e interpretar a natureza e a dimensão dos fenômenos psicológicos presentes na situação de trabalho, proporciona ambientes favoráveis ao desenvolvimento das competências. Por meio do diagnóstico do ambiente de trabalho e dos fenômenos psicológicos que nele ocorrem pode-se elaborar e desenvolver atividades que transformem conhecimento em ações e desenvolvam habilidades, que somadas ao conhecimento levem a atitudes como a criação de um novo negócio ou organização (ECKERT *et al.*, 2011). A atividade empreendedora é de fundamental importância para o desenvolvimento econômico do país. Tal atividade é realizada por indivíduos que possuem capacitação, habilidades e características individuais, que formem um perfil empreendedor. A incubadora é um ambiente de apoio a empreendimentos nascentes, acelera o seu desenvolvimento, e fornece uma variedade de recursos e serviços para que sejam bem sucedidos. O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE e a Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores – ANPROTEC, construíram um novo modelo para as incubadoras brasileiras, a plataforma Centro de Referência para Apoio a Novos Empreendimentos – CERNE, que tem como objetivo desenvolver a metodologia do Termo de Referência do CERNE 1, contemplando os processos chave: Sistema de Seleção (prática chave: Avaliação) e Sistema de Planejamento (prática chave: Plano de Vida). Para isto, foi desenvolvido um projeto com um Plano Operacional. Foi feito o mapeamento do perfil psicológico dos empreendedores incubados no Parque de Inovação Tecnológica de Joinville – INOVAPARQ, estando em andamento as devolutivas aos mesmos. As estagiárias planejaram as atividades que seriam realizadas, buscando instrumentos e técnicas viáveis para cada processo. A partir dos perfis levantados realizar-se-á a etapa relativa ao Plano de Vida também prevista no Centro de Referência para Apoio a Novos Empreendimentos – CERNE.

Palavras-chave: psicologia organizacional; empreendedorismo; incubadora; perfil psicológico

PLANTÃO DE ESCUTA – UMA FERRAMENTA PARA O LEVANTAMENTO DE NECESSIDADES NO JOINVILLE GARTEN SHOPPING. KEMCZINSKI, Greice Mariana; PABST, Janaina Regina; SPÄTH, Marcella Alessandra; FREITAS, Taciane deZIMATH, Sofia Cieslak (supervisora). Faculdade Guilherme Guimbala (SC)

Santa Catarina conta com o Grupo Almeida Junior, o qual está há 33 anos em constante crescimento no segmento de *shopping centers*. O grupo administra 5 shopping centers, distribuídos em regiões com maior concentração de população e renda, nas cidades de Balneário Camboriú, Blumenau, Joinville e Florianópolis. O grupo de Estágio Supervisionado de Psicologia Organizacional e do Trabalho tem como objetivo proporcionar aos funcionários do setor operacional do Joinville Garten Shopping o Plantão de Escuta e a aplicação de uma escala de satisfação no trabalho. Segundo Oliveira (2005) *apud* Dutra & Rebouças (2010, p. 20) o Plantão Psicológico é um espaço “no qual o psicólogo se apresenta como alguém disposto, presente e disponível e não apenas como detentor do conhecimento técnico”. Assim, o plantão de escuta, ora proposto neste projeto, será destinado aos profissionais em busca de ajuda para problemas de natureza profissional e emocional, visa também um atendimento de tipo emergencial. Para se realizar um plantão de escuta, dentro de parâmetros éticos, é necessário que o mesmo seja realizado em uma sala que garanta a privacidade. Para a viabilidade do plantão é necessário dar liberdade aos funcionários para que o procurem espontaneamente, ou ainda que possa ser utilizado mediante o encaminhamento do líder ou ainda, por encaminhamento do setor de Recursos Humanos. É de extrema importância ressaltar que de acordo com o Código de Ética Profissional do Psicólogo (2005) Art. 9º, a fala do sujeito que procura o plantão é protegida pelo sigilo obrigatório por parte da estagiária que realiza a escuta. O repasse de informações pode ocorrer quando houver o agrupamento de dados, sem que seja possível a identificação dos funcionários que se submeteram ao plantão. O Plantão de Escuta ocorre entre os meses de junho a novembro, de forma individual, sendo que, dos meses de maio a agosto atingiu-se o total de 39 (trinta e nove) funcionários atendidos. A primeira escala aplicada com os funcionários foi a Escala de Satisfação no Trabalho (EST), cuja aplicação ocorreu nos meses de

julho e agosto, nas formas individual e coletiva, atingindo-se o total de 54 (cinquenta e quatro) questionários respondidos. Esses resultados serão apresentados em dois relatórios nos meses de setembro e dezembro para o setor de Recursos Humanos, com o objetivo de auxiliar nas melhorias das políticas de pessoal da empresa.

Palavras-chave: satisfação no trabalho, comprometimento do trabalhador, psicologia organizacional, shopping center

PLANEJAMENTO DE CARREIRA: UMA MODALIDADE DE ESTÁGIO EM PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL E DO TRABALHO. JONAS, André Luis; BACCHERETI, Luiz Fernando - Universidade Anhembí Morumbi

As práticas de construção de conhecimento se tornam cada vez mais uma ferramenta essencial no processo de ensino-aprendizagem, principalmente quando envolve fundamentos que possibilitam a atuação profissional. Frente esta realidade, o curso de Psicologia da Universidade Anhembí Morumbi incluiu em seu processo de formação a possibilidade de seus alunos vivenciarem o desenvolvimento de projetos de intervenção nas áreas de planejamento de carreira. Esta atividade de estágio tem por objetivo proporcionar aos alunos do 9º e 10º semestres a vivência com grupos de pessoas que de alguma forma buscam planejar ou redefinir suas carreiras profissionais. Como método de trabalho esses estagiários realizam de cinco a seis sessões de orientação de carreira com um período médio de duas horas cada. Nestas sessões são utilizadas entrevistas que podem ser individuais ou coletivas, dinâmicas de grupo, orientações sobre conhecimento e expectativas profissionais, análise sobre as perspectivas do mercado profissional a curto, médio e longo prazo, bem como o levantamento de perfil profissional de cada participante, identificando não apenas suas habilidades como também características de personalidade que podem interferir direta ou indiretamente nas vivências profissionais. A utilização dessas ferramentas faz com que os alunos do curso de Psicologia tenham a possibilidade de proporcionar aos participantes desta atividade de estágio a conscientização sobre as suas habilidades e competências já desenvolvidas e as que necessitam desenvolver, sobre as

exigências e oportunidades que o mercado de trabalho oferece, sobre as influências recebidas por colegas e familiares, sobre o perfil profissional que possuem e principalmente sobre o processo de decisão/escolha que requer esta etapa do “mundo adulto”, pois este momento de escolha pode refletir positivamente ou negativamente em seu processo de desenvolvimento. Com relação aos alunos, esta modalidade de estágio tem se mostrado bastante eficaz com os grupos realizados na clínica-escola da Universidade Anhembi Morumbi (CIS), possibilitando aos mesmos a articulação de conteúdos pertinentes ao seu processo de formação, além de proporcionar uma vivência prática sobre um dos campos de atuação profissional do psicólogo que atua na psicologia do trabalho e das organizações.

Palavras-chave: Formação do Psicólogo; Orientação de Carreira; Processo ensino-aprendizagem.

OS DESAFIOS E A DIVERSIDADE NA SUPERVISÃO DE ESTÁGIOS EM PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL E DO TRABALHO. ALBERTO, Laura Cristina Foz Rodrigues – Universidade Anhembi Morumbi.

A supervisão de estágios em Psicologia, realizada em grupos, pressupõe que a formação do psicólogo esteja ocorrendo a partir não só da experiência do aluno em campos de estágio e da orientação que recebe nas supervisões, mas do ganho que advém da discussão das experiências de todos os membros do grupo. O aluno não se desenvolve apenas realizando as atividades que se lhe apresentam no campo de estágio, ação essa supervisionada no Serviço-Escola pelo professor/supervisor. Ele amadurece ao participar de cada caso, ouvindo as experiências, apreendendo o conteúdo das análises e contribuindo com sua própria visão e sugestão de ação. Essa é a configuração que se objetiva com os grupos de supervisão. O que se observa, no entanto, é que é um grande desafio conseguir uma dinâmica, na supervisão, que leve efetivamente ao alcance desse objetivo. Nas supervisões em Psicologia Organizacional e do Trabalho, pela natureza dos processos supervisionados, encontramos aspectos que favorecem o envolvimento dos alunos nos casos dos outros. Os processos são apreendidos de maneira objetiva e recebem sugestões concretas com base nos manuais de gestão de pessoas e nos conceitos mais em voga e

divulgados nas organizações, de onde os alunos têm notícias não apenas pelas disciplinas cursadas anteriormente, mas, muito mais pelo que vivenciam em estágios extracurriculares ou que observam nas relações de trabalho de amigos e parentes, ou a partir da mídia em geral. Embora possa ser positiva a participação, a origem das contribuições e opiniões apresentadas leva ao risco de permanecerem no nível do senso comum, ou dos modismos. Essa é uma armadilha no que diz respeito à participação, uma vez que é um comportamento de repetição, acrítico e sem sustentação. O desafio recai, então, em estabelecer um fluxo de crítica e criatividade em direção a uma contribuição teórica e tecnicamente sustentada, respeitando a individualidade de cada cliente – pessoa ou instituição. A provocação do supervisor, buscando que se recordem do que estudaram, perguntando que ações podem ser desenvolvidas, quais os riscos e benefícios que essa ação pode trazer, leva a uma contribuição no sentido do envolvimento e o desenvolvimento de todos. Este desenvolvimento fica facilitado nos estágios em POT, especialmente quando os campos de estágios são diversos, com atividades de natureza diversificada – o que a POT favorece. Várias frentes de atividades, subsidiadas por leituras específicas, indicadas pelo supervisor e que todos devem fazer, auxilia na contribuição de todos para cada caso, além de favorecer a elaboração do aluno nas questões diversas que a especialidade apresenta, contribuindo para a sua formação como profissional, além da sua própria experiência no estágio. Nesse sentido, parece bastante rico e estratégico que os campos de estágios ofereçam atividades diversas, no escopo amplo da POT e que os grupos de supervisão sejam formados garantindo essa diversidade de atuações, favorecendo, assim, uma formação mais ampla e profunda, mais técnica e ética do aluno nessa área de atuação.

Palavras-chave: supervisão, estágios, psicologia organizacional, trabalho.

ESTÁGIO EM GESTÃO DE PESSOAS: PRINCIPAIS DEMANDAS E NECESSIDADES ORGANIZACIONAIS. Luiz Fernando Bacchereti
Universidade Guarulhos

O presente trabalho teve por objetivo identificar as principais demandas e necessidades das organizações que participaram como campo de estágio do

Curso Psicologia da Universidade Guarulhos pelos alunos do estágio do núcleo básico em Gestão de Pessoas durante o segundo semestre de 2012 e o primeiro semestre de 2013. Este estágio tem por objetivo proporcionar aos alunos do curso de psicologia, a possibilidade de vivenciarem em um espaço empresarial/organizacional o papel do psicólogo junto às organizações de trabalho. Tais estágios foram realizados em organizações situadas na grande São Paulo, com ênfase no município de Guarulhos. Através de levantamento realizado, observou-se que durante este período participaram como campo de estágio trinta e quatro empresas/organizações de pequeno e médio porte distribuídas em vários seguimentos de atuação. O foco de intervenção envolveu as seguintes áreas de atividade do Psicólogo Organizacional e do Trabalho: cultura e clima organizacional, desenvolvimento organizacional, programas de integração e socialização, programas de comunicação interna, análise e descrição de cargos, desenvolvimento de equipes, atendimento ao cliente e programas de qualidade de vida do trabalhador. Os resultados obtidos indicaram que 32,35% das empresas/organizações apresentaram como demandas principais intervenções em cultura e clima organizacional, 17,65% em desenvolvimento de equipes, 17,65% em recrutamento e seleção de pessoal, 11,76% em desenvolvimento organizacional, 5,88% em programas de comunicação interna, 5,88% em programas de qualidade de vida, 2,94% em programas de integração e socialização, 2,94% em análise e descrição de cargos e 2,94% em atendimento ao cliente. Desta forma, é possível observar que as questões relacionadas à fixação dos valores e pressupostos organizacionais que determinam a sua cultura mostram-se como a principal necessidade das organizações estudadas, bem como a intervenção e manutenção de variáveis que contribuem para a sua fixação, ou seja, seu sistema de atratividade e o desenvolvimento de equipes como forma de manutenção da mesma, porém fatores como comunicação interna e qualidade de vida do trabalhador mostraram-se como demandas/necessidades secundárias e os processos de socialização organizacional, a análise das responsabilidades e atribuições do papel do colaborador e o atendimento ao cliente apresentaram-se como as demandas/necessidades menos determinantes de intervenção junto a esta amostra investigada.

Palavras-chave: Formação do psicólogo; psicologia organizacional e do trabalho; demandas e necessidades organizacionais.

CUIDANDO DA SAÚDE PSICOLÓGICA EM CONTEXTO ORGANIZACIONAL

SOUZA, Jaqueline Barbosa Leite; FREITAS, Francisca Clenilma da Rocha; SILVA, Geovana Maria da; ANDRADE, Milene dos Reis Lima de; SANTOS, Sonia Cristina De Almeida Santana (supervisora) Universidade Paulista – UNIP (Campus Rangel-Santos).

O presente trabalho relata a experiência de alunas do 5º ano do Curso de Psicologia, como palestrantes em uma empresa de Telecomunicações localizada na cidade de Santos-SP. A palestra intitulada “Aspectos psicológicos da gravidez, parto e puerpério e a importância do pai” fez parte do Projeto “Gestação Consciente”, promovido por esta empresa, e que conta com o apoio de outras áreas de atuação visando oferecer às futuras mães, um espaço de escuta e noções básicas sobre gestação saudável e os cuidados com recém-nascido. A palestra, realizada em forma de “roda de conversa”, atendeu a 31 gestantes, com idades entre 18 e 35 anos e abordou aspectos relacionados ao planejamento da gravidez; mudanças físicas, emocionais, sociais e profissionais vivenciadas; os papéis que a mulher representa em seu ciclo familiar e social; expectativas para o futuro; importância do acompanhamento médico pré e pós-natal; e importância do pai. Percebeu-se que, embora a maioria das gestantes não houvesse planejado a gravidez, estavam-na vivenciando com satisfação. Todavia, identificou-se algumas preocupações comuns: receio de não reaver a forma física anterior; a normalidade de sua hipersensibilidade emotiva; receio de não ser uma boa mãe, ou de que algo ruim ocorra durante o parto, impossibilitando-as de criarem seus filhos; e a ansiedade frente às diversas questões concomitantes ao término da licença maternidade. Compreende-se que houve mudanças em todos os campos relacionais destas gestantes, principalmente, acerca dos planos e expectativas para o futuro e a necessidade de adiar ou alterar alguns planos como, por exemplo, a realização de um curso superior; mudança e vivência e novos de papéis sociais, pois tornam-se, também, mães e esposas. Foi percebida relativa dificuldade em falar sobre o ambiente de trabalho e as mudanças que ocorrem em função da gestação, mas algumas relataram que

“gravidez não é doença”, pois sua gravidez não interfere em nada. Sobre a importância do cuidar-se e do pré-natal, as gestantes trocaram experiências sobre as consultas médicas e pareceram estar bem informadas quanto aos cuidados com sua saúde e a do bebê. Sobre a importância do pai, as gestantes mostraram-se satisfeitas com o apoio dos parceiros e falaram sobre a participação ativa deles no processo da gestação. Frente às discussões geradas e as demandas observadas, ficou a reflexão de como um psicólogo pode intervir de modo a proporcionar melhor qualidade de vida dentro de uma instituição com rígida cultura institucional. Como promover qualidade em saúde na gestação de mulheres que trabalham, considerando as mudanças físicas, sociais e emocionais que podem interferir em seu cotidiano? A palestra buscou ofertar possibilidades de diálogo e orientação às gestantes que, ao final, demonstraram, além da receptividade e interesse iniciais, possibilidade de reflexão e construção de um novo modelo de ser gestante e futura mãe, apropriando-se do espaço de escuta que lhes fora possibilitado, inclusive propondo o retorno das estagiárias à instituição com a elaboração de um projeto que abordasse “os aspectos psicológicos do desenvolvimento infantil até os três anos de idade”.

Palavras-chave: Saúde; contexto organizacional; gravidez.

CONHECENDO AS CAUSAS DO ABSENTEÍSMO NO TRABALHO EM UMA EMPRESA DE FUNDIÇÃO DO NORTE CATARINENSE. STOEVE, Denize Souza; PIMENTA, Diane; SEGALA, Janete; ZIMATH, Sofia Cieslak (supervisora). Universidade da Região de Joinville, Curso de Psicologia

Hoje as empresas, além de atenderem aos interesses de competitividade organizacional, produtividade e qualidade dos produtos e serviços oferecidos, também buscam ações para qualidade de vida no trabalho, através de práticas que valorizam os trabalhadores. Dentre estas práticas pode-se destacar a humanização do trabalho incluindo partilha de responsabilidade, autonomia, participação na gestão, nos resultados e no desenvolvimento pessoal. A ausência do colaborador ao ambiente de trabalho tem exigido das organizações, e de seus gestores, um olhar diferenciado para este tema complexo e difícil de gerenciar. O absenteísmo tem causas ligadas a vários

fatores, tais como questões sociais, de saúde, gestão de pessoas, entre outras. Seu efeito negativo na diminuição da produção reflete nos indicadores de qualidade e diretamente na economia, representados pela diminuição de produtividade e em problemas administrativos. Nesse sentido, a pesquisa realizada, no estágio obrigatório de Psicologia Organizacional e do Trabalho, teve como objetivo identificar as principais causas do absenteísmo e as ações que podem ser realizadas para o controle do mesmo em uma empresa de fundição da região norte de Santa Catarina. A amostra foi constituída de gestores, equipe de saúde e cerca de 10% dos colaboradores da empresa, sendo estes absenteístas ou não. A coleta de dados realizou-se através de entrevistas estruturadas, específicas para cada área pesquisada e, no caso dos colaboradores, também foi aplicada a Escala de Percepção de Suporte no Trabalho. A partir da análise de dados, constatou-se que para os profissionais da área de saúde existem dúvidas quanto aos atestados apresentados pelos colaboradores como motivo de falta. Já os colaboradores, em sua maioria, afirmaram que a causa do absenteísmo são as doenças e a desmotivação, e uma parcela menor, porém considerável, disse ser por motivos fúteis. Os gestores, por sua vez, citaram a dificuldade em conseguir o comprometimento da geração Y, sendo que alguns, inclusive, não veem solução para o controle das faltas. A prática mais utilizada por eles, no momento, é a conversa, e pela empresa é a FAI (Ficha de Avaliação Individual).

Palavras-chave: psicologia organizacional e do trabalho; absenteísmo; suporte no trabalho

A ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL, COMO ESTÁGIO EM PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL E DO TRABALHO. ALBERTO, Laura C.F. R. Universidade Anhembi Morumbi.

Tradicionalmente a Orientação Profissional - OP, inclusive chamada no passado de orientação vocacional, especialmente voltada a estudantes do Ensino Médio, têm sido admitida tratada e desenvolvida como atividade da clínica psicológica, ou como atividade de natureza educacional, desenvolvida nas escolas, por psicólogos ou professores/pedagogos. Este trabalho apresenta o estágio em Orientação Profissional, sob a ótica da Psicologia Organizacional e

do Trabalho - POT, supervisionado por professores especialistas nessa área. A OP é admitida como um processo que tem o objetivo final de facilitar uma boa relação do homem com o trabalho, seu objeto de estudo e intervenções. No momento em que o adolescente passa pela escolha de uma trajetória de vida ligada a uma ocupação, em que sua identidade profissional é desenhada, a noção de trabalho que marca sua passagem para a vida adulta está presente; pode-se dizer que, objetivamente, se inaugura aí. Os interesses, as emoções, as aptidões, os traços e personalidade, conteúdo da orientação, contrastado com as necessidades e valores da sociedade, associados a papéis e status profissional, e o mercado de trabalho, são, mais tarde, também determinantes para as reescolhas profissionais que o indivíduo faz ao longo de sua trajetória profissional, como sugere Rodolfo Bohoslavsky. As reescolhas acontecerão em cenários sociais e institucionais diversos, como crises que levam a perda de emprego ou necessidade de realocação em novas posições de profissionais, fases diferentes do desenvolvimento que levam a mudanças de objetivos – constituir e sustentar uma família, buscar realizações deixadas para trás, buscar novas opções de ocupações com a aposentadoria. O estágio em OP, sob o olhar da Psicologia do Trabalho, contribui, para o cliente do Serviço-Escola, a que parte através de uma visão ampliada do homem no contexto das instituições de trabalho, implicando a estrutura, a formação, o reconhecimento, as demandas sociais e corporativas, em confronto com os desejos, aptidões, interesse, valores do orientando. Por outro lado, a lente da POT, nos grupos de supervisão, contribui para uma melhor compreensão, pelos estagiários, das relações do homem com o trabalho em si e com as escolhas implicadas. Se ao longo da vida, essas questões se reapresentam, na adolescência elas se iniciam, momento em que a sociedade espera, da criança, um adulto capaz de trabalhar, de tomar conta e ser ator da própria vida. A crise representada pela escolha dos caminhos a seguir, resolve-se com a construção da identidade profissional, que será testada ao longo da vida. A discussão dessas demandas, nos grupos de supervisão, vai à essência da relação do homem com seu fazer, em busca de crescimento e felicidade, facilitando a análise e avaliação de ações práticas na gestão de pessoas. Como formação do psicólogo, o estágio em OP com a referência da POT permite um olhar mais próximo do sujeito que

vivencia e é submetido aos processos de gestão de pessoas e a prática de desenvolvimento profissional e de carreira.

Palavras-chave: orientação profissional, supervisão de estágios, psicologia do trabalho

CLIMA ORGANIZACIONAL EM FRIGORÍFICO. ANTONELLI, L.N. e KAWASHIMA, M.M.L. UNIP - Universidade Paulista

A presente prática de estágio foi realizada em um frigorífico do interior de São Paulo no período de Fevereiro/20013 a junho/2013 quando desenvolveu-se uma pesquisa de clima organizacional para o planejamento de intervenções. O clima organizacional é um fenômeno resultante da junção de diferentes tipos de culturas, normas, crenças e tecnologias resultantes dos níveis dos efeitos de cada um desses elementos culturais, valores, políticas, tradições, estilos gerenciais, comportamentos, expressões dos indivíduos envolvidos no processo e também resultante do conjunto de conhecimentos e processos operacionais da organização. A Pesquisa de Clima é uma das ferramentas que os funcionários têm para manifestar suas inquietações em relação ao trabalho, assim como exporem suas ideias, sugestões, críticas e promover mudanças dentro da empresa. É a partir dela que a empresa irá realizar melhorias e conseguirá atingir um alto grau de excelência. A pesquisa realizada teve como objetivo diagnosticar o clima organizacional a partir da percepção e opinião dos trabalhadores, analisar o ambiente de trabalho e as variáveis que o influenciam, positiva ou negativamente, além da satisfação dos colaboradores da organização em relação a diversos fatores, como ambiente de trabalho, comunicação, liderança, motivação, relacionamento interpessoal e outros, possibilitando a resolução dos problemas identificados, e também evidenciar a relação existente entre clima organizacional e contexto capacitante, para que possam representar, de fato, um diferencial competitivo para a organização. A mostra foi composta por 80 trabalhadores de uma equipe em atuação em 5 diferentes áreas da produção do frigorífico. O roteiro de entrevista foi elaborado pelos autores da pesquisa e contempla as seguintes categorias: aspectos institucionais, planejamento, liderança, salários, desenvolvimento, perspectiva

profissional, benefícios, relacionamento interpessoal, trabalho em equipe, condições de trabalho, autonomia, reconhecimento institucional, comunicação e significados do trabalho. A coleta de dados através um roteiro de entrevista individual semi-estruturado e aplicado anonimamente. A maioria dos trabalhadores identifica autonomia e percebe sua contribuição para empresa, possuindo compreensão em relação à função desenvolvida (índices mais baixos de insatisfação). Os resultados apontam a empresa bem posicionada no mercado, postura ética e excelente qualidade nos serviços. O índice de satisfação dos aspectos institucionais poderia ser melhorado a partir a introdução ou revisão do treinamento de integração assim os funcionários poderiam ter mais acesso aos objetivos, história, missão e valores da empresa. Outro valor significativo é quanto às condições de trabalho, já que 33% mostram-se poucos satisfeitos, principalmente em relação ao ambiente psicológico para execução do seu trabalho. A pesquisa de clima é uma ferramenta de diagnóstico organizacional que permitiu investigar características funcionais e não funcionais no trabalho nas diferentes categorias investigadas, demonstrando as percepções dos trabalhadores acerca de seu ambiente de trabalho e a necessidade de intervenção contexto organizacional.

Palavras-chave: clima organizacional; pesquisa; diagnóstico

✓ PSICOLOGIA SOCIAL E COMUNITÁRIA

TRABALHO COM GRUPOS. CAGNIN, Wlademir Luther Falcão; GASPARIN, Clarissa Silva (Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP).

O projeto com Grupos concebe o princípio de organização social, funcionando como recorte da sociedade, além de ser manejado como dispositivo para o Acolhimento. A grupalidade, portanto, apresenta-se como um meio para a ressignificação e coletivização das problemáticas, transformações significativas na vida dos indivíduos e construção e ampliação de redes afetivas. O processo de formação dos grupos começa desde o encaminhamento, passando pela Recepção. Também é caracterizado pela abertura, adquirindo novos membros constantemente. Ao mesmo tempo em que facilita o encaminhamento dos usuários, analisa seu funcionamento: diferenças, saídas alternativas, alterações, empecilhos. Além disso, outros dispositivos são utilizados, tais como técnicas de psicodrama, aquecimentos e relaxamentos. O trabalho realizado nos Grupos é pautado no paradigma Ético-Estético-Político e instrumentalizado pela Filosofia da Diferença. Assim, através do Método Cartográfico, é possível acompanhar e também produzir a movimentação dos processos grupais que estão em constante mutação, além de permitir a ação interventiva. Através desta perspectiva, é possível trabalhar a clínica como *Clinamem*, ou seja, um desvio dos processos de subjetivação cristalizados, uma despatologização da vida e a criação de novas linhas de fuga. Outra característica metodológica é a entrada de novos membros durante o tempo de funcionamento do grupo (em torno de 10 meses) até o limite de sua capacidade, que varia de 12 a 15 membros. Como técnicas de grupalização, é possível citar o Psicodrama e o Esquizodrama, ou seja, montagem de instalações, oficinas, tomadas de Teatro, aquecimentos e relaxamentos. Através destas características, amplia-se a adesão do plano grupal através da multiplicidade destas ferramentas que se adéquam dependendo do campo problemático abordado. Como resultado, é possível sinalizar a avaliação das problemáticas iniciais, através de uma análise qualitativa das relações terapêuticas, dos dispositivos inovadores e das mudanças em relação à

qualidade de vida dos implicados. As demandas grupais passam a ser então auto-geridas e qualificadas pelos integrantes, em uma sempre renovada avaliação de seus benefícios. O Acolhimento como diretriz institucional de promoção de espaços coletivos, o Contrato como instrumento de implicação, o foco na multiplicidade e diversidade das relações de que somos capazes, são alguns dos constructos teóricos que, redefinidos, passam a balizar fazeres inovadores e efetivos em Psicologia.

Palavras-chave: Grupos; Filosofia da Diferença.

TENDÊNCIA SUICIDA EM HOMICIDAS: UM PARALELO ENTRE A VEROSSIMILHANÇA E O VERÍDICO. SOARES, Thiago B. (Universidade Paulista) SOARES, Camila R. C. (Universidade Paulista)

O escritor francês Albert Camus diz em sua obra *O Mito de Sísifo* “Só há um problema filosófico verdadeiramente sério: o suicídio. Julgar se a vida merece ou não ser vivida, é responder a uma questão fundamental da filosofia”. Nos limites de uma elementar interpretação dessa passagem, impõe-se um problema que diz respeito à Psicologia, noutras palavras, as motivações de se deixar a vida voluntariamente. Haja vista, que o suicídio é uma das formas de lidar com o mundo desde tempos corridos, para o qual Émile Durkheim (2000) chama sociologicamente de *fato social*. Nessa tônica, a problemática de pesquisa gira em torno dos casos de suicídio devido homicídio cometido por parte dos próprios suicidas. O objetivo geral desta pesquisa é, desse modo, problematizar a relação entre suicídio, homicídio e as motivações do primeiro acontecer em decorrência do segundo. Para tanto, elege-se o tema suicídio, para o qual construiu-se um corpus, formado inicialmente por duas obras consagradas como clássicos da Literatura Universal, a saber, *O Estrangeiro* (Camus) e *Crime e Castigo* (Dostoiévsky), nas quais figuram protagonistas implicados em homicídio que passam parte de suas vidas cogitando o suicídio como alternativa aos seus sofrimentos originados pelo crime; e dois casos atuais brasileiros de homicídio seguido de suicídio reportados pela mídia nacional, um ocorrido em 2011 e outro no início do ano corrente. A investigação está em curso, sustentando-se em balizas da Psicologia e da Psicanálise, nomeadamente: Freud (2006 [1915]), para quem o suicídio é uma

tendência perigosa da *melancolia*;Erikson (1987) com o conceito denominado *Iniciativa versus Culpa*, para qual se tem que o arrependimento do homicídio é resolvido com uma fuga ou uma punição, qual seja, o suicídio. Deseja-se que a investigação possa colaborar com outras reflexões a respeito do tema, ajudando a entender um pouco mais a relação motivadora do homicida com o seu próprio suicídio, e buscar contribuições para se pensar em possibilidades de prevenção nesse tipo de caso, desse modo, produzindo um trabalho de temática com relevância científica e social, no sentido da compreensão dos fatores que levam ao suicídio os homicidas.

Palavras-chave: Suicídio; Motivação; Psicologia; Literatura.

SONHAR É REVIVER. VALINHO, Jaqueline Lopes; Pascutti, Daniela Forte; OLIVEIRA, Maria Mirtes Alves de Almeida; CARVALHO, João E Coin de. UNIP - Universidade Paulista

Envelhecer é um processo natural que caracteriza uma etapa da vida e se dá por mudanças físicas, psicológicas e sociais que acometem de forma particular cada indivíduo com sobrevida prolongada. É uma fase em que, ponderando sobre a própria existência, o indivíduo idoso avalia o que alcançou e as perdas sofridas, das quais a saúde destaca-se como um dos aspectos mais afetados. As Casas de Repouso deveriam representar, para muitos idosos, uma escolha voluntária que configuraria o permitir a troca permanente de afeto, experiências, ideias, sentimentos, conhecimentos, dúvidas, através do convívio com outros idosos e cuidadores. O objetivo deste trabalho foi mediar atividades grupais entre idosos institucionalizados, ações que proporcionassem o resgatar da identidade, de capacidades até então adormecidas, e promover a interação através de lembranças, histórias de vida, pensamentos e sentimentos. Como parte das atividades de estágio em Psicologia na área de Grupos e Comunidades (UNIP), o presente trabalho nomeado “Sonhar é reviver”, foi realizado no primeiro semestre de 2013 com idosos, de ambos os sexos, que residem em uma casa de repouso privada situada na Região Metropolitana de São Paulo. A ação foi conduzida através de dinâmicas de grupo, buscando-se refletir e discutir a partir das lembranças trazidas no momento da

atividade, proporcionando um espaço de encontro para a conversa e de escuta para os participantes, favorecendo os vínculos de amizade e a qualidade de vida entre os usuários da casa. Estes aspectos estiveram presentes na estimulação do falar, do recordar, do dar atenção, do trocar saberes, do reformular as lembranças e do aprender com o recordar do outro. As atividades foram oportunidade para manter os indivíduos engajados no grupo, considerando que a relação com outros idosos contribuiria de forma significativa para sua qualidade de vida. No curto período de tempo em que se realizou o estágio, conseguiu-se realizar oficinas com os idosos, mostrando que trabalhos em grupo são possíveis com esta população, demandando que a instituição esteja aberta para fomentar e receber atividades grupais a fim de proporcionar interação, envolvimento com o próximo e compartilhamento de histórias e afetos. Através das oficinas foi possível que os idosos reconhecessem que têm muitas coisas em comum, foi gerada uma maior aproximação entre eles, percebida nos relatos de afinidades, dores e dramas semelhantes. Perceberam que no mesmo lugar podem encontrar pessoas para partilhar suas experiências e suas dores, e que isso pode amenizar o sofrimento de estar confinado em uma instituição. Trabalhos com estas características são pistas para a construção de protocolos de ações voltados à inserção e ao combate à vulnerabilidade de idosos em consonância com as políticas públicas de assistência social.

Palavras-chave: idoso; dinâmica de grupo; memória; psicologia social, políticas públicas.

DE OFICINA DE POTENCIALIDADES. VASCONCELOS, Jussana Souza; ANDRADE, Milene dos Reis Lima; PEREIRA, Biancha Meneguim (orientadora) SECREAS – SEAS; BLIKSTEIN, Flávia (orientadora) Universidade Paulista/UNIP.

O projeto “Oficina de Potencialidades” foi elaborado após 6 meses de prática de estágio supervisionado no Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS). O CREAS é um equipamento da Secretaria de Assistência Social da Prefeitura Municipal de Santos/SP que oferece serviço especializado às famílias que sofrem ou sofreram violação em seus direitos ou

infringiram leis e normas estabelecidas pela sociedade. Os serviços do CREAS são divididos em dois setores: PAEFI – Proteção e Atendimento à Família e indivíduos, e MSE - Medidas Sócio-Educativas. O presente trabalho tem como público alvo os adolescentes que cometeram ato infracional e cumprem Medidas Sócio-Educativas. O objetivo do projeto é proporcionar, por meio de oficinas e atividades, o fortalecimento de vínculo entre os adolescentes e a equipe técnica da MSE – Medidas Sócio-Educativas, visando promover um novo olhar sobre o que são, bem como, colaborar para que suas potencialidades sejam desenvolvidas. As oficinas de criatividade acontecerão de acordo com a demanda apresentada pelos adolescentes. Desse modo a preparação das atividades acontecerá ao longo de cada encontro para que, assim, as demandas dos adolescentes possam ser identificadas e, a partir disso, possam ser desenvolvidas as atividades. A escolha por não definir atividades a priori nos parece fundamental. Faremos no primeiro encontro uma roda de conversa para definir, junto aos adolescentes a continuidade das próximas oficinas e atividades. Importante ressaltar que durante todo o processo faremos avaliações para verificar o curso das atividades propostas, analisando constantemente a integração entre objetivos, estratégias, propostas e resultados, estes por sua vez serão noticiados à instituição, a fim de manter a transparência do trabalho proposto. A relevância deste trabalho consiste em obter dados que interessem à instituição (CREAS), e que poderão ser usados como subsídios para futuros projetos de intervenção. Este trabalho possibilitará a liberdade de expressão dos adolescentes por meio das atividades, para que, dessa forma, sejam compreendidas suas necessidades e anseios, bem como produzir mudanças significativas em direção à transformação do presente. Acredita-se que se o sujeito tem um ambiente que favoreça com que ele use seu potencial, o mesmo desenvolverá suas potencialidades. Do contrário, se o ambiente encontra-se indiferente a investir nesse desenvolvimento, o sujeito permanecerá em suas vivências atuais, sem desenvolver suas habilidades e sem a possibilidade de ampliar sua visão de mundo e de si.

Palavras-chave: Adolescente; Medidas Sócio Educativas; Potencialidades.

RODA DE CONVERSA COM MULHERES RESIDENTES EM UM CENTRO DE ACOLHIDA ESPECIAL. NAGASAKO, Ilka Bethania Santiago; AGUIAR, Márcia Cristina de; CARVALHO, João Eduardo Coin de. (UNIVERSIDADE PAULISTA UNIP/São Paulo)

A partir da década de 60 a Psicologia Social eclodiu com a inserção do psicólogo em comunidades com população de baixa renda visando somar esforços e colaborar para tornar a Psicologia mais próxima da população menos privilegiada, o que tem sido feito na integração com as ações dentro das políticas públicas de assistência social. O objetivo deste trabalho foi proporcionar um espaço de escuta e fala através de plantões semanais em uma Roda de Conversa com mulheres residentes em um Centro de Acolhida Especial (CAE), tendo em vista propiciar reflexões para uma convivência mais participativa, valorizando a cooperação embasada na solidariedade e no respeito mútuo. Como parte das atividades de estágio da área de Grupos e Comunidades (Universidade Paulista), foram realizadas oito Rodas de Conversa, semanais, abertas e de participação espontânea, com mulheres residentes em um CAE localizado na região central de São Paulo, de modo a propiciar reflexões entre as participantes sobre questões comuns a todas. O que parecia um “papo informal” era na verdade uma ocasião para as moradoras pensarem, aprenderem umas com as outras e apreenderem a experiência de grupo. A ação consistia em provocar o encontro com uma pergunta instigante, uma história conhecida, um problema que levasse à criação de hipóteses, um assunto que demandasse opiniões, etc. Visando levá-las à autonomia e à consciência de serem protagonistas de suas vidas, trabalhamos o acolhimento, o cuidado e a associação das participantes, valorizando as oportunidades de convivência participativa e cooperativa alicerçadas na solidariedade e no respeito mútuo, visando contribuir no processo de formação da cidadania e de cidadãos de direitos. Considerando que havia algumas participantes em condições de consolidarem sua autonomia, foi trabalhada a possibilidade de desenvolver atividades com o objetivo de obter renda ainda morando na Instituição, de modo a poderem resgatar a autonomia financeira e partirem para um espaço próprio. Percebemos que o incentivo ao trabalho de estagiários na área de Psicologia Comunitária por parte de Universidades e ONGs pode contribuir para uma

maior percepção das necessidades dessa população, auxiliando em possíveis propostas que minimizem a vulnerabilidade e o sofrimento, proporcionando ainda aos estudantes de Psicologia em formação a capacitação técnica e política para agirem junto às políticas públicas de assistência social.

Palavras-chave: mulher; assistência social; institucionalização; vulnerabilidade; autonomia.

A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO PSICOLÓGICO E DINÂMICO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL. CAVALHEIRO, Geicy Fernanda. PAES, VaniraRosaine. SOUZA, Thais Santana Leite. Universidade Paulista – UNIP

O presente projeto busca mostrar a importância do trabalho psicológico e dinâmico com crianças em situação de acolhimento institucional, uma vez que se trata de crianças vulneráveis que passaram por situações de violência, negligência e/ou abandono. Santos (2010) ressalta a importância da assistência multiprofissional junto a este público, visto que a situação de violência contra a criança, bem como o abrigo geram consequências prejudiciais ao seu desenvolvimento biopsicossocial. Desta forma, segundo Coutinho e Sani (2010), julga-se importante perceber como as crianças acolhidas em casas abrigo constroem as suas representações do acolhimento e de que forma estas influenciam o seu funcionamento psicológico. O projeto tem como objetivo acompanhar as crianças no processo de acolhimento que estão vivenciando, através de atividades dinâmicas semanais, buscando assim, compreender sentimentos e perspectivas, expressos por elas através de tais atividades, além de proporcionar para as mesmas um momento de interação, orientação e discussão sobre assuntos diversos. O projeto é composto por atividades preparadas semanalmente envolvendo as crianças da instituição. Com as crianças menores são realizadas dinâmicas, com o objetivo de interação, descontração e de uma forma mais indireta a demonstração de suas angústias, medos e desejos. Com as crianças maiores e adolescentes, são trabalhados assuntos mais específicos como sexualidade, vícios, sonhos profissionais, medos, perdas e outros, também através de dinâmicas, além de

discussões e momento de escuta. As atividades com as crianças possui aproximadamente o período de uma hora e meia por semana. A atenção voltada para a criança e o adolescente, no intuito de se aproximar, conversar e compreender a mesma mostra grandes resultados, quando a criança ao criar um vínculo de confiança, procura-nos para conversar, sempre que sentir necessidade. Através da aproximação com as crianças e adolescentes, fazendo com que estes tenham um espaço para expressar seus sentimentos, angustias e objetivos de forma direta e indiretamente através de dinâmicas e discussões de assuntos específicos, acredita-se que o trabalho psicológico possibilita a compreensão sobre como as crianças e adolescentes estão construindo e desenvolvendo a situação de acolhimento pela qual estão passando, além das dificuldades que enfrentaram anteriormente e conseqüentemente auxiliar os mesmos a trabalharem as compreensões individuais de tais situações, da melhor forma.

Palavras-chave: psicologia, crianças, acolhimento, dinâmica.

PROJETO VIVA: CONSTRUINDO ATRAVÉS DE AÇÕES ASSIS, Rosemary, SANTOS, Adriely Fregato (orientador); MARTINS, Amanda Sartorelli - Universidade Paulista Campinas

A proposta deste trabalho é de relatar a experiência e resultados qualitativos de intervenção psicossocial realizada por alunos do 5º. ano do curso de psicologia , dentro do estágio intervenção psicossocial : grupos e comunidades. Esta experiência é vivida na “Casa da Sopa”, instituição fundada por uma moradora do bairro Jardim Paraíso de Viracopos, localizada em Campinas/SP, que compartilhava das mesmas dificuldades que todos da comunidade em que residia: a falta de recursos para suprir as necessidades básicas. No local são atendidas mais de vinte e cinco crianças e adolescentes da comunidade, dos seis aos dezesseis anos, que permanecem na instituição no horário inverso ao período escolar. O grupo participante deste projeto é composto por crianças e adolescentes com idades entre seis e treze anos de ambos os sexos, que frequentam a instituição no período da tarde. A partir de vários encontros foi feito um levantamento da demanda dos mesmos, emergindo a necessidade de respeitar as diferenças, o outro, os limites e responsabilidades que vai da

individualidade à grupalidade. Assim definiu-se como objetivo promover o bem-estar, cidadania, interação, provocar mudanças dos participantes inseridos Na comunidade em situação de vulnerabilidade social e, principalmente, colaborar para que o grupo pratique fora do contexto institucional o respeito mútuo e assimile as diferenças inerentes à convivência em comunidade. Foi utilizada metodologia qualitativa através de atividades lúdicas, discussões de filmes, assim como informações e reflexões dos temas relacionados ao levantamento. Nota-se que a partir das intervenções que vem sendo realizadas houve melhorado convívio entre o grupo, assim como repercutindo na própria instituição e fora dela. Destaca-se a importância do papel do psicólogo social que atua a partir dos seus conhecimentos teóricos e técnicos, dentro de uma visão psicossocial, utilizando e buscando articulação em rede para promover melhores condições para o indivíduo, contribuindo em melhoria de vida na sociedade e na comunidade.

Palavras-chave: Intervenção Psicossocial, Vulnerabilidade Social, Cidadania e Qualidade de Vida.

PROJETO QUEM RIMA VERSA E TAMBÉM SE EXPRESSA. SILVA, Alan Gomes da; CARNEIRO, Carlos Eduardo da Silva; SANTOS, Ana Claudia dos (supervisora) – Universidade Paulista

O presente projeto “Quem Rima Versa e Também se Expressa” trata-se do estágio de duração de um ano em Estratégias de Intervenção Psicológica da disciplina Grupos e Comunidades, iniciado no primeiro semestre de 2013, tendo como público alvo jovens frequentadores de uma Organização Não-Governamental, localizada na cidade de Embu das Artes, São Paulo. Foi proposto aos jovens atendidos pela instituição a produção de letras de músicas de variados estilos e poemas, promovendo uma discussão dessas produções e estilos musicais. Abriu-se um espaço para expressão de pensamentos, sentimentos e percepção do cotidiano, propiciando a criação de um ambiente onde haja trocas entre os integrantes, fortalecimento das relações grupais e reflexão sobre cidadania. O referencial teórico que embasou o estágio relaciona-se à Psicologia Crítica e Psicologia Social Comunitária. O objetivo do

trabalho foi fomentar a expressão de crianças e jovens utilizando a música ou poesia, materializada através da mensagem escrita ou verbal. Propor a utilização das redes sociais como receptor e transmissor da mensagem criada. Fomentar a capacidade criativa e de expressão de crianças e jovens, fortalecendo o desenvolvimento individual, as relações comunitárias e, portanto, a cidadania. Até aqui se realizaram sete encontros, aos sábados. O número de participantes variou conforme a ocasião da atividade, girando em torno de sete pessoas. Para fomentar as produções realizaram-se dinâmicas com os jovens, onde foi possível observar que as atividades proporcionaram uma via para manifestação e expressão dos adolescentes sobre seus pensamentos e sentimentos. Verificou-se também a importância de possibilitar aos jovens a chance de demonstrar seu potencial criativo e imaginativo, onde eles pudessem sentir serem os responsáveis pelas ações, mais do que pessoas assistidas pelo projeto. A postura adotada foi a da horizontalidade das relações, refutando um lugar diferenciado de saber, sendo esse o modo da participação dos estagiários nas atividades realizadas com os jovens. O reconhecimento, aceitação e adesão às atividades propostas foram reflexos dessa postura de elaboração conjunta que permitiu a apropriação daquele espaço por parte dos jovens. Através dos encontros desenvolveu-se uma página de comunidade em rede social como ferramenta de divulgação das criações dos jovens, sendo que, posteriormente, duas novas páginas pessoais dedicadas a composições foram criadas por participantes. Os jovens usuários do projeto é que o fazem existir, sem eles não teria sentido sua existência, foi esse o pensamento que norteou os encontros. Para propiciar estas ações, o profissional de psicologia social deve atentar-se às mudanças no cenário social, tendo em vista que os relacionamentos sociais tendem a mudanças rápidas influenciadas pela tecnologia e pela realidade socioeconômica do país. Compromisso com os jovens e sua história promove a importância do coletivo e da comunidade, sem nunca perder de vista como as ações que são realizadas pelo voluntariado e parceiros impactam a população e, para isto, é importante identificar se há caráter ideológico nas intenções, valores propagados e igualdade das relações obtidas desse trabalho. Importante também valorizar as singularidades sem nunca perder o foco no coletivo, fortalecendo as

relações comunitárias. Parece ser o objetivo final que surge como imenso desafio.

Palavras-chave: ação psicossocial; relações comunitárias; formação de grupo.

A EXPERIÊNCIA DO PLANTÃO COMUNITÁRIO NUMA COMUNIDADE DA ZONA NORTE DA CIDADE DE SÃO PAULO. ALVES, Josué Francisco; ALVES, Narriman; NUNES, Márcia; LOPES, Michele, PASCOAL, Cleide A.; CARVALHO, João Eduardo Coin de (Universidade Paulista, São Paulo)

A Psicologia Social, em sua vertente Latino Americana, encontrou na comunidade terreno propício para a realização de atividades que possibilitam a transformação social. Nesse meio, a figura do psicólogo se torna necessária uma vez que poderá, dentro de uma comunidade, exercer atividades de forma multi ou interdisciplinar, com Assistentes Sociais e outros profissionais, ação que permita ser possível o emergir na própria comunidade do cidadão de direito. Com o recente advento do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), e a inserção da Psicologia nesse Sistema, o psicólogo tem em mãos a oportunidade de refundar as práticas psicológicas em prol de uma população alijada do próprio destino e verificar possibilidades de ação em que o coletivo seja priorizado. O objetivo deste trabalho foi acompanhar pessoas em situação de vulnerabilidade social através de Plantões Comunitários semanais, proporcionando um espaço de escuta e fala, favorecendo reflexões sobre questões comuns à comunidade, sustentando a formação cidadã crítica e autônoma, fomentando a transformação social. O trabalho se deu a partir da participação espontânea dos moradores, convidados a participar dos Plantões na sede da União dos Moradores de uma comunidade na Zona Norte de São Paulo. Nos atendimentos feitos em grupo, todos são convidados e incentivados a participar e não há um tema definido de antemão. A efetiva realização do estágio dentro de uma comunidade requereu planejamento, inclusive logístico. Os trâmites foram facilitados pela presença da universidade com um programa já realizado ali desde 2004. A realização do trabalho contou com duas visitas técnicas à comunidade e onze encontros. No último encontro foi realizada uma confraternização com os participantes. Tivemos 34 participações, com média

de aproximadamente 3 participações por encontro. Houve a participação de 10 adultos diferentes. Embora o Plantão Comunitário nesta comunidade já se desenrole há alguns anos, nem por isso a atividade foi mais fácil de ser conduzida. Primeiro foi necessário o controle do temor em adentrar a comunidade, depois a apresentação às pessoas-chaves, os parceiros locais, e o conhecimento do lugar. Após a elaboração de um projeto, deu-se início às atividades. A entrada em contato com o público atendido foi feita gradativamente, primeiro junto aos parceiros e depois fazendo visitas às residências das pessoas para convidá-las a participar dos Plantões. Em paralelo ao trabalho realizado com os adultos, começaram a aparecer crianças, e os estagiários foram solicitados a estabelecer atividades específicas para as crianças com o atendimento dos adultos em Plantão. As dificuldades encontradas foram identificar a demanda, o distanciamento de práticas clínicas e a ausência do Estado. Concluímos que, como parte de um programa de médio e longo prazo, este trabalho deve ser compreendido como uma contribuição para que seja efetivamente possível fomentar a transformação social no seio da comunidade. Destaque-se a importância do trabalho em grupos pequenos e a sua continuidade, já que a sequência do trabalho, com o passar dos anos, é que torna possível a esperança pela associação e por mudanças significativas na comunidade.

Palavras-chave: Psicologia Comunitária, Comunidades, Plantão Comunitário, vulnerabilidade social.

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM PSICOLOGIA SOCIAL E COMUNITÁRIA - UMA REFLEXÃO ACERCA DAS PRÁTICAS DOMINANTES EM PSICOLOGIA. TOLEDO, Rodrigo – Universidade Ibirapuera

A proposta deste trabalho é apresentar uma breve reflexão sobre o Estágio Supervisionado Básico I - Intervenção Psicossocial realizado pelos alunos-estagiários do 4º e 5º semestres do curso de Psicologia, no Serviço-Escola da Universidade Ibirapuera. Vale destacar que o referido Estágio Supervisionado Básico I - Intervenção Psicossocial é a primeira atividade de cunho teórico-prático que os alunos do curso de Psicologia da Universidade Ibirapuera

realizam durante seu processo de formação. As atividades previstas nesse estágio têm como referência as discussões propostas por três disciplinas, são elas: Psicologia Social, Psicologia Comunitária e Psicologia Institucional. Para promover a reflexão do estágio utilizamos como suporte teórico as discussões propostas por Martín-Baró (1996), Gonçalves Filho (2007), Guzzo e Lacerda (2009) e Sawaia (2005). O Estágio Supervisionado Básico I - Intervenção Psicossocial se organiza da seguinte maneira: primeiramente pretende-se contextualizar a organização do cenário contemporâneo e as relações de submissão e desigualdade social, e no segundo momento os alunos são convidados a analisar o papel do psicólogo frente as demandas sociais. Após as etapas de discussão e fundamentação teórica, é proposto aos alunos que procurem movimentos sociais, organizações sindicais, associações de bairro, entre outras organizações que se comprometam socialmente ou que tenham como proposta a transformação social. Nossa proposta, com base no que se apresentou anteriormente, é encaminhar uma discussão acerca das práticas profissionais em Psicologia, que podem se configurar como um instrumento útil para a reprodução das estruturas injustas de nossos sistemas sociais, ou seja, pode servir como suporte científico das ideologias dominantes, das relações hierarquizadas de poder, e para a manipulação das maiorias pobres por uma minoria. (Martín-Baró, 1996). Após as etapas de diagnóstico e fundamentação do projeto de intervenção, é apresentada uma Proposta de Intervenção Psicossocial que esteja afinada com as ideias discutidas durante o processo de formatação do estágio. Uma das principais propostas do Estágio Supervisionado Básico I - Intervenção Psicossocial é reforçar nos alunos a ideia de que compete ao psicólogo ajudar o sujeito a encontrar caminhos para substituir hábitos violentos por hábitos mais racionais. Ainda que a definição de um projeto nacional autônomo não esteja em seu campo de competência, o psicólogo pode contribuir para a formação de uma identidade, pessoal e coletiva, que responda às exigências mais autênticas dos povos. (Martín-Baró, 1996).

Palavras-chave: Compromisso Social, Desigualdade Social, Ensino em Psicologia, Intervenção Psicossocial.

O DIÁLOGO COMO FORMA DE MUDANÇA SOCIAL NA VIVÊNCIA DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA. FERNANDES, Lucas; TORQUATO, Luciana; CUNHA, Denio Waldo - Universidade Paulista.

Para refletirmos sobre o contexto de pessoas em situação de rua, Castell (1998) define exclusão como um processo, onde os excluídos, até chegarem à situação que se encontram, passaram da integração à inutilidade social, e muitas vezes chegam num ponto em que o autor define como inexistência social. Por Freire (1987) podemos entender que a pessoa em situação de rua se vê como não portadora de direitos e sem identidade social. A modernidade e a tecnologia aumentaram as consequências negativas na estruturação social, acentuando a segregação de grupos de baixa renda e implicando condições de trabalho e circulação da moeda, assim o poder de compra acaba determinando quem está dentro ou fora da dinâmica dominante do sistema social, resultando em uma grande quantidade de “sobrantes”, indivíduos deslegitimados socialmente (COSTA, 2005). A autodesvalia é uma característica dessa população, que por diversas circunstâncias, exposta a situações vexatórias, humilhantes e degradantes, acaba por introjetar essa visão. De tanto ouvir que são incapazes e irrelevantes para a sociedade, começam a acreditar nessa incapacidade e se convencem de que não podem sair dessa situação. O objetivo deste trabalho é contribuir na reflexão dos conviventes sobre as semelhanças e diferenças em suas histórias de vida (pensar em possibilidades de rede e relação de troca). Por meio de observações participantes em um Centro de Convivência para pessoas em situação de rua da Grande São Paulo, foi possível perceber que em meio a tantos conviventes, dificilmente havia uma conversa prolongada ou um olhar singular para o outro. Tal percepção resultou em uma proposta de intervenção, visando contribuir na reflexão dos conviventes sobre as semelhanças e diferenças em suas histórias de vida. A atividade em grupo consistiu em dar “vida” a uma imagem humana recortada em cartolina, agregando características, objetos e personalidade, foram utilizados pinces atômicos, cartolinas, tesoura, fita adesiva e um painel. Na atividade tiveram a oportunidade de projetar suas semelhanças e diferenças, possibilitando um diálogo grupal que promovesse a integração entre os participantes, despertando possibilidade de trocas e sentimentos de

pertencimento. O Centro de Convivência pode ser potencializador de relações interpessoais e troca na comunidade. Porém o que se percebeu foi um contato superficial entre os conviventes, as relações se dão de forma individual e pontual, não existem vínculos. Foi possível perceber relações verticais em que os usuários do serviço são vistos como coitados e merecedores de assistencialismo. A maioria dos conviventes são homens que se percebem sem condições de prover sustento à família e preferem não permanecer junto à esposa e filhos, partem para a situação de rua. Ao se verem como não provedores também reforçam o sentimento de autodesvalia, não pertencimento e inautenticidade. Por meio das provocações presentes na intervenção os conviventes perceberam a possibilidade de diálogo como caminho para apropriar-se da rede de apoio que os cerca. O sentimento de pertencimento abre oportunidade de perceber os diferentes aspectos de suas vidas, contribuindo para uma forma mais autêntica de ser.

Palavras-chave: diálogo; vulnerabilidade social; rede de apoio; exclusão; Paulo Freire.

INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL EM UMA COMUNIDADE RIBEIRINHA DO VALE DO PARAÍBA PAULISTA. COELHO, Cristiane Aparecida; MENOCCI, Lauren Mariana (supervisora). UNIP - Universidade Paulista, São José dos Campos.

A presente proposta de estágio consiste em uma breve apresentação das principais ações desenvolvidas no primeiro semestre de 2013 junto a uma comunidade ribeirinha na cidade de São José dos Campos – SP. O principal objetivo dessa primeira etapa das atividades de estágio na modalidade “Grupos e Comunidades” foi o levantamento de demandas psicossociais, para o planejamento e implementação de ações críticas para a promoção de saúde, autonomia e cidadania junto a indivíduos e grupos em contextos comunitários e institucionais. Para o início da intervenção comunitária, foi necessário contextualizar a comunidade a partir da realização de um levantamento das necessidades daquele grupo, tais como o seu espaço físico, a sua história, sua cultura e costumes, as características sócio-demográficas dos seus moradores, acesso a equipamentos sociais e políticas públicas, bem como os interesses da

própria comunidade e as suas sugestões para criação de espaços de discussão e trocas sociais. Foram utilizados em todo o processo: entrevistas com os moradores tanto de forma individual e grupal, como também análise histórica e documental através dos registros históricos da comunidade passados por seus moradores e líderes; registros estáticos com bases em estudos realizados na comunidade, além dos registros geográficos, físicos e materiais da comunidade obtidos através de visitas pelo local e participação nas atividades culturais e folclóricas desenvolvidas pela comunidade. As observações e informações levantadas junto aos moradores da comunidade indicaram demandas psicossociais diversas, especialmente relacionadas à necessidade de organização política e formação de lideranças comunitárias para a manutenção da área e das habitações dos ribeirinhos, como também de seus costumes e tradições. As informações obtidas junto aos moradores mais jovens e adolescentes indicaram a necessidade de discutir novos projetos de vida em um momento em que as possibilidades de trabalho relacionadas ao rio tornam-se cada vez mais escassas. Para tanto, no segundo semestre letivo, serão realizadas atividades através da formação de grupos de reflexão e ação de diferentes faixas etárias na comunidade.

Palavras-chave: Psicologia Social e Comunitária, Intervenção psicossocial, Análise de Necessidades.

INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL – UMA PARCERIA COM O PROGRAMA ESCOLA DA FAMÍLIA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA. PEDROSO, E. M.; ASSIS, R. (orientadora) – Universidade Paulista.

O Programa Escola da Família foi criado pela Secretaria de Estado da Educação do Estado de São Paulo, proporcionando a abertura de escolas aos finais de semana, com o objetivo de criar uma cultura de paz, despertar potencialidades e ampliar os horizontes culturais de seus participantes. Composto de uma equipe multidisciplinar, o programa oferece às comunidades paulistas atividades que possam contribuir para a inclusão social, tendo como foco o respeito à pluralidade e a uma política de prevenção que promova uma qualidade de vida, cada vez melhor. Em diversas regiões do Estado, as escolas públicas constituem o principal ou, muitas vezes, o único

equipamento público, especialmente nas localidades em que há pouca ou nenhuma opção de lazer e cultura. Com responsabilidade, a comunidade apropria-se desses espaços, agregando no seu cotidiano, valores essenciais para a edificação de uma cultura participativa. Neste trabalho apresentamos uma proposta de intervenção psicossocial como uma das possibilidades dentro do programa, o objetivo foi atender os pais da comunidade promovendo a cidadania, o empoderamento e autonomia, contribuindo no desenvolvimento individual e coletivo, nas questões sociais e comunitárias mais emergentes para aquela coletividade. Dentro deste enfoque, realizamos grupos de encontros entre pais da Escola Estadual Castorina Cavalheiro em Campinas-SP, para promover um espaço para discussão de temas cotidianos. Foram realizados encontros semanais, através de grupos abertos. Nestes encontros, os pais trouxeram suas demandas relacionadas ao cotidiano da escola e da família, sendo submetidas ao grupo, de forma que o próprio grupo deu conta de tratá-las. Sempre havendo mediação e fechamento dos temas por parte dos estagiários, foram sugeridas reflexões direcionadas. Um dos principais objetivos da intervenção psicossocial no programa é oferecer condições de que os participantes compreendam a proposta, e com isso, se apropriem do espaço para intervir junto sua realidade. A partir das discussões realizadas, observamos a carência da comunidade em discutir temas relativos à sociedade e a importância de ter um espaço onde possam compartilhar aspectos de relevância social. Percepção essa, que sugere uma sociedade no geral desapropriada de seus direitos de pensar e intervir no contexto psicossocial não exercendo seu papel ativo na construção e significação da sociedade, deixando essa função a cargo exclusivo do poder público. Consideramos que é necessário que o indivíduo tome consciência de seus direitos, o que hoje se apresenta como uma tarefa difícil diante de uma sociedade desprovida de cidadania. Nesse sentido, a Psicologia Social tem a tarefa de subsidiar a população a ressignificar seu papel social e oferecer condições do indivíduo intervir nessa realidade, fazendo com que se aproprie de seu papel de agente ativo do contexto social. As dificuldades de criar interesse da população em participar de espaços como este, demonstram o quanto é difícil a prática do profissional de psicologia no contexto social-comunitário, pois não existem

métodos e técnicas padronizados de intervenção. Promover empoderamento nas atuais circunstâncias sociais se apresenta como um desafio, entretanto, a prática da psicologia social não deve esmorecer diante das dificuldades, pois mesmo que em menor escala, os avanços tem-se demonstrado promissores.

Palavras-chave: Intervenção Psicossocial; Programa Escola da Família; Cidadania; Autonomia; Empoderamento.

GRUPO DE USUÁRIOS DO CENTRO DE ACOLHIDA PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA. BASSI, M.A; FERREIRA, M.E.M; GUEIROS, J.S; CUNHA, D.W. (supervisor) - Universidade Paulista.

O objetivo deste trabalho foi o de promover um espaço de reflexão aos Usuários do Centro de Acolhida Barra Funda II, a partir da narrativa de suas experiências dentro de uma perspectiva fenomenológica. A Instituição que sofreu a intervenção abriga homens em situação de rua e tem como objetivo, fornecer a esta população, abrigo temporário, comida, roupa limpa, kit de higiene pessoal, banho e pernoite e facilitar o acesso a serviços essenciais de saúde. A primeira etapa foi desenvolvida através da observação participante, este é um método de investigação social em que o observador partilha das atividades com o grupo, tendo assim a oportunidade de observar e partilhar das atividades, ocasiões, interesses e afetos valorizando a interação, a troca e a inserção dos estagiários com os envolvidos, bem como conhecer a instituição, seus serviços e usuários. Levando em consideração a relação dialética e transformadora. Foi possível perceber que o grupo era formado por pessoas que precisam ser fortalecidas quanto à conscientização de seus direitos, para que assim pudessem ir à busca de sua emancipação, tendo o diálogo como ferramenta de reflexão. Entendendo que a forma de sentir, pensar e agir do homem no mundo e como se relaciona frente a este mundo vai se construindo de acordo com as suas histórias de vida e com as condições físicas e materiais. Nos relatos trazidos pelo grupo, nos era mostrada uma trajetória de vida que acabava levando-os para as ruas, e sempre parecia vir acompanhada de uma sequência de fracassos pessoais e desamparo das políticas públicas. A segunda etapa foi de intervenção, na qual o objetivo era promover com o

grupo uma reflexão a cerca do Tema: "O que deixei de cuidar na minha vida?" que consistia em formar uma roda de conversa onde estaria disponível uma caixa lúdica com objetos que ajudariam nesse processo (carteira de trabalho, mamadeira, chapéu, bola, fotografias, bonecos, jogos, livros religiosos, entre outros). Nestes encontros e através dos discursos que emergiram foi possível criar um espaço conversacional que procurasse contribuir para a promoção de um diálogo mais autêntico. Foi possível perceber o importante papel dos encontros no sentido de promoção do empoderamento a partir da aproximação do pensado e do vivido. Compreendemos então que o indivíduo em situação de rua e que passa por acolhimento institucional, passa a encontrar novas formas de significar a vida e se relacionar com o contexto vivenciado, apesar de em sua maioria lidar com formas da violência e segregação. Como nos diz Paulo Freire (1987), o oprimido que é dono de uma dor que não interessa para ninguém, este se sente indigno de contar para outrem sua história, o sentido de sua angústia. Mas pudemos perceber diante deste trabalho o quanto o ser pode vir-a-ser, entramos em contato com pessoas que estavam fechadas para o mundo e ao estar conosco pediam para falar, pediam por atenção, pediam por compreensão. Neste momento elas estavam se abrindo para novas possibilidades, encontrando no apoio e diálogo novas formas de poder vir-a-ser.

Palavras-chave: fenomenologia, grupos, centro de acolhida.

PROJETO ANIMUS, A ARTE COMO INSTRUMENTO PSICOSSOCIAL.
SILVA, Evandro José Pires da; GODOY, Juliana Diniz. (Universidade Paulista – UNIP)

O trabalho comunitário em psicologia atua através da conscientização do sujeito para que este se aproprie progressivamente de sua própria história, percebendo seu papel como agente transformador na busca de soluções para as problemáticas enfrentadas no seu cotidiano. Para isso elabora metodologias e estratégias de atuação que possam identificar os recursos e potenciais desse sujeito, na sua individualidade e em grupo, favorecendo a integração entre o crescimento pessoal e o desenvolvimento comunitário. Atividades realizadas no

contexto das artes proporcionam tanto um prazer estético quanto um desafio intelectual, através do qual o adolescente utiliza seus esquemas cognitivos para estruturar a realidade objetiva, desenvolvendo a espontaneidade, liberdade e habilidades pessoais, internalizando, assim, esses mecanismos. O Projeto Animus intenciona realizar uma ação psicossocial, proporcionando um espaço onde o adolescente possa discutir e compreender o seu papel dentro de sua comunidade. Para isso serão realizadas atividades que utilizam das seguintes expressões artísticas: teatro, música, poesia, pintura, escultura e dança; como um meio para desenvolver um novo olhar para a realidade do jovem e contribuir para a construção de sua autonomia, identidade e a significação ou ressignificação de valores. Nessas atividades, a poesia tem o propósito de trabalhar a subjetividade do sujeito, seus valores e anseios; a confecção de uma escultura proporcionará um momento de conscientização da construção do próprio sujeito quanto indivíduo num mundo de possibilidades; a música vai trabalhar as relações desse sujeito no mundo, reconhecendo suas afinidades e seus potenciais; a pintura, quando observada pelo sujeito, está relacionada com sua visão de mundo e, quando criada por ele, se caracteriza pela projeção; a dança incita novos movimentos, o desprendimento, a expansão, leva o sujeito a se permitir para o descobrimento do novo; e o teatro, além de poder trabalhar a união de todas as outras artes, proporciona o desenvolvimento da criatividade e a criação de estratégias para o sujeito tornar-se autor e ator de sua vida com mais autonomia.

Palavras-chave: arte; psicossocial; autonomia; desenvolvimento; adolescente.

CIÊNCIA E RELIGIÃO: O ESTUDANTE DE PSICOLOGIA DIANTE DO FENÔMENO RELIGIOSO – PROJETO DE PESQUISA EM FASE DE ELABORAÇÃO A SER DESENVOLVIDO COMO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO PARA GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA. CIFALI, E.A.D., OLIVEIRA, R.M., ROCHA, J.V.A., MELO, M.P.R.A. (Orientadora) – Universidade Paulista.

O presente Projeto de Pesquisa tem por objetivo investigar a relação entre as experiências religiosa e acadêmica, em estudantes ingressantes e concluintes do curso de graduação em Psicologia em uma instituição de ensino superior da

cidade de Campinas. Nortearão a pesquisa os seguintes objetivos específicos: pesquisar a influência da religião junto aos estudantes de graduação de Psicologia; levantar dados sobre a experiência religiosa e acadêmica; verificar a influência da experiência religiosa na escolha do curso de formação em Psicologia; investigar se existe interferência do curso de Psicologia na experiência religiosa dos estudantes e verificar, a partir dos sujeitos da pesquisa, a existência do discurso religioso na universidade. Elegeu-se a abordagem quanti-qualitativa por tratar-se de uma pesquisa exploratório-descritiva que pretende investigar a relação entre as experiências religiosa e acadêmica em estudantes do curso de Psicologia, com base no referencial teórico desenvolvido. Os sujeitos que irão compor a amostra serão alunos ingressantes e concluintes do curso de graduação que consentirem espontaneamente em participar da pesquisa que pretende ser realizada na Universidade Paulista – UNIP, Campus Swift. Quanto à técnica de coleta de dados, será aplicado questionário semi-estruturado em alunos ingressantes e concluintes, do período noturno, do curso de Psicologia, com questões abertas e fechadas sobre a experiência religiosa e vida acadêmica, cujo foco visa explorar a experiência religiosa dos sujeitos e sua relação com a formação em Psicologia. Por tratar-se de um Projeto de Pesquisa, este será submetido à aprovação do CEP - Comitê de Ética em Pesquisa da UNIP e estará respaldado pelos seguintes documentos: Termo Institucional, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de acordo com a Resolução 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde, que normatiza pesquisas com seres humanos (BRASIL, 1996) e devidas Cartas de Apresentação. Depois da aplicação dos questionários, os dados coletados serão tabulados, selecionados e analisados. O projeto será realizado sem financiamento e o tempo estimado para sua conclusão é de dez meses, sendo que a equipe de pesquisadores procederá equanimemente a divisão das tarefas de forma a cumprir as etapas do cronograma. A necessidade de estudos sobre este tema surge em função do grande interesse da população universitária e do público em geral, como também, tem merecido a atenção dos pesquisadores, temas como a posição do psicólogo clínico frente à religião dos pacientes (Ancona-Lopez, 2004, 2005) possibilitando a este, dentro do caráter laico da Psicologia, uma abertura à

opção religiosa dos pacientes e reconhecimento da necessidade de um posicionamento deste profissional em relação a esta matéria, razões pelas quais, acredita-se na relevância desta pesquisa.

Palavras-chave: Ciência, Religião, Psicologia

A RODA DE CONVERSA COMO POSSIBILIDADE DE REFLEXÃO SOBRE SAÚDE, GÊNERO E EXCLUSÃO. CAMARGO Raquel de; CARVALHO João Eduardo Coin de (Universidade Paulista).

Pesquisas recentes abrangendo os temas maternidade, parto e amamentação, atentam para a violência institucional naturalizada nas maternidades, tratando a mulher como objeto de intervenção profissional e não como sujeito autônomo. Do mesmo modo há uma cultura de enfraquecimento da capacidade da mulher como nutriz, desmerecendo os potenciais de saúde que o leite materno oferece, e a mulher não encontra um espaço de informações e de incentivo ao fortalecimento da sua capacidade de nutrir, e se vê solitária e com poucos recursos para insistir na amamentação. No contexto do trabalho comunitário, a Psicologia deve se ocupar de práticas com potencial transformador, compreendendo o indivíduo como sujeito histórico e ator social, buscando o fortalecimento da legitimidade social individual e do grupo, a emancipação social e a autonomia. Como parte das atividades do Estágio em Grupos e Comunidades (UNIP), foi realizado um trabalho de atendimento psicossocial através de Rodas de Conversas com temas concernentes à gestação, parto e amamentação junto a gestantes, mães de bebês e seus companheiros ou familiares, na sala de espera da consulta de pré-natal de uma Unidade Básica de Saúde (UBS) na região metropolitana de São Paulo. Os encontros se deram semanalmente, com duas horas de duração, entre Abril e Junho de 2013. O trabalho resultou em sete encontros, com a participação de 23 usuários, cujos temas recorrentes foram vulnerabilidade social, dificuldades na amamentação, importância do apoio do companheiro no parto e pós-parto, medos do parto e dos procedimentos médicos no trabalho de parto. Quanto à importância do acompanhante no trabalho de parto, este engendrou a reflexão sobre o direito da mulher e dos benefícios de contar com a presença de alguém de sua

confiança para tranquilizá-la, promovendo o parto normal e diminuindo a incidência da violência institucional. Sobre a amamentação foram frequentes os relatos de falta de orientação durante o pré-natal e na maternidade em que aconteceu o parto. As puérperas apontaram o sofrimento com as fissuras nos seios, dificuldade de posicionar o bebê e dúvidas quanto à própria capacidade de nutri-lo. Finalmente, durante os encontros os participantes se referiram a violência na assistência à parturiente, principalmente a verbal. Tendo em vista que a condição econômica e de escolaridade interferem diretamente no tratamento dispensado à mulher, os depoimentos apontam para um atendimento que desconsidera a autonomia da mulher e a singularidade deste momento. A proposta de trabalho com grupos se mostrou coerente com a necessidade de promover o encontro e a discussão, promovendo o diálogo sobre as dúvidas e receios, permitindo que dados importantes da demanda das usuárias fossem colhidos, para posteriormente serem utilizados pela equipe da UBS. Considerando tais facetas da exclusão e seus impactos na vida de cada mulher, o trabalho incentivou a reflexão acerca desses temas, contribuindo para o empoderamento e defesa dos direitos das mulheres, promovendo seu protagonismo. A prática da Psicologia Social enquanto potência de ação tornou-se coerente nesse contexto, alimentando encontros e fortalecendo indivíduos e grupos para o embate pelos seus direitos e pela superação da exclusão social.

Palavras-chave: gravidez, maternidade, puerpério, saúde pública, violência de gênero.

PROJETO É NÓIS – APRENDIZADO E PRÁTICA PROFISSIONAL EM ESTÁGIO DE GRUPOS E COMUNIDADES. BONON, Cláudia Regina Mazzocato; GELERNTER, Claudia Mandato; KHATER, Eduardo (supervisor). Universidade Paulista.

Estágio realizado com nove adolescentes entre doze e dezesseis anos de ambos os sexos, em uma instituição na cidade de Campinas onde são desenvolvidas atividades de dança, teatro, informática e ações visando a criação de regras para convivência em grupo: cooperação, respeito e responsabilidade nas decisões. Inicialmente passamos por um período de

observação das atividades desenvolvidas com crianças e adolescentes, como forma de interação com todos. Em seguida construímos o projeto com a colaboração e participação dos adolescentes, através de sugestão de temas, além do nome escolhido pelos adolescentes: “É nós”, por representar a maneira peculiar da linguagem dos integrantes do grupo. Foram realizados treze encontros de Maio a Novembro de 2012, com a utilização de recursos artísticos, para o desenvolvimento dos temas: representações familiares e do futuro, sentimentos, fases do desenvolvimento, concepção, primeira e segunda infância, adolescência: gravidez e drogas, decisões, vida adulta, velhice, morte e oficina de “cup-cake”. Nosso objetivo foi o reconhecimento e ressignificação do vivido, com reflexão sobre as possibilidades futuras, desvelando sonhos e fantasias, bem como projetos passíveis de realização. O relato das próprias vivências propiciou o compartilhamento de experiências, a busca de novas possibilidades a serem exploradas na vida de cada um. As atividades foram desenvolvidas em grupo, semanalmente no período vespertino, com duração de uma hora e meia, divididas em três etapas: aplicação da atividade específica baseada no tema explorado; discussão sobre as percepções de todos relativas ao trabalho desenvolvido; finalização com esclarecimentos para o próximo encontro. Utilizamos os seguintes recursos artísticos: músicas, filmes, desenhos, esculturas, dinâmicas de grupo, de comunicação através da linguagem com discussões abertas sobre diversos assuntos e situações, leitura e interpretação de histórias, a escrita de textos contemplando a percepção dos jovens acerca do conteúdo explorado. Consideramos que os treze encontros realizados se as atividades desenvolvidas, permitiram o reconhecimento e ressignificação das fases da vida, uma reflexão das vivências em suas famílias e comunidades, além da expressão de suas opiniões e sentimentos. Esse estágio possibilitou a ampliação e apreensão de habilidades para além do campo das teorias e práticas, embora esses conhecimentos de em suporte e segurança para o aprendiz. Essas habilidades relacionam-se às questões institucionais, que exigem a habilidade de lidar com o imprevisto, com a mudança de roteiro ou cronograma estabelecido, com situações inusitadas que atravessam a vida dos usuários, com decisões administrativas tomadas de forma unilateral. Tais situações envolvem e afetam a todos, exigindo do

estagiário uma reflexão sobre a situação e os sujeitos envolvidos, de modo que suas intervenções tenham como foco as demandas apresentadas, e uma flexibilidade para o acolhimento do imprevisto. Para tanto ressaltamos a importância da supervisão, na qual a experiência do profissional acolhe e orienta sobre as questões enfrentadas; além disso, o compartilhamento com os demais estagiários permite a troca de experiências e busca de possibilidades de atuação.

Palavras-chave: adolescente; instituição; recursos artísticos; aprendizado.

A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA COM CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL CHINCHIO, J.; COSTA, G. A. F.; KHATER, E. Universidade Paulista – UNIP.

Este trabalho tem como objetivo relatar as atividades desenvolvidas no projeto do estágio da disciplina de Grupos e Comunidades, do 5º ano de Psicologia da UNIP de Campinas. Trata-se de um projeto aplicado semanalmente com dois grupos de crianças de 7 a 14 anos, que frequentam uma instituição de atenção psicossocial na cidade de Campinas no contraturno escolar. Durante as atividades realizadas tivemos a possibilidade observar as vulnerabilidades a que estão expostas as crianças atendidas, bem como pudemos de vivenciar um campo de estágio voltado para questões sociais. O trabalho tem como referencial teórico a psicologia institucional (BLEGER 2004) como uma forma de intervenção psicológica, a partir de uma postura permanentemente investigadora, que instrumenta e viabiliza a atuação do profissional dentro da instituição. No primeiro semestre de 2013, foram realizados 15 encontros de observação e o levantamento das demandas das crianças e da instituição. Desta forma, foram definidos como objetivos do projeto: a necessidade de trabalhar e refletir aspectos como a comunicação, respeito mútuo, auto-conhecimento, interação e agressividade. Para tanto, são utilizados recursos lúdicos tais como jogos, desenhos, brincadeiras e rodas de conversa. Esta metodologia tem se mostrado eficaz para avaliação das crianças e obtenção dos objetivos propostos, pois através destes recursos tem sido possível observar a internalização de regras e papéis sociais, que são por sua vez facilitadores do desenvolvimento não só das funções psicológicas, mas

também contribui para seu desenvolvimento físico e intelectual. Espera-se que este estágio possibilite as crianças a vivência de um espaço de acolhimento escuta e reflexão, onde as vulnerabilidades apresentadas possam ser compartilhadas e trabalhadas em grupo.

Palavras-chave: Instituição; Crianças/Adolescentes; Psicologia social.

A EXPERIÊNCIA DE DINÂMICA DE OFICINA COM ADICTOS EM PROCESSO DE RECUPERAÇÃO EM UMA COMUNIDADE TERAPÊUTICA NA REGIÃO NORTE DE SÃO PAULO. TRINDADE, Erica Gomes; QUEIROZ, Vivian Aparecida; CARVALHO, João Eduardo Coin de. Universidade Paulista

A atuação do psicólogo na área da Assistência Social visa o acolhimento diante da história de vida dos participantes e principalmente conscientizá-los que são pessoas de direitos. Sua contribuição está em torno de resgatar vínculos em meio a relações de dominação. Compreende-se como relação de dominação aquela nas quais há desapropriação de um direito e a instituição de um tratamento desigual. Essa relação de dominação origina-se através da ideologia como método para sustentar as relações assimétricas, ou seja, a desigualdade e injustiça diante da sociedade. Ao considerar essa questão ideológica, compreendemos a importância do psicólogo no processo de desmistificar essa relação assimétrica, promovendo a autonomia, como cidadãos de direitos e principalmente uma sociedade menos excludente. Essa relação de dominação precisa ser contextualizada a partir do que é proposto pela Política Nacional de Assistência Social como mudança de paradigma com a participação do psicólogo e do serviço social na construção das relações igualitárias que podem ser compreendidas como sujeitos de direitos e deveres e que as diferenças sejam respeitadas. O presente estudo buscou através da prática da Oficina de Dinâmica de Grupo realizada em uma Comunidade Terapêutica, favorecer um espaço de acolhimento e escuta a partir da problemática vivenciado por cada sujeito. O trabalho se deu a partir da participação das moradoras da casa, convidadas a participar dos encontros com estagiárias de psicologia, realizados em um parque público próximo à casa. Nos encontros feitos em grupo, todas foram convidadas a realizar

atividades e debater sobre os temas propostos. A realização do trabalho contou com uma visita técnica à casa e sete encontros, realizados semanalmente no primeiro semestre de 2013. Em cada encontro, o grupo teve de 5 a 8 participantes. Concluímos que através das intervenções propostas nos encontros foi possível desenvolver a relação comunitária utilizando o caráter lúdico, o que proporcionou novos conhecimentos sobre os temas propostos. Ficou evidenciado que, através dos encontros, os vínculos, relações e aprendizados foram desenvolvidos por todos os envolvidos e proporcionaram ao grupo a capacidade de se relacionar em grupo, se expressar publicamente e manejar a comunicação.

Palavras-Chaves: Psicologia Social, Assistência Social, Comunidade Terapêutica

✓ SERVIÇOS ESCOLA DE PSICOLOGIA

SERVIÇO ESCOLA DA UNIVERSIDADE PAULISTA CAMPINAS: LEVANTAMENTO PRELIMINAR DE ALGUMAS CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICOS DA POPULAÇÃO ATENDIDA. PATUTTI, Cicera Andréa Oliveira Brito; SARDELLI, Lionela Ravera; MELO, Maria da Piedade Romero Araujo; CIRIANO, Regina Célia - Universidade Paulista/UNIP.

Os serviços escola atualmente representam um novo enfoque de atenção à população no Brasil. Sua existência atende a objetivos multifacetados: trata-se de “ambientes apropriados para a formação profissional e para a consolidação das competências propostas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Psicologia” (CFP/2010). Também buscam atender de forma eficaz a comunidade que os procura, onde profissionais e estagiários são chamados a desempenhar vários e conflitantes papéis simultaneamente: de alunos, de estagiários, de professores, de supervisores, de pesquisadores e de psicólogos clínicos (ANCONA-LOPEZ, M. 1995). Nesse sentido, conhecer as características da população que busca uma clínica-escola constitui-se em um ponto de partida para o conhecimento e produção científica na área de psicologia. Desta forma, o objetivo deste trabalho é o de apresentar dados preliminares de levantamento sociodemográfico da população atendida na clínica escola do Centro de Psicologia Aplicada da UNIP-Campinas. Os resultados revelam que de 1999 a 2012, 10.590 registros foram realizados, sendo que no ano de 1999, início dos trabalhos oferecidos por esse serviço escola, ocorreram 383 atendimentos e, em contrapartida, no ano de 2006 encontraram-se 1.025 registros, destacando-se como o maior índice no intervalo de um ano. Para o levantamento sociodemográfico foram considerados os registros a partir de 2005, que conta com 6.771 (64%) prontuários, destacando-se 2.229 (33%) atendimentos à população masculina e 3.523 (52%) para a feminina, enquanto 1.019 (15%) estão distribuídos entre diversos atendimentos institucionais. Considerando ainda a classificação por faixa etária, nota-se que a faixa compreendida entre 20 a 59 anos é a que mais se destaca tanto para feminino como para masculino, sendo 1866 (53%) e 704

(32%), respectivamente. Observou-se que 3.033 (44%) dos atendimentos iniciaram-se pelo Plantão Psicológico, seguido do Psicodiagnóstico com 760 (11%) atendimentos. Estes resultados parciais revelam a importância do serviço assistencial e institucional, desde sua fundação até o momento, e apontam para a diversidade de possibilidades e para a riqueza de dados que a clínica escola pode oferecer, sendo um campo rico para pesquisas quantitativas e qualitativas nessa área.

Palavras-Chave: serviço escola de psicologia; clínica psicológica; pesquisa sócio-demográfica.

CARACTERIZAÇÃO DA DEMANDA DE ATENDIMENTO DA CLÍNICA-ESCOLA UNIP ARAÇATUBA, NO ANO DE 2012 BERNARDES DA ROSA, Luciana de Toledo; MARTINEZ, Chaielen Barboza Marchioli; IVAE, Thiago Makoto; PANTALEÃO, Simone Macedo - Universidade Paulista.

Alguns autores entre eles Ancona-Lopez (1981), Romaro e Capitão (2003), Melo e Perfeito (2006), através de estudos sobre a caracterização de populações atendidas em clínica-escola, bem como analisando os serviços oferecidos por estas clínicas, vêm levantando questionamentos importantes, nas últimas décadas, relacionados à demanda e às características da população atendida, o que tem gerado a necessidade de pensar ações específicas e pontuais voltadas a realidade de cada contexto no qual a clínica-escola está inserida. Pensando sobre a importância de conhecer esta realidade, afim de avaliar o serviço oferecido e as necessidades da população, foi objetivo deste estudo caracterizar a população e a demanda de atendimentos clínicos realizados na Clínica de Psicologia (CPA) - campus de Araçatuba. Foram avaliados os prontuários atendidos no ano de 2012, nas áreas de atendimento clínico, utilizando metodologia documental retrospectiva. Foram levantados 141 prontuários das áreas – plantão psicológico, psicodiagnóstico, atendimento clínico em terapia fenomenológico-existencial, cognitivo-comportamental, psicanálise e acompanhamento terapêutico. Os resultados indicaram predomínio de crianças (41%) e baixo número de adolescentes (21%) atendidos. Considerando o grupo geral houve predomínio de mulheres (56%), e idade média foi de 20,3 anos. As crianças apresentaram

principalmente queixas relacionadas a comportamento agressivo e dificuldades escolares, os adolescentes ansiedade/insegurança e os adultos relataram predominantemente problemas de relacionamento familiar, tristeza/depressão e ansiedade/insegurança. Houve baixo índice de faltas (média=1,1), assim como baixo índice de desistência (24%). Chamou atenção o alto índice de pacientes encaminhados (51,8%) para outra área de atendimento dentro do próprio CPA. O atendimento em psicodiagnóstico e plantão psicológico são os que mais encaminhamentos fazem para atendimento dentro da própria clínica, o que explica o número expressivo destes. Houve dificuldade na coleta de dados dos prontuários por falta de informações anotadas devidamente. Sugere-se que sejam pensados instrumentos de coleta de informações dos pacientes em protocolos padronizados, assim como de queixas e evolução do caso. Além disso, seria importante pensar estratégias de atendimento em grupo, uma vez que muitos pacientes são encaminhados dentro da própria clínica e muitos deles são crianças. Assim intervenções que possam levar em consideração os pais, pode otimizar o atendimento e trazer resultados positivos para esta população.

Palavras-chave: clínica-escola, caracterização da clientela, atendimento psicológico, saúde mental.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ABANDONO DO PSICODIAGNÓSTICO NA CLÍNICA- ESCOLA DA UNIVERSIDADE PAULISTA DE CAMPINAS. CALIL, Regina Célia Ciriano; CARVALHO, Mônica Gurjão; LEAL, Bruna Batista;;SILVA, Dayane Gomes;PATUTTI, Cicera Andréa Oliveira Brito (Professor/Orientador) - Universidade Paulista/UNIP.

O presente relato expõe os resultados de uma pesquisa quantitativa que levantou dados sobre casos de desistência ao Psicodiagnóstico no primeiro semestre de 2013, na Clínica-Escola da Universidade Paulista de Campinas. Verificou-se que, do total de casos chamados para atendimento nesse serviço— 105 casos — 40% concluíram o Psicodiagnóstico sem intercorrências e 60% desistiram durante o processo. As desistências foram, então, classificadas em três categorias: 1) *Não comparecimento*, 2) *Não aderência* e 3) *Abandono*. A primeira categoria analisada, *não comparecimento*, levantou o número de

deserções que ocorreram antes mesmo da primeira entrevista. Averiguou-se que, dos 60% não concludentes, 47% não compareceram no primeiro dia de atendimento, sendo que o tempo médio em lista de espera foi de 9 meses. O aguardo para o atendimento pode ter sido preponderante para este tipo de desistência, já que a maioria dos que desistiram afirmaram não ter mais interesse. Na categoria *não aderência*, levantou-se casos em que o atendimento foi interrompido na fase inicial de avaliação. Como regra geral, entende-se que esse tipo de desistência acontece, no máximo, no primeiro mês, quando o vínculo de compromisso com o serviço ainda não está bem estabelecido. Constatou-se que 5,7% dos pacientes que iniciaram o processo desistiram nesta fase inicial, sendo algumas das razões apontadas para a desistência: dificuldade de deslocamento, resistência da criança e mudança de cidade. Quanto ao *abandono*, foram somados os casos interrompidos antes do término do processo ou ao seu final, independentemente do motivo, considerando sua duração superior a um mês. Nessa terceira categoria, verificou-se o abandono em 6,6% dos pacientes chamados. Salienta-se que, destes, a maior parte abandonou no momento da entrevista final de devolução dos dados. Este é um momento crucial onde o psicólogo constrói, junto ao paciente e a seus pais, a compreensão final da demanda trazida e a desistência nessa fase compromete os esforços já realizados, tanto pela família quanto pelos estagiários e supervisores. Há a necessidade de se levar em conta que esse foi um estudo que quantificou apenas os atendimentos relativos ao primeiro semestre de 2013, o que impossibilitou generalizar os resultados ou estendê-los a outros semestres de trabalho do Psicodiagnóstico nessa clínica. Porém, serviu para que problematizássemos sobre o tema e dirigiu nosso olhar à necessidade de sua continuidade, mediante a realização de estudos em outros períodos para o aprofundamento das discussões. Evidentemente, avaliar a qualidade da assistência que oferecemos é uma tarefa difícil que nos remete à reflexão quanto a nossa possível falibilidade profissional, expondo-nos, ainda, ao contundente medo do fracasso, porém tal esforço nos parece vital ao desenvolvimento de nossos serviços.

Palavras-Chave: Psicodiagnóstico Interventivo; atenção psicológica à família; desistência; não aderência; abandono.

PERFIL DA CLIENTELA ATENDIDA NO PLANTÃO PSICOLÓGICO DA UNIP DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO NO ANO DE 2012. RIGONATI S.; COSTA, G.I.N.P; GARCIA R.M (Universidade Paulista-UNIP).

Introdução: o Plantão Psicológico é um tipo de serviço e intervenção exercido por profissionais que se colocam à disposição de pessoas que necessitam de acolhimento em um determinado momento de vida (ROSENBERG, 1987). No Centro de Psicologia Aplicada (CPA) o atendimento estrutura-se no modelo de intervenção em crise, não havendo, desta forma, agendamento de consultas. As sessões duram 50 minutos. O paciente pode realizar de 6 a 8 sessões, ao final das quais, pode ser encaminhado para outro serviço de atendimento se necessário. Objetivo: caracterizar a clientela que buscou atendimento no CPA da UNIP de São José do Rio Preto no serviço de Plantão Psicológico no ano de 2012. Método: a metodologia utilizada foi a documental retrospectiva, realizada através da revisão de prontuários. Os pacientes foram caracterizados segundo aspectos sócio-demográficos (gênero, faixa etária, escolaridade), queixa apresentada e se houve necessidade de atendimento além da intervenção em crise. Resultados e Discussão: foram revisados 87 prontuários. Houve predomínio de indivíduos do sexo feminino (75%), com ensino médio completo (32%), solteiro (47%) e com idade entre 20 a 65 anos (75%). As principais queixas apresentadas foram dificuldade no relacionamento familiar (26%) e dificuldade de relacionamento interpessoal (24%). Em média, foram realizadas 5 sessões por paciente. Do total de pacientes atendidos, 23% foram encaminhados para outra modalidade de atendimento no próprio CPA. Conclusão: este estudo permitiu a caracterização da clientela atendida evidenciando, assim, o perfil clínico e sócio-demográfico da mesma. Isto fornece subsídios para tornar este tipo de atendimento ainda mais eficaz, produtivo e contribuir com a formação dos futuros psicólogos.

Palavras-chave: caracterização da clientela; serviço-escola; plantão psicológico; queixa psicológica; saúde mental.

A VISÃO DOS PACIENTES SOBRE O ATENDIMENTO PSICOLÓGICO REALIZADO POR ESTAGIÁRIOS EM CLÍNICA- ESCOLA. LUPO, E; GALONI, J. ; SATO, A.; SILVA, A.; OLIVEIRA, D. Universidade Paulista/UNIP.

A presente pesquisa refere-se a um trabalho de conclusão de curso dos alunos do 5º ano da Graduação do curso de Psicologia da Universidade Paulista (UNIP), Campus Paraíso. Segundo a literatura pesquisada, os psicoterapeutas iniciantes apresentam inadequações em seus atendimentos clínicos. Ancona - Lopes (1983), Macedo (1994), Yehia (1996), Silvares (200), Prebianch e Cury (2005) apontam que os psicoterapeutas iniciantes estão mais preocupados com a sua formação do que com o compromisso com o cliente, apresentam insegurança e ansiedade, o que contribui para que os atendimentos realizados sejam insatisfatórios para os pacientes. Levando-se em consideração que o número de atendimentos realizados em clínicas-escola é significativo, é importante saber qual a visão que a população atendida tem sobre os atendimentos realizados. O objetivo dessa pesquisa, realizada na modalidade qualitativa, é investigar a avaliação que os pacientes fazem do atendimento psicológico realizado por terapeutas iniciantes nas clínicas-escolas da UNIP. Estão sendo avaliados os seguintes aspectos: postura ética, disponibilidade para alteridade e escuta compreensiva. Foram realizadas até o momento oito entrevistas baseadas em um roteiro pré-estabelecido. Os resultados parciais apontam que o atendimento psicológico, de forma geral, é visto como positivo. Os participantes da pesquisa relataram que se sentiram acolhidos em sua demanda, sentindo alívio de suas angústias e ansiedades. Por outro lado, alguns participantes identificaram ausência de empatia e acolhimento por parte dos terapeutas iniciantes.

Palavras-Chave: clínica-escola; terapeutas iniciantes; atendimento psicológico.

ABORDAGEM SISTÊMICA: DIFERENTES MODOS DE APLICAÇÃO NA FORMAÇÃO. Barra, Tiago Yehia de la (UNIP); Vicente, Reginandrea Gomes. (UNIP)

Ao ingressar no último ano de formação no curso de psicologia na Universidade Paulista – UNIP o aluno/estagiário depara-se com a necessidade de optar por diferentes estágios, distribuídos em três disciplinas, que conduzam

sua formação no sentido de sua expectativa profissional. Neste sentido percebesse um uso de inúmeros critérios para auxiliar essas escolhas, como: manter-se próximo aos amigos, correlação teórica entre as áreas de estágio, curiosidade em relação a uma determinada prática, inclinação por uma determinada teoria, tentativa de diversificar o olhar e a formação, entre outros. Neste trabalho objetivamos aproximar o olhar de dois supervisores de estágio em disciplinas diferentes, porém sustentados por um mesmo paradigma teórico – A teoria Sistêmica. Um da disciplina de Práticas Psicológicas em Contextos Específicos - Atendimento Psicológico no Âmbito Judiciário e outro da disciplina de Psicoterapias - Atendimento Clínico a Famílias e Casais na Abordagem Sistêmica. A abordagem Sistêmica deriva da Teoria Geral dos Sistemas, elaborada por Ludwig Von Bertalanffy na década de 1950, quando propôs uma teoria interdisciplinar que tratasse o isomorfismo das ciências, podendo assim tratar de maneira mais ampla a complexidade dos fenômenos presentes. Percebemos que os alunos/estagiários que cursavam os dois estágios concomitantemente apresentam uma compreensão mais ampla da dimensão e da abrangência que este pensamento permite, não reduzindo a um único contexto. Utilizamos modelos de intervenção psicológica pautados em técnicas de escuta ativa, comunicação, desconstrução e construção de narrativas. A supervisão reflexiva em grupo evidencia sua eficácia. A possibilidade de expandir o olhar e a experiência para vários sistemas favorece também a descoberta para uma formação pessoal, uma vez que o aluno/estagiário é tocado de diferentes maneiras ao ser inserido em diferentes relações, seja com a instituição, atores institucionais e famílias. Concluímos que a clínica escola é um espaço privilegiado onde se pode refletir, estudar, ampliar e reposicionar a conduta profissional e ao mesmo tempo, prestar um serviço de qualidade à sociedade.

Palavras-Chave: Abordagem Sistêmica, Estágio, Clínica, Família, Jurídica.

AValiação Processual de Estágios Supervisionados.
BERVIQUE, Janete de Aguirre. Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral de Garça – FAEF.

Com advento da Lei nº 11.788, de 25/09/2008 (D.O.U. 26/09/2008), definindo estágio como “ato educativo escolar supervisionado” (Art.1º), esta passou a regulamentar a realização de estágios de estudantes; as mudanças decorrentes deverão receber atenção das Instituições de Ensino, Instituições Concedentes de Estágio, Coordenadores e Orientadores de Estágio da Instituição de Ensino e Supervisores das Instituições Concedentes de Estágio. Isto a fim de que haja fiel cumprimento da Lei, sem descaracterizar e/ou negligenciar as normas que sustentam a oferta de cursos que demandam estágio, pelas Instituições de Ensino, conforme seus Regimentos, Estatutos e Regulamentos. Considerando o Curso de Psicologia da Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral de Garça, os Estágios Supervisionados Específicos, obrigatórios e não obrigatórios, a partir de 2010, são regidos pela Lei nº 11. 788, articulada com: o Regimento Interno desta Instituição, o seu Projeto Pedagógico e seu Plano de Desenvolvimento Institucional (P.D.I.); o Projeto Pedagógico do Curso de Psicologia; o Regulamento de Estágios Supervisionados Específicos (obrigatórios e não-obrigatórios); o Regimento Interno da Clínica-Escola de Psicologia e de Pesquisa Aplicada (CEPPA) e o Regulamento da Dinâmica Interna deste órgão; ainda: pela Resolução CNS nº196/1996, o Código de Ética Profissional do Psicólogo, a Resolução CFP nº007/2003, Resolução CFP nº001/2009 e outras do CFP, e pelos objetivos e propostas de prestação de serviços e de atividades práticas contidas nos Planos de Ensino dos Professores-Orientadores, de Estágios Supervisionados e pela Cartilha do Orientador de Estágio, implantada em 22/01/2010, da qual destaco o aspecto da avaliação. Consoante o caráter processual e contínuo da relação ensino-aprendizagem, quanto aos Estágios Supervisionados, foi instituído, em 2005, o Instrumento de Avaliação Continuada de Estágio Supervisionado Específico, que refletirá, em cada bimestre, o desempenho global do aluno-estagiário, traduzido em pontos, distribuídos em 8 domínios, – cognitivo-conceitual, atitudinal, relacional, linguístico, ético e bioético, produção documental e habilidades específicas das áreas: clínica, escolar e organizacional/comunitária – cada um se desdobrando em 10 aspectos; então, aluno -estagiário será avaliado em 80 aspectos, do que resultarão duas notas bimestrais e a média semestral. Para tanto, o processo de avaliação de Estágio

Supervisionado requer, capacidade acurada de observação e registro do Professor-Orientador – Diário de Classe e Diário de Campo – e do aluno-estagiário, expressa em seus Registros Processuais de prestação de serviços, em seu caderno de anotações pessoais ou Diário de Campo, em suas planilhas de registro de atividades práticas e no Livro de Registro de Atividades de Estágio Supervisionado. A avaliação processual, além de fornecer indicadores do desempenho do aluno-estagiário, fornece, também, ao Professor-Orientador diretrizes para uma reflexão sobre sua prática pedagógica e, assim, a possibilidade de revê-la: a avaliação do aluno-estagiário é, ao mesmo tempo, a avaliação do seu Professor-Orientador. Este estará, continuamente, respondendo a 3 perguntas: - O que avaliar? Como avaliar? Para que avaliar? Para tanto, contará com o apoio da Cartilha do Orientador, bem como dos outros documentos referidos que orientam o seu trabalho de supervisão.

Palavras-chave: Estágio; Supervisão; Avaliação.

CARACTERIZAÇÃO DA DEMANDA DE ATENDIMENTO DA CLÍNICA-ESCOLA UNIP ARAÇATUBA, NO ANO DE 2012. BERNARDES DA ROSA, Luciana de Toledo; MARTINEZ, Chaielen Barboza Marchioli; IVAE, Thiago Makoto; PANTALEÃO, Simone Macedo - Universidade Paulista.

Alguns autores entre eles Ancona-Lopez (1981), Romaro e Capitão (2003), Melo e Perfeito (2006), através de estudos sobre a caracterização de populações atendidas em clínicas-escola, bem como analisando os serviços oferecidos por estas clínicas, vêm levantando questionamentos importantes, nas últimas décadas, relacionados à demanda e às características da população atendida, o que tem gerado a necessidade de pensar ações específicas e pontuais voltadas a realidade de cada contexto no qual a clínica-escola está inserida. Pensando sobre a importância de conhecer esta realidade, afim de avaliar o serviço oferecido e as necessidades da população, foi objetivo deste estudo caracterizar a população e a demanda de atendimentos clínicos realizados na Clínica de Psicologia (CPA) - campus de Araçatuba. Foram avaliados os prontuários atendidos no ano de 2012, nas áreas de atendimento clínico, utilizando metodologia documental retrospectiva. Foram levantados 141 prontuários das áreas – plantão psicológico,

psicodiagnóstico, atendimento clínico em terapia fenomenológico-existencial, cognitivo-comportamental, psicanálise e acompanhamento terapêutico. Os resultados indicaram predomínio de crianças (41%) e baixo número de adolescentes (21%) atendidos. Considerando o grupo geral houve predomínio de mulheres (56%), e idade média foi de 20,3 anos. As crianças apresentaram principalmente queixas relacionadas a comportamento agressivo e dificuldades escolares, os adolescentes ansiedade/insegurança e os adultos relataram predominantemente problemas de relacionamento familiar, tristeza/depressão e ansiedade/insegurança. Houve baixo índice de faltas (média=1,1), assim como baixo índice de desistência (24%). Chamou atenção o alto índice de pacientes encaminhados (51,8%) para outra área de atendimento dentro do próprio CPA. O atendimento em psicodiagnóstico e plantão psicológico são os que mais encaminhamentos fazem para atendimento dentro da própria clínica, o que explica o número expressivo destes. Houve dificuldade na coleta de dados dos prontuários por falta de informações anotadas devidamente. Sugere-se que sejam pensados instrumentos de coleta de informações dos pacientes em protocolos padronizados, assim como de queixas e evolução do caso. Além disso, seria importante pensar estratégias de atendimento em grupo, uma vez que muitos pacientes são encaminhados dentro da própria clínica e muitos deles são crianças. Assim intervenções que possam levar em consideração os pais, pode otimizar o atendimento e trazer resultados positivos para esta população.

Palavras-chave: clínica-escola, caracterização da clientela, atendimento psicológico, saúde mental.

ESTÁGIO SUPERVISIONADOS DA ÁREA DE PSICOLOGIA INSTITUCIONAL. BACCHERETI, Susete Figueiredo. Universidade Presbiteriana Mackenzie.

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o desenvolvimento dos estágios realizados no âmbito da Psicologia Institucional da Universidade Presbiteriana Mackenzie o qual tem sua ênfase nos Processos de Prevenção e promoção de Saúde Coletiva. Este campo compreende as áreas: jurídica,

comunitária escolar e organizacional. O estágio é supervisionado semanalmente por um professor-orientador da Universidade Presbiteriana Mackenzie. O Curso de Psicologia oferece uma relação da qual constam Instituições parceiras que possuem o Acordo de Cooperação Técnica, Didática e Científica firmado com a Universidade Presbiteriana Mackenzie o que garante o desenvolvimento e atuação dos alunos nestas modalidades. A realização dos estágios tem duração de um ano letivo, desenvolvidos no 9º e 10º semestres. O trabalho é dividido em duas etapas, na primeira etapa (9º semestre) o aluno faz um mapeamento através de escutas, conversas informais, observações entre outros para compreender a dinâmica da institucional, filosofia e as relações que se estabelecem neste espaço. A partir desta compreensão o estagiário apresenta a proposta de intervenção para que na segunda etapa (10º semestre) desenvolva seu trabalho. Os projetos propostos podem ter como alvo os profissionais que trabalham nas instituições, a comunidade e os usuários dos serviços oferecidos pelas instituições.

Palavras-Chave: estágios específicos; psicologia institucional; propostas de intervenção.

EXPECTATIVAS DE PACIENTES ACERCA DO ATENDIMENTO PSICOLÓGICO EM SERVIÇOS ESCOLA. NICIOLI CERIONI, Rita. Universidade Paulista e Universidade de São Paulo. HERZBERG, Eliana. Universidade de São Paulo.

A partir de uma experiência em supervisão de alunos de psicologia que atendiam em psicoterapia breve de orientação psicanalítica da Universidade Paulista, observou-se que a escuta clínica e compreensão das expectativas dos pacientes acerca do atendimento psicológico favorecia o engajamento destes ao processo de psicoterapia. Essa experiência consistiu em orientar os estagiários do quinto ano a perguntarem aos seus pacientes, no primeiro atendimento, o que eles esperavam da psicoterapia. Levantar e analisar esse material junto aos estagiários favoreceu uma redução significativa do índice de desistência. A hipótese é que a escuta e análise das expectativas podem aproximar a técnica da psicoterapia psicanalítica e necessidades dos pacientes, favorecendo adesão ao tratamento psicológico. Objetivos: 1.

Identificar as expectativas dos pacientes que procuram um serviço-escola para atendimento psicológico durante o processo de triagem. 2. Analisar se a intervenção na escuta clínica dessas expectativas interfere positivamente na adesão à psicoterapia. 3. Levantar dados estatísticos acerca do índice de desistência e verificar possível relação com a escuta das expectativas. O delineamento da pesquisa é predominantemente clínico-qualitativo. Foi feita pesquisa documental comparando os anos de 2009 e 2010 quanto ao número de desistências. Foram realizadas entrevistas semi-dirigidas com 10 pacientes que aguardavam na lista de espera para atendimento psicológico no serviço-escola desta universidade, análise dos prontuários, e acompanhamento junto aos estagiários designados para atender os respectivos pacientes. Esse acompanhamento consistiu de dois momentos: 1. Encaminhamento da ficha de triagem onde constam as expectativas levantadas; 2. *Follow-up* para verificar adesão após seis meses da entrevista de triagem. Os resultados obtidos até o momento parecem indicar que a compreensão das expectativas dos usuários do serviço-escola de psicologia possibilita avaliar e repensar a prática dos serviços existentes, no sentido de tentar uma aproximação entre demanda, expectativa e qualidade do trabalho desenvolvido. A escuta e análise das expectativas em relação ao atendimento psicológica dos pacientes que procuram este serviço em uma clínica-escola, permite uma compreensão mais próxima dos seus desejos e necessidades, reduzindo o hiato produzido entre o que o estagiário anseia oferecer e o que o paciente expressa necessitar, o que não significa satisfazê-lo, mas compreendê-lo. Os resultados obtidos até o momento parecem indicar que a escuta e análise das expectativas favorecem a adesão ao tratamento psicoterápico, reduzindo o índice de desistência. Uma das implicações que poderá advir dessa pesquisa é um maior cuidado por parte dos supervisores, para que os alunos possam fazer uma escuta mais acurada das expectativas dos pacientes não só na triagem, mas também no início da psicoterapia, dado que é frequente existir um intervalo, muitas vezes maior do que o desejado, entre a inscrição, a triagem e a psicoterapia, podendo haver mudanças de expectativas entre um momento e outro.

Palavras-chave: Expectativas; Triagem psicológica; Serviços-Escola; Desistência.

EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS QUE MARCAM DA FORMAÇÃO À PROFISSÃO. COELHO, Cristiane M.; RAMOS, Ana Claudia de C. Zani; DE LA BARRA, Tiago Yehia- Universidade Paulista (Campus Marquês)

O presente trabalho relata os desafios da formação a partir da vivência clínica de estágio no curso de Psicologia, na disciplina de Psicoterapias: Atendimento Clínico a Famílias e Casais na Abordagem Sistêmica, do Centro de Psicologia Aplicada Pompéia, da Universidade Paulista – UNIP, realizados por duas estagiárias do quinto ano do curso. A experiência de atender no último ano do curso de psicologia na Clínica Escola é de suma importância, pois dá subsídios para iniciarmos a prática após a formação com algum referencial, apresentando a realidade da profissão escolhida, de maneira didática, pois temos amparo da Universidade em alguns quesitos, como a possibilidade de clinicar em um ambiente protegido, porém que passa uma menção, o mais próxima possível, do que será encontrado no mundo. Um modo de trabalho que permite aproximar-se da vida profissional, desvelando o desenvolvimento da autonomia, liberdade para fazer escolhas, desenvolvimento da escuta ativa, apropriação da abordagem teórica aplicada aos sistemas que estão envolvidos, dentre outras habilidades que serão necessárias futuramente no exercício profissional. Temos também outro fator importante nesta etapa de formação, a supervisão. A possibilidade de ter a disposição um profissional da área, experiente e de referência, na abordagem teórica específica, neste caso, a Abordagem Sistêmica, favorece o estagiário lançar-se ao encontro do desconhecido com respaldo. Sendo assim, é possível arriscar, quanto aos conhecimentos já adquiridos no decorrer do curso e aprendermos novas possibilidades de compreensão do mundo e de atuação do profissional, proporcionando de certa forma, segurança nos atendimentos. Outro aspecto que favorecem o desenvolvimento e a formação do ser-psicólogo é a possibilidade de fazer a supervisão em grupo e os atendimentos em co-terapia. Essas duas possibilidades propiciam ao psicólogo/estagiário o desafio de colocar em prática seus conhecimentos e ao mesmo tempo ter um *feedback* de como sua atuação está ressoando. Concluimos que a formação profissional é complexa e

multidimensionada, sendo necessário olhar para todos os aspectos envolvidos para poder apreender e desenvolver as competências necessárias para tornar-se um profissional competente e consciente, afastando-se do olhar técnico, aproximando-se da relação.

Palavras-Chave: Abordagem Sistêmica, Estágio Supervisionado, Atendimento familiar, Formação.

O ACOLHIMENTO EM SAÚDE MENTAL NA CLÍNICA ESCOLA DE PSICOLOGIA. Perfeito, Hélvia; Scavazza, Maíra; Donadéli, Luciana; Cândido, Diego -UFU

O acolhimento psicológico é uma ferramenta de intervenção possibilitada por uma escuta qualificada. Dentre as suas funções podemos citar, além do acolhimento ao sofrimento do paciente, o psicodiagnóstico, orientações, intervenções pontuais e análise do encaminhamento do caso. A Clínica Psicológica da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) enquanto espaço de ensino e prática é também local para atendimento a rede pública de saúde. Até o final de 2011 o acolhimento se dava por meio de plantão, onde o paciente era recebido no momento de sua chegada apenas para preenchimento de sua ficha, contendo dados pessoais e resumo da queixa e esta ficha era colocada na fila de espera. A partir de março de 2012 o acolhimento foi modificado para um acolhimento estendido, de no mínimo 2 e no máximo 5 sessões com preenchimento posterior da ficha. O aumento das sessões de acolhimento possibilitou um aprofundamento da hipótese diagnóstica e maior cuidado para os encaminhamentos, pois se percebeu que a queixa inicialmente relatada pelo paciente nem sempre abrange toda a complexidade dos conflitos vivenciados por ele, necessitando assim de um contato prolongado para perceber as minúcias do sofrimento de cada indivíduo. O objetivo desta pesquisa foi avaliar as consequências da mudança do processo de acolhimento de uma para até cinco sessões. O método utilizado para essa avaliação foi o levantamento de dados realizado a partir das fichas de acolhimento dos anos de 2010, 2011 e 2012. Foi levado em conta no levantamento de dados: faixa etária (infantil, adolescente e adulto) e a resolutividade de cada caso. Dentro de

resolutividade foram consideradas oito categorias: resolução do atendimento no acolhimento, abandono do processo de acolhimento, encaminhamento para outro serviço, desistência por parte do paciente ao ser chamado da fila de espera para psicoterapia, permanência na fila de espera, sem contato ao chamar o paciente para o processo psicoterapêutico, atendidos em processo psicoterapêutico e fichas com dados de resolução incompletos. A coleta de dados foi realizada a partir da contagem das fichas, tabelando os dados encontrados de acordo com as categorias supracitadas. A princípio foi feita a análise quantitativa destes dados, para posteriormente se fazer uma análise qualitativa capaz de responder a questão inicial desta pesquisa. Foi possível avaliar pelos dados encontrados que, a partir da mudança do processo de acolhimento, houve uma diminuição dos pacientes mantidos na fila de espera e uma diminuição do número de desistências por parte dos pacientes ao serem chamados da fila de espera para atendimento psicoterapêutico. Essa mudança pode ser justificada pelo aumento do número de sessões do acolhimento, que possibilita alívio para as questões emergenciais do sofrimento do paciente, diminuindo a demanda de serem colocados na fila de espera. Esse dado pode ser justificado pelo número de desistências e encerramentos dos casos durante o próprio processo de acolhimento. Conclui-se então, que a mudança do processo de acolhimento diminuiu a permanência de pacientes na fila de espera, proporcionando um maior fluxo de atendimentos, tornando o serviço mais eficaz e mais humanizado no contato com o sofrimento dos pacientes.

Palavras-chave: Acolhimento; saúde mental; clínica escola.

REFLEXÕES SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS SERVIÇOS ESCOLA DE PSICOLOGIA NO PARANÁ. Forte, Luiza Tatiana; Hey, Silvia Regina; Rossi, Andréa; Roncaglio, Sônia Maria.

O grupo de discussão sobre Serviços Escola de Psicologia surgiu em 2010, quando um grupo de docentes, gestores e supervisores de estágios passou a se reunir mensalmente para compartilhar as experiências de sua formação e de andamento em várias Graduações de Psicologia da cidade de Curitiba. O laço entre as instituições acadêmicas foi criado a partir de inquietações e dúvidas sobre a função dos Serviços-Escola atuantes, porém com suas

particularidades. Dentre as dúvidas destaca-se a falta de padronização das ações e diretrizes, assim como a falta de consenso sobre uma conceituação consistente. Esta falta de padronização parece estar associada às dificuldades diárias e aos desafios que os profissionais do ensino superior em Psicologia vêm sofrendo, tais como falta de informação sobre as legislações sobre o tema (MENGHINI, 2012). A proposta deste grupo de trabalho é tentar alinhar nomenclaturas, refletir sobre as macro e micro áreas e campos de atuação assim como efetivá-las sobre as legislações vigentes balizadas pelo Conselho Federal de Psicologia e Conselho Regional de Psicologia, de modo que se produza um serviço de qualidade que permita a avaliação da complexidade da formação e oportunize aos estudantes a convivência com situações reais na atenção às necessidades e direitos da comunidade. Portanto, este trabalho apresenta uma proposta unificada dos Serviços Escola, demonstrando o modo como está organizado o conjunto de processos de trabalhos, vinculados entre si em torno de certa cadeia de produção (FREIRE et al, 2008), assim como, objetiva revelar os caminhos percorridos pelo usuário, nos fluxos existentes no momento da produção da assistência à saúde e a detecção de seus problemas. Apresentar este *modus operandi* é o objetivo deste trabalho, através de um mapa conceitual sobre a organização dos Serviços Escola, a partir da análise de dados e compartilhamento de ideias das instituições participantes deste grupo de trabalho.

Palavras-chave: Formação em Psicologia. Serviço-escola. Educação Superior. Prática (Psicologia).

SUPERVISÃO DE ESTÁGIO DE PSICOTERAPIA DE GRUPO. GUERREIRO, Roberto R. Supervisor - UNIB (Universidade Ibirapuera).

Este trabalho comunica a implementação de um novo estágio – ESU Estágio Supervisionado de Psicoterapia de Grupo - na grade curricular da UNIB, no curso de Psicologia, para as turmas de 9º semestre a partir 2013. A Psicoterapia de Grupo tem como uma de suas justificativas, a falta de atendimento individual à população, pelas dificuldades encontradas nos postos de saúde pública, devido a enorme demanda de solicitantes. Somamos a isto,

a ampliação das possibilidades na formação de nosso aluno/estagiário, que toma contato com a realidade de múltiplas experiências narradas em encontros que podem acontecer a partir de materialidades disparadoras, como meio de aproximar o paciente de suas questões. Estas materialidades são apresentadas a partir do trabalho de Aiello-Vaisberg (2003), que faz uso dos enquadres diferenciados, como maneira de oferecer a partir da teoria psicanalítica winnicottiana, uma profundidade de entendimento do sofrimento de nossos pacientes. Ainda pautados na teoria psicanalítica, em consonância com Bleger(1963), que diz que toda a experiência humana e suas vicissitudes contém sentido emocional, pensamos que estas materialidades surgem no encontro lúdico dos atendimentos grupais e servem como mediação para nos aproximarmos do sofrimento humano. Este estágio tem a supervisão pautada na condição de uma visão relacional (Greenberg e Mitchell, 1994), na qual os sofrimentos e adoecimentos dos pacientes, não são vistos a partir de um aparelho psíquico individual, que apresentaria desequilíbrio de forças internas, mas pelas relações entre pessoas e as influências e desdobramentos a partir do ‘ambiente’ segundo Winnicott, (1983). O desenvolvimento deste estágio gerou uma nova condição para os alunos ampliando o conhecimento abrir mais uma modalidade de atendimento à população carente, oferecendo um ambiente com holding e ética.

Palavras-chave: Supervisão; Estágio; Psicoterapia de Grupo; Demanda; Universidade.